



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO**  
**MESTRADO EM LETRAS**

*Erika Suellem Castro da Silva*

**A INTERAÇÃO E A (IM)POLIDEZ NOS FÓRUNS DA  
COMUNIDADE *ORKUTEANA* “BELÉM”**

**Belém – Pará**

2011



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO**  
**MESTRADO EM LETRAS**

*Erika Suellem Castro da Silva*

**A INTERAÇÃO E A (IM)POLIDEZ NOS FÓRUMS DA  
COMUNIDADE *ORKUTEANA* “BELÉM”**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Letras, área de concentração Linguística, do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dra. Maria Eulália Sobral Toscano.

**Belém – Pará**

2011



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO**  
**MESTRADO EM LETRAS**

*Erika Suellem Castro da Silva*

**A INTERAÇÃO E A (IM)POLIDEZ NOS FÓRUMS DA  
COMUNIDADE *ORKUTEANA* “BELÉM”**

Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Data da defesa: 25/08/2011

Conceito: Excelente

**Banca Examinadora**

---

Prof<sup>ª</sup> Dra. Maria Eulália Sobral Toscano (Orientadora)

Universidade Federal do Pará – UFPA

---

Prof<sup>ª</sup> Dra. Fátima Cristina da Costa Pessoa (Examinadora interna)

Universidade Federal do Pará - UFPA

---

Prof<sup>º</sup> Dr. Júlio César Araújo (Examinador externo)

Universidade Federal do Ceará - UF

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) –  
Biblioteca do ILC/ UFPA-Belém-PA**

---

Silva, Erika Suellem Castro da, 1981-

A interação e a (im) polidez nos fóruns da comunidade orkuteana Belém / Erika Suellem Castro da Silva ; orientadora, Maria Eulália Sobral Toscano. --- 2011.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, 2011.

1. Análise do discurso – 2. Linguística. 3. Linguagem e línguas. 4. Ciberespaço. I. Título.

CDD-22. ed. 401.41

---

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, Força da minha força;

À minha caríssima orientadora, Prof<sup>a</sup> Dra. Maria Eulália Sobral Toscano, por me conduzir com plena maestria pelos caminhos da Polidez e da Análise do Discurso em Interação, e, sobretudo, pela paciência e encorajamento imprescindíveis;

Aos queridos professores e colegas, Dra.Fátima Pessoa e Dr.Júlio César Araújo, pelas críticas construtivas e palavras de incentivo.

À minha adorada mãe, por valorizar de maneira única meus projetos pessoais, acadêmicos e profissionais, e por ser, indubitavelmente, a maior prova de que há anjos ao nosso redor;

Ao meu amado pai, pelo auxílio nas horas tensas e pela hospedagem solícita;

Às prezadas colegas/amigas Andrenws de Carvalho, Daniele Albim, Patrícia Joubert Nathália Muriel, Juliana Bentes e Iracecília Rocha por me confortarem com palavras e abraços em momentos tensos, por torcerem pelo Doutorado e por me mostrarem, em meio a risos ou lágrimas, que existe vida além da Linguística;

Às queridas professoras Nilza (EEEFM Amílcar Alves Tupiassú) e Maria Lúcia (EEEFM Dr. Mário Chermont), por me provarem, com sua nobreza, que ainda há humanidade em ambientes de trabalho;

E, por fim, agradeço a todos aqueles que esperaram ansiosamente comemorar comigo a obtenção deste título. A todos, meus mais sinceros agradecimentos.

## SUMÁRIO

<b>Resumo.....</b>	<b>7</b>
<b>Abstract.....</b>	<b>8</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1 METODOLOGIA.....</b>	<b>14</b>
1.1 OBJETIVOS .....	14
<b>1.1.1 Geral .....</b>	<b>14</b>
<b>1.1.2 Específicos .....</b>	<b>14</b>
1.2 REFERENCIAL TEÓRICO .....	15
1.3 A COMUNIDADE SELECIONADA .....	16
1.4 OS FÓRUNS SELECIONADOS .....	17
1.5 O PERCURSO METODOLÓGICO .....	18
<b>2 A INTERAÇÃO .....</b>	<b>21</b>
2.1 AS NOÇÕES DE INTERAÇÃO .....	21
2.2 O CONTEXTO.....	23
2.3 AS PISTAS DE CONTEXTUALIZAÇÃO .....	26
2.4 O ENQUADRE INTERATIVO .....	29
2.5 O QUADRO PARTICIPATIVO .....	31
2.6 O <i>FOOTING</i> .....	36
2.7 A DIMENSÃO DA RELAÇÃO INTERPESSOAL .....	38
<b>2.7.1 A relação afetiva .....</b>	<b>39</b>
<b>2.7.2 A relação horizontal .....</b>	<b>41</b>
<b>2.7.3 A relação vertical .....</b>	<b>43</b>
<b>3 A POLIDEZ .....</b>	<b>46</b>
3.1 ASPECTOS GERAIS DA POLIDEZ .....	45

<b>3.1.1 A Teoria dos Atos de Fala</b> .....	<b>48</b>
<b>3.1.2 O Princípio de Cooperação e as Máximas Conversacionais</b> .....	<b>50</b>
<b>3.2 OS MODELOS SEMINAIS DE POLIDEZ</b> .....	<b>52</b>
<b>3.2.1 A polidez enquanto máxima conversacional</b> .....	<b>54</b>
<b>3.2.2 A polidez como contrato conversacional</b> .....	<b>57</b>
<b>3.2.3 A polidez enquanto ato de preservação de faces</b> .....	<b>58</b>
<b>3.3 CRÍTICAS E CONTRIBUIÇÕES AOS MODELOS SEMINAIS DE POLIDEZ...</b>	<b>66</b>
<b>3.4 A (IM)POLIDEZ SOB A PERSPECTIVA DE KERBRAT-ORECCHIONI.....</b>	<b>72</b>
<b>3.4.1 O quadro teórico de Kerbrat-Orecchioni</b> .....	<b>73</b>
<b>3.4.2 A noção de (im)polidez e dos Atos Enaltecedores de Face.....</b>	<b>73</b>
<b>3.4.3 Manifestações linguísticas e Polidez Positiva e de Polidez Negativa.....</b>	<b>76</b>
<b>4 A REDE SOCIAL <i>ORKUT</i>.....</b>	<b>79</b>
4.1 ASPECTOS GERAIS .....	79
4.2 AS COMUNIDADES DO <i>ORKUT</i> .....	82
4.3 A COMUNIDADE “ <i>BELÉM</i> ” .....	89
4.4 OS FÓRUNS DE DISCUSSÃO DO <i>ORKUT</i> .....	93
4.5 OS FÓRUNS DE DISCUSSÃO DA COMUNIDADE “ <i>BELÉM</i> ”.....	95
<b>5 A INTERAÇÃO NOS FÓRUNS DA COMUNIDADE “<i>BELÉM</i>”.....</b>	<b>103</b>
5.1 SOBRE O CONTEXTO DOS FÓRUNS ANALISADOS.....	103
5.2 SOBRE O QUADRO PARTICIPATIVO.....	105
5.3 SOBRE AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS DOS PARTICIPANTES.....	110
5.4 SOBRE OS ENQUADRES INTERATIVOS E O <i>FOOTING</i> DOS PARTICIPANTES.....	120
<b>6 A (IM)POLIDEZ NOS FÓRUNS DA COMUNIDADE “<i>BELÉM</i>” .....</b>	<b>130</b>
6.1 POLIDEZ POSITIVA .....	130
6.2 POLIDEZ NEGATIVA.....	136
6.3 IMPOLIDEZ POSITIVA.....	141

<b>6.4 IMPOLIDEZ NEGATIVA.....</b>	<b>146</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>150</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>153</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>160</b>

## Resumo

As redes sociais do ciberespaço têm se configurado como um fenômeno cada vez mais comum em nossos dias. É fácil perceber que o advento da internet ampliou não só as modalidades de leitura e escrita, como também a interação entre os seus usuários – e é sobre esta última que o presente estudo se debruça. Nossa proposta é analisar o fenômeno da polidez na interação entre participantes de sete discussões sobre assuntos ligados à Universidade Federal do Pará (UFPA), postadas nos fóruns na comunidade “Belém”, do site *Orkut*. Para tanto, pautamo-nos especialmente na abordagem sociológica de Goffman (1967), nos estudos sobre enquadres interativos de Tannen e Wallat (2002 [1987]), nas investigações de Gumperz (2002 [1982]) acerca das pistas de contextualização e nos estudos de Kerbrat-Orecchioni (1992, 1997, 1998, 2006) sobre as relações interpessoais e polidez. Sobre esta, apresentamos os modelos seminais de Brown e Levinson (1987 [1978]), considerando suas referências aos trabalhos de Searle (1969), acerca dos atos de fala, e ao de Grice (1975), no que diz respeito ao Princípio de Cooperação e suas máximas e implicaturas conversacionais. Também discutimos o modelo de Leech (1983), que trata do Princípio Geral da Polidez, a partir de suas observações sobre as máximas gricerianas. Ainda com relação aos estudos sobre polidez linguística, discorreremos sobre a noção de contrato social, presente no trabalho de Fraser e Nolan (1981, apud OLIVEIRA, 2004), e destacamos a extensa e relevante contribuição de Kerbrat-Orecchioni (1992, 1997, 1998, 2006) ao modelo de Brown e Levinson, com a introdução da noção de atos valorizantes de face (*face flattering acts* ou FFA), dissociação de face positiva e face negativa de polidez positiva e polidez negativa, respectivamente, introdução da noção do fenômeno da impolidez, além dos procedimentos de polidez linguística distinguidos pela linguista. Em nossa conclusão, verificamos que os efeitos de sentido de polidez negativa e de impolidez positiva são os que predominam nos fóruns analisados, especialmente quando os usuários tratam de temas polêmicos, na urgência, talvez, de defender seus pontos de vista com exatidão – ora com mitigação (polidez negativa), para não gerar embates agressivos; ora sem mitigação (impolidez positiva), no intuito de validar seus posicionamentos. A polidez positiva e a impolidez negativa não se sobressaíram em nossos dados. Esta é uma investigação de cunho empírico-indutivo, que privilegia a análise qualitativa de realizações linguístico-discursivas de fato ocorridas em situações reais de uso da língua.

**PALAVRAS-CHAVE:** Interação, (im)polidez, fóruns do *Orkut*.

## Abstract

Nowadays, the cyberspace social networks are regarded as a common phenomenon. It is easy to perceive that the *Internet* advent has expanded not only the Reading and Writing modalities, but also the interaction among its users – and this study leans exactly on it. Our proposition is to analyze the politeness phenomenon in the interaction among participants from seven discussions with topics related to University of Pará (UFPA), posted in the casual e-forums from “*Belém*” community, in the *Orkut* site. doing so, we are based especially in Goffman’s (1967) sociological approach, in the studies on interactive frames from Tannen and Wallat (2002 [1987]), in Gumperz’ (2002 [1982]) investigations on contextualization cues and on Kerbrat-Orecchioni’s (1992, 1997, 1998, 2006) studies about the interpersonal relations and politeness. About politeness, we present the seminal models of Brown and Levinson, regarding their references to Searle’s (1969) studies, about the speech acts, and to Grice’s (1975), about the Cooperation Principle, conversational maxims and implicatures. We also discussed the Leeche’s Model (1983), which refers to the General Principle of Politeness, from the author’s observations on Grice’s maxims. Still related to the studies on linguistic politeness, we present the notion of social contract, present on Fraser and Nolan’s (1981, apud OLIVEIRA, 2004) work and we highlight Kerbrat-Orecchioni’s (1997, 2006) extensive contribution to Brown and Levinson’s model, with the introduction of face flattering acts (or FFA) concept, dissociation of positive face and negative face from positive politeness and negative politeness respectively, introduction of the impoliteness phenomenon notion and the linguistic politeness procedures distinguished by the linguist. In our conclusion, we verified that the sense effects of negative politeness and positive impoliteness are those which prevail in the analyzed e-forums, especially when the users debate polemic issues, in the urgency, maybe, of supporting their standpoints with efficiency – seemingly either with mitigation (negative politeness), in order not to attack with aggressive arguments or without mitigation (positive impoliteness), with the intention of validating their opinion. The positive politeness and negative impoliteness did not appear so much in our data. This is an empiric-inductive investigation, which will favor the qualitative data analysis of linguistic-discursive realizations that occur in real situations of language use.

KEY WORDS: Interaction, (im)politeness, *Orkut* e-forums.

## INTRODUÇÃO

Basta um breve olhar ao nosso redor para atestarmos a importância das tecnologias de informação e comunicação no cotidiano da sociedade pós-moderna: celulares e suas mensagens SMS, *e-mail*, bate-papos virtuais, *Skype*,<sup>1</sup> videoconferências, comunidades *online* de relacionamento social etc.

Há de se destacar, nos dias atuais, o crescimento das chamadas redes sociais, as quais têm se configurado como um fenômeno que ampliou não só as possibilidades de leitura e escrita, bem como a de interação no ciberespaço. Diversas são as redes sociais na *Internet* e, entre as mais famosas, poderíamos citar: *Hi5*,<sup>2</sup> *Facebook*<sup>3</sup> e *Myspace*<sup>4</sup> e, indubitavelmente, a mais popular entre os brasileiros: o *Orkut*.

A rede social *Orkut* é propriedade do grupo *Google* e foi criada em 24 de janeiro de 2004, pelo engenheiro turco Orkut Büyükkökten. Apesar do crescimento eminente da rede social *Facebook*, a qual vem abarcando cada vez mais usuários do Brasil, o *Orkut* ainda pode ser considerado como o site de relacionamentos mais popular entre os internautas brasileiros.

Registros do primeiro semestre de 2010 nos mostram que o Brasil ocupa o primeiro lugar no ranking de usuários do *Orkut*, possuindo 48.0% dos *orkuteiros* contra 39.2% da Índia, seguidos de inexpressivos números dos EUA e Japão, que respectivamente, contam com 2.2% e 2.1% dos usuários cadastrados na rede.

Devido à popularidade do site de relacionamentos *Orkut* entre os brasileiros, entendemos que seria relevante investigarmos como a interação se dá nos fóruns desta rede social.

---

<sup>1</sup> Software usado para fazer chamadas telefônicas via computador, além de enviar mensagens instantâneas ou fazer chamadas telefônicas com vídeo.

<sup>2</sup> O *Hi5* é uma rede social virtual que até 2008, é dos 20 sites mais visitados na *Internet*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hi5> Acesso em: 14 jan. 2011.

<sup>3</sup> *Facebook* é uma rede social lançada em 4 de fevereiro de 2004. Foi fundada por Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz, Eduardo Saverin e Chris Hughes, ex-estudantes da Universidade Harvard. Esse website possui mais de 500 milhões de usuários ativos atualmente e sua posição no ranking de tráfego de visitantes do *Alexa*, subiu do 60º lugar para 7º lugar. É ainda o maior site de fotografias dos Estados Unidos, com mais de 60 milhões de novas fotos publicadas por semana, ultrapassando inclusive sites voltados à fotografia, como o *Flickr*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook> Acesso em: 14 jan. 2011.

<sup>4</sup> *MySpace* é um serviço de rede social que utiliza a *Internet* para comunicação online através de uma rede interativa de fotos, blogs e perfis de usuário. Foi criada em 200 e é a 2ª maior rede social dos Estados Unidos e do mundo com mais de 110 milhões de usuários. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Myspace> Acesso em 14 de jan. 2011.

Dentre os recursos oferecidos pelo *Orkut*, um dos mais utilizados por seus usuários são as comunidades *orkuteanas*. Os próprios usuários do *Orkut* criam as comunidades, no intuito de agregar indivíduos que se identifiquem com a proposta do grupo, e que também tenham interesse em participar das discussões do fórum da comunidade, estabelecidas por meio de postagens de tópicos e de comentários feitos a estes.

Nas comunidades do *Orkut* com maior participação de usuários, observamos que seus fóruns de discussão tratam de temas bastante polêmicos, das mais diversas áreas (política, educação, religião etc.), o que acaba gerando debates fervorosos, com posicionamentos contundentes entre seus debatedores.

Tais fóruns das comunidades *orkuteanas*, por exibirem discussões forenses de caráter polêmico, são terreno fecundo para a análise do fenômeno da (im)polidez, objeto central de nosso estudo.

O contexto de nossa pesquisa é, portanto, os fóruns de discussão de uma comunidade do *Orkut* - a comunidade “*Belém*” - cujos assuntos se relacionam à Universidade Federal do Pará. A interação entre os usuários desses fóruns e o fenômeno da (im)polidez são as categorias de análise de nosso trabalho.

A proposta de analisarmos a (im)polidez nos fóruns sobre a UFPA da comunidade “*Belém*”, surgiu a partir de nosso interesse pela interação em mídias sociais, por ocasião de um projeto-piloto escolar de Língua Inglesa, com alunos da sétima série do ensino fundamental da Escola Estadual Augusto Meira. O projeto baseava-se na criação de uma comunidade no *Orkut* para que os alunos interagissem fora de sala de aula, o que nos permitiu pesquisar sobre práticas languageiras em ambientes virtuais.

Como reflexo dessa experiência, nosso interesse pelo tema da interação em mídias digitais se intensificou e, assim, iniciamos uma investigação bibliográfica sobre o assunto, especialmente após a leitura do artigo “*O jogo da cortesia: do Caderno de Recordações ao Depoimento no Orkut*”, de autoria da Prof<sup>a</sup> Dra. Maria Eulália Sobral Toscano (UFPA), artigo este que nos iniciou em questões relativas ao fenômeno da polidez linguística.

Durante o levantamento bibliográfico, encontramos diversos trabalhos que tratavam da interação no *Orkut*, desenvolvidos sob a ótica de Ensino-Aprendizagem de Línguas, Análise do Discurso, Comunicação Social, Linguística de *Corpus*, entre outras áreas do campo da linguagem. Também observamos que, no âmbito do fenômeno da polidez, muitos trabalhos foram realizados a partir da análise da interação em fóruns eletrônicos educacionais.

Contudo, não encontramos uma investigação centrada na polidez linguística em fóruns “abertos”, de interação casual. O termo “aberto” aqui utilizado faz analogia aos chamados

*chats* casuais, tal qual o *Messenger (MSN)*<sup>5</sup>. A exemplo do MSN, os fóruns de discussão do *Orkut* são considerados fóruns de encontros não-programados ou marcados, com discussões sem planejamento prévio.

O fato de a interação nos fóruns do *Orkut* ser menos formal e, em tese, menos protocolar do que nos fóruns educacionais, por exemplo, nos instigou a pesquisar o fenômeno da (im)polidez nessa interação casual.

Assim sendo, a partir das postagens dos sete fóruns de discussão (ou sete discussões forenses) da comunidade *orkuteana “Belém”*, identificamos algumas categorias de estudo em interação e iniciamos nossa pesquisa sobre tais categorias, a saber: contexto, pista de contextualização, o enquadre interativo, o alinhamento, quadro participativo etc., para compreendermos, primeiramente, como a interação se constitui no ambiente dos fóruns de discussão *online* do *Orkut*.

Com base nas mesmas postagens, considerando o modelo de (im)polidez de Kerbrat-Orecchioni (1997, 2006), investigamos as estratégias de (im)polidez utilizadas pelos interactantes nos debates.

Dentro dessa perspectiva, nossas perguntas de pesquisa foram assim formuladas:

- Como a interação se dá no ambiente forense da comunidade “*Belém*” do *Orkut*?
- Qual o quadro participativo da comunidade “*Belém*”?
- Como se dá o endereçamento nos fóruns da comunidade “*Belém*”?
- Quais alinhamentos e enquadres prevalecem nas discussões da comunidade “*Belém*”?
- Quais efeitos de sentido são gerados a partir das mudanças de enquadres e de alinhamentos dos interactantes dos fóruns?
- Como as relações interpessoais são construídas na interação dos fóruns da comunidade “*Belém*”?
- Quais estratégias de (im)polidez os usuários da comunidade “*Belém*” utilizam em seus debates polêmicos?
- Qual a repercussão dessas estratégias na dimensão das relações interpessoais?

---

<sup>5</sup> Windows Live Messenger é um programa de comunicação instantânea pela Internet. É a nova geração do MSN Messenger, parte dos novos serviços online da Microsoft chamados de Windows Live. O novo programa introduz novos recursos além de incluir os já existentes no MSN Messenger. O Windows Live Messenger surgiu depois da proposta da Microsoft em reunir os serviços do MSN ao sistema operacional Windows. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Windows\\_Live\\_Messenger](http://pt.wikipedia.org/wiki/Windows_Live_Messenger) Acesso em: 15 jan. 2011.

Assim, os estudos das grandes áreas da Pragmática, como o de Brown e Levinson (1987 [1978]), de Austin (1962), de Searle (1969), de Grice (1975), de Lakoff (1973, apud MURO, 2005), de Leech (1983, 2005), e da Análise do Discurso em Interação, especialmente sob a perspectiva de Kerbrat-Orecchioni (1990, 1992, 1997, 2006) e sob a abordagem sociológica de Goffman (2002 [1964], 1967, 2002 [1974], 2009 [1975], 2002 [1979]), ancoram a investigação aqui proposta.

Este trabalho foi organizado em seis capítulos.

O primeiro capítulo diz respeito à metodologia de nossa pesquisa, abrangendo os objetivos gerais e específicos de nosso trabalho, seu referencial teórico, os motivos que nos direcionaram à escolha da comunidade “*Belém*” e seus respectivos fóruns do *Orkut*, bem como o percurso metodológico traçado durante a nossa investigação.

No capítulo dois, discorremos sobre o conceito de interação, contemplando suas características principais e os aspectos mais pertinentes para nosso estudo. Valemo-nos de conceitos como enquadre interativo, esquema de conhecimento, quadro participativo e *footing*. Também tratamos das relações interpessoais estabelecidas pelos sujeitos em interação, a fim de situar nossos dados conforme as teorias que explicam esses fenômenos de ordem interacional.

À(s) teoria(s) da polidez reservamos o capítulo três, apresentando, entre outros estudos, os modelos seminais de Brown e Levinson (1987 [1978]) e Leech (1983) e as críticas feitas aos mesmos. Desse modo, traçamos um histórico de cada modelo de polidez, destacando suas semelhanças e divergências, e as críticas feitas a cada um.

Pareceu-nos interessante também, apresentar no capítulo três, as origens dos estudos sobre os atos de fala, ancorados nas investigações de Austin (1962) e Searle (1975), uma vez que seus trabalhos são de extrema importância para os estudos pragmáticos, em especial para o da polidez.

De igual modo, o Princípio de Cooperação e as máximas de Grice (1982 [1975]) foram por nós contemplados, pois foram retomados nos modelos de polidez de Lakoff (1973, apud MURO, 2005) e de Leech (1983).

Elencamos os estudos seminais e as novas propostas associadas a esses modelos, como forma de pontuar o que seria relevante para nosso estudo. Dentre as novas propostas, destacamos Wierzbicka (2003, apud LEECH, 2005), Jary (1998), Kasper (1990, apud JARY, 1997), Kerbrat-Orecchioni (1990, 1992, 1997, 1998, 2006), Matsumoto (1988), Gu (1990), Mao (1994) e Meier (1995).

O capítulo três trata, ainda, da abordagem de Kerbrat-Orecchioni (1990, 1992, 1997, 2006), a partir da qual abordaremos o fenômeno da (im)polidez em nossos dados.

A interação no fórum de discussão das comunidades do *Orkut*, por seu turno, será detalhada no capítulo quatro. Neste, trataremos do funcionamento dessa rede social, destacando alguns componentes da interação nas comunidades e fóruns em geral. Respaldamo-nos principalmente em Levy (1996), Recuero (2005), Rheingold (1993), Araújo (2002) e Xavier e Santos (2005), para discorrer sobre os conceitos de redes sociais, comunidades virtuais, fóruns de discussão e todos os aspectos relacionados a esses espaços de interação *online*.

O capítulo cinco diz respeito às análises dos fóruns à luz dos aspectos interacionais tratados no capítulo dois. Analisamos o contexto e o quadro participativo dos fóruns *orkuteanos*, os enquadres interativos e os alinhamentos dos participantes, assim como as relações interpessoais estabelecidas entre estes.

E, finalmente, o capítulo seis analisa o fenômeno da polidez em nosso corpus, tratado sob a perspectiva de Kerbrat-Orecchioni (1997, 2006).

## 1 METODOLOGIA

Neste capítulo, trataremos do percurso de construção de nossa pesquisa.

### 1.1 OBJETIVOS

Ao presente trabalho importa observar como os participantes dos fóruns *orkuteanos* da comunidade “*Belém*” interagem em sete discussões sobre temas relacionados à Universidade Federal do Pará (UFPA), com o propósito de averiguar o “jogo da (im)polidez” que se estabelece entre esses participantes, nessas discussões. Assim, compreendemos que nossos objetivos são:

#### 1.1.1 Geral

- Analisar o fenômeno da (im)polidez nas trocas discursivas dos participantes dos fóruns da comunidade “*Belém*”.

#### 1.1.2 Específicos

- Explicar como se dá a interação no ambiente forense da comunidade “*Belém*” do *Orkut*, apontando suas principais características.
- Situar o quadro participativo da comunidade “*Belém*”.
- Averiguar como o endereçamento ocorre nos fóruns analisados.
- Elencar os enquadres interativos e os alinhamentos mais comuns nas discussões forenses.
- Apontar os efeitos de sentido gerados a partir das mudanças de enquadres e de alinhamentos dos interactantes dos fóruns.
- Verificar como as relações interpessoais são construídas na interação dos fóruns analisados.
- Identificar as estratégias de (im)polidez utilizadas pelos participantes da comunidade “*Belém*” em seus debates.

- Determinar a repercussão das estratégias de (im)polidez utilizadas pelos participantes da comunidade “*Belém*” na dimensão de suas relações interpessoais

## 1.2 REFERENCIAL TEÓRICO

Como mencionado previamente, nossa investigação situa-se nas grandes áreas da Pragmática, considerando os trabalhos de Brown e Levinson (1987 [1978]), de Austin (1962), Searle (1969), de Grice (1975), de Lakoff (1973, apud MURO, 2005), Leech (1983, 2005), e da Análise do Discurso em Interação, especialmente sob a perspectiva de Kerbrat-Orecchioni (1990, 1992, 1997, 2006) e sob a abordagem sociológica de Goffman (2002 [1964], 1967, 2002 [1974], 2009 [1975], 2002 [1979]).

A nosso ver, para traçarmos um percurso teórico consistente à pesquisa, precisaríamos primeiramente compreender o conceito de “interação”. Destarte, autores como Gumperz (1984, apud MARCUSCHI, 1998) e Goffman (2009 [1975]), que tratam de interação como “atividade cooperativa”, como forma de ação de indivíduos uns sobre os outros, nos serviram para o primeiro momento da base teórica que pretendíamos construir.

As noções de interação como troca comunicativa e ação recíproca de sujeitos sociais que se modificam a todo instante para o bom funcionamento da atividade interacional, foram emprestadas de Koch (2008), Kerbrat-Orecchioni (1998), e Vion (1992).

A idéia de interação como ação conjunta e planejada, que envolve indivíduos que ocupam lugares ou posições específicas em um contexto social, nos é trazida por Magalhães (1996) e Preti (2002). Compreender a diferença entre “interação” e “conversação” também nos pareceu pertinente e para tanto, recorremos a Marcuschi (1998, apud CHAVES, 2001).

Precisávamos também investigar os fenômenos de ordem interacional como contexto, pistas de contextualização, enquadre interativo, quadro participativo e alinhamento dos participantes, para aprofundar nosso conhecimento sobre o fenômeno da interação e para respondermos a uma de nossas perguntas de pesquisa: Como a interação se dá no ambiente forense da comunidade “*Belém*” do *Orkut*? Isto é, seria essa interação similar à interação face a face?

Também tratamos das relações interpessoais estabelecidas pelos sujeitos em interação, conforme os estudos que abordam esse assunto. O estudo sobre a dimensão da relação

interpessoal foi importante para observarmos como as relações entre os participantes dos fóruns do Orkut foram construídas nas discussões desses fóruns.

Os modelos seminais de Brown e Levinson (1987 [1978]) e Leech (1983) e as críticas feitas aos mesmos na visão de Wierzbicka (2003, apud LEECH, 2005), Jary (1998), Kasper (1990, apud JARY, 1997), Kerbrat-Orecchioni (1990, 1992, 1997, 1998, 2006), Matsumoto (1988), Gu (1990), Mao (1994) e Meier (1995) foram de grande valia para optarmos pela abordagem de Kerbrat-Orecchioni (1997, 2006).

Ao confrontarmos as idéias desses vários autores, apreendemos dois pontos essenciais, que nos permitiram escolher o trabalho de Kerbrat-Orecchioni (1997, 2006): a necessidade de se dissociar face positiva e face negativa de polidez positiva e polidez negativa respectivamente, e a introdução do conceito de atos valorizantes de face. Essas duas concepções satisfizeram nossa perspectiva teórica sobre o fenômeno da (im)polidez.

Sobre a interação em ambientes virtuais, recorreremos a autores como Levy (1996), Recuero (2005), Rheingold (1993), Araújo (2002) e Xavier e Santos (2005), os quais discorrem sobre ciberespaço, redes sociais, comunidades virtuais, fóruns de discussão e todos os aspectos relacionados a esses espaços de interação *online*.

### 1.3 A COMUNIDADE SELECIONADA

Nas comunidades do *Orkut* com maior participação de usuários, como é o caso da comunidade “*Belém*”, observamos que os fóruns de discussão são formados por temas polêmicos, das mais diversas áreas (política, educação, religião etc.), o que acaba por gerar debates fervorosos, com opiniões e posicionamentos contundentes entre seus debatedores.

Assim, esses fóruns de discussão acabam por se tornar um campo fecundo de discussões em que o fenômeno da (im)polidez aparece de uma forma ou de outra. Optamos, portanto, pela comunidade “*Belém*”, por encontrarmos em seus fóruns de discussão, significativos debates sobre temas correlatos à Universidade Federal do Pará (UFPA).

A escolha restrita a temas relacionados à UFPA nos pareceu interessante por fazermos parte da comunidade acadêmica daquela instituição, tanto no mundo *online* quanto no mundo *offline*. Inicialmente, pretendíamos selecionar quaisquer comunidades em que debates polêmicos pudessem ser observados, mas achamos instigante verificar como os interactantes

do *Orkut* “enxergavam” a instituição da qual fazemos parte e quais suas opiniões acerca de temas ligados à UFPA.

Consideramos os fóruns *online* sobre a UFPA da comunidade *orkuteana* “Belém”, espaços de interação conflituosa e consensual, de grande valor para nossa investigação. Nossa escolha também nos permitiu observar que muitos assuntos ligados à Universidade Federal do Pará fazem parte do cotidiano do paraense, seja por este pleitear uma vaga em algum de seus cursos, seja por atuar na área de educação, ou simplesmente pelo fato de a UFPA ser uma instituição de pesquisa e educação distinguida no estado do Pará.

#### 1.4 OS FÓRUNS SELECIONADOS

Foram selecionados dentro da comunidade *orkuteana* “Belém” sete fóruns de discussão, quais sejam:

1. “UFPA ADIA DIVULGAÇÃO DO LISTÃO DA SEGUNDA ETAPA”
2. “UFPA X UNAMA”
3. “COTAS PARA ÍNDIOS NA UFPA”
4. “SOLUÇÃO PARA COTAS – UFPA”
5. “FIM DO PSS!”
6. “[OFF] PROVA DE REDAÇÃO DA UFPA É CRITICADA”
7. “[OFF] PROVA DA UFPA VOLTA A SER CONTESTADA”

Era de nosso interesse selecionar fóruns com debates polêmicos, mas não de maneira aleatória. Instigou-nos, portanto, perceber como a instituição da qual fazemos parte como estudante – a Universidade Federal do Pará – era “vista” no site de relacionamentos *Orkut*.

Dos fóruns supramencionados, 222 postagens foram escolhidas para constituir o *corpus* da pesquisa, a partir da observância de nossas categorias de análise, a saber: polidez e impolidez.

Os tópicos das discussões suscitam polêmica entre vestibulandos, universitários, professores ou, ainda, cidadãos da capital paraense, que, por algum motivo, ali estavam para debater questões relacionadas à UFPA. E, de fato, as polêmicas dos fóruns instauram conflitos na interação, de onde emergem críticas, insultos, reparações etc.; certamente, todas essas atividades interacionais promovem a ocorrência de efeitos de sentido de (im)polidez.

Dentre as 222 postagens coletadas dos fóruns em análise, apresentamos 46 fragmentos que nos saltaram aos olhos justamente pela ocorrência dos fenômenos da polidez e impolidez e, assim, foram os escolhidos para compor nosso *corpus*. Tais fragmentos estão elencados nos capítulos cinco e seis e aparecem organizados da seguinte forma: número do fragmento e logo abaixo, um quadro no qual consta a inicial do nome do participante e, entre parênteses, o número da intervenção no fórum e a mensagem postada. Observemos:

#### **Fragmento 16**

P (29): **O nome do Duciomar ainda tá numa daquelas placas penduradas nas paredes da UNAMA. "Direito"**. Acho que isso depende do curso, da coordenação, organização...

O fragmento e o número correspondente ao mesmo são referidos em negrito. Achamos pertinente “negritar” esses elementos para destacá-los no texto. Optamos pelo uso de quadros de postagem e não pelas postagens copiadas diretamente do site *Orkut*, por acharmos que essa seria a melhor maneira de salvaguardar a identidade dos participantes, já que nos bastaria a inicial de cada nome. Na intervenção, também destacamos em negrito o trecho foco de nossas observações.

Os fóruns em análise datam de 2007, 2009 e 2010, e têm como participantes estudantes de ensino médio, vestibulandos, profissionais liberais e universitários de várias instituições. Tais informações foram retiradas a partir da leitura das próprias discussões nos fóruns e também por meio de análise de alguns perfis.

Durante nossa coleta de dados, portanto, visitamos perfis de usuários do *Orkut* para fazer um levantamento genérico acerca da idade, nível de escolaridade e ocupação dos interactantes dos fóruns. A grande maioria dos membros da comunidade “*Belém*” são estudantes que pleiteiam uma vaga na UFPA, universitários e ex-universitários daquela instituição e a idade média entre eles é de 17 a 35 anos.

Percebemos, por meio das discussões e da observância dos perfis (bem como de comunidades das quais tais indivíduos também participam), que esses participantes se mantêm informados sobre política, econômica, educação, respaldados por leituras de jornais, revistas, *blogs* etc., contribuindo para a problematização dos temas relacionados à UFPA.

## 1.5 O PERCURSO METODOLÓGICO

Em um primeiro momento, mais precisamente no ano de 2010, realizamos uma pesquisa bibliográfica sobre os fenômenos da interação e da polidez linguística, com vistas a constituir um corpo de referências, cuja leitura nos permitisse aprofundar nosso conhecimento sobre o tema do trabalho. A disciplina “*Análise da Interação Verbal*”, ministrada pela professora Dra. Maria Eulália Toscano, no segundo semestre de 2010, foi de extrema relevância para a organização de nosso quadro teórico.

No que tange à constituição do *corpus* deste trabalho, procedemos a um levantamento das mensagens postadas na comunidade “*Belém*”, entre março de 2010 e julho de 2010. Durante as primeiras leituras, ainda não nos centrávamos em debates em torno da UFPA, pois nos interessava, primeiramente, observar se aquela comunidade seria um campo fecundo de discussões em que a (im)polidez pudesse ser observada enquanto categoria de análise.

Por vezes pensamos em escolher debates sobre os mais diversos tópicos: política no Pará, trânsito na cidade de Belém, torcidas do futebol paraense etc. Porém, por estarmos inseridos em uma comunidade acadêmica, fomos movidos pela curiosidade e pelo desejo de perceber quais comentários eram tecidos acerca da Universidade Federal do Pará na comunidade “*Belém*”. Assim, optamos por nos determos apenas em tópicos relacionados àquela instituição.

De posse desse levantamento, selecionamos os fóruns cujo conteúdo de postagens achamos relevantes para este estudo, a partir das principais categorias de análise: polidez e impolidez. Também nos preocupamos em delinear o quadro participativo da comunidade “*Belém*”, bem como o universo de suas relações interpessoais. Sobre os enquadres interativos e *Footing*, optamos por classificar alguns fragmentos com base nas seguintes ações de linguagem: elogio, citação, falsas perguntas e críticas.

Nesses fóruns, identificamos os trechos em que ocorre o fenômeno, objeto de nosso estudo, e analisamo-lo qualitativamente, tendo em vista o recorte teórico delineado no corpo de nosso trabalho.

Também acessamos a comunidade “*Parlamento Belém*”, a qual está filiada à comunidade “*Belém*” e foi criada pelos moderadores dos fóruns para gerenciar a própria comunidade “*Belém*”. O acesso à comunidade “*Parlamento Belém*” nos permitiu compreender como os moderadores organizavam as regras da comunidade “*Belém*”, regras essas imprescindíveis para o contrato social ali firmado.

Em suma, nossa pesquisa é de base empírico-indutiva, uma vez que se funda em realizações linguístico-discursivas de fato ocorridas em situações concretas de uso da língua, interpretadas à luz dos pressupostos teóricos privilegiados neste trabalho

## A INTERAÇÃO

*A interação é o lugar onde se constroem e se reconstroem indefinidamente o sujeito e o social<sup>6</sup>.*

*Robert Vion*

Neste capítulo, a partir de um conceito geral de “interação”, trataremos dos principais aspectos de ordem interacional que serão retomados em nossa análise, quais sejam: o contexto, as pistas de contextualização, os enquadres interativos, o quadro participativo, os *footings* (alinhamentos) dos interactantes e as relações interpessoais.

### 2.1 NOÇÕES DE INTERAÇÃO

A interação é um fenômeno intersubjetivo pressuposto em qualquer atividade de linguagem. Uma de suas definições mais simples pode ser encontrada no dicionário Michaelis: *Interação. sf (inter+ação) 1* Ação recíproca de dois ou mais corpos uns nos outros. **2** Atualização da influência recíproca de organismos inter-relacionados. I. *social, Sociol:* Ações e relações entre os membros de um grupo ou entre grupos de uma sociedade.

Concordamos com Cook-Gumperz e Gumperz (1984, apud MARCUSCHI, 1998), que classificam a interação como uma atividade cooperativa e, também, com Goffman (2009 [1975]), que define interação “como a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros” (GOFFMAN, 2009 [1975], p. 24).

A idéia de “ação recíproca” é precisamente o que Koch (2008) chama de “*inter-ação*” ou, ainda, ação inter-individual. Para a autora, a linguagem humana deve ser pensada não

---

<sup>6</sup> “L’interaction est donc de lieu ou se construisent et se reconstruisent indéfiniment lês sujets et le social” (VION, 1992, p. 93).

apenas como instrumento de comunicação, mas, principalmente, como “lugar de interação”, como forma de ação social. Kerbrat-Orecchioni (1998) também refere esse processo de “ação recíproca”, ao afirmar que há uma teia de influências mútuas na troca discursiva. Para a autora, “falar é comunicar e comunicar é interagir” (KERBRAT-ORECCHIONI, 1998, p. 12).

Para Brown e Levinson (1987 [1978]), “a interação social é marcante por suas propriedades emergentes que transcendem as características dos indivíduos que a produzem em conjunto”. (BROWN; LEVINSON, 1987 [1978], p. 48). Os autores indicam que só há interação de fato, se duas ou mais pessoas estabelecerem algum tipo de comunicação ou, ainda, um “intercâmbio”, uma troca comunicativa.

A dimensão social da interação é igualmente abordada por Vion (1992) quando este afirma que a interação é determinada pela existência de sujeitos socialmente estruturados, que se modificam e se redefinem no decorrer da interação, para o bom funcionamento da mesma.

Brait (1993), por sua vez, nos diz que “a interação é um componente do processo de comunicação, de significação, de construção de sentido [...]” (BRAIT, 1993, p. 194). Esse processo de comunicação e de construção de sentido não é produzido isoladamente, mas em conjunto. Ou seja, a interação é uma atividade de co-produção discursiva e é no meio social onde os indivíduos vivem que a comunicação verbal é compreendida.

Já Magalhães (1996), quando a autora afirma que a interação “se define por um fenômeno intersubjetivo, envolvendo a produção e a interpretação da linguagem por indivíduos que ocupam lugares ou posições em um contexto social específico” (MAGALHÃES, 1996, p. 17).

Preti (2002) caracteriza a interação como uma ação conjunta e planejada “em sociedade, sob o ponto de vista da reciprocidade do comportamento das pessoas, quando em presença uma das outras, em uma escala que vai da cooperação ao conflito” (PRETI, 2002, p. 45). O autor, com base em Goffman (1961, apud PRETI, 2002), distingue interação focalizada – como um encontro face a face em que duas ou mais pessoas mantêm o mesmo foco de atenção visual e cognitiva, partilhando conhecimentos e fatores socioculturais – de interação não-focalizada – como um simples encontro na rua, no qual os indivíduos se entreolham e se desviam uns dos outros.

Ressaltamos, contudo, que “interação” não se confunde com “conversa”, conforme nos explica Marcuschi (1998, apud CHAVES, 2001):

A interação diz respeito à natureza das atividades realizadas na conversa, sendo a conversa uma atividade de fala na forma dialogada. A arquitetura da conversa consiste de elementos tais como: abertura, desenvolvimento, fecho, turnos, trocas,

seqüências, etc. A atividade interacional se dá como negociação, cooperação, compreensão, interpretação etc. (MARCUSCHI, 1998, apud CHAVES, 2001, p. 58).

Nossa concepção de interação, portanto, combina as opiniões dos autores aqui elencados, pois compreendemos que toda e qualquer interação é uma ação recíproca entre sujeitos estruturados, ação esta que vai do consenso ao conflito, entre indivíduos que se modificam a todo instante em suas trocas discursivas.

Além disso, na análise das interações verbais, os processos de negociação, cooperação e compreensão, bem como o contexto da atividade de linguagem, as pistas que contextualizam as ações languageiras, o enquadre no qual ocorre a troca comunicativa, o quadro participativo do evento discursivo, o *footing* dos interactantes e as relações interpessoais estabelecidas pelos sujeitos em interação, são fenômenos que devem ser observados minuciosamente. É o que nos propomos fazer a seguir.

## 2.2 O CONTEXTO

O conjunto de circunstâncias em que uma mensagem é produzida – quem diz o que para quem, quando e onde o diz, e de que maneira o faz – constitui o que é comumente referido como **contexto**.

Em 1962, Hymes escreve o artigo “The ethnography of speaking”<sup>7</sup>, no qual discorre sobre a necessidade de se estudar a fala dentro do contexto social de sua realização. Desse modo, o campo da “etnografia da fala” ou “etnografia da comunicação” estruturou-se como uma abordagem etno-sociológica, cujo “objetivo de análise era descrever a utilização da língua na vida social”<sup>8</sup> (KERBRAT-ORECCHIONI, 1998, p. 59).

Duranti e Goodwin (1992) pontuam que Gumperz e Hymes, em meados dos anos 60, também destacam a necessidade de se analisar a língua dentro de contextos sociais específicos e não mais de maneira isolada, desconsiderando-se os valores socioculturais dos indivíduos:

Em meados dos anos 60, Gumperz e Hymes foram atraídos por estudos que analisariam em detalhe como a língua é implementada tal qual uma característica

<sup>7</sup> “A etnografia da fala”. Tradução da autora.

<sup>8</sup> “[...]’objectif est de decrire l’utilisation du langage dans la vie sociale[...]” (KERBRAT-ORECCHIONI, 1998, p. 59). Tradução da autora.

constitutiva de ambientes indígenas e eventos que constituem a vida social das sociedades do mundo. A Linguística Antropológica não poderia mais se contentar em analisar a língua como um sistema formal encapsulado que poderia ser isolado do resto da cultura da sociedade e da organização social<sup>9</sup>. (DURANTI; GOODWIN, 1992, p. 01).

A etnografia da fala surge, então, enquanto campo multidisciplinar de estudo da comunicação, preocupada em investigar o contexto sociocultural dos eventos comunicativos, e não meras frases abstratas, soltas, fora de qualquer contexto particular.

Alguém não pode simplesmente pegar resultados oriundos da linguística, psicologia, sociologia e etnologia [...] e procurar correlacioná-los, entretanto tal trabalho pode ser útil parcialmente, se este alguém tiver uma teoria de linguagem (não só uma teoria de gramática). É preciso coletar diferentes tipos de dados, é preciso investigar o uso da linguagem em contextos de situação, bem como discernir padrões próprios da atividade de fala [...] <sup>10</sup> (HYMES, 1974, p. 03).

A relação entre contexto e interação é de dupla pressuposição: assim como o contexto constitui a interação, é também por ela constituído.

O contexto envolve duas entidades justapostas, como afirmam Duranti e Goodwin (1992). São elas:

- Um evento principal;
- Um campo de ação no qual aquele evento ocorre.

Os autores afirmam ainda que “o contexto é um enquadre que cerca o evento a ser examinado e que promove meios para sua interpretação apropriada” <sup>11</sup> (DURANTI; GOODWIN, 1992, p. 03). Schiffrin (1987), por seu turno, destaca que “a língua sempre ocorre em um contexto” <sup>12</sup> (SCHIFFRIN, 1987, p. 03).

---

<sup>9</sup> “In the mid 1960s Gumperz and Hymes appealed for studies that would analyze in detail how language is deployed as a constitutive feature of the indigenous settings and events that constitute the social life of the societies of the world. Anthropological linguistics could no longer be content with analyzing language as an encapsulated formal system that could be isolated from the rest of a society’s culture and social organization”. (DURANTI; GOODWIN, 1992, p. 01).

<sup>10</sup> “[...] One cannot simply takes separate results from linguistics, psychology, sociology, ethnology [...] and seek to correlate them, however partially useful such work may be, if one is to have a theory of language (not just a theory of grammar). One needs fresh kinds of data, one needs to investigate directly the use of language in contexts of situation, so as to discern patterns proper to speech activity [...]” (HYMES, 1974, p.03). Tradução da autora.

<sup>11</sup> “The context is thus a frame that surrounds the event being examined and provides resources for its appropriate interpretation” (DURANTI; GOODWIN, 1992, p. 03). Tradução da autora.

<sup>12</sup> “Language always occurs in a context” (SCHIFFRIN, 1987, p. 03). Tradução da autora.

A interação só pode ser compreendida se contextualizada. O contexto nunca é construído individualmente, mas sempre por dois ou mais interactantes.

Toda interação verbal pode ser considerada como uma sequência de acontecimentos cujo conjunto constitui um texto, produzido coletivamente em um contexto determinado<sup>13</sup>. (KERBRAT-ORECCHIONI, 1992, p. 09).

Kerbrat-Orecchioni (1998) também afirma que o contexto é o ambiente extralinguístico do enunciado, em contraste a seu co-texto linguístico. Marcuschi (1998) recorre a Goffman (1966, apud MARCUSCHI, 1998), para marcar a relação entre contexto e interação:

Goffman lembrava que um gesto produzido pelos indivíduos engajados numa interação não é o mesmo que quando produzido fora da interação [...]. Portanto, as ações são contextuais, engajadas, localmente significativas e vivenciadas (MARCUSCHI, 1998, p. 42).

Não é possível descrever um evento comunicativo sem contextualizá-lo em relação ao encontro social em que ocorre. Goffman (2002 [1964]) afirma que a fala e a conduta social dos participantes de um encontro são elementos intrinsecamente relacionados e não podem ser analisados separadamente, de forma descontextualizada.

Um dos exemplos que o sociólogo usa, em seu artigo “*The Neglected Situation*”<sup>14</sup> é a gesticulação, a qual não pode ser descrita sem que tenhamos ideia do cenário humano e material em que ela é realizada. Se “não se pode descrever completamente um gesto sem fazer referência ao ambiente extracorpóreo no qual ele ocorre” (GOFFMAN, 2002 [1964], p. 16), é igualmente impossível analisar a interação verbal, sem situá-la no encontro social de onde ela emerge.

Jogos de carta, casais em um baile, equipes cirúrgicas durante uma operação e brigas de soco servem como exemplos de encontros; todos ilustram a organização social de uma orientação corrente compartilhada e todos envolvem um entrelace organizado de atos de algum tipo. Quero sugerir que, quando a fala ocorre, ela ocorre dentro desse tipo de arranjo social. [...] A fala é socialmente organizada, não apenas em termos de quem fala para quem em que língua, mas também como um pequeno

<sup>13</sup> “Toute interaction verbale peut être envisagée comme une suite d’événements dont l’ensemble constitue un texte, produit collectivement dans un contexte déterminé” (KERBRAT-ORECCHIONI, 1992, p. 09). Tradução da autora.

<sup>14</sup> “A situação negligenciada”. Tradução da autora.

sistema de ações face a face que são mutuamente ratificadas e ritualmente governadas, em suma, um encontro social (GOFFMAN, 2002 [1964], p.18-19).

Hymes (1986 [1972]) elege o evento comunicativo como unidade de análise e elenca um conjunto de elementos que operacionalizam sua investigação. Tais componentes, constitutivos do contexto, perfazem o “acrônimo de Hymes” (SPEAKING), a seguir apresentado:

- **S** representa “*scene*” ou “*setting*”, cenário;
- **P** representa “*participants*”, participantes, falantes e ouvintes;
- **E** representa “*ends*”, fins ou objetivos dos interactantes;
- **A** representa “*act characteristics*”, forma e conteúdo dos atos de fala;
- **K** representa “*key*”, tonalidade ou tom, maneira;
- **I** representa “*instrumentalities*” – instrumentalidades – códigos verbais e não-verbais;
- **N** representa “*norms of interaction and interpretation*”, normas de interação e interpretação;
- **G** representa “*genres*” – gêneros (tipos de ato de fala e evento discursivo).

Hymes (1986 [1972]) enfatiza que esses elementos possuem relação entre si e que, portanto, não devem ser tratados separadamente.

Kerbrat-Orecchioni (1990) critica o modelo de contexto de Hymes e descreve o modelo de Brown e Fraser (1979, apud KERBRAT-ORECCHIONI, 1990) como mais apropriado, destacando como componentes básicos do contexto de uma interação, **o lugar, o propósito e os participantes**.

O lugar diz respeito ao quadro espacial e temporal e não se refere somente ao local físico, mas ao evento, à cena, que pode envolver tanto aspectos físicos, como sociais ou institucionais. Restaurantes ou apartamentos privados – enquanto prédios propriamente ditos – ou, ainda, espaços como instâncias jurídicas, escolas, unidades de saúde, são exemplos de lugares do quadro espacial, considerando a funcionalidade de cada um deles.

O quadro temporal, especificamente, constitui os diferentes estágios do desenrolar das interações; por exemplo, cumprimentos devem ser manifestados em momentos apropriados. Em outros termos, para o bom funcionamento da interação, é importante que se diga “a coisa certa no tempo certo”.

Quanto ao propósito (ou objetivo) da interação, Kerbrat-Orecchioni (1998) afirma que este se localiza entre o lugar (já que todo lugar está associado a uma finalidade particular) e os

participantes da interação (haja vista que estes possuem objetivos comunicativos), mas não depende de nenhum desses elementos para existir. Há objetivos prévios, denominados “objetivos globais” e objetivos construídos ao longo da interação, denominados de “objetivos pontuais”.

Por fim, os participantes do quadro comunicativo são considerados a partir de suas características **individuais** – idade, sexo, etnia; **sociais** – profissão, *status*; e **psicológicas** – humor, caráter etc. As relações mútuas (grau de conhecimento ou natureza de vínculos sociais) e afetivas (simpatia, amizade, sentimentos compartilhados) também são pontos relevantes para a caracterização dos participantes da interação.

Em nosso estudo, reconhecemos a importância e influência de tais elementos (lugar/cena, propósito/objetivo e participantes) enquanto fatores que interferem na organização e condução da atividade interacional - seja face a face, seja mediada por computador.

Nossa compreensão de contexto abrange tanto as circunstâncias em que uma mensagem é produzida – quem diz o que para quem, quando e onde o diz, e de que maneira o faz - quanto o contexto de ordem cognitiva (de conhecimentos e experiências prévias), cultural (de visão de mundo e significados partilhados por uma comunidade) e social (de ordem institucional e interacional).

### 2.3 AS PISTAS DE CONTEXTUALIZAÇÃO

As pistas de contextualização são definidas como “pistas de natureza sociolinguística que utilizamos para sinalizar as nossas intenções comunicativas ou para inferir as intenções conversacionais do interlocutor” (GUMPERZ, 2002 [1982], p. 98). Gumperz (2002 [1982]) classificou-as como “convenções de contextualização” e afirma que elas são interpretadas e construídas socioculturalmente.

As convenções de contextualização são de natureza linguística (alternância de código, dialeto, estilo), paralinguística (pausas, hesitações, entoação, acento) e não-verbal (postura, gestos, expressões faciais, olhar).

Kerbrat-Orecchioni (1998), a exemplo de Gumperz (2002 [1982]), observa que os índices de contextualização (ou pistas de contextualização) fornecem informações sobre o contexto. Para a autora, as pistas constituem

[...] o conjunto de elementos apreendidos durante a interação e que fornecem às partes em presença as informações pertinentes sobre os diferentes parâmetros constitutivos do contexto<sup>15</sup> (KERBRAT-ORECCHIONI, 1998, p. 103).

A não-percepção por parte dos interactantes dessas pistas pode gerar mal-entendidos ou divergências na interpretação das ações de linguagem, ocasionando, assim, uma ausência de sintonia entre os sujeitos em interação.

[...] é através de constelações de traços presentes na estrutura da superfície das mensagens que os falantes sinalizam e os ouvintes interpretam qual é a atividade que está ocorrendo, como o conteúdo semântico deve ser entendido e como cada oração se relaciona ao que a precede ou segue. Tais traços são denominados *pistas de contextualização* [...]. Quando todos os participantes entendem e notam as pistas relevantes, os processos interpretativos são tomados como pressupostos e normalmente acontecem sem serem percebidos. Entretanto, quando um ouvinte não reage a uma das pistas ou não conhece sua função, pode haver divergências de interpretação e mal-entendidos (GUMPERZ, 2002 [1982], p. 100).

Kerbrat-Orecchioni (1998) agrega aos índices de contextualização de Gumperz (2002 [1982]) o que Goffman (2009 [1975]) chama de “fachada pessoal”, constituída por informações relativas aos sujeitos (características biológicas, psicológicas, sociais e culturais) que ajudam os indivíduos a interpretar e a classificar seus parceiros de interação.

Entre as partes da fachada pessoal podemos incluir os distintivos da função ou da categoria, vestuário, sexo, idade e características raciais, altura e aparência, atitude, padrões de linguagem, expressões faciais, gestos corporais e coisas semelhantes (GOFFMAN, 2009 [1975], p. 31).

A interação face a face envolve, portanto, comportamentos de natureza verbal e não-verbal (expressões faciais, emoções, postura, gestos etc.) que estão na base das muitas **inferências** feitas pelos interlocutores, como pontuam Fávero *et al.* (2010):

As pistas de contextualização utilizadas pelo falante auxiliam a canalização das inferências do interlocutor num dado sentido, cuja interpretação se baseia em seu conhecimento prévio da atividade. A atividade de fala está, portanto, ancorada na intencionalidade e nos processos inferenciais [...] (FÁVERO *et al.*, 2010, p. 112).

---

<sup>15</sup> [...] l'ensemble des éléments préhendables lors de l'interaction, et qui fournissent aux parties em presence des informations pertinentes sur les différents paramètres constitutifs du context. (KERBRAT-ORECCHIONI, 1998, p. 103). Tradução da autora.

Logo, não são apenas os elementos linguísticos que integram a atividade interacional, conforme afirma Goffman (2002 [1964]):

A interação face a face tem seus próprios regulamentos e sua própria estrutura e eles não parecem ser de natureza intrinsecamente linguística, mesmo que freqüentemente expressos por um meio linguístico (GOFFMAN, 2002 [1964], p.20).

Entendemos, pois, que tanto os elementos textuais quanto os não-textuais constituem a interação, e que os pressupostos contextuais, sinalizados pelas convenções de contextualização, permitem a compreensão mútua e fazem comportamentos verbais e não-verbais significar.

#### 2.4 O ENQUADRE INTERATIVO

Para Goffman (2002 [1974]), a noção de enquadre é uma das premissas básicas para a compreensão da fala e da interação. O autor explica que, em todo encontro social, há uma espécie de “pré-jogo” e “pós-jogo” que delimita o próprio encontro. Segundo o sociólogo, o enquadre sinaliza como devemos ser interpretados e como devemos interpretar o que é dito e feito.

Bateson (2002 [1972]) classifica o termo “enquadre” como um conjunto de instruções que permite ao interlocutor a compreensão de uma dada mensagem. O autor explica os enquadres fazendo uma analogia com conjuntos matemáticos e com a moldura de um quadro.

Em termos de um diagrama da teoria de conjuntos, essas mensagens [mensagens trocadas entre os indivíduos] poderiam ser representadas por pontos, e o “conjunto” seria circundado por uma linha que separaria esses pontos de outros pontos representando mensagens de “não-brincadeira”, ou literais [...]. Contudo, se a analogia do conjunto matemático é, talvez, abstrata demais, a analogia da moldura de um quadro é excessivamente concreta [...]. O enquadre da gravura sinaliza ao observador que ele não deve usar, ao interpretar a gravura, o mesmo tipo de raciocínio que poderia usar ao interpretar o papel de parede fora da moldura (BATESON, 2002 [1972], p. 97-98).

Bateson (2002 [1972]) trata dos chamados “enquadres de interpretação”, os quais são classificados como procedimentos metacomunicativos que informam e auxiliam o “trabalho cognitivo [dos indivíduos] de entender as mensagens nele [no enquadre] contidas”

(BATESON, 2002 [1972], p. 99). Todos nós precisamos constantemente interpretar o que é dito em uma interação, e essa tarefa interpretativa faz com que busquemos, a todo instante, por sinais que contextualizem os enquadres dentro dos quais ocorre a troca comunicativa, para que a compreensão mútua se estabeleça.

Tannen e Wallat (2002 [1987]) afirmam que o uso do termo enquadre, nos diferentes campos de conhecimento (Antropologia, Linguística, Inteligência Artificial e Psicologia), abrange as noções de enquadres de interpretação e estruturas de conhecimento. À primeira noção, as autoras se referem como enquadres interativos, à segunda, como esquemas de conhecimento.

### O enquadre interativo

se refere à definição do que está acontecendo em uma interação, sem a qual nenhuma elocução (ou movimento ou gesto) poderia ser interpretado. [...] Para compreender qualquer elocução, um ouvinte (e um falante), deve saber dentro de qual enquadre ele foi composto: por exemplo, é uma piada? É uma discussão? [...] (TANNEN; WALLET, 2002 [1987], p. 123).

De acordo com Tannen e Wallat (2002 [1987]), os enquadres são sinalizados por meio de pistas linguísticas e paralinguísticas. Isto significa que as palavras não são o único meio de identificarmos os diferentes enquadres interativos, pois o modo como nos comportamos também tem relevância para a identificação dos enquadres.

A noção interativa de enquadre, então, refere-se à percepção de qual atividade está sendo encenada, de qual sentido os falantes dão ao que dizem [...]. Dado que este sentido é percebido a partir da maneira como os participantes se comportam na interação, os enquadres emergem de interações verbais e não-verbais e são por elas constituídos (TANNEN; WALLAT, 2002 [1987], p.124).

Já os esquemas de conhecimento referem-se às expectativas dos interactantes “sobre objetos, pessoas, cenários, modos de interação [...]” (TANNEN; WALLAT, 2002 [1987], p. 125). O conhecimento de mundo, derivado das experiências vividas anteriormente, permite aos indivíduos compreenderem o que está “sendo jogado” no decorrer da atividade interacional. Os enquadres interativos, bem como os esquemas de conhecimento, são, segundo as autoras, “dinâmicos”.

Assumiremos em nossa investigação, portanto, a posição de Tannen e Wallat (2002 [1987]) acerca de enquadre.

## 2.5 O QUADRO PARTICIPATIVO

Goffman (2002 [1979]) critica o paradigma dos diálogos (falante e ouvinte), uma vez que é o aspecto fisiológico que circunscreve os termos “falante” e “ouvinte”. O sociólogo argumenta que esse paradigma não cobre o funcionamento de conversas com mais de dois interactantes e não abrange a totalidade dos indivíduos presentes no encontro social. Além disso, afirma que o ouvinte não é aquele que simplesmente ouve determinada fala, porquanto ele reage à fala de seu interlocutor, por meio de elementos de ordem variada (paralinguagem, expressões faciais, meneios de cabeça etc.).

O que está em questão é somente o som, quando na verdade, a visão é organizacionalmente muito significativa também, às vezes até o tato (GOFFMAN, 2002 [1979], p. 115).

Na atividade interacional, portanto, há um intercâmbio entre os papéis de falante e ouvinte e, assim, “a palavra vai e vem” (GOFFMAN, 2002 [1979]), de acordo com o papel desempenhado pelo interactante em dado momento da interação. Todos aqueles que estão no raio da ação do que o falante produz são, necessariamente, ouvintes. Para resolver essa questão, Goffman (2002 [1979]) distingue esses indivíduos em interlocutores ratificados (endereçados ou não) e circunstantes.

Os participantes ratificados são os participantes oficiais de uma interação. É possível reconhecê-los por meio de alguns sinais ou pistas de seu engajamento, como expressões faciais ou gesticulação, que podem se constituir como evidência de atenção dos interactantes. Entre os participantes ratificados, temos os interlocutores endereçados e não-endereçados. O interlocutor endereçado é aquele a quem dirigimos a palavra; o interlocutor não-endereçado, por sua vez, é aquele a quem, não endereçamos a palavra, embora seja oficial ao encontro.

Na fala entre duas pessoas, o ouvinte ratificado é necessariamente o endereçado, ou seja, aquele a quem o falante remete sua atenção visual e para quem espera eventualmente passar o papel do falante. Mas, obviamente, encontros de duas pessoas, embora comuns, não são os únicos; encontram-se, com frequência, três ou mais participantes oficiais. Em tais casos, o falante do momento poderá diversas vezes dirigir suas observações para o círculo como um todo, abrangendo a todos os

seus ouvintes com o olhar, conferindo-lhes algo como uma condição de igualdade. No entanto, mais provavelmente, o falante endereçará suas observações, ao menos durante alguns momentos de sua fala, a um ouvinte em especial, de tal maneira que, entre os ouvintes oficiais, é preciso diferenciar o interlocutor endereçado dos “não-endereçados” (GOFFMAN, 2002 [1979], p. 119).

Além do olhar, o interlocutor endereçado pode ser identificado por vários outros **índices de alocação**, tais como, orientação do corpo, sequências metacomunicativas (o locutor endereça seu discurso ao interlocutor explicitamente: “estou falando com você!”), vocativos, entre outros.

Os participantes circunstantes são os “não-oficiais” de uma interação, ainda que a presença deles possa vir a influenciar a fala do locutor. Os circunstantes são também chamados de participantes eventuais e, para Goffman (2002 [1979]), a presença desses participantes eventuais (ou “*bystanders*”) é a regra em uma interação. Os circunstantes subdividem-se em “ouvintes por acaso” (*overhearers*) e “intrômetidos” (*eavesdroppers*).

Em algumas ocasiões, eles [os ouvintes] podem acompanhar temporariamente a fala, ou captar fragmentos dela, isso tudo sem muito esforço ou intenção, tornando-se assim “ouvintes por acaso”. Em outras ocasiões, eles podem explorar de modo subreptício o acesso que descobrem ter, qualificando-se assim como “intrômetidos”, nesse caso assemelhando-se àqueles que fazem escuta secreta de conversas por meios eletrônicos (GOFFMAN, 2002 [1979], p. 118).

É comum, por exemplo, que, em lugares públicos, como bancos, hospitais, pontos de ônibus, um falante se dirija a um participante ratificado específico e, ao mesmo tempo, note que “ouvintes por acaso” estão escutando o que ele diz. A presença desses ouvintes pode influenciar o que e como o locutor fala e interage com seu interlocutor. Já os chamados “*eavesdroppers*” são os circunstantes intrusos e indiscretos, que, sem conhecimento do falante, ouvem aquilo que não lhes foi destinado e podem até vir a fazer mau uso do que ouvem.

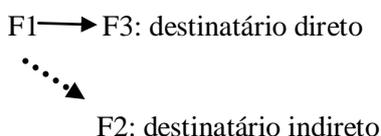
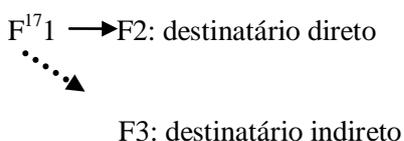
Para Goffman (2002 [1964]), a noção de “participantes circunstantes” implica tomar como referência para o estudo da fala em interação a “situação social”, definida

como um ambiente que proporciona possibilidades mútuas de monitoramento, qualquer lugar em que um indivíduo se encontra acessível aos sentidos nus de todos os outros que estão ‘presentes’, e para quem os outros indivíduos são acessíveis de forma semelhante. De acordo com essa definição, uma situação social emerge a qualquer momento em que dois ou mais indivíduos se encontram na presença imediata um do outro e dura até que a penúltima pessoa tenha se retirado (GOFFMAN, 2002 [1964], p.17).

Todos os participantes das situações sociais formam um “agrupamento”. Desta forma, podemos categorizar os participantes do agrupamento social em referência a dado enunciado e definir-lhes, portanto, o *status* de participação, bem como a estrutura de participação do evento comunicativo.

Segundo Goffman (2002 [1964]), o *status* de participação é a relação de **qualquer um dos membros** de um agrupamento com uma dada elocução. Já a relação de **todos os membros** do agrupamento com uma elocução é chamada de estrutura de participação

Kerbrat-Orecchioni (1998) distingue, entre os membros de um encontro social, destinatários diretos e indiretos. O destinatário direto é aquele que “o locutor admite como sendo seu principal parceiro da interação”<sup>16</sup> (KERBRAT-ORECCHIONI, 1998, p. 87), e o destinatário indireto, por sua vez, embora oficial ao encontro, não ocupa lugar de principal parceiro da interação. O esquema que segue, referido pela autora, explica a interação entre destinatários diretos e indiretos.



F1 → F2 + F3: há endereçamento coletivo

FIGURA 1 – Esquema de destinatários (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006)<sup>18</sup>

As situações demonstradas no gráfico configuram-se como trílogos<sup>19</sup>, o que, para a autora, torna a identificação de destinatários direto e indireto mais complexa, haja vista que

<sup>16</sup> “[...] Le locuteur admet comme étant son principal partenaire d’interaction”. (KERBRAT-ORECCHIONI, 1998, p. 87).

<sup>17</sup> Falante.

<sup>18</sup> Na tradução de Filho (2006), o gráfico apresenta os termos “alocutário direto” e “alocutário indireto”. Preferimos, no entanto, o termo “destinatário”, pois este é utilizado por Kerbrat-Orecchioni (1998) em seu texto original.

<sup>19</sup> Apesar da tradução de Filho (2006) referir o termo “triálogo”, também preferimos substituí-lo por “trílogo”, já que em seu artigo “A Multilevel approach in the study of talk-in-interaction”, de 1997, Kerbrat-Orecchioni

em uma conversação com três participantes ratificados, em dado momento, dois deles serão ouvintes da mensagem; porém, haverá situações em que apenas um deles terá o status de destinatário direto e o outro, conseqüentemente, ocupará a posição de destinatário indireto. Somente quando houver endereçamento coletivo, caberá a classificação de destinatário direto aos dois ouvintes do evento comunicativo.

[...] nem sempre é possível determinar se os diferentes ouvintes mantêm uma relação hierárquica ou não, e de que modo, já que: entre as pistas de alocação, algumas são claras e discretas, mas elas não são sistematicamente presentes (como termos de endereçamento), enquanto outras (como a direção do olhar em interações face-a-face), são, ao contrário, constante mas às vezes difíceis de se interpretar<sup>20</sup> (KERBRAT-ORECCHIONI, 1997, p. 04).

Portanto, a identificação de destinatários se dá a partir de índices de alocação, tais quais, pronomes de tratamento, inclinação do corpo, direção do olhar. Porém, de acordo com Kerbrat-Orecchioni (2006), o olhar é um elemento ambíguo na interação; ao deslocar o olhar de um participante a outro, não necessariamente o locutor sinaliza mudança de destinatário.

Pela dificuldade em se identificar destinatários diretos e indiretos em uma interação, a autora prefere os termos destinatário principal e destinatário secundário. A hierarquia instaurada entre destinatário principal e secundário “é móvel no curso de uma mesma conversação e até mesmo de um único turno de fala” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 29).

Outro problema no reconhecimento de destinatários diretos e indiretos ocorre também pelo fato de os índices de alocação nem sempre revelarem a quem o discurso se destina efetivamente.

Kerbrat-Orecchioni (1998) denomina a reconfiguração na estrutura de participação, de tropo comunicacional, uma espécie de “truque enunciativo”<sup>21</sup> (KERBRAT-ORECCHIONI, 1998, p. 93), por meio do qual o destinatário direto se torna o destinatário secundário da mensagem, e o destinatário indireto, o destinatário principal da mensagem. Assim, o “tropo

---

explica que a raiz grega “*dia-*” significa “através/por meio de” e não “dois”; em função disso, o mais pertinente, segundo a autora, é usarmos as classificações “dílogos”, “trílogos”, “quadrílogos” e “polígolos”, deixando para “diálogo”, o sentido genérico e original do termo.

<sup>20</sup> “[...] it is not always possible to determine whether the different hearers stay in a hierarchical relationship or not, and in which way, since: among the allocation cues, some are clear and discrete, but they are not systematically present (like terms of address), whereas others (like gaze directions in face-to-face interaction), are, on the contrary, constant but sometimes difficult to interpret (KERBRAT-ORECCHIONI, 1997, p. 04).

<sup>21</sup> “[...] truage énonciatif [...]”. (KERBRAT-ORECCHIONI, 1998, p. 93). Tradução da autora.

comunicacional” ocorre “cada vez que se opera, sob pressão do contexto, uma inversão da hierarquia normal dos destinatários<sup>22</sup>. (KERBRAT-ORECCHIONI, 1998, p. 92).

O tropo comunicacional pode ser utilizado, por exemplo, para que um ato ameaçador de face seja proferido, sem, contudo, ser explicitamente endereçado ao destinatário ao qual ele, verdadeiramente, se dirige.

O esquema do tropo comunicacional mais comum é o que segue (KERBRAT-ORECCHIONI, 1998, p. 92):

- Aparentemente - O destinatário direto é L2 e o destinatário indireto é L3
- Na realidade - O destinatário indireto L3 torna-se o destinatário principal e o destinatário direto L2 torna-se o destinatário secundário

Toscano (2009) observa que, na rede social *Orkut*, os depoimentos escritos pelos usuários a seus respectivos amigos seguem o esquema interlocutivo do tropo comunicacional supracitado. A manifestação de afeto demonstrada por meio dos depoimentos do *Orkut*, aparentemente, é direcionada ao dono do perfil (o qual pode ou não aprovar o depoimento), mas, na realidade, a mensagem é endereçada aos visitantes do perfil, como podemos observar no exemplo dado pela autora:

### Depoimentos de Gutz

Início > Gutz Toscanovich > Depoimentos de Gutz

primeira | < anterior | próxima > | última



**fabiannie**  
 O Gutz é a companhia indispensável de todas as horas.  
 Sol.. chuva.. praia ou cidade..  
 Me enche de cultura e cerveja!! hehehe  
 [Ele é meu "nerd" favorito]  
 Amo muito e recomendo!

22/12/07

FIGURA 2 – Depoimento do Orkut (TOSCANO, 2009, p. 08).

Conforme observamos, nos depoimentos, a mensagem escrita para o dono do perfil não é necessariamente uma mensagem endereçada ao mesmo, mas ao público que visita o perfil, o que é atestado pela transformação do interlocutor em pessoa de quem se fala.

Toscano (2007) afirma que “independentemente dos índices de alocação, os depoimentos têm sempre como seu destinatário principal, o visitante do perfil, a despeito de os usuários afirmarem que é ao dono da página pessoal que se dirigem” (TOSCANO, 2007, p.

<sup>22</sup> “[...] chaque fois s’opère, sous La pression du contexte, um renversement de La hiérarchie normale des destinataires [...]” (KERBRAT-ORECCHIONI, 1998, p.92).

09). Ademais, segundo a autora, os próprios usuários da rede social *Orkut* ratificam a inversão de endereçamento, como podemos verificar na mensagem a seguir:

**Edinaldo:** *Não costumo escrever depoimentos, mas os que recebo me dão a impressão de que a intenção de quem envia é se construir diante de uma platéia comum. Percebo que o dono do perfil é o alvo do depoimento, mas os efeitos buscados são para com os contatos.*

TABELA 1 – mensagem de um usuário do Orkut, acerca da inversão de alocutários; (TOSCANO, 2009, p. 09).

O tropo comunicacional dos depoimentos do *Orkut* é apresentado por Toscano (2009) da seguinte forma:

- Aparentemente → destinatário direto = dono do perfil / destinatário indireto = visitantes do perfil.
- Na realidade → destinatário principal = visitantes do perfil / destinatário secundário = dono do perfil.

Kerbrat-Orecchioni (2006) também cita as entrevistas e os debates midiáticos como exemplos de interações em que o tropo comunicacional ocorre, já que, aparentemente, os interagentes estariam falando entre si; no entanto, dirigem-se à platéia e aos espectadores.

Outros fenômenos são relevantes quando tratamos do quadro participativo de uma interação, como é o caso das mudanças de papéis e posturas dos interagentes, no movimento dinâmico da atividade interacional. Trataremos desses aspectos na próxima seção.

## 2.6 O FOOTING

A estrutura de participação das interações é dinâmica. De acordo com os movimentos da situação de interação, os participantes tendem a mudar sua postura, de modo que determinada projeção de si possa ser suspensa por alguns instantes e, então, novamente, assumida.

Essas mudanças de postura caracterizam-se como mudanças de *footing* (alinhamento). Segundo Goffman (2002 [1979]), *footing*

representa o alinhamento, a postura, a posição, a projeção do “eu” de um participante na sua relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção. Passa, portanto, a caracterizar o aspecto dinâmico dos enquadres e, sobretudo, a sua natureza discursiva. Em qualquer interação face a face, os *footings* são sinalizados na maneira como eles gerenciam a produção ou a recepção de um enunciado (GOFFMAN, 2002 [1979], p. 70).

Mas não só nas interações face a face ocorrem mudanças dos *footings* dos interagentes. Estudos, como o de Paiva e Rodrigues-Júnior (2004, 2007), comprovam que as performances interacionais em fóruns eletrônicos de discussão também variam e, portanto, caracterizam-se como mudança de alinhamento dos participantes. Vejamos o que afirmam os autores:

[...] Os enunciados que os interactantes virtuais produzem devem conter em si mesmos as pistas lingüísticas que expressem os *footings* de seus produtores. Por conseqüência, nas interações on-line os tópicos discursivos apresentados pelos interactantes virtuais e suas escolhas lingüísticas (adjetivos, advérbios, pronomes de tratamento, palavras abreviadas, dentre outros) e para-lingüísticas (interjeições, emoticons, letras minúsculas ou maiúsculas, etc.) são as “pistas” discursivas que representam seus *footings* (PAIVA; RODRIGUES-JÚNIOR, 2004, p. 05).

De acordo com Paiva e Rodrigues-Júnior (2004), os enunciados dos fóruns contêm em si mesmos as pistas que sinalizam os *footings* dos interactantes. Ainda segundo os mesmos autores, os *footings* dos participantes dos fóruns online podem ser sinalizados por meio das relações de poder e das mudanças de código, marcadas, conforme Gumperz (1976, apud PAIVA; RODRIGUES-JÚNIOR, 2004, p. 10) elenca, pelos seguintes elementos:

- Discurso direto ou indireto;
- Seleção do interlocutor;
- Interjeições;
- Repetições;
- Franqueza pessoal ou envolvimento;
- Informação nova ou velha;
- Ênfase;
- Separação de tópico do sujeito;
- Tipo de discurso (ex.: palestra e discussão)

Deste modo, é possível afirmar que tanto nas interações presenciais como nas interações *online* são as escolhas linguísticas e paralinguísticas que ratificam a expressão dos *footings* dos participantes.

## 2.7 A DIMENSÃO DA RELAÇÃO INTERPESSOAL

Em seu trabalho intitulado “*L’ordre de l’interaction*”, Vion (1992) sugere uma discussão sobre a ordem, a função e os componentes da interação social, a fim de compreender melhor o fenômeno da interação na vida social.

Quatro funções, denominadas pelo autor de “funções da interação verbal”, são apresentadas: a construção do sentido, a construção da relação social, a construção de imagens identitárias e a gestão de formas discursivas.

Vion (1992) pontua que o registro de significados ou de conteúdos dos objetos exteriores diz respeito ao que outrora chamávamos de “função comunicativa”, mais tarde, denominada de Semântica. Para o autor, “a semântica concerne às relações entre signos e mundo”<sup>23</sup> (VION, 1992, p. 94) e tais relações referem-se à “interiorização particular, linguística e cultural, desse mundo exterior”<sup>24</sup> (VION, 1992, p. 94).

A construção do sentido, portanto, diz respeito à semântica do que é dito na interação. Vion (1992), reportando-se aos estudos da Etnometodologia, afirma que a produção de sentido demanda um trabalho interativo contínuo, envolvendo processos de reformulação, co-adaptação, solicitação e de explicitação entre os interactantes. Esses processos revelam a ação conjunta dos participantes da interação e é por meio dessa ação intersubjetiva constante entre eles que os significados são gerados.

A construção da relação social também engloba a semântica da interação, pois os vínculos que os indivíduos estabelecem entre si e a posição que assumem em relação ao(s) outro(s) se dão por meio das seleções linguístico-discursivas que empreendem e, portanto, dos sentidos que geram. Vion (1992) afirma que os indivíduos em comunicação “falam de posições sociais e dão vida a esses papéis”<sup>25</sup> (VION, 1992, p. 95).

---

<sup>23</sup> “La sémantique deva concerner les rapports entre *signes* et *monde*”. (VION, 1992, p. 94). Tradução da autora.

<sup>24</sup> “intériorisation particulière, linguistique et culturelle, de ce monde extérieur”. (VION, 1992, p. 94). Tradução da autora.

<sup>25</sup> “ parlent de positions sociales et donnent vie à des roles” (VION, 1992, p. 95). Tradução da autora.

A atividade comunicativa gera imagens identitárias e, nesse sentido, a interação vem a contribuir para a formação do sujeito e de sua personalidade. A construção de “si próprio” se realiza concomitantemente com a socialização do sujeito.

O interacionismo simbólico [...] estima que a comunicação permite a construção das imagens identitárias, de modo que a interação contribua diretamente para a construção do sujeito e de sua personalidade<sup>26</sup> (VION, 1992, p. 95).

E, finalmente, a gestão de formas discursivas nos diz que a língua é um mediador da socialização dos sujeitos. Segundo Vion (1992), “a comunicação conduz os sujeitos a produzir sentidos, relações sociais e imagens identitárias pela construção conjunta de formas linguísticas”.<sup>27</sup> (VION, 1992, p. 96).

Para nosso trabalho, interessa-nos a construção da relação social, que diz respeito, como o próprio nome nos sugere, ao estabelecimento de relações sociais entre os sujeitos em interação.

Admitimos que, em todo processo interacional, os participantes exercem variadas influências uns sobre os outros. A ação de um indivíduo afeta ou altera a ação de outro e isso se deve ao engajamento mútuo dos interactantes.

Kerbrat-Orecchioni (1992) considera que o sistema da relação interpessoal é organizado a partir de três importantes dimensões, quais sejam:

- A **relação afetiva**, que trata das atitudes discursivas dos interactantes;
- A **relação horizontal**, que diz respeito à distância entre os interactantes;
- A **relação vertical**, que concerne à autoridade ou hierarquia entre os interactantes;

### 2.7.1 A relação afetiva

A relação afetiva encarrega-se de “descrever as atitudes discursivas e não os estados

---

<sup>26</sup> “L’ interactionnisme symbolique [...] estime que communication permet la construction des images identitaires, de sorte que l’interaction contribue directement à la construction du sujet et de sa personnalité” (VION, 1992, p. 95). Tradução da autora.

<sup>27</sup> “La communication conduit les sujets à produire du sens, des relations sociales et des images identitaires par la construction conjointe de forms linguistiques” (VION, 1992, p. 96). Tradução da autora.

psicológicos”<sup>28</sup> dos interactantes (KERBRAT-ORECCHIONI, 1992, p. 36). Essa relação pode ser consensual ou conflituosa. Ou seja, os participantes podem agir em busca de consenso para suas divergências, ou partir para o enfrentamento linguageiro, manifesto em embates verbais que envolvam polêmica e contra-argumentação, tais quais as discussões em debates políticos ou em fóruns de discussão.

A dimensão afetiva abrange situações familiares/não-familiares e situações de hierarquia/não-hierarquia, que correspondem, respectivamente, à relação horizontal e à relação vertical, e é expressa no discurso por meio de marcadores. Kerbrat-Orecchioni (1992) afirma que, durante a troca comunicativa, os interactantes expressam certo número de marcadores de “boa” ou “má vontade”.

Os participantes de uma interação que ocorra em “bons termos” se empenharão em colaborar para que haja entendimento entre as partes. Se a interação ocorrer em “maus termos”, porém, então os indivíduos “vão cultivar o enfrentamento”<sup>29</sup> (KERBRAT-ORECCHIONI, 1992, p. 141).

Acreditamos que o conflito e o consenso podem coexistir no processo interacional e que há estratégias para a atenuação de embates verbais ou para a redução de manifestações de agressividade, sendo algumas dessas estratégias as de polidez linguística. Além disso, o consenso nem sempre expressa uma relação afetiva íntima, assim como o conflito nem sempre está relacionado a relações interpessoais marcadas pelo distanciamento. Para Schiffrin (1984, apud KERBRAT-ORECCHIONI, 1992), inclusive, “o conflito pode ser um sinal de proximidade”<sup>30</sup> (SCHIFFRIN, 1984, apud KERBRAT-ORECCHIONI, 1992, p. 142). Segundo Kerbrat-Orecchioni (1992),

como nos jogos, as trocas comunicativas são ao mesmo tempo cooperativas e competitivas (os participantes são ao mesmo tempo parceiros e adversários). [...] todo discurso dialogado é produto de um trabalho cooperativo, os parceiros em presença executam continuamente os processos de negociação, de harmonização de seus respectivos comportamentos e da sincronização interacional<sup>31</sup> [...] (KERBRAT-ORECCHIONI, 1992, p. 148).

<sup>28</sup> “[...] décrire des attitudes discursives, et non des états psychologiques [...]”. (KERBRAT-ORECCHIONI, 1992, p. 36). Tradução da autora.

<sup>29</sup> “ils vont cultiver l’affrontement”. (KERBRAT-ORECCHIONI, 1992, p. 141). Tradução da autora.

<sup>30</sup> “Conflict can be a sign of closeness”. (SCHIFFRIN, 1984, apud KERBRAT-ORECCHIONI, 1992, p. 142). Tradução da autora.

<sup>31</sup> “Tout comme les jeux, les échanges communicatifs sont à la fois cooperatives et compétitifs (les participants étant à la fois des partenaires et des adversaries). [...] tout discours dialogué est le produit d’un travail collaboratif, les partenaires em présence mettant en oeuvre em permanence des processus de negociation, d’harmonisation de leus comportements respectifs ete de synchronisation interactionnelle” (KERBRAT-ORECCHIONI, 1992, p. 148). Tradução da autora.

O caráter cooperativo da interação, seja esta consensual ou conflituosa, diz respeito, especificamente, à ação conjunta dos participantes. Nessa ação em conjunto, com interactantes engajados na construção de sentido, a colaboração e a negociação são atividades essenciais para que a compreensão mútua seja atingida de forma satisfatória.

### 2.7.2 A relação horizontal

A relação horizontal concerne aos graus de familiaridade ou distanciamento entre os participantes da interação. O grau de intimidade, o nível de formalidade, a natureza dos vínculos sociais entre os interactantes são alguns dos elementos que regem a relação horizontal.

Segundo Kerbrat-Orecchioni (2006), os dados contextuais determinam o tipo de comportamento de uma pessoa em um evento comunicativo. Mesmo que o contexto pressione os interactantes, estes ainda podem lançar mão de certas estratégias para negociar a relação horizontal no decorrer do processo interacional. As relações interpessoais, no eixo da dimensão horizontal, são condicionadas pelo contexto e constituídas por certas unidades, denominadas por Kerbrat-Orecchioni (2006) de **relacionemas**.

[...] Os comportamentos conversacionais (como o uso do tratamento “você” por pessoas de todas as idades ou a produção de uma ordem) podem, certamente, refletir algumas relações que existem *a priori* entre os interlocutores, mas eles podem também confirmá-las, contestá-las, até mesmo constituí-las ou invertê-las, e isso graças à manipulação de algumas unidades pertinentes nesse domínio; unidades que chamaremos de relacionemas. [...] Os interlocutores trocam permanentemente todos os tipos de relacionemas, os quais são considerados, ao mesmo tempo, indicadores e construtores da relação interpessoal (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 64).

No quadro abaixo, apresentamos os relacionemas - marcadores verbais, paraverbais e não-verbais – indicadores da relação horizontal entre os interagentes.

Marcadores verbais	Marcadores paraverbais	Marcadores não-verbais
- Formas de tratamento (pronomes e nomes de tratamento)	- Intensidade articulatória e o timbre	- Dados proxêmicos
- Temas abordados	- Velocidade da elocução	- Gestos
- Nível de língua (registro)	- Rapidez dos encaixamentos e as sobreposições de fala	- Postura

QUADRO 1 - Relacionemas

Quanto aos marcadores verbais da relação horizontal, observamos que o uso de pronomes de tratamento como “você” ou “tu”, em determinados contextos, pode indicar maior familiaridade ou intimidade do que o uso de formas como “senhor” ou “senhora”. É possível, contudo, que em determinadas situações, como por exemplo, entre os jovens, o uso de termos como “senhor” e “senhora”, ou, ainda, termos que em outros contextos poderiam soar como insulto ou impolidez, possam vir a sinalizar proximidade e informalidade. Sobre esse aspecto, Muro (2005), argumenta que

há insultos que não são descorteses, porque não comprometem a face do interlocutor. Trata-se dos insultos ritualísticos presentes nas culturas juvenis [...] Atualmente, na América Latina, ouvimos cumprimentos entre adolescentes do sexo masculino como *olá mariquinha, hey idiota* [...] <sup>32</sup> (MURO, 2005, p. 58).

Os temas abordados pelos interactantes também são escolhidos de acordo com a distância marcada entre eles, como Kerbrat-Orecchioni (1992) afirma: “Se esta relação é distante, trata-se de temas gerais e impessoais; se ela é mais familiar, os assuntos da conversação serão eles próprios privados, pessoais ou íntimos” <sup>33</sup>. (KERBRAT-ORECCHIONI, 1992, p.55).

<sup>32</sup> [...] Hay insultos que no son descorteses, porque no comprometen el rostro del interlocutor. Se trata de los insultos rituales presentes em las culturas juveniles [...]. Actualmente, em Latinoamérica, se oyen saludos entre los adolescentes masculinos como *hola marico, epa uón* [...] (MURO, 2005, p. 58). Tradução da autora.

<sup>33</sup> [...] si cette relation est distante, on aura affaire à des thèmes généraux et impersonnels; si elle est plus familière, les sujets de conversation seront eux-mêmes privés, personnels ou intimes (KERBRAT-ORECCHIONI, 1992, p.55). Tradução da autora.

Os registros utilizados pelos participantes de uma interação podem também variar de acordo com o nível da relação horizontal. No geral, em contextos formais, monitoramos mais nossas escolhas fonético-fonológicas e léxico-gramaticais, preocupação esta que não temos em ambientes mais distensos.

Dados paraverbais, como a intensidade articulatória e o timbre da voz, podem indicar intimidade em uma relação. Como aponta Kerbrat-Orecchioni (2006), os chamados “cochichos” ou, ainda, uma voz suave, de intensidade branda, é um exemplo de que os interactantes são próximos e a relação, informal e de proximidade. Da mesma forma, uma dicção mais pausada ou mais rápida, pode ser indicador de situação formal ou informal. Quanto à elocução, a autora observa que esta é mais acelerada em situações de intimidade (ou informais) e mais lenta em situações formais.

Os dados proxêmicos relacionam-se com a distância física (ou espacial) propriamente dita e com a distância psicossocial, que equivale a um determinado nível de intimidade ou proximidade; os gestos são analisados também nesse sentido, especialmente o toque, que pode ser indicador de relações próximas, por exemplo. Já a postura diz respeito à orientação corporal dos participantes da interação.

Kerbrat-Orecchioni (2006) afirma que a distância horizontal tende a se redefinir no decorrer da interação, quase sempre de forma negociável.

### **2.7.3 A relação vertical**

A relação vertical é chamada de “sistema de lugares” e diz respeito à organização hierárquica dos interactantes. Ao longo da interação, os indivíduos podem ocupar lugares de dominante e dominado. Em razão dessa diferença de “poder” ou de “autoridade” é que a relação vertical, diferentemente da relação horizontal, é classificada de assimétrica. Porém, essa relação é dinâmica e passível de negociação.

Se a relação de lugares explora os diferentes tipos de negociações conversacionais, ela mesma pode incidir sobre a negociação: as trocas comunicativas são o lugar de batalhas permanentes pela alta posição (batalhas mais ou menos discretas ou alardeadas, cortesias ou brutais), quer se trate de trocas institucionalmente desiguais [...] ou de trocas, em princípio, iguais [...] (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p.74).

O que Kerbrat-Orecchioni (2006) chama de “trocas desiguais” seriam trocas entre sujeitos que mantêm entre si relações diferenciadas de poder, como, por exemplo, trocas entre professor e aluno, ou entre médico e paciente; porém, a autora enfatiza que algumas desigualdades podem ocorrer naturalmente na dinamicidade de trocas, a priori, simétricas.

Assim como na relação horizontal, a relação vertical não depende somente dos dados contextuais, mas também das ações dos interactantes e da produção de algumas unidades denominadas de **taxemas**.

Os taxemas são indicadores dos lugares que os interactantes, eventualmente, ocupam, se de dominante ou de dominado; dizem, portanto, das relações de poder que se estabelecem entre os sujeitos em interação.

São referidos como “relacionemas verticais” e, assim como os relacionemas, subdividem-se em marcadores verbais, paraverbais e não-verbais. Observemos:

Marcadores verbais	Marcadores paraverbais	Marcadores não-verbais
- Formas de tratamento	- Intensidade vocal	- Aparência física
- Organização dos turnos de fala		
- Organização estrutural da interação	- “Tom” da voz	- Organização do espaço Comunicativo
- Atos de fala		- Gestos - Postura

QUADRO 2 – Taxemas

Quanto às formas de tratamento, observa-se que, normalmente, aqueles posicionados hierarquicamente em lugares mais “baixos” são tratados por “você” ou “tu”, e aqueles que ocupam posições mais “altas” no eixo hierárquico das relações intersubjetivas, são tratados pelas formas “senhor(a)”.

No que tange aos turnos de fala, o que fala mais (ou escreve mais, no caso de chats ou fóruns de discussão) é certamente o que se sobressai, com uma maior atividade durante o processo interacional.

Algumas violações ao sistema de turnos, como a interrupção, podem ser classificadas como taxemas de posição alta. A interrupção geralmente sugere uma tentativa de monopolizar a fala, de “tomar a palavra” para si. Alguns estudos, entretanto, consideram não apenas o caráter conflituoso ou controlador da interrupção, mas também seu caráter cooperativo em

algumas conversações. Já a intrusão é considerada uma “manifestação de insolência”, praticamente uma infração conversacional.

A organização estrutural da interação, por sua vez, está relacionada às aberturas e aos fechamentos das conversações. O participante que inicia uma conversa pode ser o responsável, por exemplo, por orientar o desenvolvimento do tópico e a condução da interação, e, assim, ser visto como o sujeito ocupante de posição mais elevada no *ranking* que organiza as relações interpessoais. A expressão da “palavra final” pode, igualmente, sinalizar domínio e superioridade.

Quanto aos atos de fala, eles também possuem valor taxêmico e são considerados como “a categoria mais rica, mais complexa e mais importante no conjunto de marcadores verbais do sistema de lugares”<sup>34</sup> (KERBRAT-ORECCHIONI, 1992, p. 94). Quando o falante expressa, por exemplo, uma ordem, uma proibição ou uma crítica, ele se posiciona em um lugar mais “alto” e seu interlocutor, conseqüentemente, é colocado em uma posição “baixa”. Pedir desculpas, confessar, autocriticar-se, também são atos que geram essa distribuição de lugares na relação vertical.

Elevar o tom de voz pode indicar autoridade de um interactante sobre o outro. Desse modo, os dados prosódicos são relevantes para sinalizar a relação vertical entre os sujeitos em interação.

A aparência física desempenha papel importante na relação vertical, especialmente a vestimenta, como, por exemplo: o uso de uniformes ou acessórios que expressem alguma autoridade, como jalecos, no caso dos médicos, ou becas, no caso dos juízes.

Quanto à organização do espaço da interação, admite-se que os dados proxêmicos também “dizem” dos lugares dos interactantes, estejam esses em posições “elevadas” ou “submissas” (ex.: professor/aluno). Os “jogos de olhares” e outros comportamentos gestuais também sinalizam posições “dominadoras ou humildes” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 71).

Tratamos neste capítulo de categorias da Análise do Discurso em Interação que retomaremos no tratamento de nossos dados. Discorreremos sobre elementos de ordem interacional intrínsecos a todo e qualquer evento comunicativo. O próximo capítulo diz respeito à polidez, suas noções, estudos seminais e críticas.

---

<sup>34</sup> “la catégorie la plus riche, la plus complexe, et la plus importante dans l’ensemble des marqueurs verbaux du rapport de places” (KERBRAT-ORECCHIONI, 1992, p.94).

## A POLIDEZ

*[...] a polidez [...] é básica para a produção da ordem social e uma pré-condição da cooperação entre os indivíduos, de modo que, qualquer teoria que promova uma compreensão acerca desse fenômeno, atinge os fundamentos da vida social humana<sup>35</sup>.*

*John Gumperz*

Neste capítulo, apresentaremos os principais estudos sobre polidez, bem como alguns de suas principais noções, modelos seminais, críticas e contribuições a esses modelos. Também discorreremos sobre a Teoria dos Atos de Fala e sobre o Princípio de Cooperação e máximas conversacionais de Grice - estudos relevantes para o campo da polidez linguística.

### 3.1 ASPECTOS GERAIS DA POLIDEZ

Muito além dos limites da noção de “etiqueta” ou de “boas maneiras”, a polidez se configura como um fenômeno importante para a compreensão das relações humanas. Muro (2005) postula que falar de polidez é falar de comunicação; contudo, a comunicação verbal é apenas uma das interações sociais em que a polidez se manifesta. O fenômeno da polidez não é expresso unicamente por meio de estruturas linguística; suas normas derivam de valores morais impressos em cada sociedade de maneira particular, ainda que, em seu sentido amplo, a polidez seja considerada um valor universal, como reporta Meier (1995), “a polidez pode ser

---

<sup>35</sup> “[...] politeness [...] is basic to the production of social order, and a precondition of human cooperation, so that any theory which provides an understanding of this phenomenon at the same time goes to the foundations of human social life (GUMPERZ, 1987 [1978], p. 13). Tradução da autora.

considerada universal apenas no sentido de que toda sociedade possui normas para um comportamento apropriado, embora essas normas possam variar”<sup>36</sup>. (MEIER, 1994, p. 388).

House e Kasper (1996) afirmam que a polidez constitui “um valor social que ocorre em todas as sociedades civilizadas”<sup>37</sup> (HOUSE e KASPER, 1996, p.157), embora também considerem a variação cultural do fenômeno. Para Watts (2003), é na sociedade que os indivíduos aprendem a desenvolver comportamentos verbais e não-verbais polidos.

Ao menos uma coisa é certa sobre comportamento polido, incluindo polidez linguística; ele deve ser adquirido. A polidez não é algo que nasce conosco, mas algo que nós devemos aprender e em que devemos nos socializar, e nenhuma geração teve poucos professores ou manuais sobre etiqueta e ‘comportamento correto’ para nos ajudar a adquirir habilidades polidas. Então, dada a natureza rotineira de polidez, pode parecer surpreendente aprender não só apenas que ela ocupa um lugar central nos estudos sociais da linguagem, mas que ela também tem sido assunto de intensivo debate na pragmática linguística, sociolinguística e, em menor extensão, na teoria social<sup>38</sup> [...]. (WATTS, 2003, p. 9-10).

Ciências como a Psicologia e a Antropologia investigam a polidez há tempo. No campo da linguagem, a Pragmática tomou o fenômeno da polidez como uma das suas áreas de estudo somente a partir da Teoria dos Atos de Fala, de Austin (2008 [1962]), quando a concepção de linguagem enquanto atividade usada para regular as relações sociais abriu espaço para o estudo da polidez linguística.

Por compreendermos que os atos de fala são de extrema importância para os estudos pragmáticos sobre polidez, achamos apropriado reservar uma seção a eles neste trabalho.

---

<sup>36</sup> “Politeness can be said to be universal only in the sense that every society has some sort or norms for appropriate behavior, although these norms will vary” (MEIER, 1994, p.388). Tradução da autora.

<sup>37</sup> “[...] a social value that occurs in all civilized societies” (HOUSE e KASPER, 1996, p.157). Tradução da autora.

<sup>38</sup> “One thing at least is certain about polite behaviour, including polite language; it has to be acquired. Politeness is not something we are born with, but something we have to learn and be socialised into, and no generation has been short of teachers and handbooks on etiquette and ‘correct behaviour’ to help us acquire polite skills. So, given the everyday nature of politeness, it might seem surprising to learn not only that it occupies a central place in the social study of language, but also that it has been the subject of intensive debate in linguistic pragmatics, sociolinguistics and, to a lesser extent, social theory [...]” (WATTS, 2003, p. 9-10). Tradução da autora.

### 3.1.1 A Teoria dos Atos de Fala

A Teoria dos Atos da Fala surge no interior da Filosofia da Linguagem, tendo sido mais tarde apropriada pela Pragmática. Essa teoria tem como base as conferências de John Austin, publicadas postumamente em 1962, sob o título *“How to do things with words”*.

De significativa importância para a Pragmática é a Teoria dos Atos de Fala. Como o nome já sugere, essa teoria considera as frases da língua como ações sobre o real, de onde advém a concepção de “atos de fala”, na perspectiva atribuída pelo seu precursor, o filósofo inglês John Austin, em seu livro *“Quando dizer é fazer”* [...]. A Teoria dos Atos de Fala, proposta por Austin, abriu novos caminhos para a reflexão do papel das convenções e práticas sociais [...]. (WILSON, 2008, p. 92-93).

Austin (2008 [1962]) apresenta duas categorias distintas de elocuições: as elocuições **constativas** e as **performativas**.

O filósofo afirma que as elocuições constativas apenas descrevem coisas e relatam eventos, enquanto as performativas, por seu turno, configuram-se como formas de ação sobre o mundo. As elocuições constativas podem ser verdadeiras ou falsas, e as performativas estão sujeitas às “condições de felicidade”, que determinam o sucesso ou não, do que é proferido. Porém, Austin (2008 [1962]), após algumas tentativas em manter a dicotomia constativa/performativa, abandona-a, observando que os dois tipos de elocução estabelecem relação com os fatos e que ambas, ao serem realizadas em seus contextos específicos, executam, de alguma forma, uma ação.

Para Austin (2008 [1962]), há três atos que se realizam de forma concomitante: o **ato locucionário**, o **ato ilocucionário** e o **ato perlocucionário**. O primeiro ato diz respeito à realização de “dizer” algo, simplesmente. O segundo diz respeito à realização de um ato *ao* dizermos algo, carregando uma **força ilocucionária**. Já o terceiro ato diz respeito ao efeito produzido pela ação de dizer algo.

O ato ilocucionário (ou ato ilocutório) é o ato mais importante na visão de Austin, já que este carrega uma força performativa e está associado ao modo como um enunciado é proferido e ao modo como esse enunciado é recebido. É por meio do ato ilocucionário que a intenção do falante é expressa.

Searle (1979, apud MACEDO, 1999), em seu trabalho “*Speech Acts*”, amplia o trabalho realizado por Austin sobre os atos de fala e propõe a seguinte taxonomia para os atos ilocucionários:

- Assertivos (sugerir, insistir);
- Diretivos (convidar, pedir, suplicar, aconselhar, ordenar, exigir);
- Comissivos (prometer, garantir, jurar, apostar);
- Expressivos (desculpar, agradecer, lamentar, congratular, elogiar);
- Declarativos (batizar ou proferir uma sentença judicial, afirmar, dizer).

Para Searle (1979, apud MACEDO, 1999), a força ilocucionária é que pode diferenciar um ato de outro. Nas situações de fala, o contexto é o fator mais relevante para gerar a força ilocucionária do conteúdo da proposição.

Outra contribuição significativa de Searle é a inclusão dos **atos de fala indiretos** na Teoria dos Atos de Fala. Os atos de fala indiretos são aqueles cuja força ilocucionária é realizada por meio de outro ato, manifestando-se, portanto, implicitamente.

Em atos de fala indiretos, o falante comunica ao ouvinte mais do que ele verdadeiramente diz, confiando na informação prévia mutuamente compartilhada por eles, [informação esta] linguística ou não-linguística, juntamente com os poderes gerais de racionalidade e inferência da parte do ouvinte.<sup>39</sup> (SEARLE, 1975, p. 60-61).

Por exemplo, o enunciado “*Não está muito frio aqui?*” não necessariamente significa uma pergunta, mas pode ser a expressão de um pedido para que se feche a janela ou se desligue o ar condicionado.

Os mais simples casos de significação são aqueles em que o falante pronuncia uma sentença e quer dizer exatamente e literalmente o que diz [...]. Mas notoriamente, nem todos os casos de significação são tão simples como esse. Em dicas, insinuações, ironias e metáforas, para mencionar alguns exemplos, o significado do enunciado do falante e o significado da sentença distanciam-se de várias maneiras<sup>40</sup> (SEARLE, 1975, p.59).

---

<sup>39</sup> “In indirect speech acts, the speaker communicates to the hearer more than he actually says by way of relying on their mutually shared background information, both linguistic or non-linguistic, together with the general powers of rationality and inference on the part of the hearer” ( SEARLE, 2007 [1979], p.60-61). Tradução da autora.

<sup>40</sup> “The simplest cases of meaning are those in which the speaker utters a sentence and means exactly and literally what he says [...]. But notoriously, not all cases of meaning are this simple. In hints, insinuations, irony and metaphor, to mention a few examples, the speaker’s utterance meaning and the sentence meaning come apart in various ways” (SEARLE, 2007 [1979], p.59). Tradução da autora.

Assim, os atos de fala indiretos possuem diversos valores ilocutórios: uma pergunta pode significar uma solicitação ou uma censura ou uma sugestão pode significar uma ordem, por exemplo.

O uso de atos de fala diretos ou indiretos dependerá do contexto comunicativo, e é a **polidez**, em função da necessidade de sociabilidade, que, de acordo com Searle (1975), orientará o falante a optar pelos atos indiretos durante a interação.

Em determinados contextos, enunciados como, por exemplo, “Você poderia me passar o sal?”, não tem valor de uma pergunta, mas de um pedido, de uma solicitação. Neste caso, o uso da forma verbal “poderia” não indaga sobre as habilidades do ouvinte em apanhar ou não o sal, mas faz “soar” o pedido menos impositivo, além de dar a opção de o ouvinte se recusar a atendê-lo.

Assim, “a motivação principal – embora não seja a única motivação – para usar essas formas indiretas é a polidez” <sup>41</sup> (SEARLE, 2007 [1975], p. 74-75). Nesse sentido, concordamos com Paiva (2008), quando afirma que “os atos indiretos de fala constituem formas de polidez linguística na medida em que seu uso sugere uma atenuação de possíveis atos ameaçadores de face entre os interlocutores” (PAIVA, 2008, p.36).

Outra contribuição de grande relevância para os estudos da polidez linguística são os postulados de Grice (1982 [1975]), sobre o Princípio de Cooperação e as máximas conversacionais.

### 3.1.2 O Princípio de Cooperação e as Máximas Conversacionais

Paul Grice, em 1975, elabora alguns postulados teóricos que governam as interações humanas, quais sejam, o Princípio de Cooperação e as máximas conversacionais.

Para Grice (1982 [1975]), o Princípio de Cooperação é um princípio básico que rege a comunicação humana e se relaciona com o fato de os interactantes realizarem “uma contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que [...] [o interactante] está engajado”. (GRICE, 1982 [1975], p. 86).

---

<sup>41</sup> “The chief motivation – thought not the only motivation – for using these indirect forms is politeness” (SEARLE, 2007 [1975], p. 74-75). Tradução da autora.

Segundo o autor, quando os indivíduos se propõem a interagir, pressupõe-se que se comportem de modo a cooperar para que aquela comunicação flua adequadamente. O Princípio de Cooperação é um propósito fixado desde o início da interação, que se redefine e se reconstrói no decorrer das trocas. Esse princípio pressupõe a observância de quatro super máximas.

Grice (1982 [1975]) afirma que os interagentes, ao enunciarem, produzem implicaturas, denominadas pelo autor de convencionais e conversacionais.

As “implicaturas conversacionais” são produzidas quando normas conversacionais são violadas. As normas conversacionais que regem uma interação são classificadas por Grice (1982 [1975]) de “máximas conversacionais”. Na suposição de que o falante está cooperando, a violação às máximas gera implicaturas conversacionais.

Quando o falante infringe uma das máximas, na suposição de que ele está cooperando, ele produz uma implicatura conversacional. Para deduzir as implicaturas conversacionais, os interactantes devem levar em conta o contexto linguístico e extralinguístico, seu conhecimento prévio (*background*) e o significado convencional das palavras.

As máximas conversacionais de Grice (1982 [1975]) representam normas específicas, que podem variar interculturalmente.

Apresentamos o quadro das máximas conversacionais propostas por Grice:

- 
- 1. **Categoria: Quantidade** – Diz respeito à quantidade de informação dada em uma interação. Máximas: Seja informativo, de acordo com os propósitos da troca; Não faça da sua contribuição algo mais informativo do que o necessário (pois isto seria considerado perda de tempo).
- 
- 2. **Categoria: Qualidade** – Diz respeito ao fato de ser verdadeiro em suas contribuições. Máximas: Não diga mentiras; Não diga nada que você não possa provar.
- 
- 3. **Categoria: Relação** – Diz respeito a ser relevante na interação. Máxima: Diga somente o que é relevante.
- 
- 4. **Categoria: Modo** – Relaciona-se não **ao que** está sendo dito, mas **como** está sendo dito. Máximas: Seja claro nas suas expressões; evite ambigüidades; seja breve, não seja prolixo; seja metódico.
-

Em resumo, a primeira máxima nos exige que informemos apenas o que nos é solicitado. A segunda nos pede para não proferirmos nada que não possa ser comprovado ou que venha a ser considerado falso. A terceira nos exige contribuições pertinentes quanto aos propósitos comunicativos, e a quarta e última, nos pede para que evitemos ambiguidades ou declarações que venham a obscurecer o significado do que enunciamos.

De acordo com Grice (1982 [1975]), há inúmeras outras máximas observadas em trocas conversacionais, tais como a máxima da moral ou a máxima da polidez; sobre esta última, discorreremos ainda neste capítulo, quando tratarmos especificamente dos estudos em polidez linguística.

Segundo Grice (1982 [1975]), os participantes de uma dada interação podem deixar de cumprir uma máxima conversacional de forma “calma e não ostensivamente [...]” (GRICE, 1982 [1975], p. 91), indicando que não querem cooperar de acordo com as máximas. Podem, ainda, ser incapazes de cumprir uma determinada máxima sem violar outra. Ademais, os participantes podem simplesmente “abandonar uma máxima, isto é, podem espalhafatosamente deixar de cumpri-la” (Id, 1982 [1975], p. 91).

Apesar de ser uma importante contribuição para os estudos sobre interação, críticas foram feitas ao trabalho de Grice. Uma dessas críticas diz respeito ao fato de as formulações do filósofo oferecer uma imagem idealizada das interações sociais, não prevendo os conflitos inerentes às situações de comunicação. Outra, ao fato de o Princípio de Cooperação ser categorizado como irreduzível e universal (MURO, 2005). Porém, apesar das críticas, a importância dos estudos de Grice está no fato de seus postulados serem aplicados “não só ao falante como mero usuário da língua, mas ao falante na condição de intérprete, participante ativo das interações”. (WILSON, 2008, p. 92).

### 3.2. OS MODELOS SEMINAIS DE POLIDEZ

É possível encontrar diferentes noções de polidez, referentes a sua concepção popular, que abrangem boas maneiras, cortesia, comportamento “adequado”, respeito etc. Mesmo no nível científico, de onde emergem várias abordagens sobre polidez linguística, diferentes enfoques também podem ser distinguidos.

A concepção popular é considerada por Watts (1992 apud MURO, 2005) como um primeiro nível de polidez, também classificado como *Polidez 1* ou P1. Já os estudos científicos ou teóricos sobre polidez constituem um segundo nível, chamado de *Polidez 2* ou P2, que, para Watts (1992, apud MURO, 2005), é uma noção mais técnica, gerada

exclusivamente dentro de uma teoria geral da interação social. Ainda segundo Watts (2003), a investigação sobre polidez “de primeira ordem” (P1) é o meio mais efetivo para que um estudo científico ou teórico sobre polidez (P2) seja desenvolvido.

Entre os estudos seminais sobre polidez linguística, três linhas importantes devem ser observadas: a primeira é marcada pela visão de **polidez enquanto uma máxima conversacional**, a segunda trata da **polidez como um contrato conversacional** e a terceira, e talvez a mais citada entre as pesquisas sobre polidez, trata da **polidez como um ato de preservação de faces**.

Em nossa investigação percebemos uma maior congruência entre as duas primeiras linhas, porquanto ambas admitem que a polidez abrange um conjunto de normas reguladoras capaz de manter as boas relações sociais e que qualquer violação a essas normas que visam às boas relações sociais gera um efeito de sentido de impolidez.

Em relação à terceira linha (a polidez como um ato de preservação de faces), Oliveira (2004) afirma que, para essa perspectiva, a interação é concebida como “uma atividade inerentemente ameaçadora da face” (OLIVEIRA, 2004, p.118) e que, por esse motivo, a preservação das faces é “um processo que ocorre durante toda a interação verbal, em razão da vulnerabilidade da face e da reconhecida intenção dos interactantes de cooperarem mutuamente para sua manutenção” (OLIVEIRA, 2004, p.118).

Considerando essas perspectivas, ressaltamos que não há um conceito técnico único de polidez e nenhuma abordagem que possa ser considerada predominante ou “ideal” no vasto campo de estudo sobre este fenômeno, que, desde a década de 70, tem se expandido significativamente<sup>42</sup>.

Se, por um lado, as divergências na área de estudos de polidez linguística não sustentam um modelo teórico único, por outro, elas permitem que os modelos se complementem. Durante nossa pesquisa, atestamos importantes contribuições aos trabalhos seminais de Lakoff (1973, apud MURO, 2005), Leech (1983, 2005) e Brown e Levinson (1987 [1978]), advindas de autores como Kasper (1990), Kerbrat-Orecchioni (1997), Watts (2003), Muro (2005), Spencer-Oatey (2005, apud MELO e COSTA, 2009), entre outros. Apresentaremos, a seguir, as três linhas de investigação sobre polidez, por acreditarmos que sejam importantes para a discussão teórica sobre esse fenômeno.

---

<sup>42</sup> Watts afirma que em 2003 possuía uma bibliografia sobre polidez de mais de 1.200 títulos (WATTS, 2003, apud LEECH, 2005).

### 3.2.1 A polidez enquanto máxima conversacional

A perspectiva da polidez enquanto máxima conversacional é baseada nos estudos de Grice (1982 [1975]) sobre o Princípio de Cooperação e sobre as máximas conversacionais por ele postuladas. Essa visão surge primeiramente nas investigações de Lakoff (1973 apud MURO, 2005) sobre polidez linguística, quando a autora tenta completar o quadro das máximas conversacionais gricerianas.

Nos estudos de Lakoff (1973 apud OLIVEIRA, 2004), duas regras de competência pragmática são propostas: “seja claro” e “seja polido”. Para a autora, o fenômeno da polidez está intrinsecamente relacionado com a necessidade de se manter a harmonia entre os interactantes; isto é, de se evitar o conflito na interação.

Três submáximas da polidez são postuladas por Lakoff (1973, apud OLIVEIRA, 2004); submáximas que devem ser seguidas se o falante quiser agir de forma efetivamente polida. São elas:

- Não imponha sua vontade ao ouvinte;
- Dê opções;
- Faça com que o ouvinte se sinta bem; seja amável.

As três submáximas são consideradas instrumentos capazes de “reduzir a fricção da interação social”<sup>43</sup> (MURO, 2005, p. 38) e podem ocorrer concomitantemente em um evento conversacional. Segundo Lakoff (1998 apud BARROS, 2007), as suas submáximas da polidez relacionam-se com as máximas conversacionais de Grice da seguinte forma:

[...] uma conversação normal e interessante as viola [as máximas de Grice] a cada passo: é a conversação insípida ou rigidamente formal que se baseia nelas. Parece que o caso é que, quando a Clareza entra em conflito com a Cortesia, muitas vezes [...] a Cortesia se impõe: considera-se mais importante em uma conversação evitar a ofensa que conseguir o objetivo da clareza. O que é lógico, posto que na maioria das conversações informais a comunicação real de idéias importantes é algo secundário com respeito ao mero fato de afirmar e estreitar relações (LAKOFF, 1998 apud BARROS, 2007, p. 06).

<sup>43</sup> “[...] para reducir la fricción en la interacción social” (MURO, 2005, p. 38). Tradução da autora.

Sob a mesma perspectiva de Lakoff, Leech (1983) afirma que o Princípio de Cooperação de Grice é necessário, mas não é suficiente para explicar o uso de atos de fala indiretos.

Leech (1983) mostrou como o Princípio de Cooperação e o Princípio de Polidez articulavam-se de maneira complementar na interpretação de mensagens implícitas. O Princípio de Cooperação explicaria como um enunciado poderia transmitir uma mensagem implícita, enquanto o Princípio da Polidez, por seu turno, encarregava-se de explicar por que os interactantes usavam atos de fala indiretos.

Uma das críticas aos estudos de Grice, feita por Leech (1983), é que o Princípio de Cooperação não poderia aplicar-se de forma idêntica a todas as sociedades:

De fato, um dos principais propósitos da sociopragmática [...] é descobrir como sociedades diferentes operam máximas de modos diferentes, por exemplo, ao dar maior importância para a polidez do que para a cooperação em certas situações ou ao preferir uma máxima do PP [Princípio de Polidez] em detrimento de outra. Entretanto, deve-se admitir que o CP [Princípio de Cooperação] fica em uma posição mais baixa se aparentes exceções não puderem ser explicadas. É por esta razão que o PP pode ser visto não apenas como outro princípio a ser acrescido ao CP, mas como um complemento necessário [...] <sup>44</sup> (LEECH, 1983, p. 80).

Para Leech (1983), o Princípio de Cooperação permite que um interactante se comunique supondo que seu interlocutor esteja agindo cooperativamente. Assim, tal princípio funciona como um regulador do que dizemos, contribuindo para atingirmos objetivos discursivos.

A função social do Princípio de Polidez é, para Leech (1983), mais reguladora ainda, pois “mantém o equilíbrio social e as relações amigáveis, permitindo-nos presumir que nossos interlocutores estão sendo cooperativos” <sup>45</sup> (LEECH, 1983, p. 82).

Em resumo, o Princípio de Polidez determina que devemos minimizar a expressão de crenças impolidas e maximizar a expressão de crenças polidas. Para Leech (1983), “crenças

---

<sup>44</sup> “Indeed, one of the main purposes of sociopragmatics, [...] is to find out how different societies operate maxims in different ways, for example, by giving politeness a higher rating than cooperation in certain situations, or by giving precedence to one maxim of the PP rather than another. However, it must be admitted that the CP is in a weak position if apparent exceptions to it cannot be satisfactorily explained. It is for this reasons that the PP can be seen not just as another principle to be added to the CP, but as a necessary complement [...]” (LEECH, 1983, p. 80). Tradução da autora.

<sup>45</sup> “[...] maintain the social equilibrium and the friendly relations which enable us to assume that our interlocutors are being cooperative” (LEECH, 1983, p. 82). Tradução da autora.

polidas e impolidas são respectivamente crenças favoráveis e desfavoráveis para o ouvinte ou para uma terceira pessoa”<sup>46</sup> (LEECH, 1983, p.81).

De acordo com os estudos de Leech (1983), o grau de polidez será determinado pela força ilocucionária do enunciado. Com base nessa consideração, o autor separa quatro grupos distintos de atos de fala conforme o modo que cada um desses atos se relaciona com o objetivo social do estabelecimento e da manutenção da interação. São eles:

- **Competitivos** (Exemplos de atos: ordenar, perguntar, exigir, implorar).
- **De convívio ou convivência** (Exemplos de atos: ofertar, convidar, concordar, agradecer, parabenizar).
- **Colaborativos** (Exemplos de atos: afirmar, relatar, anunciar, instruir).
- **De conflito** (Exemplos de atos: ameaçar, acusar, reprimir).

As duas primeiras categorias envolvem polidez efetivamente. Quando a força ilocucionária de um ato expressa competição, a polidez aparece com a função de reduzir o conflito entre o objetivo do falante e a necessidade de ser polido. Como explica Leech (1983), “objetivos competitivos são aqueles essencialmente descorteses [...]. O PP [Princípio de Polidez] é então necessário para mitigar a descortesia intrínseca do propósito”<sup>47</sup>. (LEECH, 1983, p. 105).

A segunda classificação das funções ilocucionárias, a de convivência, é intrinsecamente cortês, em oposição à primeira categoria. Já para a categoria “colaborativa”, a polidez é irrelevante e, para a categoria “de conflito”, a polidez é simplesmente nula, de acordo com Leech (1983).

Leech (1983) expande seu Princípio de Polidez em seis máximas, com o intuito de explicar como esse fenômeno ocorre na atividade interacional. Considerando as relações entre dois ou mais sujeitos em interação, Leech (1983) distingue as seguintes máximas de polidez:

---

<sup>46</sup> “Polite and impolite beliefs are respectively beliefs which are favourable and unfavourable to the hearer or to a third party” (LEECH, 1983, p. 81). Tradução da autora.

<sup>47</sup> “Competitive goals are those which are essentially discourteous [...]. The PP is therefore required to mitigate the intrinsic discourtesy of the goal” (LEECH, 1983, p. 105). Tradução da autora.

<b>Máxima do Tato</b>	<b>Máxima da Generosidade</b>	<b>Máxima da Aprovação</b>	<b>Máxima da Modéstia</b>	<b>Máxima da Concordância</b>	<b>Máxima da Simpatia</b>
Minimize custos e maximize benefícios ao outro.	Minimize benefícios e maximize custos a si mesmo.	Minimize depreciação e maximize enaltecimento ao outro.	Minimize enaltecimento e maximize depreciação a si mesmo.	Maximize concordância e minimize discordâncias entre si e o outro.	Minimize antipatia e maximize simpatia entre si e o outro.

QUADRO 4 – as máximas de Leech (1983)

Tanto para Lakoff (1973, apud MURO, 2005), como para Leech (1983), a polidez se constitui como um conjunto de normas usadas para reduzir a possibilidade de conflito na interação. Leech (1983) alega que suas máximas não podem ser encaradas como valores fixos e absolutos, pois, segundo o autor, variações culturais precisam ser consideradas.

Leech (2005) propõe, na revisão de seu trabalho da década de 80, que evitemos o uso do termo “máximas” e que consideremos todas elas em um postulado único que ele, nessa revisão, chama de “A Grande Estratégia de Polidez”. Essa “Grande Estratégia de Polidez” define que um falante, na intenção de ser polido, atribui valores altos ao ouvinte e valores baixos a si mesmo. Observamos, nessa lógica de Leech (2005), acerca dos valores altos que um falante atribui a seu respectivo ouvinte, uma referência ao que Kerbrat-Orecchioni (1997) classifica como “atos valorizantes de face”<sup>48</sup> (*Face-Enhancing Acts* ou FEAs), no sentido de que expressam benefício ao ouvinte, como, por exemplo, os elogios e os agradecimentos.

### 3.2.2 A polidez como contrato conversacional

A corrente da polidez que trata do fenômeno como um contrato conversacional é defendida por Fraser e Nolen (1981 apud OLIVEIRA, 2004), os quais também baseiam suas idéias no Princípio de Cooperação. Os indivíduos interagem, cientes de que têm direitos e deveres na situação comunicativa, e de que o contrato conversacional entre eles deve ser ajustado conforme o tipo de relação e contexto.

<sup>48</sup> Retomaremos este tópico com detalhes quando tratarmos das contribuições de Kerbrat-Orecchioni ao campo da polidez linguística.

Segundo a abordagem da polidez enquanto máxima conversacional, os falantes violam o Princípio de Cooperação para serem efetivamente polidos; já na visão da polidez enquanto um contrato conversacional, quaisquer transgressões dos falantes ao contrato conversacional estabelecido resultam em manifestações de impolidez.

Duas questões são relevantes no estudo de Fraser e Nolan (1981, apud YAHYA-OTHMAN, 1994). A primeira delas é que a “polidez é inerente a um esforço maximamente eficiente”<sup>49</sup> (YAHYA-OTHMAN, 1994, p. 144); e a segunda, que não há, de fato, expressões polidas ou impolidas e sim, condições que propiciam o julgamento de polidez em diferentes situações comunicativas.

Os termos do contrato conversacional são tanto impostos socialmente quanto definidos pela própria situação ou contexto, sendo estes últimos negociados e renegociados durante a atividade interacional. Na visão de Fraser (1990, apud JARY, 1997), a polidez é um elemento previamente dado na interação, pelo contrato conversacional entre as partes, e não um elemento propriamente comunicado, como Brown e Levinson (1987 [1978]) postulam com suas estratégias de polidez<sup>50</sup>.

Apesar de divergências pontuais entre os modelos até então apresentados, Fraser e Nolan (1981, apud OLIVEIRA, 2004) compartilham da mesma visão de Lakoff (1973, apud MURO, 2005) e Leech (1983), ao compreender que a polidez é um conjunto de regras que pode vir a ser violado, se não houver um comportamento “apropriado” dos interactantes.

### 3.2.3 A polidez enquanto ato de preservação de faces

A concepção de polidez enquanto um ato de preservação de faces é encontrada em Brown e Levinson (1987 [1978]). Indubitavelmente, o modelo de polidez desses autores é um dos mais famosos e tem sido tanto abundantemente aplicado, como intensamente criticado por diversos estudiosos.

Segundo Muro (2005), a polidez “contribui para a construção da imagem pessoal de *ego* e *alter*”<sup>51</sup> (MURO, 2005, p. 40). Para Brown e Levinson (1987 [1978]), a imagem (ou

---

<sup>49</sup> “[...] politeness is inherent in a maximally efficient effort” (YAHYA-OTHMAN, 1994, p. 144). Tradução da autora.

<sup>50</sup> Trataremos do modelo de Brown e Levinson (1987) na próxima seção.

<sup>51</sup> “contribuye a la construcción de la imagen personal de *ego* y *alter*” (MURO, 2005, p. 40).

face) deve ser compreendida como uma série de desejos que se satisfazem por meio das ações dos outros. Essa noção de imagem enquanto desejos que se satisfazem mediante a ação de outros é derivada dos estudos sociológicos de Goffman (1967), quando este trata dos termos *face* e *território*. Goffman (1967) define o termo face no trabalho intitulado “*Interaction Ritual*”:

O termo face pode ser definido como o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si próprio [...]. Face é uma auto-imagem delineada em termos de atributos sociais aprovados<sup>52</sup>. (GOFFMAN, 1967, p. 05).

Segundo Muro (2005), a noção de imagem de Goffman (1967) abrange imagem positiva, a qual corresponde ao desejo do indivíduo em ter o apreço e aprovação de outras pessoas e, também, de ter seus propósitos pessoais realizados (face); e imagem negativa, que corresponde ao desejo do indivíduo de não ter seu espaço pessoal invadido e à sua liberdade de ação (território).

Segundo Goffman (1967), se a situação comunicativa confere ao indivíduo uma imagem ou um valor melhor do que ele espera, então este se sentirá bem. Caso contrário, isto é, se as expectativas em relação a sua face não forem atendidas, ele poderá não se ver atendido em seus desejos.

Para Goffman (1967), “manter a face é uma condição da interação”<sup>53</sup> (GOFFMAN, 1967, p.12). “Estar em face”, segundo o sociólogo, é quando o indivíduo consegue responder com sentimentos de segurança e confiança aos co-participantes de um evento comunicativo.

O efeito combinado da regra de auto-respeito e da regra de consideração [pelos outros] é que a pessoa tende a se conduzir durante um encontro de modo que mantenha tanto sua face como a face dos outros participantes [...]. Esse tipo de mútua aceitação parece ser uma característica estrutural básica da interação<sup>54</sup>. (GOFFMAN, 1967, p. 11).

---

<sup>52</sup> “The term face may be defined as the positive social value a person effectively claims for himself [...]. Face is an image of self delineated in terms of approved social attributes. (GOFFMAN, 1967, p. 05).

<sup>53</sup> “[...]Maintenance of face is a condition of interaction [...]” (GOFFMAN, 1967, p.12). Tradução da autora.

<sup>54</sup> “ The combined effect of the rule of self-respect and the rule of considerateness is that the person tends to conduct himself during an encounter so as to maintain both his own face and the face of the other participantes. [...] This kind of mutual acceptance seems to be a basic structural feature of interaction” (GOFFMAN, 1967, p. 11). Tradução da autora.

Além da noção de face emprestada de Goffman (1967), Brown e Levinson (1987 [1978]) também recorreram aos estudos dos atos de fala de Austin (1962) e Searle (1975), para traçar seu modelo de polidez.

Apoiando-se em tais postulados, Brown e Levinson (1987 [1978]) analisaram dados de conversações face a face em inglês e nas línguas aborígenes Tzeltal e Tamil. Com base nessas observações e concebendo a polidez como universal, os autores depreenderam estratégias de polidez linguística para minimizar a força ilocucionária de atos ameaçadores de face.

Brown e Levinson (1987 [1978]) afirmam que a polidez compreende, ao mesmo tempo, tanto o próprio controle social interno de um grupo, quanto o nível externo das relações competitivas com outros grupos. A polidez é, segundo Brown e Levinson (1987 [1978]), responsável pela conservação do equilíbrio social. Nessa perspectiva, a polidez, enquanto um protocolo diplomático formal, tem valor sociológico de extrema relevância, que vai muito além da categoria de “boas maneiras”, tratada nos livros de etiqueta social.

Brown e Levinson (1987 [1978]) renomeiam os termos “face” e “território” de Goffman (1967), como respectivamente, face positiva e face negativa.

- **Face Positiva:** refere-se à autoimagem pública e ao desejo de essa imagem ser apreciada pelos outros.
- **Face Negativa:** diz respeito à individualidade e à liberdade de ação

Em termos gerais, é esperado que todos os interactantes queiram defender suas próprias faces, se ameaçadas, e ao mesmo tempo é de interesse de todos também preservar as faces de seus respectivos interlocutores. Assim, no modelo de Brown e Levinson (1987 [1978]), a manutenção e a preservação de faces configuram-se como uma cooperação mútua entre interactantes, cooperação esta promovida pela polidez.

Brown e Levinson (1987 [1978]) distinguem em seu modelo, o **falante**, o **ouvinte** (ou endereçado) e as **pessoas-modelo**<sup>55</sup>. Quanto às considerações feitas pelos autores sobre esses elementos, destacamos:

- Todas as pessoas-modelo têm uma face positiva e uma face negativa e se configuram como agentes racionais, pois são essas pessoas que determinam os meios com os quais atingirão seus propósitos na interação.

---

<sup>55</sup> Segundo Brown e Levinson (1987 [1978]), as pessoas-modelo são falantes nativos de uma dada língua natural, dotados de duas propriedades: racionalidade e face.

- Considerando a face como um conjunto de desejos satisfeitos pela ação do outro, será de mútuo interesse das pessoas-modelo manter as faces, umas das outras.
- Atos que ameaçam intrinsecamente a face são referidos como **FTAs** (*face-threatening acts*<sup>56</sup>).
- A menos que o desejo do falante em realizar um ato ameaçador com máxima eficiência seja maior que seu desejo em preservar a face do ouvinte ou sua própria face, então o falante optará por minimizar a ameaça.
- Quanto maior a ameaça de um ato à face do falante ou do ouvinte, mais suavizadora será a estratégia escolhida pelo falante quando do proferimento do ato ameaçador.

Os atos que ameaçam a face positiva do ouvinte são assim chamados porque não atendem aos desejos de reconhecimento e apreciação deste. Já os atos que ameaçam a face negativa do ouvinte são assim chamados porque impedem sua liberdade de ação. Entre os principais atos ameaçadores descritos por Brown e Levinson (1987 [1978]), destacamos:

#### **Atos que ameaçam a face positiva do ouvinte:**

- Desaprovar, criticar ou ridicularizar. Desdenhar, reclamar, acusar, discordar, competir, insultar.
- Expressar emoções fora de controle, que levem o ouvinte ao embaraço, temor ou vergonha. Tocar em questões que causem alguma divergência como política, religião ou outros assuntos que sejam considerados tabu, ou ainda, interromper abruptamente o ouvinte.

#### **Atos que ameaçam a face negativa do ouvinte:**

- Ordenar, pedir, sugerir, aconselhar, lembrar, ameaçar, advertir, desafiar, ofertar, prometer.
- Elogiar, expressar admiração, inveja, raiva, luxúria ou ódio, indicando algum desejo do falante para com as posses do ouvinte, fazendo com que este proteja ou entregue o objeto de desejo em questão.

---

<sup>56</sup> Atos ameaçadores de face. Tradução da autora.

Brown e Levinson (1987 [1978]) consideram que alguns atos acabam ameaçando tanto a face positiva quanto a face negativa do ouvinte, como no caso específico de reclamações, interrupções, fortes expressões emotivas, ameaças diretas e perguntas de cunho pessoal.

Sobre os principais atos ameaçadores às faces do falante, arrolados por Brown e Levinson (1987 [1978]), temos:

**Atos que ameaçam a face positiva do falante:**

- Pedir desculpas, aceitar elogios, não controlar as emoções ou o próprio corpo (com lágrimas ou gargalhadas, por exemplo).
- Humilhar-se, confessar, agir de maneira contraditória ou estúpida.

**Atos que ameaçam a face negativa do falante:**

- Agradecer, aceitar ofertas.
- Divergir de alguma opinião, cometer gafes.

Brown e Levinson (1987 [1978]) apresentam em seu estudo, além dos atos ameaçadores de face, estratégias minimizadoras dessas ameaças, utilizadas pelo falante e ouvinte, uma vez que o ideal seria evitar os atos de ameaça à face.

De acordo com o modelo de Brown e Levinson (1987 [1978]), os interactantes levam em conta os seguintes desejos em um evento comunicativo:

- O desejo de comunicar o conteúdo do ato ameaçador;
- O desejo de ser eficiente e urgente na interação;
- O desejo de preservar suas faces e as de seu interlocutor.

Os autores resumem, no gráfico a seguir, as estratégias dos sujeitos em interação, quando da possibilidade de realizar um ato ameaçador de faces:

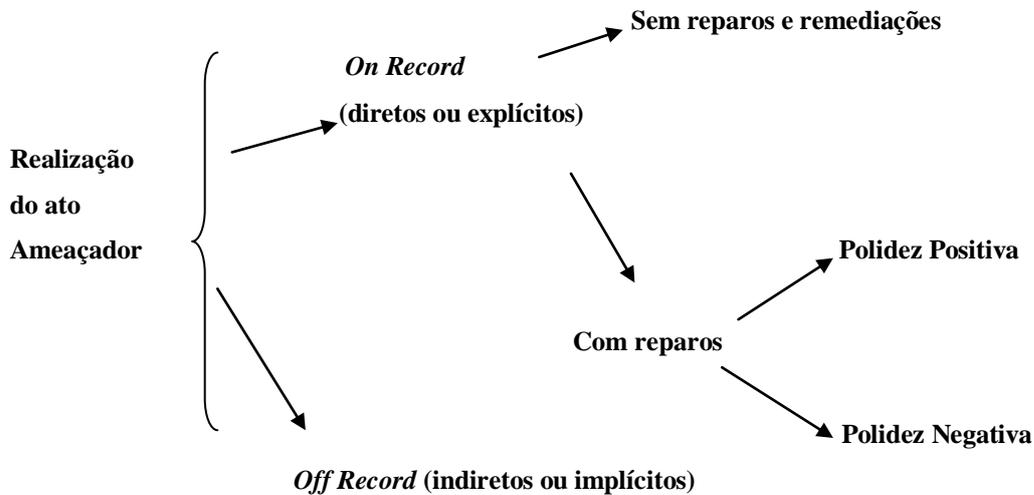


FIGURA 3 – estratégias dos sujeitos em interação, por Brown e Levinson (1987 [1978]).

Os atos *on record* (diretos ou explícitos) caracterizam-se por serem atos sem nenhuma ambiguidade, interpretados, portanto, de uma única maneira. Tais atos podem ocorrer de duas formas: sem reparos ou com reparos.

O indivíduo pode escolher entre realizar atos ameaçadores sem reparos ou com reparos conforme seu objetivo comunicativo (transmitir o conteúdo do ato ameaçador eficientemente ou preservar as faces na interação). Os atos *on record* realizados com reparação, em atenção aos desejos de faces dos sujeitos em interação, geram polidez positiva e polidez negativa.

A polidez positiva ocorre quando a ação reparadora é endereçada à face positiva. A polidez positiva consiste, então, em satisfazer os desejos de face positiva. Já na polidez negativa, a ação reparadora é endereçada à face negativa, no intuito de minimizar quaisquer imposições dos efeitos dos atos ameaçadores.

Os atos *off record* (indiretos ou implícitos), por seu turno, não demonstram uma única e exclusiva intenção do agente da ação, pois são passíveis de várias interpretações, ou seja, o indivíduo não aparece veiculado a uma intenção particular.

Brown e Levinson (1987 [1978]) supõem que as pessoas-modelo têm conhecimento das questões supramencionadas. Os autores apresentam ainda uma distinção entre os tipos de atos ameaçadores: atos que ameaçam a face positiva e atos que ameaçam a face negativa.

Quinze estratégias de polidez positiva e dez estratégias de polidez negativa são propostas por Brown e Levinson (1987 [1978]), com base em marcadores pragmáticos, prosódicos, lexicais e sintáticos. Vejamos:

<b>ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ POSITIVA</b>	<b>ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ NEGATIVA</b>
Demonstre interesse pelos desejos e necessidades de seu interlocutor.	Seja convencionalmente indireto.
Exagere na aprovação, na simpatia e no interesse para com seu interlocutor.	Não admita que seu interlocutor esteja disposto a realizar o que você deseja. Não o coaja.
Intensifique o interesse por seu interlocutor.	Seja pessimista, assumindo que seu interlocutor provavelmente não fará o que você espera que ele faça.
Use marcadores de identidade comuns.	Ofereça deferência e minimize imposições.
Procure concordar.	Desculpe-se.
Evite discordar.	Seja impessoal (evite os pronomes “eu” ou “você”).
Pressuponha ou firme um terreno comum com o seu interlocutor.	Faça do ato ameaçador uma regra geral.
Faça piadas, brinque.	Nominalize.
Mostre que conhece os desejos de seu interlocutor e demonstre consideração pelos mesmos.	Seja direto ao fazer um débito ou ao não permitir que seu interlocutor contraia um débito com você.
Ofereça, prometa.	
Seja otimista.	
Envolva a si próprio e ao seu interlocutor na atividade interacional.	
Ofereça ou peça razões.	
Estabeleça reciprocidade.	
Presenteie seu interlocutor (com bens, simpatia, compreensão, cooperação).	

TABELA 2 – estratégias de polidez positiva e estratégias de polidez negativa (Brown e Levinson, 1987 [1978]).

Segundo Brown e Levinson (1987 [1978]), a escolha da estratégia e a forma como vai ser realizado o ato, se direta ou indiretamente, relaciona-se com três variáveis sociológicas (BROWN; LEVINSON, 1987, p. 64):

- A distância social entre falante e ouvinte;
- O poder relativo entre falante e ouvinte;
- O ranking absoluto de imposições da cultura.

Para Melo e Costa (2009), é possível relacionar as seis máximas de polidez, descritas por Leech (1983), aos conceitos de polidez positiva e negativa de Brown e Levinson (1987 [1978]) da seguinte forma:

Máxima do Tato	Máxima da Generosidade	Máxima da Aprovação	Máxima da Modéstia	Máxima da Concordância	Máxima da Simpatia
Polidez Negativa	Polidez Negativa	Polidez Positiva	-	Polidez Positiva	Polidez Positiva

QUADRO 5 – as máximas de Leech e as estratégias de polidez de Brown e Levinson, por Melo e Costa (2009).

Deste modo, segundo o quadro de Melo e Costa (2009), atos como aprovar, concordar e simpatizar com o ouvinte atendem aos desejos da face positiva deste, pois refletem a realização de seu desejo de ser bem aceito pelo falante. Já agir com deferência é a forma de o falante oferecer opções ao ouvinte, ao invés de impor sua vontade, atendendo, pois, aos seus desejos de face negativa. Quanto à relação da Máxima da Generosidade com polidez negativa, compreendemos que os autores tenham estabelecido tal vínculo considerando que “[...] polidez negativa é caracterizada por auto-obliteração [...]”<sup>57</sup> (BROWN; LEVINSON, 1987 [1978], p. 70), o que, de certo modo, se assemelha à maximização de custos e minimização de benefícios a si mesmo, características da Máxima da Generosidade de Leech (1983).

Os modelos de polidez de Lakoff (1973), Leech (1983, 2005) e Brown e Levinson (1987 [1978]), apesar de serem os mais influentes e os mais famosos, não são tidos como

<sup>57</sup> “[...] negative politeness is characterized by self-effacement [...]” (BROWN; LEVINSON, 1987 [1978], p. 70).

verdades absolutas, mas apenas como as primeiras formas de sistematizar o fenômeno da polidez.

### 3.3 CRÍTICAS E CONTRIBUIÇÕES AOS MODELOS DE POLIDEZ

Muitos são os estudos nos quais encontramos os modelos seminais de polidez de Lakoff (1973), Leech (1983, 2005) e Brown e Levinson (1987 [1978]), aplicados como se fossem abordagens completas e absolutas. No entanto, estudiosos da polidez linguística têm criticado esses modelos, considerados por eles como trabalhos abstratos, por não levarem em conta elementos de contextos situacionais.

Brown e Levinson (1987 [1978]) revisitaram suas teorias com o intuito de reavaliar alguns pontos importantes, como a questão dos exemplos descontextualizados, em sua maioria, em Língua Inglesa. Leech (2005), por sua vez, revisitou seu trabalho de 1983 no tocante à maneira como povos do Oriente e do Ocidente trabalham a autoimagem pública e lidam com os territórios do “eu”.

A abordagem de Leech de 1983 é bastante criticada por estudiosos da polidez que apontam para a falta de clareza do Princípio de Cooperação de Grice, já que infrações às máximas conversacionais geravam efeitos inesperados que nem mesmo Grice conseguiu explicar com exatidão.

Além disso, autores como Wierzbicka (2003, apud LEECH, 2005) reportam que Leech (1983) universaliza seu Princípio de Polidez, bem como suas máximas, e não considera as diferenças culturais entre as sociedades ocidentais e orientais. Sobre essa crítica, Leech (2005) comenta:

Contra a prévia ortodoxia Griceriana, Wierzbicka defende ‘a idéia de que a interação interpessoal é governada, em uma larga medida, pelas normas que são culturalmente específicas e que refletem valores culturais apreciados por uma sociedade em particular’. Mais tarde, com sua crítica, ela me equipara ao mesmo universalismo de B&L, referindo-se à ‘outrora popular hipótese de que “os princípios da polidez” são essencialmente os mesmos em todos os lugares e podem ser descritos em termos de “máximas universais” tais quais aqueles listados em Leech’ [...]. Na realidade, eu nunca usei as palavras entre aspas nesta passagem: “princípios de polidez” (no plural) e “máximas universais”. De fato, eu nunca reivindiquei pela universalidade do meu modelo de polidez.<sup>58</sup> (LEECH, 2005, p. 03).

<sup>58</sup> Against the previous Gricean orthodoxy, Wierzbicka espouses ‘the idea that interpersonal interaction is governed, to a large extent, by norms which are culture-specific and which reflect cultural values cherished by a

Sobre variabilidade cultural, Leech (2005), ao revisar seu trabalho inicial no artigo “*Politeness: Is there a East-West divide?*”, declara jamais ter alegado que seu modelo de polidez tivesse caráter universal e debate a questão da seguinte forma:

Eu posso dar uma prévia de minha resposta para a pergunta apresentada no título: não, não há divisão absoluta entre polidez oriental e polidez ocidental. Considere conceitos como “coletivo”, “cultura de grupo” (Oriente) e “cultura igualitária”, “individualista” (Ocidente). Esses não são absolutos: são posições em uma escala. Toda comunicação polida implica que o falante está levando em consideração valores individuais e coletivos. No Oriente, os valores de grupo são mais fortes, enquanto no Ocidente, são os valores individuais<sup>59</sup> (LEECH, 2005, p. 03-04).

Para Leech (2005), a dicotomia universalista/relativista nos estudos sobre polidez, defendida por Wierzbicka (2003, apud LEECH, 2005), é falsa. Um universalismo absoluto não contemplaria as variadas manifestações de polidez em diferentes culturas, ao passo que uma postura unicamente relativista não permitiria que um padrão – a polidez enquanto valor moral e social, com regras que regulam uma determinada sociedade - fosse compartilhado por culturas variadas.

Segundo Spencer-Oatey (2005, apud MELO e COSTA, 2009), os estudos iniciais, baseados na noção de face, não podem ser classificados como teorias da polidez, mas sim como “trabalhos de face”<sup>60</sup>. O autor acrescenta que os estudos mais recentes, diferentemente dos iniciais, não consideram apenas os aspectos linguísticos da polidez, mas destacam a relevância cultural dos dados.

Jary (1998) critica os estudos com base nas máximas de Grice e as estratégias de polidez de Brown e Levinson (1987 [1978]), afirmando que o fenômeno da polidez nem sempre é comunicado como tais abordagens argumentam, e questiona a motivação real que os indivíduos teriam para se comportar de maneira polida durante uma interação. Segundo a autora, a polidez não é a simples transmissão de uma mensagem polida.

---

particular society’. Later, she tars me with the same universalist brush as B&L, referring to the once popular assumption that the “principles of politeness” are essentially the same everywhere and can be described in terms of “universal maxims” such as those listed in Leech[...]. Actually, I never used the words in double quotes in this passage: ‘principles of politeness’ (in the plural) and ‘universal maxims’. In fact, I never made any claim for the universality of my model of politeness (LEECH, 2005, p. 03). Tradução da autora.

<sup>59</sup> “I can give a preview of my answer to the question posed by my title: no, there is no absolute divide between East and West in politeness. Consider the concepts of collective, group culture’ (East) and ‘individualist, egalitarian culture’ (West). These are not absolutes: they are positions on a scale. All polite communication implies that the speaker is taking account of both individual and group values. In the East, the group values are more powerful, whereas in the West, individual values are”. (LEECH, 2005, p. 03-04). Tradução da autora.

<sup>60</sup> *Face-work*

Para Jary (1998), a polidez não é uma mensagem a ser transmitida e as estratégias de polidez não são sequer notadas pelos interagentes no curso do evento comunicativo, a menos que haja uma quebra na interação – um ato impolido. A propósito, Kasper (1990, apud JARY, 1997) assinala que, durante a interação, “adultos competentes comentam sobre a ausência de polidez quando ela é esperada e sobre a presença de polidez quando ela não é esperada”<sup>61</sup> (KASPER, 1990 apud JARY, 1997, p. 02). Sobre impolidez, Fraser e Nolen (1981, apud WATTS, 2003) também indicam que esse fenômeno é um comportamento saliente, percebido e comentado durante a interação.

Ainda sobre o fenômeno da impolidez, Kerbrat-Orecchioni (1997) aponta para o fato de o modelo de Brown e Levinson (1987 [1978]) ignorar tal fenômeno. Sobre isso, Muro (2005), argumenta: “Não é possível delimitar o conceito se não se inclui também seu oposto na definição”<sup>62</sup> (MURO, 2005, p. 46).

A noção de face postulada pelo modelo de Brown e Levinson (1987 [1978]) também é criticada em estudos, como o de Matsumoto (1988), Gu (1990), Mao (1994) e Meier (1995).

Matsumoto (1988) argumenta que a defesa de direitos e de território, correspondente ao que Brown e Levinson (1987 [1978]) chamam de face negativa, é símbolo de um individualismo peculiar das culturas da Europa e das Américas, mas não prevalece na sociedade e cultura japonesas. O que importa para os indivíduos da sociedade oriental não é propriamente defender ou preservar seu território, mas sua posição em relação aos outros membros do grupo em que estão inseridos, além de sua aceitação por esses membros.

Gu (1990), ao discorrer sobre as características da sociedade chinesa, também considera a noção de face negativa e positiva do modelo de Brown e Levinson (1987 [1978]) como individualista, e ainda questiona o fato de atos ameaçadores como “desculpar-se”, “perdoar”, “agradecer” serem considerados agressivos.

O modelo de Brown e Levinson não é adequado para os dados chineses pelas duas seguintes causas. Primeiro, a noção chinesa de face negativa parece se diferenciar daquela definida por Brown e Levinson. Por exemplo, oferecer, convidar e prometer em chinês sob circunstâncias usuais, não seriam considerados como ameaças à face negativa de H [ouvinte] [...]. Segundo, na interação a polidez não é apenas instrumental. Ela é também normativa. Pode ser preferível tratar a face como desejos a tratá-la como normas ou valores como Brown e Levinson fizeram, mas seria um descuido sério não enxergar os aspectos normativos da polidez [...] <sup>63</sup> (GU, 1990, p. 241-242).

<sup>61</sup> “Competent adult members comment on the absence of politeness where it is expected and its presence where it is not expected” (KASPER, 1990, apud JARY, 1997, p. 02). Tradução da autora.

<sup>62</sup> “No puede delimitar-se el concepto si no se incluye también su opuesto em la definición” (MURO, 2005, p. 46). Tradução da autora.

<sup>63</sup> “Brown and Levinson’s model is not suitable for Chinese data on the following accounts. First, the Chinese notion of negative face seems to differ from that defined by Brown and Levinson. For example, offering, inviting

Segundo Gu (1990), atos como os referidos acima (ex.: convidar e prometer), por exemplo, não são propriamente atos de fala, mas transações ou negociações. O linguista afirma que o grande fracasso da teoria de Brown e Levinson, que não lhes permitiu ir da função instrumental para a função normativa da polidez, foi considerar em seu estudo apenas os falantes e ouvintes racionais que salvaguardam suas faces a todo o momento. Acrescenta ainda “a polidez é um fenômeno pertencente ao nível da sociedade [...]”<sup>64</sup>. (GU, 1990, p. 242).

Mao (1994) também apresenta críticas contundentes ao modelo de Brown e Levinson (1987 [1978]), em relação à noção de face e à sua suposta universalidade, concordando com a observação de Schmidt (1980, apud MAO, 1994), o qual classifica esse modelo como “pessimista” e até mesmo “paranóide”, já que os interactantes são apresentados como indivíduos em permanente estado de defesa ante os atos ameaçadores de face.

Meier (1995), por seu turno, considera importante o modelo de Brown e Levinson (1987 [1978]) para os estudos sobre atos de fala, mas enfatiza que uma revisão da literatura sobre polidez linguística revela pontos inconsistentes no modelo em questão. O autor rejeita o caminho seguido por Brown e Levinson (1987 [1978]) que relaciona polidez a atos de fala específicos, itens lexicais e construções sintáticas. A própria distinção entre face negativa e face positiva não parece clara também para Meier (1995):

Face negativa envolve o desejo de não ser impedido; face positiva envolve o desejo dos outros em mostrar que meus desejos serão alcançados. Ao não me impedir, entretanto, você está agindo de acordo com um dos meus desejos, mostrando na essência que você quer que meu desejo seja alcançado. [...] A falta de clareza na diferenciação entre face positiva e negativa influencia inelutavelmente as especificações de B/L [Brown e Levinson] sobre os FTAs [atos ameaçadores de fala] e sobre as estratégias de polidez também<sup>65</sup> (MEIER, 1994, p. 384-385).

---

and promising in Chinese, under ordinary circumstances, will not be considered as threatening H's negative face [...]. Second, in interaction politeness is not just instrumental. It is also normative. It may be preferable to treat face as wants rather than as norms or values as Brown and Levinson have done, but it would be a serious oversight not to see the normative aspects of politeness” (GU, 1990, p. 241-242). Tradução da autora.

<sup>64</sup> “[...] politeness is a phenomenon belonging to the level of society [...]” (GU, 1990, p. 242). Tradução da autora.

<sup>65</sup> Negative face involves the desire to be unimpeded; positive face involves the desire for others to show that they want my wants to be achieved. By not impeding me, you are, however, acting in accord with one of my wants, in essence showing that you want my want to be achieved [...]. The lack of clear differentiation between positive and negative face ineluctably carries over to B/L's specifications of FTAs and politeness strategies as well (MEIER, 1994, p. 384-385).

Em uma de suas críticas, Meier (1995) chama atenção para o fato de a categorização das estratégias de Brown e Levinson (1987 [1978]) parecer bastante confusa, pois estratégias de comportamento estão misturadas a estratégias linguísticas. Este ponto foi revisitado por Brown e Levinson (1987 [1978]), que defenderam seu modelo argumentando quão difícil foi coletar dados equivalentes em três línguas diferentes (inglês, tzeltal e tamil).

A validade representativa das estratégias de polidez do modelo de Brown e Levinson (1987 [1978]), bem como as variáveis sociais “distância” e “poder” foram pontos questionados também nos estudos de Baxter (1984 apud MEIER, 1994).

Diante de tantas críticas ao modelo de Brown e Levinson (1987 [1978]), Meier (1995) defende as estratégias de “reparação”<sup>66</sup>, como uma alternativa para a o reexame do modelo questionado.

Para Meier (1995), a “reparação” funciona como as estratégias de polidez de Brown e Levinson supostamente funcionariam. É um remediador do dano à imagem do falante que rompeu com alguma norma durante a interação, causando uma desarmonia social. O trabalho remediador estabelece um elo de responsabilidade entre o interactante e seu comportamento inapropriado (comportamento este que não corresponde às expectativas de determinada comunidade) e é categorizado de três formas:

- $F^{67} \rightarrow O^{68}$ : o falante vê as coisas à maneira do ouvinte. O falante considera os desejos do outro e expressa apreciação pelos sentimentos do ouvinte. (Ex.: expressão positiva: elogio ao ouvinte; expressão negativa: declaração explícita de uma performance ruim do ouvinte).
- $F \leftarrow O$ : o ouvinte vê as coisas à maneira do falante. Essa categoria engloba desculpas, justificativas, etc.
- $F \rightarrow \leftarrow O$ : falante e ouvinte veem as coisas da mesma forma. Ambas as partes se responsabilizam em anular ou reparar a desarmonia social instalada. A atitude de “começar do zero” (após uma situação difícil) é um exemplo dessa categoria.

---

<sup>66</sup> *Repair Work* (adaptado do modelo de Snyder et al, de 1983).

<sup>67</sup> F = Falante

<sup>68</sup> O = Ouvinte

De acordo com as palavras de Meier (1995), a reparação seria “uma tentativa de mostrar que o falante é um ‘cara legal’ (apesar de ter violado uma norma social)”<sup>69</sup> (MEIER, 1994, p. 389). O reparo tem a intenção de convencer os outros participantes da interação de que o falante merece um voto de confiança, de modo que sua capacidade de agir de acordo com as normas estabelecidas pelo grupo com o qual interage seja atestada.

Meier (1995) ressalta que modos de se endereçar a alguém, por exemplo, não podem ser descritos como mais ou menos polidos, pois, somente dentro de uma comunidade particular, tais modos poderão ser considerados tais. É possível, inclusive, que o exagero na deferência seja interpretado como comportamento inadequado para um contexto em especial.

Ainda sobre as inúmeras críticas aos principais estudos de polidez linguística, e consequentes reavaliações dos modelos discutidos neste trabalho, decidimos selecionar dos estudos sobre polidez, um conjunto de preposições coerentemente articuladas entre si, para o tratamento de nossos dados.

Admitimos, pois, a universalidade da noção de face presente no modelo seminal de Brown e Levinson (1987 [1978]) e também concordamos com Fraser e Nolan (1981) sobre a questão de negociação e renegociação da polidez durante a interação, considerando que quaisquer transgressões dos falantes ao Princípio de Cooperação resultam na violação das normas do contrato conversacional estabelecido, gerando, assim, efeitos de sentido de impolidez. Nessa mesma direção argumentativa, encontram-se as máximas de Lakoff (1973, apud MURO, 2005) e de Leech (1983).

De igual modo, reconhecemos que a variabilidade cultural deve ser considerada em qualquer estudo sobre polidez e que, nesse sentido, quaisquer eventos comunicativos polidos implicam que o falante está levando em consideração não só valores individuais como também valores coletivos (LEECH, 2005).

Concordamos com Fraser e Nolan (1981, apud WATTS, 2003), quando estes afirmam que a impolidez é um fenômeno marcado e saliente na interação, bem como reconhecemos a pertinência do trabalho de reparação de Meier (1995), em nossa análise.

Estamos igualmente de acordo com Kerbrat-Orecchioni (1997, 2006) quando esta defende que se deva dissociar face positiva e face negativa de polidez positiva e polidez negativa, respectivamente, e quando a linguista acrescenta aos estudos sobre polidez, a noção de atos valorizantes de face e de impolidez.

---

<sup>69</sup> “[...] an attempt to show that the speaker is a ‘good guy’ (despite having violated a social norm) [...]”. (MEIER, 1994, p. 389). Tradução da autora.

Em suma, esse conjunto de proporções sobre o fenômeno da polidez constituirá o viés que orientará a análise dos dados desta pesquisa.

Achamos relevante detalhar em seguida os pontos principais dos estudos de Kerbrat-Orecchioni sobre (im)polidez, haja vista que adotamos seu quadro teórico para nossa pesquisa.

### 3.4 A (IM)POLIDEZ SOB A PERSPECTIVA DE KERBRAT-ORECCHIONI

Em sua abordagem, Kerbrat-Orecchioni (1997, 2006) não considera as relações humanas exclusivamente conflituosas, como postulado pelo modelo de Brown e Levinson (1987 [1978]), os quais também argumentam que até mesmo elogios são atos que ameaçam. A autora, ao contrário, reconhece os elogios (além de cumprimentos, agradecimentos etc.) como atos que enaltecem a face dos interactantes.

Ainda que Kerbrat-Orecchioni (1997) considere como princípio relevante no modelo seminal de Brown e Levinson (1987 [1978]), o fato de a polidez ser fundamentalmente uma questão de faces (*face want*<sup>70</sup> e *face-work*<sup>71</sup>), a autora dissocia face negativa e face positiva de polidez negativa e polidez positiva em seu estudo.

Para Kerbrat-Orecchioni (1997), os atos realizados pelos participantes de uma interação podem enaltecer ou ameaçar as faces dos mesmos. Àqueles atos que enaltecem, a linguista chama de **atos enaltecedores de face**, e àqueles atos que ameaçam, a linguista chama de **atos ameaçadores de face**.

---

<sup>70</sup> Desejos de face (desejo em satisfazer as faces positiva e negativa dos interactantes);

<sup>71</sup> Trabalho de face (estratégias que ajudam os interactantes a atenderem aos desejos de face de seus interlocutores).

### 3.4.1 O quadro teórico de Kerbrat-Orecchioni

Kerbrat-Orecchioni (1997) organiza, portanto, seu quadro teórico sobre polidez da seguinte maneira:

- **Polidez positiva:** é produtiva, pois consiste em realizar um ato enaltecendo de face; **polidez positiva** é a polidez genuína, já que elogiar, por exemplo, é um ato muito mais polido do que amenizar uma crítica; ser polido significa tanto produzir atos enaltecendo de face quanto amenizar os efeitos dos atos ameaçadores de face;

- **Polidez negativa:** é abstencionista ou compensatória, pois consiste em se evitar um ato ameaçador de face ou em amenizar sua formulação; **polidez negativa** é basicamente uma impolidez restrita, mais ou menos neutralizada pela ação compensatória.

Kerbrat-Orecchioni (1997) também aplica os termos “positivo” e “negativo” à noção de impolidez. Assim, conforme a autora, temos os seguintes tipos de impolidez:

- **Impolidez positiva:** consiste em produzir um ato ameaçador sem mitigação que, segundo a autora, “[...] poderia até mesmo ser reforçado por algum tipo de ‘agravante’<sup>72</sup>”<sup>73</sup> (KERBRAT-ORECCHIONI, 1997, p. 15).

- **Impolidez negativa:** consiste em não produzir um ato enaltecendo de face esperado pelo contexto (cumprimentos, elogios, desculpas, agradecimentos etc.).

### 3.4.2 A noção de (im)polidez e de Atos Enaltecendo de Face

Kerbrat-Orecchioni (2004, apud MURO, 2005) entende a polidez como um sistema de regras, necessário ao equilíbrio social. Discorda de Fraser (1990, apud MURO, 2005) quando este afirma que a polidez está relacionada com o uso apropriado da linguagem, argumentando que se esta premissa fosse verdadeira, atos como “agradecer”, “ordenar” ou “desculpar-se” estariam em um mesmo plano. Destarte, Kerbrat-Orecchioni (2004, apud MURO, 2005)

---

<sup>72</sup> De acordo com Kerbrat-Orecchioni (2006), os suavizantes possuem seu lado negativo, denominados de “agravantes”, os quais têm por função aumentar a força do ato ameaçador, reforçando o mesmo, em vez de atenuá-lo, tornando o enunciado notoriamente impolido.

<sup>73</sup> “[...] could even be strengthened by some kind of ‘hardener’”. (KERBRAT-ORECCHIONI, 1997, p. 15).

postula um sistema no qual distingue a manifestação do fenômenos da polidez e da impolidez, conforme observamos a seguir:

<b>IMPOLIDEZ</b>	<b>POLIDEZ</b>
Ausência de um marcador de cortesia, ou presença de um marcador de descortesia.	Utilização de um marcador de cortesia mais ou menos esperado pelo contexto.

TABELA 3 – Kerbrat-Orecchioni (2004).

Kerbrat-Orecchioni (1997) critica os termos “positivo” e “negativo” utilizados no modelo de Brown e Levinson (1987 [1978]), uma vez que esses autores, por meio desses termos, correlacionam face e polidez. A autora compartilha da mesma visão de críticos desse modelo, ao afirmar que a visão de interação de Brown e Levinson (1987 [1978]) é bastante pessimista, porquanto eles consideram que todos os atos de linguagem ameaçam de certa forma às faces dos sujeitos em interação, inclusive atos que a linguista considera como enaltecadores de face, como é o caso de “elogiar”.

No modelo de Brown e Levinson (1987), os elogios são vistos como ameaças, pois expressam, segundo os autores, desejo pelo objeto elogiado. Para Kerbrat-Orecchioni (1997), “um elogio constitui [...] um comportamento lisonjeiro ao outro, o que é ‘antiameaçador’”<sup>74</sup> (KERBRAT-ORECCHIONI, 1997, p. 13).

Deste modo, Kerbrat-Orecchioni (1997) institui os “atos enaltecadores de face” (*Face-Enhancing Acts*<sup>75</sup> ou FEAs) em oposição aos atos ameaçadores de face (FTAs - *Face-Threatning Acts*).

Além desta contribuição, Kerbrat-Orecchioni (1997) afirma que as noções de positivo/negativo em Brown e Levinson (1987 [1978]) são extremamente confusas. A autora propõe, então, dissociar face negativa e face positiva de polidez negativa e polidez positiva.

<sup>74</sup> “[...] a compliment constitutes first and foremost flattering behavior towards the other person, that is, an anti-threat”. (KERBRAT-ORECCHIONI, 1997, p. 13). Tradução da autora.

<sup>75</sup> Também chamados de “*Face-Flattering Acts*” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p.81).

Face negativa são todos os ‘territórios do eu’ (Goffman) – territórios corporais, espaciais ou temporais, todos os tipos de reservas, materiais ou cognitivas. Face positiva são todas as imagens realçadas que os falantes tentam mostrar de si mesmos na interação. Os atos que os participantes são induzidos a realizarem no curso da conversação podem ter efeitos negativos (FTAs) ou positivos (FEAs) às faces. O mesmo ato pode [...] aparecer em várias categorias ao mesmo tempo [...]”<sup>76</sup> (KERBRAT-ORECCHIONI, 1997, p. 14).

Em relação às categorias de polidez positiva e polidez negativa, Kerbrat-Orecchioni (2006) argumenta que a distinção entre atos ameaçadores de face e atos enaltecendores de face possibilita uma classificação mais apropriada das noções de polidez negativa e positiva, esclarecendo que

A polidez negativa é de natureza abstencionista ou compensatória: ela consiste em evitar produzir um FTA ou em abrandar por meio de algum procedimento, sua realização – quer esse FTA se refira à face negativa (ex.: ordem) ou à face positiva (ex.: criticar) do destinatário. A polidez positiva é, ao contrário, de natureza produtiva: ela consiste em efetuar algum FTA para a face negativa (ex.: presentear) ou positiva (ex.: elogiar) do destinatário (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 82-83).

O exemplo que a autora utiliza para ilustrar a possibilidade de ocorrência de atos ameaçadores e enaltecendores de face no proferimento de um ato de linguagem é a declaração de amor. Vejamos: ao declarar seu amor, o falante comete um ato ameaçador contra sua face negativa, já que a declaração de algo até então secreto conduz o falante a algumas obrigações a partir de então (seja conquistar, seja se distanciar). O ato também ameaça sua face positiva, pois a confissão o expõe diante da pessoa amada, que pode ou não, corresponder ao sentimento revelado. No caso do ouvinte, este tem sua face negativa ameaçada se consideramos que a declaração de amor tem um caráter impositivo, porém, ela também enaltece sua face positiva, pois, em geral, faz bem à autoestima dos indivíduos despertar o sentimento da paixão em alguém.

De acordo com Muro (2005), Kerbrat-Orecchioni “resolve, clara e felizmente, muitos dos problemas que apresenta o modelo mais conhecido da teoria da polidez”<sup>77</sup> (MURO, 2005, p. 199), ao relacionar a noção de FEAs (*face-enhancing acts*) com polidez positiva. A

<sup>76</sup> “Negative face is then all the ‘territories of the self’ (Goffman) – bodily, spatial or temporal territories, any kind of ‘reserves, material or cognitive. Positive face is all the enhancing images that speakers try to make up of themselves in interaction. The acts that participants are induced to perform in the course of conversation may have negative (FTAs) or positive (FEAs) effects on the faces. The same act may [...] come under several categories at the same time [...]” (KERBRAT-ORECCHIONI, 1997, p. 14). Tradução da autora.

<sup>77</sup> “[...] resuelve, clara y felizmente, muchos de los problemas que presenta el modelo más conocido de la teoría de la cortesía” (MURO, 2005, p. 199). Tradução da autora.

partir dessa relação, há que se considerar a existência de uma polidez mitigadora, “de carácter negativo, gerado pelo perigo que representam as ameaças à imagem do interlocutor” <sup>78</sup> (MURO, 2005, p. 199) e de uma polidez valorizante, “de carácter positivo” <sup>79</sup> (MURO, 2005, p. 199).

### 3.4.3 Manifestações linguísticas e Polidez Positiva e de Polidez Negativa

Kerbrat-Orecchioni (2006) afirma que o falante lança mão de procedimentos substitutivos e subsidiários durante a interação, a fim de suavizar um ato ameaçador de face. Tais procedimentos, também chamados de suavizantes, podem ser de natureza verbal, não-verbal ou paraverbal. Para este estudo, interessa-nos apenas os suavizantes de natureza verbal.

As manifestações linguísticas da polidez apresentadas por Kerbrat-Orecchioni (2006), no que diz respeito à polidez positiva, demonstra que a tendência do falante, ao utilizar procedimentos de polidez positiva, é exagerar nos enunciados polidos, reforçando assim os atos valorizantes de fala. Um exemplo de um enunciado hiperbolizado é o uso da forma superlativa em um agradecimento, por exemplo: “Muitíssimo obrigado!” ou “Obrigado infinitamente”.

Em relação à polidez negativa, Kerbrat-Orecchioni (2006) afirma que “muitos são os meios que a língua põe à disposição dos falantes para edulcorar a realização dos FTAs [...]; a panóplia de suavizantes é rica e variada” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 89).

Apresentamos os procedimentos suavizantes de polidez negativa no quadro a seguir.

---

<sup>78</sup> “[...] de carácter negativo, generada por el peligro que representan las amenazas a la imagen del interlocutor [...]” (Id, 2005, p. 199). Tradução da autora.

<sup>79</sup> “[...] de carácter positive [...]” (Ibid, 2005, p. 199). Tradução da autora.

<b>Manifestações Linguísticas de Polidez Negativa</b>	
<b>Procedimentos Substitutivos</b>	<b>Procedimentos subsidiários</b>
<b>Formulação indireta do ato de fala</b> - Ex.: Ordenar requer do falante o uso do imperativo. Para amenizar a ameaça do ato, o falante formula o ato indiretamente. Assim, “Feche a porta!” pode ser substituído por “Eu gostaria que você fechasse a porta”.	<b>Interpelações, perguntas, críticas, objeções, convites, desculpas e justificativas</b> são formas de abrandar o ato ameaçador por meio de um enunciado “preliminar”.
<b>Desatualizadores Modais</b> – O condicional. Ex.: “Eu precisaria que você fosse embora” etc.	<b>Minimizadores</b> – sua função é tentar reduzir a ameaça do ato. Ex.: “Eu queria <i>simplesmente</i> te pedir...”, “Você poderia arrumar <i>um pouquinho</i> estas coisas?”, “Me dá um <i>cigarrinho?</i> ” etc.
<b>Desatualizadores Temporais</b> – O “passado” de polidez. Ex.: “Eu queria te pedir que...” etc.	<b>Modalizadores</b> – instauram uma certa distância entre o sujeito da enunciação e o conteúdo do enunciado. Ex.: “Eu penso/creio/acho/tenho a impressão que...”, “Me parece que...” etc.
<b>Desatualizadores Pessoais</b> – O emprego da voz passiva, do impessoal ou do indefinido, para apagar a referência direta aos interlocutores. Ex.: “O problema não foi resolvido corretamente” etc.	<b>Desarmadores</b> – pelos quais se antecipa uma possível reação negativa do destinatário do ato, e se tenta neutralizá-la. Ex.: “Não queria te importunar, mas...”, “Espero que você não me interprete mal, mas...” etc.
<b>Lítotes e Eufemismo</b> – aplicados à críticas ou reprovações. Ex.: “Não é muito simpático/inteligente/esperto o que você acaba de fazer”. “Eu gostaria tanto que você não fumasse” etc.	<b>Moderadores</b> – Ex.: “Me traz alguma coisa pra beber, meu chuchu”, “Por gentileza, me passe o sal”, “Feche a porta, meu anjo”, “Vocês que sabe das coisas, me diz então...” etc.
<b>Tropo Comunicacional</b> <sup>80</sup> – procedimento que consiste em fingir dirigir um enunciado ameaçador a um outro que não é aquele a quem esse enunciado verdadeiramente se destina.	

TABELA 4 – As manifestações linguísticas da polidez negativa de acordo com Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 85-88).

Ainda segundo Kerbrat-Orecchioni (2006), os suavizantes elencados possuem sua contraparte negativa, denominada de “agravantes”, os quais têm por função reforçar a força

<sup>80</sup> A discussão sobre este procedimento, bem como exemplos do mesmo, se encontram no capítulo 1 deste trabalho.

do ato ameaçador, tornando o enunciado notoriamente impolido. A autora retira do trecho literário de “*O avaro*”, de Molière, um exemplo representativo desses agravantes:

*“Fora daqui agora mesmo, e não me responda! Vamos! Saia da minha casa, desgraçado mestre dos ladrões, sua grande besta desonesta! [...]; saia daqui rápido, antes que eu o mate”.*

Para a autora, o exemplo em destaque trata-se de uma

injunção formulada da maneira mais brutal possível; reiterada e plena de diversos advérbios reforçadores, de uma cláusula de não-opcionalidade, de uma ameaça e de uma série de injúrias, de uma metáfora animal, logo, degradante, e de uma despersonalização desprezadora do interlocutor (reduzido a um “nada”). (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 90-91).

Segundo Kerbrat-Orecchioni (2004, apud MURO, 2005), a polidez é um sistema de regras necessário ao equilíbrio social. A autora argumenta, ainda, que alguns atos são intrinsecamente mais polidos ou menos polidos que outros: agradecimentos são mais polidos que ordens, por exemplo, e desculpas são mais polidas que insultos.

No entanto, Kerbrat-Orecchioni (1997) afirma que o valor de cada ato dependerá das condições contextuais. Agradecimentos em exagero podem perder sua característica essencialmente cortês e gerar efeitos de sentido de impolidez; do mesmo modo que, uma ordem dada no contexto militar, ainda que não se configure como um ato de cortesia, não gera necessariamente efeitos de sentido de impolidez.

A perspectiva de Kerbrat-Orecchioni (1997, 2006), apresenta uma explanação mais ampla do que vem a ser polidez positiva e polidez negativa, já que a linguista dissocia face negativa e face positiva de polidez negativa e polidez positiva, respectivamente, além de introduzir o conceito de atos valorizantes de face e de impolidez.

## A REDE SOCIAL *ORKUT*

*No ciberespaço [...], cada um é potencialmente emissor e receptor num espaço qualitativamente diferenciado, não fixo, disposto pelos participantes, explorável. Aqui, não é principalmente por seu nome, sua posição geográfica ou social que as pessoas se encontram, mas segundo centros de interesses, numa paisagem comum do sentido ou do saber.*

Pierre Lévy

Este capítulo contempla as principais características do site *Orkut*, incluindo como se dá a interação naquele espaço *online*, como as comunidades são organizadas e como é o funcionamento dos fóruns de discussão *orkuteanos*.

### 5.1 ASPECTOS GERAIS

É fato que a popularização da *Internet* fez com que novas tecnologias ganhassem espaço nas sociedades, influenciando a comunicação e as relações sociais entre os indivíduos. Na velocidade das mídias eletrônicas, a socialização no contexto digital ultrapassa os limites da troca de *e-mails* - seja por meio da participação de um número crescente de internautas em *chats* casuais, seja por meio da inserção desses indivíduos nas chamadas redes sociais virtuais, tais quais *Orkut*, *Facebook*<sup>81</sup> e *Twitter*<sup>82</sup>, que sem dúvida alguma, são o exemplo mais famoso do acelerado processo de inclusão digital do brasileiro.

Recuero (2005) classifica as redes sociais como um conjunto composto de dois elementos principais: “atores (pessoas, instituições ou grupos) e suas conexões” (RECUERO,

---

<sup>81</sup> O *Facebook* é uma rede social lançada em 4 de fevereiro de 2004 por um ex-estudante da Universidade de Harvard chamado Mark Zuckerberg. Essa rede é bastante popular nos EUA. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook>>. Acesso em: 17 set. 2010.

<sup>82</sup> O *Twitter* é uma rede social fundada em março de 2006 que funciona como servidor para microblogging e permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos (em textos de até 140 caracteres, conhecidos como "tweets"), por meio do website do serviço, por SMS e por softwares específicos de gerenciamento. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Twitter>>. Acesso em: 17 set. 2010.

2005, p. 03). Tais conexões seriam as relações interpessoais que cada indivíduo estabelece em sua vida social.

Indubitavelmente, é inviável participar de uma rede social sem estabelecer laços ou conexões sociais, sem interagir com outros indivíduos, pois é da própria natureza da rede social *online* unir em um ambiente virtual diversos indivíduos, com interesses comuns (ou divergentes), que estejam dispostos a se relacionar de alguma forma entre si.

A propósito, Santana (2007) afirma que as redes sociais “favorecem os intercâmbios sociais, pois possibilitam aos sujeitos vivenciar relações para além das suas comunidades locais” (SANTANA, 2007, p. 05).

A rede social *Orkut* é propriedade do grupo *Google* e foi criada em 24 de janeiro de 2004, pelo engenheiro turco Orkut Büyükkökten. Apesar da atual competitividade eminente entre as redes sociais, o *Orkut* ainda pode ser considerado como o site de relacionamentos mais popular entre os brasileiros.

Inicialmente, para se cadastrar no site *Orkut*, os usuários precisavam ser convidados por outro participante, por meio de *e-mail*. Em pouco tempo, já era possível criar uma conta no site, na própria página de acesso. Supomos que tal mudança seja reflexo da concorrência do *Orkut* com outras redes, haja vista que o cadastro em sites como *Facebook* ou *Twitter* é feito de maneira simples e direta, em suas respectivas páginas, fator que pode atrair mais usuários.



FIGURA 4 - Página de acesso do Orkut

Uma vez “*orkuteiro*”, o usuário passa então a utilizar todas as funcionalidades que a interface<sup>83</sup> do ambiente oferece. O *Orkut* estimula a busca por popularidade de seus participantes por meio das funções “fãs” (representadas por pequenas estrelas) ou por símbolos positivos no alto da página dos usuários, indicando quão “sexy”, “legal” ou confiável aquele indivíduo é. A popularidade também é notada por meio da quantidade de amigos e de depoimentos escritos na página do usuário.

No ano de 2005, o *Orkut* ganha uma versão em português e, em 2008, anuncia que o Brasil ocupa o segundo lugar no *ranking* mundial, com cerca de 40 milhões de usuários, perdendo apenas para a Índia. Registros do primeiro semestre de 2010 nos mostram que o Brasil alcança o primeiro lugar, abrangendo 48.0% de *orkuteiros* contra 39.2% da Índia, seguidos de inexpressivos números dos EUA e Japão, que respectivamente, contam com 2.2% e 2.1% dos usuários cadastrados na rede.

Entretanto, segundo Recuero (2010), é possível que o *Orkut* sofra uma perda expressiva de popularidade em breve, com a migração de muitos de seus usuários para o *Facebook*, site que, segundo a autora, apresenta uma variedade de aplicativos e jogos e possibilidade de maior interatividade.

Desde seu surgimento, o *Orkut* tem passado por constantes modificações que, segundo a empresa que o administra, visa à melhoria do serviço aos “*orkuteiros*”. No blog da rede social, é possível encontrar algumas das transformações mais recentes, como o bate-papo por vídeo, aplicações para promoção de eventos e jogos, *upload* de mais de oitocentas fotos e a possibilidade de gerenciar grupos de amigos.

Além dessas mudanças, o *Orkut* também oferece uma nova interface aos usuários, caso estes desejem utilizá-la, bastando clicar no link “*try the new orkut*”<sup>84</sup>. A nova interface permite que o dono do perfil personalize o tema de sua página pessoal, envie recados privados ou recados para vários amigos ao mesmo tempo.

---

<sup>83</sup> Compreendemos o termo “interface” conforme Levy (2007), em sua obra “*Cibercultura – La cultura de la sociedad digital*”. O autor afirma que interfaces são “[...] todos os equipamentos de materiais que permitem a interação entre o universo da informação digitalizada e o mundo ordinário”. (“[...] *todos los equipos de materiales que permiten la interacción entre el universo de la información digitalizada y el mundo ordinario* [...]”) (LEVY, 2007, p. 22). Tradução da autora.

<sup>84</sup> “Experimente o novo *Orkut*”.

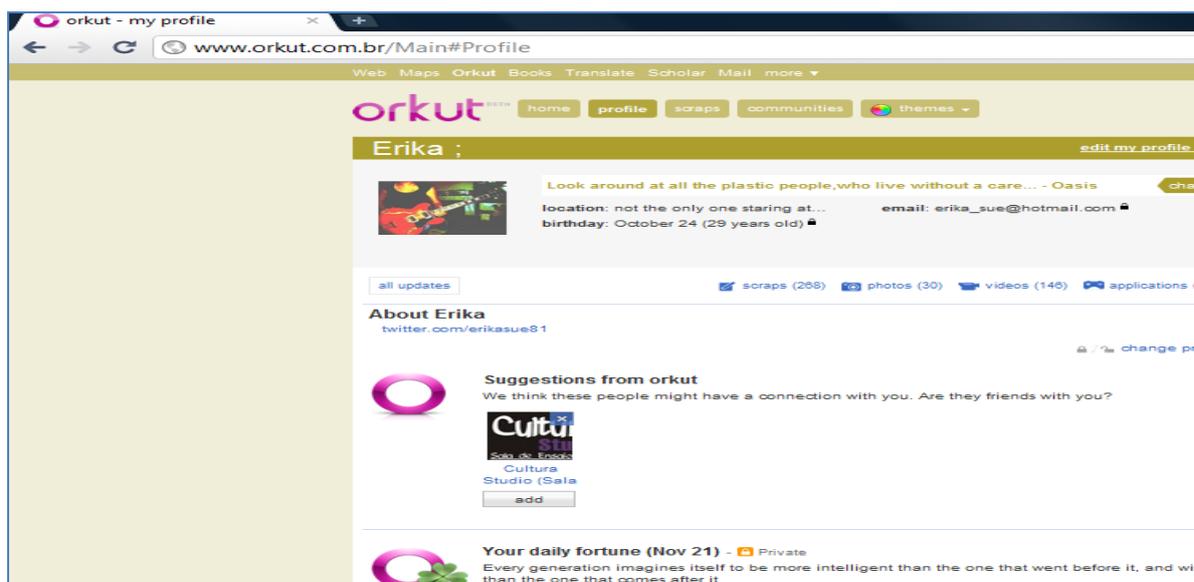


FIGURA 5 - Nova interface do Orkut

O funcionamento da rede social *Orkut* se dá por meio da interação entre seus usuários, com base em vínculos construídos no mundo *offline*, ou por meio da própria rede social, a partir da interação com novos amigos no ciberespaço. Uma forma comum de interagir com pessoas com as quais os usuários mantêm vínculos no mundo *online* (e *offline*), no *Orkut*, é por meio de suas comunidades.

## 5.2 AS COMUNIDADES DO *ORKUT*

Os próprios usuários do *Orkut* criam as comunidades dessa rede social, com o intuito de agregar indivíduos que se identifiquem com a proposta do grupo e que tenham interesse em participar das discussões do fórum da comunidade, estabelecidas por meio de postagens de tópicos e de comentários feitos a estes.

As comunidades da rede social *Orkut* são classificadas como comunidades virtuais por seu aspecto “não-presencial” e pelo sentimento que seus participantes possuem de pertencer ao grupo. Concordamos com Couto e Fonseca (2007), ao afirmarem que “[...] as comunidades virtuais são novas instâncias, em que os valores e interesses comuns são partilhados por outras formas de presenças” (COUTO e FONSECA, 2007, p. 03) e com Levy (1996), que, ao discorrer sobre os conceitos de comunidade virtual, afirma:

Uma comunidade virtual pode, por exemplo, organizar-se sobre uma base de afinidade por intermédio de sistemas de comunicação telemáticos. Seus membros estão reunidos pelos mesmos núcleos de interesses, pelos mesmos problemas: a geografia, contingente, não é mais nem um ponto de partida, nem uma coerção. Apesar de “não-presente”, essa comunidade está repleta de paixões e de projetos, de conflitos e de amizades [...] (LEVY, 1996, p. 20).

Segundo Rheingold (1993), as comunidades virtuais permitem a seus usuários estabelecerem debates públicos no ciberespaço. Para o autor, essas comunidades são “agregações sociais que emergem da Net [Internet] quando uma quantidade de gente leva adiante essas discussões públicas durante um determinado tempo, com emoção suficiente, para formar redes de relações pessoais<sup>85</sup> [...]” (RHEINGOLD, 1993, p. 04).

Rojo (1995, apud SOUZA, 2002), afirma que há diversos benefícios aos indivíduos que participam de grupos de discussões *online*, como, por exemplo:

Adquirir o sentimento de fazer parte de uma comunidade de interesse; ter a oportunidade de expressar idéias e sentimentos [e] ter a oportunidade de intensificar contatos com pessoas compartilhando interesses similares (ROJO, 1995, apud SOUZA, 2002, p. 98).

A interação entre os membros das comunidades virtuais do *Orkut* se dá por meio de discussões *online* assíncronas, nas quais os *orkuteiros* participam opinando, argumentando, perguntando, entre outras atividades discursivas. Suas manifestações permitem-nos observar não apenas o que é postado – no sentido da formulação do texto - mas também comportamentos, propósitos comunicativos, relações interpessoais, negociações etc.

Santana (2007), ao tratar das comunidades virtuais das redes sociais, afirma que

o indivíduo que participa de uma comunidade como o *orkut*, em sua maioria busca encontrar amigos e participar de discussões sobre temas de seu interesse nos fóruns de discussões em algumas das milhares comunidades disponíveis no *site* (SANTANA, 2007, p. 05).

Muitas vezes, porém, as comunidades do *Orkut* são utilizadas pelos *orkuteiros* apenas como uma ferramenta de identidade. Por exemplo, muitos usuários se filiam a comunidades de artistas musicais, atores, filmes, lugares, times de futebol, entidades públicas com as quais

---

<sup>85</sup> “[...] social aggregations that emerge from the Net when enough people carry on those public discussions long enough, with sufficient human feeling, to form webs of personal relationships [...]” (RHEINGOLD, 1993, p. 04). Tradução da autora.

se identificam pessoalmente, sem, contudo, participarem das discussões temáticas que ali ocorrem. Inglez (2009) comprova nossa observação quando comenta que:

Mais especificamente em relação à produção discursiva nos fóruns do *Orkut*, a forma como os usuários participam depende muito do tipo de comunidade em que se realiza a discussão. Há comunidades, como “compulsivas por brincos”, “cancerianas”, “adoro tomar sol” etc., às quais os usuários se filiam normalmente por se identificarem com o tema e não para propor discussões sobre o assunto. Nessas comunidades, a participação dos usuários restringe-se, basicamente, à filiação e a umas poucas trocas de informações, normalmente superficiais (INGLEZ, 2009, p. 191).

Esse sistema de identificação pessoal, por meio das comunidades, poderá contribuir para a construção dos traços de personalidade dos usuários do *Orkut*. Ao adicionar um amigo desta rede social, o indivíduo pode construir uma representação daquele amigo não apenas ao observar seu perfil, mas também ao observar suas comunidades.

A verificação do perfil de um *orkuteiro* também é feita por donos e moderadores de comunidades fechadas, ou seja, comunidades de acesso restrito (não-públicas). Quando um usuário pede para participar de uma comunidade fechada, sua filiação à mesma não é instantânea. A solicitação será avaliada pelos donos e moderadores da comunidade, e estes podem aceitar ou não o pedido de participação. Esse tipo de verificação fez-se necessário no *Orkut*, haja a vista a proliferação de perfis *fakes*<sup>86</sup> na rede.

A investigação do perfil e das comunidades de *orkuteiros* também ocorre para que moderadores observem se há divergências entre aquele usuário que enviou a solicitação de participação e os já agregados à comunidade, uma vez que algumas comunidades do *Orkut* assemelham-se a verdadeiros clãs, constituindo grupos fechados, que não permitem nem mesmo a visualização de fotos ou postagens na página da comunidade por não-membros, o que torna seus “laços sociais [...] mais seletivos, formados de acordo com os interesses das pessoas” (RECUERO, 2005, p. 12). Dificilmente um participante que, aparentemente, não demonstre interesses semelhantes aos dos membros de uma dada comunidade será aceito pelo grupo, pois não será possível estabelecer “laços associativos”<sup>87</sup> entre eles (RECUERO, 2005, p. 07).

Atestamos essas formas de restrição a usuários em comunidades como “*Odeio crente*”, de conteúdo privado (apenas seus membros podem visualizar as fotos dos

---

<sup>86</sup> “Falsos”.

<sup>87</sup> Os laços associativos, Segundo Goffman (1971, apud RECUERO, 2005), são aqueles laços que expressam sentimento de pertencimento a determinado grupo.

participantes e os tópicos dos fóruns) e acesso restrito (ao enviar a solicitação para participar de tal comunidade, o usuário não será aceito de imediato, como ocorre com as comunidades abertas), e “*Fora Lula*”, que, apesar do acesso restrito, possui conteúdo público, o qual pode ser visualizado por qualquer usuário do *Orkut*.

Verificamos, na figura que segue, a comunidade “*Odeio Crente*”, cuja descrição protesta contra uma matéria do jornal “*Folha Universal*”, de adeptos da religião protestante, os quais criticam a compra de ingressos da “juventude perdida” para um show da banda de rock “*Iron Maiden*”. Os participantes da comunidade “*Odeio Crente*” também expõem suas críticas aos fiéis, alegando que os mesmos pagam mensalmente às igrejas muito mais do que o valor do ingresso do show, para “entrar no céu”. A foto da comunidade é a manchete do jornal criticado.

Não foi possível verificar a produção discursiva dos fóruns dessa comunidade, pois não solicitamos participação a seu moderador. Na página da comunidade, há sua indicação como “restrita” (ou moderada) e de conteúdo privado (apenas para membros). Até a data presente (julho de 2010), a comunidade possuía 272 membros.



FIGURA 6 – página da comunidade “Odeio Crente”.

A figura que segue corresponde à comunidade intitulada “*Fora Lula*”, cuja finalidade é reunir usuários do *Orkut* que sejam “oposição” ao ex-presidente. De acordo com a descrição da comunidade, esta tem o propósito de “denunciar crimes e incompetências do PT”. A comunidade, como podemos verificar, possui 7 moderadores, e até a data de nossa visualização (julho de 2010), reunia 120.312 participantes.



FIGURA 7– página da comunidade “Fora Lula”.

Para obter informações sobre o internauta, a verificação de seu perfil por parte de moderadores das comunidades do *Orkut* é condição do ingresso deste no grupo. A propósito, Goffman (2009 [1975]) afirma que:

Quando um indivíduo chega à presença de outros, estes, geralmente, procuram obter informação a seu respeito ou trazem à baila a que já possuem. Estarão interessados na sua situação socioeconômica geral, no que pensa de si mesmo, na atitude a respeito deles, capacidade, confiança que merece etc. Embora algumas destas informações pareçam ser procuradas quase como um fim em si mesmo, há comumente razões bem práticas para obtê-las. A informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar [...] (GOFFMAN, 2009[1975], p. 11)

Portanto, segundo Goffman (2009 [1975]), a aceitação de um indivíduo por outros, está relacionada à confiança entre eles, e é somente ao longo da interação social que as inferências iniciais poderão ser ou não, comprovadas. Sobre isto, lemos em uma das regras da comunidade “*Belém*” (objeto de nossa análise), a seguinte determinação:

Regras da comunidade “Belém”
Usuários falsos serão banidos desta Comunidade sem aviso prévio, mas como identificar um usuário falso? O perfil do usuário deverá conter nome de gente, ter amigos, comunidades, quando um usuário trouxer desconfiança a moderação o mesmo será "investigado".

TABELA 5 - Regras da Comunidade “Belém”<sup>88</sup>.

É possível que um usuário queira participar de uma comunidade do *Orkut* de modo a defender seus pontos de vista sobre o assunto ali tratado (por exemplo, na comunidade “*Odeio Crente*”, um cidadão de religião protestante ou, no caso da comunidade “*Fora Lula*”, um militante do partido do ex-presidente Lula) e para que seja aceito pelos moderadores, crie um perfil *fake*. Sobre essa questão, observamos em Goffman (2009 [1975]) que um indivíduo poderá agir “de maneira completamente calculada, expressando-se de determinada forma somente para dar aos outros o tipo de impressão que irá provavelmente levá-los a uma resposta específica que lhe interessa obter” (GOFFMAN, 2009 [1975], p. 15).

Quando um usuário consegue a aprovação do moderador para participar de determinada comunidade do *Orkut*, ele submete-se às regras de bom convívio social expressas por seus moderadores. Nem todas as comunidades do *Orkut* possuem regras ou, pelo menos, nem todos os moderadores expressam as regras na descrição da comunidade. Encontramos, na comunidade “*Fora Lula*”, um tópico referente a suas regras, postado por uma de suas moderadoras:

Regras da comunidade “Fora Lula”:
Você é um membro desta comunidade, sendo assim, está sujeito a algumas regras de bom convívio social para que possamos manter a comunidade em um alto nível de relacionamento e no debate de idéias. Esperamos que todos os usuários cumpram essas regras para o bom andamento da comunidade e convivência no mesmo. E pedimos que todos acompanhem periodicamente esse tópico, porque o mesmo será atualizado caso seja preciso. Agradecemos a todos pela atenção e compreensão!

TABELA 6 - Descrição de regras da comunidade “Fora Lula”<sup>89</sup>.

Tais “regras para o bom andamento da comunidade e convivência” devem ser respeitadas pelos membros das comunidades do *Orkut*, sob a condição de estes serem

<sup>88</sup>Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=9098&tid=5297540777473464377&kw>>. Acesso em: 18 set. 2010.

<sup>89</sup>Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=73071&tid=5212186235360042704&kw=regras+da+comunidade>>. Acesso em: 18 set. 2010.

suspensos, expulsos ou terem seus tópicos apagados. As regras das comunidades também dizem respeito a comportamentos preconceituosos, desrespeitosos ou agressivos, como podemos observar nas regras da comunidade “*Belém*”, a seguir:

Regras da comunidade “ <i>Belém</i> ”:
Tópicos desrespeitosos, chulos, com agressões pessoais, sem noção e com suposições absurdas, podem ser excluídos sem aviso prévio ou pedido dos membros da comunidade no tópico ou no scrap da moderação. Usuários desrespeitosos serão advertidos somente uma vez. Na reincidência, serão banidos por uma semana - sendo a sua aceitação deverá ser pedida aos moderadores, em caso de nova ofensa serão removidos da comunidade.

TABELA 7 – Descrição de regras da comunidade “*Belém*”<sup>90</sup>.

Observamos que essas normas configuram-se como um contrato conversacional entre os membros das comunidades, conforme Fraser e Nolan (1981, apud OLIVEIRA, 2004) pontuam em seu estudo sobre polidez. Quaisquer transgressões dos falantes ao contrato conversacional estabelecido resultam em manifestações de impolidez, e pode levar à expulsão do membro infrator, o que, conseqüentemente, acabaria com a interação entre ele e os outros participantes da comunidade.

As regras de bom convívio social entre os membros de uma comunidade do *Orkut* também estão de acordo com o que Lakoff (1973, apud MURO, 2005) refere como polidez, pois constituem um conjunto de normas usadas para reduzir a possibilidade de conflito na interação.

Atestamos, igualmente, que essas regras estão pautadas no Princípio de Polidez de Leech (1983), já que ajudam a manter “o equilíbrio social e as relações amigáveis” (LEECH, 1983, p. 82) nas comunidades *orkuteanas*.

<sup>90</sup>Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=9098&tid=5297540777473464377&kw>>. Acesso em: 21 de set. 2010.

### 5.3 A COMUNIDADE “BELÉM”

A comunidade “*Belém*” foi criada em 5 de fevereiro de 2004, e agregava, até a data de nossa verificação (julho de 2010), 73.209 membros. A descrição da comunidade não propõe nenhum tema específico a ser tratado, mas, pelo *link* dos tópicos fixos<sup>91</sup>, apresentado em sua página, verificamos que os membros dessa comunidade virtual do *Orkut* têm interesse em discutir assuntos relacionados a aspectos históricos, sociais, culturais e políticos da cidade de Belém do Pará, o que pode ser comprovado pela postagem de tópicos como “*Comunidade Belém – Sobre a cidade de Belém*”, “*Fórum Social Mundial 2009 – Belém é sede*”, “*Copa 2014 – Belém candidata a subsede*”, “*Eleições 2010*” ou “*Programe sua diversão*”.

Há, inclusive, encontros promovidos pela própria comunidade, tais como campeonatos de futebol, almoço em celebração ao aniversário da cidade, festas temáticas ou eventos filantrópicos. Ademais, a comunidade também oferece tópicos de críticas, sugestões e de utilidade pública a seus membros.

Há 7 moderadores gerenciando a comunidade “*Belém*”, cujo conteúdo é aberto aos não-membros – isto é, as fotos dos participantes e os fóruns de discussão podem ser visualizados mesmo pelos não-participantes da comunidade. Sobre as regras da comunidade<sup>92</sup>, de acordo com seus moderadores, estas foram utilizadas em experiências prévias do corpo moderador em outras formas de comunicação virtual, tais quais *SkypeGroup*, *MSNGroup* e *mIRC*, sendo condensadas, posteriormente, em tópicos gerais na comunidade “*Belém*”.

---

<sup>91</sup>Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=9098&tid=5297541133955749945&k>>. Acesso em: 21 set. 2010.

<sup>92</sup>Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs.aspx?cmm=9098&tid=5297540777473464377&kw>>. Acesso em: 21 set. 2010.

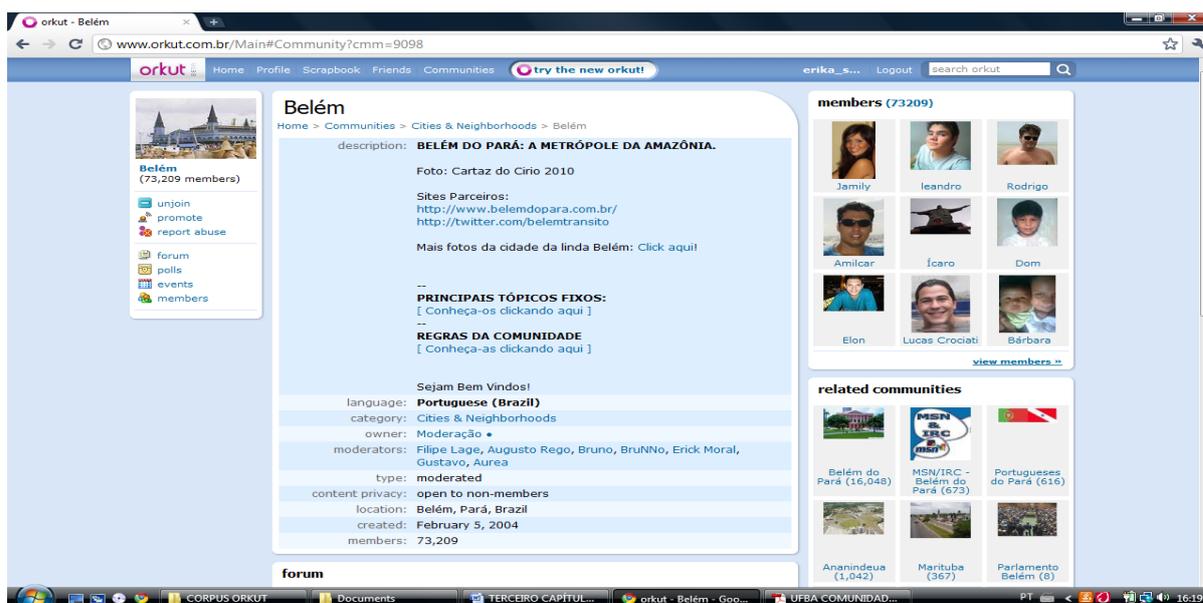


FIGURA 8 – Página da comunidade “Belém”.

Nossas observações nos permitem afirmar que a maioria dos participantes dos fóruns da comunidade “Belém” são jovens estudantes, universitários ou profissionais liberais, com idade média entre 17 e 35 anos. Durante a coleta de dados, constatamos que grande parte desses participantes procura manter-se bem informada (especialmente os moderadores), por meio de leitura de jornais ou revistas, opinando, respaldados por suas leituras, e contribuindo para a problematização de temas relevantes sobre a cidade de Belém, como nos exemplos que seguem, sobre os tópicos “Eleições 2010”<sup>93</sup> e “Bicicleta, uma alternativa viável para Belém”<sup>94</sup>:

A: Precisamos de candidatos inteligentes e políticos de verdade. Só vejo dois com um perfil diferente desses que estão aí: Arnaldo Jordy e Edmilson Rodrigues. Votaria em um desses dois.

D: bom, falando de eleição... Jatene está de volta e Jader ameaça voltar, ou seja, se um dos dois ganhar, o Pará fica pior q hj. Ana Júlia nem se fala... ⇨ Mas o Jordy, está fazendo um trabalho banca na CPI da Pedofilia e ah, nunca vi seu nome envolvido em nenhum escândalo...acho que ele é a menos pior das opções.

M: Sobre o Jordy, acredito que é um dos que melhor entende de orçamento, percebi nos debates para eleição da prefeitura, tem que saber disso pra não ficar falando besteira, como teve uma candidata que não entendeu uma pergunta que era justamente sobre a fonte de recursos para bancar uma de suas propostas. Porém ele não

<sup>93</sup>Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=9098&tid=5414087120227806604&na=3&nst=11&nid=9098-5414087120227806604-5414260039910901665>>. Acesso em: 22 nov. 2010.

<sup>94</sup>Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=9098&tid=543033367152506895>>. Acesso em: 22 nov. 2010.

tem equipe, vai acabar se juntando com as mesmas figurinhas repetidas.
--

TABELA 9 - fórum “Eleições 2010”.

L: [...] A cidade de Belém tem uma das melhores topografias do Brasil para o uso intensivo da bicicleta, mas o que vemos é um total descaso da prefeitura que só sabe pintar a ciclovia da Almirante Barroso enquanto que o piso está um autêntico lixo. Falta integração das ciclovias e ciclofaixas e as que tem foram pensadas só em se fazer exercício. Eu ando todos os dias de bicicleta pela ruas da nossa cidade e posso garantir que com todo o trânsito caótico eu prefiro andar de bicicleta do que andar de carro (que não anda) ou nos ônibus velho, sujos e mal conservados. A bicicleta é o mais ecológico de todos os meios de transportes. Não polui e de quebra ainda faz um bem danado para a saúde [...].
---

M: O maior problema além da falta de mais ciclovias na cidade é a bandidagem que vive de assaltar os ciclistas para revender as bicicletas com o objetivo de comprar drogas. O que tem que ser feito é o maior investimento em ciclovias e também em segurança pública, para amenizar o problema.
---

L: Inclusive, ao invés de os estudantes lutarem por passe livre em ônibus, deveriam lutar por mais ciclovias, principalmente que fossem até as universidades.
---

TABELA 10 - fórum “Bicicleta, uma alternativa viável para Belém”.

Os moderadores mostram que prezam por discussões devidamente organizadas, argumentando que postagens de caráter lúdico têm espaço reservado no tópico “*Boteco Belém*”, e propagandas devem ser postadas no link “*Events*<sup>95</sup>”, situado no canto esquerdo da página da comunidade.

Verificamos também que a moderação gerencia reclamações, sugestões, suspensões ou expulsões de membros por meio da comunidade “*Parlamento Belém*”, a qual faz parte da lista de comunidades relacionadas da comunidade “*Belém*”. A comunidade “*Parlamento Belém*” foi criada pelos moderadores com o intuito de organizar os conflitos de comunicação entre os membros, conforme verificamos nos depoimentos a seguir:

Penso que o perfil de moderador assim como o espaço “Parlamento”, que é uma comunidade vinculada à Belém (cmm=9098), servem justamente para o contato direto entre a moderação e os demais membros e se fazem necessários. Essa necessidade surgiu pelo fato de alguns usuários não saberem separar no mesmo perfil o membro do moderador. Moderadores podem ter opinião e devem expressá-las com a mesma participação dos restantes, se valendo do status apenas para controlar a comunidade, desde que suas ações sejam assinadas como “Moderação”. Grande parte das reclamações está por conta de usuários que não se dão ao trabalho de ler o tópico com as regras da comunidade Belém, a desinformação acaba gerando a visão de que moderadores por não ter seus perfis abertos para mensagens estão se colocando acima dos outros membros, quando na verdade existe um canal para essas situações que justamente é o “Parlamento”.
--

---

<sup>95</sup> “Eventos”.

Fizemos isso quando percebemos que era necessário centralizar e organizar um pouco mais as decisões sobre expulsões de usuários, exclusão de tópicos, suspensões, criação de regras, etc, já que a comunidade crescia num ritmo cada vez maior e ficaria difícil manter a ordem sem esse tipo de organização. Hoje, muitos usuários reclamam da falta de abertura dos moderadores por falta de informação (na verdade, por preguiça de ler as regras mesmo) ou porque, de fato, alguns moderadores (eu incluído) tem suas páginas de recados privadas, o que é natural, já que os moderadores são usuários normais do Orkut e tem o mesmo direito à privacidade que os demais.

[...] a necessidade surgiu quando o fluxo de participantes era maior. Percebi que os usuários da comunidade sempre querem que suas idéias estejam corretas, caso a idéia do próximo não o agrada, logo começa um atrito entre os mesmo. A comunicação entre a moderação e os usuários sempre existiu, inúmeras vezes usuário me procuram para saber o que aconteceu ( porque apagaram o tópico, ou porque tal pessoa foi expulsa). Para alguns usuários fica mais fácil abrir um tópico reclamando do que ir diretamente falar com a moderação.

TABELA 11 – Depoimentos dos moderadores da comunidade “Belém” acerca da comunidade “Parlamento Belém”.

The screenshot shows the Orkut community page for "Parlamento Belém". The page layout includes a navigation bar at the top, a community profile section on the left, a main content area with community details and a forum table, a members list on the right, and a section for related communities at the bottom right.

**Community Details:**

- description: MODERAÇÃO
- language: Português (Brazil)
- category: Government & Politics
- owner: Moderação
- moderators: Bruno
- type: moderated
- content privacy: open to non-members
- location: Belém, Pará, Brazil
- created: August 18, 2006
- members: 7

**Forum Table:**

topic	posts	last post
<input type="checkbox"/> Tópicos excluídos.	975	12/11/10
<input type="checkbox"/> Reunião - Moderadores	3	12/7/10
<input type="checkbox"/> Membros expulsos.	96	12/6/10

**Members (7):** Moderação, BruNo, Aurea, Gustavo, Bruno, Filipe Lage, Augusto Rego.

**Related Communities:** Belém (74,214), Belém do Pará (16,359), MSN/IRC - Belém do Pará (694), Portugueses do Pará (641), Belém Na Política (194), Ananindeua (1,126).

FIGURA 9 – página da comunidade “Parlamento Belém”.

Ainda sobre a organização da comunidade “Belém”, um dos moderadores afirma que postagens com títulos, tais quais, “Porquê?”, “TENHU UMA DÚVIDA!”, “Essa ninguém responde!”, “Alguma semelhança?”, “Pergunta Polêmica”, “O que vocês acham disso?”, “Por favor me respondam”, “Me ajudem por favor”, podem ser apagadas sem aviso prévio. É necessário, pois, que o usuário especifique o assunto de sua postagem, cooperando, assim, para a organização dos fóruns da comunidade.

Procurando manter a comunidade organizada, tópicos criados sem um "Assunto" devidamente especificado, poderão ser deletados. Ou seja: quando você criar um tópico, existe um lugar onde você deve explicar sobre o que é, qual o assunto do tópico.

TABELA 12 – Regras da comunidade “Belém”.

Além disso, tópicos não relacionados à cidade devem apresentar o termo [OFF] no título da postagem, e todo tópico que apresentar uma notícia de jornal ou de qualquer outro espaço do ambiente virtual deverá, obrigatoriamente, exibir o *link* da fonte original, resguardando os direitos autorais.

Todo tópico criado através de uma notícia de jornal ou site, deverá ter OBRIGATORIAMENTE sua fonte citada, com o link da notícia, caso contrário o tópico será deletado sumariamente, o motivo para tal exigência, é que toda declaração feita no orkut pode virar causa judicial, podendo a Google, a comunidade, dono, moderadores e membros responderem judicialmente por qualquer notícia veiculada em tópicos que não tiverem fundamentos e nem comprovação de realidade [...].

TABELA 13 – Regras da comunidade “Belém”.

Nossas observações nos permitem concluir que a comunidade “Belém” tem uma “produção discursiva intensa” (INGLEZ, 2009, p. 192), e muitas de suas discussões podem “servir como instrumento de reflexão [...]” (XAVIER; SANTOS, 2005, p.34), sobre assuntos relacionados à capital paraense.

#### 5.4 OS FÓRUMS DE DISCUSSÃO DO ORKUT

Segundo Araújo (2002), os fóruns de discussão *online* fazem parte de uma categoria das “Tecnologias de Informação”, denominada “Tecnologias de Comunicação”. Ainda segundo o autor, o fórum *online* é uma ferramenta digital, cujo sistema permite que as mensagens postadas fiquem “permanentemente exibidas e organizadas por linha de discussão (*thread*)”. O usuário apenas precisa ter acesso ao sistema do fórum na Web [...] para ler as mensagens e comentar as que desejar”. (ARAÚJO, 2002, p. 05).

De acordo com Xavier e Santos (2005), o fórum é um gênero discursivo cuja principal função é discutir problemáticas relacionadas a uma comunidade, com o intuito de encontrar soluções para as dificuldades geradas por tais problemáticas e de decidir colaborativamente sobre a implementação dessas soluções. Para os autores, o fórum *online* é uma reedição do gênero fórum de discussão, que, por meio das inovações tecnológicas, passa a ser “dotado de mais abrangências – *ubiquidade* – e participação irrestrita por qualquer indivíduo – *universalidade* – em torno de questões que lhe dizem respeito” (XAVIER; SANTOS, 2005, p. 30-31).

Para que o participante de uma determinada comunidade inicie uma nova discussão, ele deve clicar no *link* “novo tópico” e inserir o tema que será abordado na comunidade. Quando um membro quiser participar de uma discussão já em andamento, é necessário que este acesse o tópico de seu interesse e clique no *link* “responder”.

Ainda sobre o funcionamento dos fóruns de discussão das comunidades do *Orkut*, Inglez (2009) comenta:

As mensagens podem ter no máximo 2.048 caracteres, mas não há um limite para a quantidade de mensagens postadas, a não ser que haja restrições por parte do dono da página ou dos mediadores. Os fóruns em andamento ficam armazenados na página da comunidade e são organizados de acordo com a ordem temporal das contribuições (dos fóruns que possuem contribuições mais recentes para os com contribuições mais antigas) (INGLEZ, 2009, p. 190).

A interação nos fóruns de discussão do *Orkut* é uma interação focalizada (GOFFMAN, 1961, apud PRETI, 2002), uma vez que sua principal característica é o desenvolvimento de um tópico, com um foco em comum. As discussões dos fóruns das comunidades *orkuteanas* são (relativamente) planejadas e replanejadas no curso da interação, se considerarmos que o tempo de produção dos enunciados não é igual ao tempo de recepção. Portanto, por ser uma Tecnologia de Comunicação assíncrona, há mais possibilidade de revisões ou correções nos textos postados nos fóruns, diferentemente do que ocorre em *chats* casuais ou em conversações face a face.

## 5.5 OS FÓRUNS DE DISCUSSÃO DA COMUNIDADE “BELÉM”

Sobre a comunidade “*Belém*”, especificamos, verificamos que, na opinião de seus moderadores, os fóruns de discussão daquela comunidade são espaço de informação e reflexão sobre as temáticas tratadas acerca da capital paraense. Nos fóruns da comunidade “*Belém*”, é possível haver trocas de experiências e aprendizado por meio de discussões enriquecedoras, conforme atestam os depoimentos de seus moderadores:

<p>A comunidade é um grande aprendizado, varias pessoas com idéias bem diferentes da pra se aproveitar boas coisas que escrevem e levar para nosso cotidiano. Nosso diferencial é buscar a melhor informação tal tema abordado. Cada membro que faz um tópico creio que ele quer informar aos outros de algo importante de esta acontecendo ou aconteceu, alguns membros levam na brincadeira, dando pouca importância para o conteúdo, mas a grande maioria ou esta se informando pela primeira vez ou enriquecendo seu pensamento sobre o tema abordado.</p>
--

<p>[...] Existem threads (linhas de pensamento) muito bem formuladas para debates. Assuntos como violência, saúde e saneamento podem ser considerados os mais discutidos juntamente com aspectos culturais como musica dança etc. Por ser uma comunidade que não permite jogos, a Comunidade Belém é freqüentada por usuários com idade em média superior a 16 anos (apenas uma estimativa), alguns aparentam até mesmo 60, 70 anos de idade, logo são pessoas com experiência de vida, estudantes ou profissionais nas diversas áreas de nossa cidade e que convivem de forma mais séria com as problemáticas existentes nela, isso facilita o entendimento e torna o debate mais enriquecedor. Volto a ressaltar que o fato de não aceitar jogos e também de ter uma moderação presente e de certa forma esclarecida, além é claro de que as notícias postadas terem fonte previamente informada, esses são fatores de grande importância para a seriedade nas discussões.</p>
--

TABELA 14 - Depoimentos de moderadores da comunidade “*Belém*” sobre seus fóruns de discussão.

É possível observar a dinamicidade dos fóruns da comunidade “*Belém*”, pela participação ativa de seus usuários, comprovada por uma “[...] memória que vai sendo construída por meio da interação [...]” (FÁVERO *et al.*, 2010). Ou seja, embora as mensagens não sejam trocadas de maneira instantânea, os participantes do fórum permanecem em “estado aberto de fala [...], como se fosse acrescentada apenas [...] outra troca em uma conversa já em andamento” (GOFFMAN, 2002 [1979], p. 122). De fato, este “estado aberto de fala” é constatado pela necessidade que os participantes têm em recorrer às postagens antigas para se

atualizarem na discussão e, também, pelo fato de as postagens darem continuidade aos assuntos dos fóruns, neutralizando o hiato de tempo entre as intervenções.

Em nosso trabalho, analisamos não apenas o contexto de produção textual das postagens, mas, sobretudo, os elementos do contexto, que podem vir a influenciar a organização do texto em si: o lugar (ou cena), os propósitos e os participantes (KERBRAT-ORECCHIONI, 1990).

Também observamos as pistas de contextualização (as quais serão nossa ferramenta de trabalho para analisar os *footings* dos participantes) e as relações interpessoais (que nos ajudarão a determinar o quadro participativo e os enquadres interativos das interações investigadas). Todos esses aspectos serão retomados no próximo capítulo, quando trataremos especificamente do *corpus* selecionado.

Consideramos em nosso trabalho o contexto das práticas sociodiscursivas desenvolvidas em sete fóruns de discussão da comunidade “Belém”, relacionados à Universidade Federal do Pará (UFPA), quais sejam:

- “UFPA ADIA DIVULGAÇÃO DO LISTÃO DA SEGUNDA ETAPA”
- “UFPA X UNAMA”
- “COTAS PARA ÍNDIOS NA UFPA”
- “SOLUÇÃO PARA COTAS – UFPA”
- “FIM DO PSS!”
- “[OFF] PROVA DE REDAÇÃO DA UFPA É CRITICADA”
- “[OFF] PROVA DA UFPA VOLTA A SER CONTESTADA”

Tais fóruns se configuram como um “lugar” de interação (FÁVERO *et al.*, 2010; KERBRAT-ORECCHIONI, 1990) de universitários, professores ou vestibulandos residentes na capital paraense, que possuem ou não, vínculos no mundo *offline* com a UFPA.

Acerca do funcionamento dos fóruns da comunidade analisada, apresentamos a seguir como as discussões efetivamente se iniciam nos fóruns.

Para criar um tópico, os membros da comunidade devem clicar no item “*new topic*”, disponibilizado na página principal da comunidade, abaixo do item “*forum*”, como nos mostra a figura a seguir:

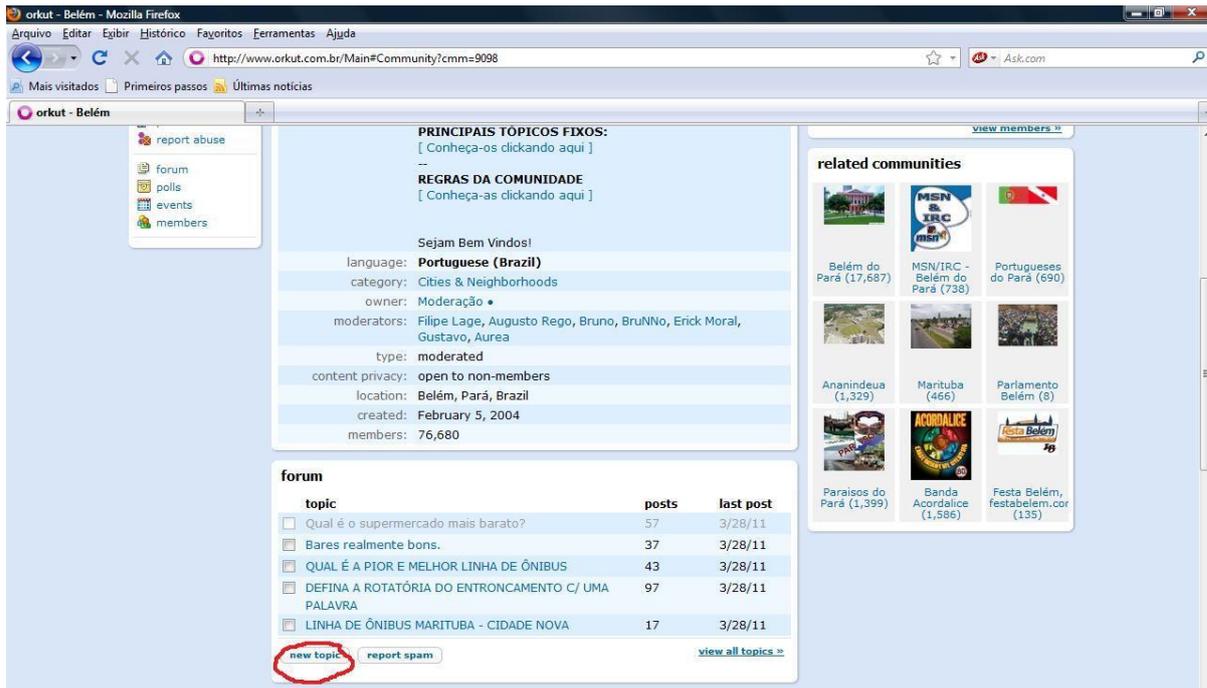


FIGURA 10 – Página principal da comunidade “Belém”.

Em seguida, uma nova página será carregada no *site* e uma nova página será aberta, para que o membro preencha e então poste sua mensagem.

Na página do novo tópico a ser postado, aparecem, do lado esquerdo, a imagem da comunidade, o nome da comunidade e a descrição do número de membros; logo abaixo observamos ainda os itens fórum, pesquisas, eventos, membros e o “visualizar perfil”, que é o *link* da página principal da comunidade.

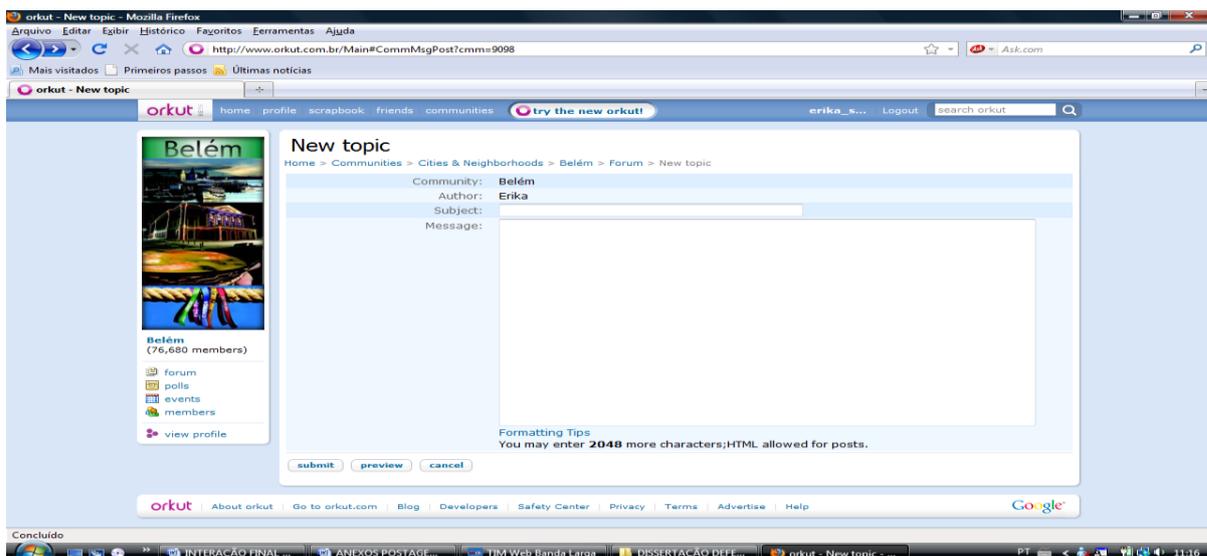


FIGURA 11 – Página da comunidade “Belém” utilizada pelos usuários para inserir novos assuntos nos fóruns.

Como podemos atestar, no lado direito, aparecem o nome da comunidade novamente, o nome do autor da mensagem, o assunto (*subject*) e o formulário do corpo da postagem a ser escrita. Os moderadores da comunidade “Belém” exigem, para efeito de organização, que o campo “assunto” seja sempre preenchido; as postagens que não seguirem tal regra podem ser deletadas instantaneamente.

Observamos, na análise de nosso *corpus*, dois principais tipos de intervenções dos participantes na comunidade “Belém”. O primeiro, diz respeito àquelas postagens em que um membro diretamente propõe uma discussão sobre determinado assunto, instigando os outros membros a debaterem sobre temas polêmicos, como atestamos nos fóruns “*SOLUÇÃO para COTAS – UFPA*” e “*UFPA X UNAMA*”:

### Fragmento 1

Z.F (52): **SOLUÇÃO para COTAS – UFPA.**

Galera, muito já foi dito sobre as cotas... uns são contra outros a favor. Eu sou contra as cotas, mas realmente acho que deveria ter uma SOLUÇÃO... a Melhor solução, é melhorar a educação pública, isso é indiscutível, porém, com os nossos queridos políticos, fica meio complicado...A minha solução portanto seria: GRATUIDADE na INSCRIÇÃO do VESTIBULAR para 50% dos estudantes de escolas públicas, sendo 40% entre pretos e índios! Qual a sua solução?

### Fragmento 2

W(24): **UFPA X UNAMA!!!**

gente, gostaria muito da ajuda de vcs!!! Queria saber dos senhores, qual a melhor faculdade de Belém?? queria levar em consideração todos os aspectos, tanto infra-estrutura quanto o ensino ministrado!! Posso pagar uma particular como a UNAMA, mas gostaria de ir para a melhor, onde no final do curso eu não saia sem aprender nada, e tenha nesse diploma uma boa referência pra conseguir um bom emprego!! Desde já agradeço as opiniões!!! abraços..

C(25):A melhor faculdade é a sua vida mesmo !Diploma é importante mas a não ser que seja Harvard (como já disseram hehe) ou alguma dessas, não vai fazer mágica. Aposte sim em pós, mestrado, doutorado. Escolha a faculdade que vc acha que tem os melhores professores da sua área.

A (26):W, Estudei um tempo na UFPA, mas acabei indo pro CESUPA e me formando lá. O que pude perceber, em ambas, é que se você aprende alguma coisa até o final do curso, o mérito é principalmente seu. Professores e instituição podem contribuir positivamente e negativamente, mas o fator principal é a sua vontade de aprender.

Já o segundo tipo de intervenção dos fóruns da comunidade “Belém”, diz respeito àquelas postagens que, apesar de também possivelmente instaurarem polêmica e deflagrarem discussões acirradas, não partem de uma solicitação ou pergunta direta dos participantes. Nesse último caso, os membros se utilizam de uma notícia (e de sua fonte), por exemplo, para postarem seus tópicos, ou, ainda, simplesmente anunciam algo que pode vir a gerar um debate, como verificamos nos fóruns “*UFPA adia divulgação do listão da segunda etapa*” e “*FIM DO PSS*”.

### Fragmento 3

<p>W (1): <b>UFPA adia divulgação do listão da segunda etapa.</b></p> <p>O coordenador pedagógico do Centro de Processos Seletivos da Universidade Federal do Pará (UFPA), professor Joaquim Maia, informou ontem, por meio de nota, que, em virtude do atraso de entrega dos documentos dos candidatos do interior do Estado e do maior rigor na análise dos documentos dos cotistas, o anúncio do resultado da prova da segunda etapa do Processo Seletivo Seriado (PSS) da UFPA foi adiado. O resultado estava previsto para ser divulgado ontem. A instituição ainda não definiu uma nova data para a divulgação dos aprovados para a terceira etapa.</p> <p><b>Fonte:</b> <a href="http://www.diariodopara.com.br/noticiafullv2.php?idnot=77797">http://www.diariodopara.com.br/noticiafullv2.php?idnot=77797</a></p>
L (2): Eles estão procurando a minha prova pra me eliminar! Eles não me querem lá!
F (3): Pessoal ja deram alguma previsão pra anunciarem?
E (4): Eles estão procurando a minha prova pra me eliminar! Eles não me querem lá! [2],nao q precisem adiar pra q isto ocorra comigo,mas,tah valendo
W (5): O listão já está disponível no site do CEPS - UFPA: <a href="http://www.ceps.ufpa.br">www.ceps.ufpa.br</a>

### Fragmento 4

X(80): <b>FIM DO PSS!</b>
C.(81): sério mesmo? bom saber...nunca gostei dele mesmo! Pena que não foi feito isso a dois anos atrás!! Hehe
E.M(82): a fonte por favor?
C.(83): se foi aprovado "ontem" no consepe, é dificil ter uma fonte agora...mas se for o caso, se não tiver no jornal hoje, amanha ou segunda estará nos jornais concerteza
B.P.(84): Engraçado, quando eu era estudante do ensino médio, absolutamente ninguém -- NINGUÉM --

gostava da prova única de começo de ano, com quantas fases fossem que elas tivessem. Na época, o PRISE da Uepa tinha acabado de ser implantado, e todo mundo era louco que ele fosse feito em todas as outras. Aí fizeram o PSS da Federal, e hoje em dia tão batendo palmas porque ele acabou? Acho que o que não querem mesmo é estudar, eu hein?

C(85): eu particularmente, nunca gostei desse tipo de avaliação, preferia mil vezes a prova punico, no 3º ano. Sem falar que preferia cem mil vezes que retornasse por área: CB, CE, CH... etc...

A definição dos assuntos das postagens é o primeiro índice de respeito às normas estipuladas pelos moderadores da comunidade “Belém”.

Como observamos nos fóruns “UFPA adia divulgação do listão da segunda etapa” e “Solução para cotas – UFPA”, ao especificar o assunto da postagem e citar a fonte de onde retirou a nota sobre a lista de aprovados da UFPA, os participantes demonstram que estão dispostos a cooperar, em conformidade com o contrato social da comunidade - contrato este que confere aos interactantes direitos e deveres (FRASER e NOLEN, 1981, apud OLIVEIRA, 2004) para manter “o equilíbrio social e as relações amigáveis” (LEECH, 1983, p. 82). Tais atitudes evidenciam interesse pelos desejos e necessidades dos outros participantes do fórum.

Os enunciados em negrito, observados nos fragmentos 5 e 6, revelam que os dois participantes, responsáveis pela abertura dos tópicos, demonstram deferência tanto pelas regras de participação quanto pelos outros membros da comunidade, ao obedecerem a duas das principais normas da comunidade: obrigatoriedade da descrição do assunto tratado e, caso o autor do tópico se utilize de alguma fonte, citação do *link* de onde a informação foi retirada.

### **Fragmento 5**

Z (52): **SOLUÇÃO para COTAS – UFPA.**

Galera, muito já foi dito sobre as cotas... uns são contra outros a favor. Eu sou contra as cotas, mas realmnte acho que deveria ter uma SOLUÇÃO... a Melhor solução, é melhorar a educação pública, isso é indiscutível, porém, com os nossos queridos políticos, fica meio complicado...A minha solução portanto seria: GRATUIDADE na INSCRIÇÃO do VESTIBULAR para 50% dos estudantes de escolas públicas, sendo 40% entre pretos e índios! Qual a sua solução?

### **Fragmento 6**

W (1): **UFPA adia divulgação do listão da segunda etapa.**

O coordenador pedagógico do Centro de Processos Seletivos da Universidade Federal do Pará (UFPA),

professor Joaquim Maia, informou ontem, por meio de nota, que, em virtude do atraso de entrega dos documentos dos candidatos do interior do Estado e do maior rigor na análise dos documentos dos cotistas, o anúncio do resultado da prova da segunda etapa do Processo Seletivo Seriado (PSS) da UFPA foi adiado. O resultado estava previsto para ser divulgado ontem. A instituição ainda não definiu uma nova data para a divulgação dos aprovados para a terceira etapa.

**Fonte:** <http://www.diariodopara.com.br/noticiafullv2.php?idnot=77797>

As regras sobre as condições para a especificação do assunto dos tópicos e citação das fontes utilizadas nas postagens, estipuladas pelos moderadores da comunidade “*Belém*”, podem ser conferidas a seguir:

Regras da comunidade “*Belém*”<sup>96</sup>:

1. Procurando manter a comunidade organizada, tópicos criados sem um "Assunto" devidamente especificado, poderão ser deletados. Ou seja: quando você criar um tópico, existe um lugar onde você deve explicar sobre o que é, qual o assunto do tópico.
2. Todo tópico criado através de uma notícia de jornal ou site, deverá ter OBRIGATORIAMENTE sua fonte citada, com o link da notícia, caso contrário o tópico será deletado sumariamente, o motivo para tal exigência, é que toda declaração feita no orkut pode virar causa judicial, podendo a Google, a comunidade, dono, moderadores e membros responderem judicialmente por qualquer notícia veiculada em tópicos que não tiverem fundamentos e nem comprovação de realidade [...].

Sobre a estrutura da interação dos fóruns da comunidade *Belém*, compreendemos que esta, em geral, apresenta a seguinte sequência: proposição de um tópico e reação ao tópico. Não há nenhum registro na comunidade *Belém* de tópicos que por ventura ficaram sem respostas, como ocorre, por exemplo, em comunidades de pouca prática discursiva no *Orkut*.

Outra característica da interação dos fóruns é que o tópico não apresenta necessariamente um fechamento, já que as discussões podem ser retomadas a qualquer instante, haja vista que as mensagens ficam registradas no painel do próprio fórum (a menos que sejam deletadas pelos moderadores da comunidade).

Por exemplo, se uma postagem data do ano de 2005 e um membro desejou retomar aquela discussão em 2006, ele recorre ao painel do fórum e continua o tópico, postando sua opinião ou comentário na sequência das intervenções. Os exemplos a seguir ilustram nossa observação. O fórum “*UFPA X UNAMA*” foi aberto no dia 17 de março de 2005 e as duas últimas postagens datam de 14 de abril de 2006 e 28 de maio de 2006:

<sup>96</sup> Tais regras foram apresentadas no capítulo 3 deste trabalho.

### Fragmento 7

<b>3/17/05</b>
W(24): UFPA X UNAMA!!! gente, gostaria muito da ajuda de vcs!!! Queria saber dos senhores, qual a melhor faculdade de Belém?? queria levar em consideração todos os aspectos, tanto infra-estrutura quanto o ensino ministrado!! Posso pagar uma particular como a UNAMA, mas gostaria de ir para a melhor, onde no final do curso eu não saia sem aprender nada, e tenha nesse diploma uma boa referência pra conseguir um bom emprego!! Desde já agradeço as opiniões!!! abraços..
[...]
<b>4/14/2006</b>
F (37): [...] Em se tratando de universidade particular ou pública na região norte e nordeste é uma coisa, te forma e vai tentar uma pós-graduação em uma USP da vida, os caras não querem nem saber se vc fez Unama ou Ufpa , simplesmente te desqualificam e te mandam de volta para a sala de aula para preencher a grade do teu curso com materias que vc nem sonha que existem e ai meu amigo, são mais dois anos até vc chegar na sua pós-graduação...[...]
<b>5/28/2006</b>
I (38): Tenho muito orgulho de ter estudado na Federal. Por diversos motivos. Em relação a onde se aprende mais, estou convencida que isto depende, unicamente, da pessoa. Vejo textos feitos por pessoas consideradas cult que me dão vontade de chorar, tal a primariedade dos erros ortográficos. O mundo é voce. O teu valor pessoal é que, sempre, fará diferença.

A respeito das pistas lingüísticas e paralingüísticas utilizadas pelos participantes no contexto dos fóruns, verificamos que, como não há gestos, olhar, tom de voz etc. - elementos comuns em encontros sociais face a face - *emoticons*, letras maiúsculas, palavras em negrito ou itálico e onomatopéias, são responsáveis por sinalizar a emoção, o humor e o modo como os interactantes operam nos debates dos fóruns. Esses elementos constituem, portanto, em conjunto com as escolhas léxico-gramaticais, as pistas de contextualização dos fóruns analisados.

## A INTERAÇÃO NOS FÓRUNS DA COMUNIDADE “BELÉM”

*[A Internet] dá uma nova noção de interação social. Este é o primeiro aspecto que gostaria de frisar na natureza das novas tecnologias que não são anti-sociais, como alguns supuseram, mas favorecem a criação de verdadeiras redes de interesses.*

*Luis A. Marcuschi*

Neste capítulo, trataremos dos aspectos interacionais analisados nos sete fóruns selecionados da comunidade “Belém”.

### 6.1 SOBRE O CONTEXTO DOS FÓRUNS ANALISADOS

Com base no estudo de Kerbrat-Orecchioni (1998) sobre os componentes básicos do contexto de uma interação, os fóruns de discussão da comunidade “Belém” organizam-se da seguinte forma:

Quanto à cena ou lugar, compreendemos que o site *Orkut* é o lugar mais amplo, o lugar que agrega outros “lugares *online*” dentro dele: comunidades e fóruns.

Quanto ao quadro temporal, este constitui os diferentes estágios do desenrolar das interações. Deste modo, o primeiro estágio do contexto da interação em um fórum é a abertura do tópico. O segundo estágio, por sua vez, seria uma resposta àquele tópico. Dentro de um tópico sobre determinado assunto, outros assuntos podem ser inseridos, de acordo com o desenrolar da interação.

A ordem cronológica das postagens também é relevante, pois, como vimos, um membro pode retomar discussões passadas (de anos ou meses atrás) a qualquer instante, o que ratifica o “estado aberto de fala” (GOFFMAN, 2002 [1979]. p. 122), presente nas discussões forenses.

Quanto ao propósito (ou objetivo) da interação, Kerbrat-Orecchioni (1998) afirma que este se localiza entre o lugar e os participantes da interação. Há objetivos prévios, denominados “objetivos globais” e objetivos construídos ao longo da interação, denominados de “objetivos pontuais”.

Os objetivos prévios dos participantes de um fórum, de acordo com nossas observações, referem-se à fomentação de discussões temáticas, que geralmente se iniciam em tom formal, por meio de argumentações, comentários e sugestões.

Esses objetivos prévios ou globais concernem à tentativa de conseguir a adesão do outro ao estado de coisas discursivizado. Os debates são, em sua maioria, calcados em um objetivo ilocucional fundamental do enunciador: “que o enunciatário ‘creia em algo”” (HILGERT, 2002, p. 104).

Para alcançar os objetivos globais é necessário que o enunciador percorra um longo caminho durante o debate, no decorrer do qual, objetivos específicos (pontuais) são construídos. Fundamentar, justificar, exemplificar, parafrasear e explicar, são algumas das atividades que os participantes dos fóruns realizam durante os debates, no intuito de atingir o objetivo global das discussões forenses – que é o de convencer uns aos outros sobre a pertinência de suas posições.

Os objetivos pontuais, por seu turno, são construídos a cada intervenção. Críticas ou motejos, por exemplo, que acirram os ânimos dos participantes durante os debates, fazem os interactantes dos fóruns, algumas vezes, perderem o foco da discussão e, conseqüentemente, os objetivos ditos globais. Algumas críticas convertem-se em ofensas pessoais e são verbalizadas até mesmo com palavras de baixo-calão.

Quanto aos participantes do quadro comunicativo, há que se considerar, de acordo com Kerbrat-Orecchioni (1998), as características **individuais** dos interactantes – idade, sexo, etnia; **sociais** – profissão, *status*; e **psicológicas** – humor etc.

Nesse aspecto, verificamos que a idade média dos participantes dos fóruns investigados é de 17 a 35 anos, com um maior número de *orkuteiros* do sexo masculino (não atentamos para o elemento etnia em nossa análise). Coletamos os dados sobre idade e sexo dos participantes das discussões observando seus perfis no *site* Orkut e por meio de informações postadas nos fóruns.

Os dados sociais dos usuários nos permitem afirmar que a maioria dos participantes tem nível superior ou médio (no caso de estudantes de ensino médio, estes estão pleiteando uma vaga em alguma universidade). Tais dados foram coletados não só a partir da observância dos perfis como também por meio das próprias postagens analisadas.

As características psicológicas consideradas em nossa análise dizem respeito diretamente ao humor dos interactantes, verificado a partir de comportamentos manifestados nas próprias postagens (motejos, críticas contundentes ou agressivas, ironia etc.).

## 6.2 SOBRE O QUADRO PARTICIPATIVO

Em termos gerais, os fóruns de discussão *online* naturalmente rompem com o paradigma tradicional “falante-ouvinte” dos encontros diáticos, haja vista a existência de vários participantes que podem reagir à fala daquele que posta no fórum.

Dentre os participantes dos fóruns analisados, observamos os ratificados e os circunstantes (GOFFMAN, 2002 [1979]). Os participantes ratificados são os oficiais às discussões forenses; os participantes circunstantes, por seu turno, são aqueles indivíduos que tão somente visitam os fóruns das comunidades, sem, contudo, estarem filiados às comunidades.

Os membros da comunidade são sempre participantes oficiais, ainda que não participem das discussões postadas. Em termos gerais, todos os participantes da comunidade e dos fóruns são, indistintamente os endereçados da mensagem; porém, há, por vezes, na mensagem, índices de alocação que a destinam participantes em particular.

Considerando a impossibilidade de se observar expressões faciais, desvio de olhar ou gesticulação nos fóruns eletrônicos, o reconhecimento dos participantes endereçados se dá exclusivamente por meio dos **índices de alocação**, como podemos verificar nos trechos em negrito do fragmento 8, referente ao fórum “*UFPA adia divulgação do listão da segunda etapa*”.

### Fragmento 8

F (3): <b>Pessoal</b> ja deram alguma previsão pra anunciarem?
[...]
W (5): O listão já está disponível no site do CEPS - UFPA: <a href="http://www.ceps.ufpa.br">www.ceps.ufpa.br</a>
L (6): Ufa, passei... Agora a concorrência do meu curso caiu para 2 para 1. Ou seja, é só tirar um par ou ímpar, ou então uma disputa de Mortal Combat, pra ver quem passa.

F (7): <b>L, cara</b> onde <b>voce</b> viu a demanda por curso pra 3° fase??
--

O participante **F**, na intervenção 3, do fragmento 8, por meio da forma “*peessoal*” coloca em evidência a interatividade inerente ao fórum de discussão, posto que mesmo sem o vocativo “peessoal”, o enunciado seria dirigido a todos.

Portanto, o endereçamento coletivo pode vir marcado na superfície textual, como no caso de “*Pessoal ja deram alguma previsão pra anunciarem?*” ou pode ser endereçado somente a uma pessoa, como nos mostra a intervenção 7, do participante **F**, no mesmo fragmento 8: “**L, cara** onde **voce** viu a demanda por curso pra 3° fase??”.

A escolha de **F**, nos enunciados 3 e 7, pela pergunta direta (*Pessoal ja deram alguma previsão pra anunciarem?*/ **L, cara** onde **voce** viu a demanda por curso pra 3° fase?), sem o uso de modalizadores, indica que o participante pressupõe vínculos próximos entre ele e seus colegas de fórum, refletidos nos endereçamentos “*peessoal*” e “*L, cara...*”, o que confere à interação uma atmosfera de informalidade.

Ainda sobre os endereçamentos nos fóruns analisados, observemos o fragmento do mesmo fórum - “*UFPA adia divulgação do listão da segunda etapa*”:

### Fragmento 9

E (9): Sei que não tem nada a ver com o temas, mas... Caramba eu tava vendo as notas de corte no PROUNI de alguns estados e eu não entendo como reclamam tanto da educação e as notas de Belém tão bem elevadas, bem expressivas em relação a outros estados como por exemplo RJ e SP ! Já olhei umas três vezes pra comprovar se eu não tô delirando. Hauhauhau. <b>Égua se desse p/ mim ir</b> pra lá eu escolhia um curso bom e passava tranquilo, já aqui em Belém tá meio difícil !! Manaus tbm tá com notas muito baixas, acho que vou pra lá ou pra Porto Velho sei lá. haha'
--

J (10): <b>Égua!!!! parei no "Égua se desse p/ mim ir pra lá"....</b>
---

E (11): J, eu não entendi o porque desse comentário ! [...]
---

J (12): <b>Ok... vamos ajudar o colega. O certo seria: ""Égua se desse p/ eu ir pra lá".... ok?</b>
---

E (15): <b>Desde quando o orkut nos pede ou nos exige pra escrevermos na forma culta ? ai ai</b>
--

M (16): <i>Desde quando o orkut nos pede ou nos exige pra escrevermos na forma culta ? ai ai</i>
--

**Meu chapa**, como se escreve aqui demonstra muita coisa. Atualmente, bastantes empresas contratam ou

selecionam candidatos bisbilhotando o perfil do mesmo nas redes sociais virtuais. Além do mais, tem o vício. **Se escreve** errado aqui, numa redação de vestibular vai errar. **Cuidado!**

E(17): **M,**

É, pode ser verdade mas eu sei distinguir uma escrita para orkut e outra para uma prova de redação que com certeza eu pensaria duas vezes antes de escrever ! Infelizmente é isso, nós temos que nos adaptar ao nosso meio, o orkut ! Mas fica só aqui mesmo...

Sobre os endereçamentos no fórum, um índice de alocação comum que sinaliza o endereçamento das mensagens naquele espaço, é a citação direta, marcada pela repetição de postagens dos participantes. Assim, observamos que o participante **M**, na postagem 16, inicia sua mensagem repetindo o que **E** escreveu previamente, na postagem 15. A citação direta das palavras de **E** indica que **M** o interpela diretamente e, de certa forma, o convoca a manifestar-se.

Outros índices de alocação são sintagmas nominais, como, por exemplo, “*Meu chapa*” e a elipse do pronome “*você*”, (“*Se escreve errado aqui, numa redação de vestibular vai errar.Cuidado!*”), verificados na intervenção de **M**, no fragmento 9. A resposta de **E**, na intervenção 17, atesta que este se reconhece na fala de **M**, já que foi ele quem cometeu o desvio gramatical criticado por **M**.

Nos fóruns de discussão *online*, assim como ocorre nas interações face a face, também há, conforme as pressões do contexto, inversões na ordem hierárquica dos destinatários das mensagens.

No fragmento 10, a continuação da discussão sobre escrita formal/informal em ambientes digitais nos permite observar a ocorrência do fenômeno referido por Kerbrat-Orecchioni (2006), como tropo comunicacional. A propósito, vejamos:

### **Fragmento 10**

E(17): **M,**

É, pode ser verdade mas eu sei distinguir uma escrita para orkut e outra para uma prova de redação que com certeza eu pensaria duas vezes antes de escrever ! Infelizmente é isso, nós temos que nos adaptar ao nosso meio, o orkut ! Mas fica só aqui mesmo...

R.D(18): "**Internetês**" virou argumento modinha para se escrever "errado"...Tsc.maudita incrusaum dijítai

E (19): **Argumentando ? Tem certeza ? Não devo satisfação a ninguém, apenas me deu vontade de responder e pronto ! O "pobrema" é meu ! E a internet não é motivo de desculpa para se escrever errado,**

**aprende a interpretar direito senhor "sabidão"**, eu disse que o orkut não exige que eu escreva certo ou qualquer outra pessoa e sim que a forma que nós escrevemos não vai fazer a menor diferença aqui ! Tô nem ai pra isso, o importante é não errar na hora que precisar ! [...].

No fragmento 10, em resposta à intervenção 17 do participante **E**, observamos que o participante **R.D.**, na intervenção 18, não faz do participante **E** seu destinatário direto - uma vez que não há índices de alocação explícitos que comprovem tal endereçamento.

Contudo, o conteúdo do enunciado “*Internetês’ virou argumento modinha para se escrever errado*” sinaliza que a mensagem é realmente endereçada a **E**, pois previamente este participante afirma estar ciente da necessidade de se distinguir a escrita do *Orkut* da escrita de uma prova de redação do vestibular.

O participante **R.D.**, conforme observamos na intervenção 18, diz ao participante **E** que este usa o “*Internetês*” (escrita informal da *Web*) para justificar seus desvios gramaticais. Entretanto, **R.D.** não acusa diretamente o participante **E** de cometer desvios, mas de utilizar o “*internetês*” como licença gramatical para os mesmos.

É possível reconhecer que “*internetês*” e “*errado*” se referem ao desvio gramatical de **E**, pois a postagem foi imediata à do vestibulando. Além disso, o uso de aspas em “*Internetês*” e “*errado*” indica que **R.D.** dirige sua crítica ao vestibulando, já que este afirma, na intervenção 17, saber distinguir entre a forma de se expressar no *Orkut* e de se escrever uma redação de vestibular, “adaptando-se ao meio” em que se encontra, (no caso, adaptar a escrita), seja este meio informal (*Orkut*) ou formal (prova de redação do vestibular).

A crítica de **R.D.** é ratificada com o enunciado “*argumento modinha*” e com a expressão irônica “*Tsc.maudita incrusaum dijitau*”. O que **R.D.** quer dizer com sua crítica ao vestibulando é que, muitas vezes, há uma transferência de comportamentos linguísticos de ambientes *offline* para ambientes *online*.

Outro caso de tropo comunicacional foi verificado no fragmento seguinte, referente ao fórum “*UFPA X UNAMA*”:

### Fragmento 11

P(29): **O nome do Duciomar ainda tá numa daquelas placas penduradas nas paredes da UNAMA. "Direito".** Acho que isso depende do curso, da coordenação, organização...

W(32): **Só queria citar também que essa história de comparar políticos corruptos com faculdades particulares é balela, se for assim, o que dizer do Jader Barbalho que estudou no colégio PAES DE**

CARVALHO??!!!
---------------

Nessa postagem, dois participantes comentam, em dado momento da interação, sobre o fato de o prefeito Duciomar Costa ter (supostamente) obtido graduação em Direito pela UNAMA, e de o Senador Jader Barbalho ter estudado no tradicional colégio público Paes de Carvalho.

Não se endereçando diretamente ao participante **P**, que citou o caso do prefeito Duciomar na intervenção 29, o participante **W** se dirige aparentemente de maneira genérica na intervenção 32 (*“Só queria citar também que essa história de comparar políticos corruptos com faculdades particulares é balela”*), criticando a correlação entre políticos corruptos e instituições de ensino, e, classificando tal comparação como “balela”. Aparentemente, a postagem é dirigida a todos os membros do fórum de discussão em questão, mas na realidade, o destinatário principal da postagem é o participante **P**.

Seguindo o esquema mais comum do fenômeno do tropo comunicacional, podemos afirmar que os fragmentos 10 e 11 são organizados da seguinte maneira, respectivamente:

#### **Esquema de tropo comunicacional referente ao Fragmento 10:**

- Aparentemente - destinatário direto = todos os membros dos fóruns da comunidade “Belém”.
- Na realidade - destinatário principal = participante **E**/ destinatário secundário = todos os membros dos fóruns da comunidade “Belém”.

#### **Esquema de tropo comunicacional referente ao Fragmento 11:**

- Aparentemente - destinatário direto = todos os membros dos fóruns da comunidade “Belém”.
- Na realidade - destinatário principal = participante **P**/ destinatário secundário = todos os membros dos fóruns da comunidade “Belém”.

Deste modo, concluímos que os endereçamentos nos fóruns de discussão variam de acordo com a intenção de seus participantes.

### 6.3 SOBRE AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS DOS PARTICIPANTES

A relação interpessoal, de acordo com Kerbrat-Orecchioni (1992), é organizada a partir de três dimensões:

- Da relação afetiva, que pode ser consensual ou conflituosa.
- Da relação horizontal, que diz respeito à distância entre os interactantes.
- Da relação vertical, que diz respeito à hierarquia estabelecida entre os interactantes.

Na dimensão da relação afetiva, os participantes podem agir trabalhando em prol do consenso para suas diferenças ou em prol do conflito. No caso dos fóruns analisados, verificamos o empenho dos participantes tanto em reduzir a tensão dos enfrentamentos mais agressivos, quanto em deflagrar o conflito, “cultivando o enfrentamento” (KERBRAT-ORECCHIONI, 1992). Ressaltamos que as duas situações exprimem o caráter cooperativo da interação, uma vez que refletem a ação conjunta dos interactantes.

No debate do fórum “*Solução para cotas – UFPA*”, observamos que é possível que os participantes demonstrem tanto momentos de consenso em seus posicionamentos (fragmento 12), ou que persistam em defender seus pontos de vista ocupando a posição de “adversários” nos debates.

#### Fragmento 12

P.S.(69): **Nada de cotas!!! Não estudar seus vagabundos!! pode ser branco, negro, índio e até azul! Tem que ser igual pra todos! e disputado! Foi assim comigo, e não gostaria que fosse diferente com os meus filhos!** O mercado de trabalho é muito cruel! só quer os melhores! Nossos filhos tem que aprender que a vida é uma eterna disputa!! tem que se acostumar logo, senão vai sofrer! hoje em dia não tem mais moleza! Ou vc’s acham que no futuro os empregadores não vão perguntar pros candidatos e trainees a uma vaga de trabalho se eles foram aprovados por cotas?? Eu perguntaria!... se fosse pra minha empresa!

C.T.(70): **Discordo P.S.,**

As cotas são para entrar na facul e não para sair delas. A reforma do sistema educacional é longa. É sacanagem, as pessoas que sofrem por conta do descaso das nossas autoridades não terem oportunidades agora. **Se vc disser que as cotas são um anestésico eu vou concordar, e como qualquer anestésico não podem ser aplicados a vida toda. Mas no momento é válido sim.** [...] Só com a melhor formação das pessoas é que isso pode melhorar...[...] **Pra mim as pessoas que não concordam estão preocupados consigo mesmo. Não estão**

**pensando de forma coletiva para uma melhoria da sociedade e com o bem comum das pessoas.**

P.S.(71): **É verdade! Estou preocupado comigo mesmo! A vida é assim ! [...].** Sou engenheiro, sou formado pela UFPA, estudei todo o meu segundo grau em escola pública, nunca tive moleza, e posso afirmar que o mercado é assim, muito competitivo! Não tem moleza não! No meu certificado de reservista está "cutis: Parda", não concordo! minha cor é " cutis: Brasileira!" Então galera, vamo estudar e parar de esperar pela decisão dos outros, sei que muitos vão dizer que não, mas sabemos que as pessoas tendem ao ostracismo, é da natureza humana, não tem como negar! **Estudar, e muito! É a solução! fora isso, esperem papai Noel chegar...Ah! sim!** Também tem que falar outra língua viu? o mercado exige!! **"Tudo pelo social" isso não existe!! Seja "social" e passe fome pra ver se é bom!** Outra solução, porém mais radical: **Quem é adulto e é burro! vai morrer burro!** O investimento tem de ser nas gerações futuras, com prazo mínimo para começar a dar resultado de 25 anos. Funciona! Funcionou na Coreia, e com certeza funcionaria aqui! **Mas aí vem o problema novamente do "Tudo pelo social"... esse cara enche o saco e atrasa país! aí sobra pra quem??? pros nossos filhos! Logo, contrariando o que disse inicialmente graças ao seu comentário, não estou pensando só em mim e nos meus! Talvez esteja até pensando no bendito "social"! (fala sério)!**

C.T.(72): **Fala sério vc meu amigo. Eu tb sou estudante de engenharia, sou negro e tb estudei em escola pública.** Citar a Coreia como exemplo seria bom se eles também tivessem sido colonizado pelos Portugueses com uma cultura elitista e grande mania de nobreza e superioridade. **Não dá para fazer essa comparação. E não vai mudar nunca se cada um de nós continuar a pensar como vc. Que está preocupado apenas com vc e com sua prole.** [...] Quanto aos adultos que vc disse que são burros; será porque Algumas empresas como a Vale do Rio Doce, Guerdau e outras estão investindo na melhor formação de seus funcionários? Será que eles são burros e não podem oferecer nada pra empresa? **Muitas pessoas que não tiveram oportunidades devem ser chamadas de "burras"?** Caro Engenheiro P.S. **É Louvável seu sacrifício e sua vitória. Como é Louvável também a sua instuição família, seu pai, sua mãe que orientaram bem vc, mas infelizmente por culpa de décadas de má admnistração várias instituições famílias estão falidas e nem todos tiveram a sorte que eu e vc tivemos, que mesmo diante das diversas difuldades a instuição familiar não quebrou.** E a única forma de mudar iso é educando [...]. **Saudações!**

P.S.(73): **Futuro colega C.T,**

**Nenhuma vez disse que os menos favorecidos são burros e preguiçosos, apenas falei, ou tentei dizer, que não se deve ficar esperando as coisas caírem do céu! Vc falou de colonização elitista, tudo bem sua opinião é muito válida. Mas vc deve concordar comigo,** que no Brasil muitas pessoas costumam sempre esperar alguma coisa de alguém, seja do governo, políticos ou instituições sociais. Não quero filosofar! Mas, pra melhorar as coisas, não tem jeito! tem que haver sacrifícios, pode perceber que nenhum programa social realizado neste País providenciou alguma melhora, **calma! ainda não terminei! rrsr!** **Digo, melhora expressiva que possa ser usada pelas gerações futuras! Seu pensamento não é errado, suas idéias são valorosas! Porém os meios que vc sugere de elas serem realizadas é que são um pouco distorcidas. Com certeza vc tem menos de 30 anos. Mas, quando vc ingressar no mercado, principalmente na nossa área, vc verá que não é tão simples assim!** O que vou lhe falar não é um conselho, apenas o que realmente acontece na prática: "Melhoras constantes são necessárias"! **Entretanto, as facilidades com que vc expressa suas idéias já indica que vc tem um grande potencial pra gestões e críticas, que com certeza, serão muito**

úteis pra você... Bom saber que teremos outro excelente profissional no mercado! A sociedade vai agradecer!

No fragmento 12, o participante **P.S.**, na intervenção 69, demonstra que é contra o sistema de cotas nas universidades públicas, argumentando com veemência que o mercado é “cruel” e que todos precisam se empenhar nos estudos, independentemente de etnia. O trecho *“Nada de cotas!!! Não estudar seus vagabundos!! pode ser branco, negro, índio e até azul! Tem que ser igual pra todos! e disputado!”* expressa a opinião irredutível de **P.S.** contra as cotas.

Ao discordar do colega, **C.T.**, na intervenção 70, argumenta em “bons termos” (KERBRAT-ORECCHIONI, 1992) que é preciso pensar de modo coletivo e que as cotas podem ser aplicadas ao menos temporariamente nas instituições: *“Se vc disser que as cotas são um anestésico eu vou concordar, e como qualquer anestésico não podem ser aplicados a vida toda. Mas no momento é válido sim”*.

Ainda no enunciado 70, **C.T.** se dispõe a divergir das idéias do colega e, ao reiterar sua argumentação com o enunciado *“Pra mim as pessoas que não concordam estão preocupados consigo mesmo. Não estão pensando de forma coletiva para uma melhoria da sociedade...”*, inclui **P.S.**, ainda que de forma indireta, no grupo de pessoas que só pensam em si mesmas, o que, de fato, atinge os brios de **P.S.**, que reage na intervenção 71: *“É verdade! Estou preocupado comigo mesmo!”*.

É instaurado, portanto, o conflito entre os interactantes, como podemos observar nas assertivas e no tom sarcástico de **P.S.** no enunciado 71, em resposta ao comentário de **C.T.** sobre o fato de pessoas contra as cotas não pensarem de maneira coletiva: *“Estudar, e muito! É a solução! fora isso, esperem papai Noel chegar...”*, *“Seja “social” e passe fome pra ver se é bom!”* – expressões que geram o efeito de sentido de ironia do enunciado, consolidado na forma com a qual **P.S.** finaliza seu comentário: *“fala sério!”*. **P.S.** reitera, portanto, sua discordância em relação à opinião do colega de fórum.

Na intervenção 72, **C.T.** parece aceitar o confronto em nível pessoal, acusando diretamente **P.S.** de se preocupar somente consigo e com os seus, e questionando seu posicionamento em relação aos adultos que não tiveram oportunidades de completar seus estudos, chamados incisivamente por **P.S.** de *“burros que vão morrer burros”* na intervenção 71. Contudo, a partir do enunciado *“Caro Engenheiro P.S. É Louvável seu sacrifício e sua vitória”*, em que **C.T.**, ironicamente ou não, confere à sua argumentação um tom mais

“amigável”, **C.T.** se solidariza com **P.S.**, ao afirmar “*nem todos tiveram a sorte que eu e vc tivemos*”. A desarmonia instalada entre eles é reparada então pelo trato mais cortês de **C.T.**, na intervenção 72, com, inclusive, o uso de um ato enaltecendor de face (“*É Louvável seu sacrifício e sua vitória*”). A expressão “*Saudações!*” nessa intervenção, reitera o tom formal e o distanciamento entre os interactantes, sinalizados pelo endereçamento “*caro engenheiro P.S.*”.

Como consequência, **P.S.**, na intervenção 73, parece “recuar” no debate, realizando uma reparação<sup>97</sup> (MEIER, 1994) a um possível dano na interação entre as partes. Nessa intervenção, ele inicia sua postagem com o endereçamento “*Futuro colega C.T.*”, alinhando-se ao seu interlocutor e, diferentemente do trato descortês da intervenção 71, conferem um tom mais “amigável” à discussão.

Ao expor suas idéias, **P.S.** lança mão da expressão “*calma! ainda não terminei! rrsr!*”, como ocorre em discussões face a face, em que se pede permissão para continuar a exposição de argumentos (muitas vezes, argumentos contrários aos do ouvinte), com o intuito de impedir a tomada do turno pelo interlocutor. No caso das discussões dos fóruns, o trecho “*calma! ainda não terminei! rrsr!*” pode sinalizar a necessidade de uma fundamentação maior daquele “que tem a palavra” (no caso, **P.S.**), com vistas a convencer o outro (no caso, **C.T.**) do estado de coisas discursivizado.

**P.S.**, na postagem 73, também lança mão de atos valorizantes de face: “*Sua opinião é muito válida*”, “*Seu pensamento não é errado, suas idéias são valorosas!*”, elogiando o potencial de **C.T.** para “*gestões e críticas*” e afirmando que ele será um bom profissional. Esses comentários operam como um possível fechamento do tópico em questão por parte de **P.S.**, o qual se mostra, portanto, como possuidor da “palavra final”, talvez pelo fato de se considerar mais experiente que o colega de profissão, como observamos no seguinte trecho da postagem 73: “*Com certeza vc tem menos de 30 anos. Mas, quando vc ingressar no mercado, principalmente na nossa área, vc verá que não é tão simples assim!*”

Diferentemente do fragmento 12, o fragmento 13, extraído do mesmo fórum - “*Solução para cotas – UFPA* - mostra uma discussão entre interactantes que não se utilizaram de estratégias para atenuar a discussão e nem se empenharam em reduzir o conflito entre eles.

---

<sup>97</sup> Para Meier (1995), a reparação é um remediador do dano à imagem do falante que rompeu com alguma norma durante a interação, causando uma desarmonia social.

### Fragmento 13

R(55): Esse negócio de cota é patético. O mérito tem que ser respeitado. Já é difícil o vestibular, mas ficar de fora injustamente não dá.
M.U.(56): R., "Injustamente" é por sua conta. Fico impressionado com o tanto de gente elitista que vota em Heloísa Helena <sup>98</sup> .
R(59): <b>INJUSTAMENTE POR MINHA CONTA???</b> Fala sério...ai já é demais, cada um tem sua opinião...mas existem coisas que são claras demais [...]. No sistema de cotas pessoas deixam de entrar na faculdade injustamente! Até quem defende as cotas deve concordar...tipo "é uma <b>injustiça</b> menor do que foi feito ao longo dos anos com os excluídos que agora estarão sendo contemplados coma as cotas"(n que eu concorde con isso)... <b>mas que é injustiça é!!!Pelo amor de Deus!</b> E esse papo de "elitista" não cola... além do que qual o problema de votar em heloisa helena?se tu fores votar nela dverias ficar satisfeito, se não paciencia amigo é democracia.
M.U.(60): <i>"Cada um tem sua opinião... mas existem coisas que são claras demais"</i> . <b>Legal como você é portador da verdade absoluta e fica espantado quando alguém a questiona.</b> <i>"E esse papo de 'elitista' não cola"</i> . <b>É elitismo sim.</b> <i>"qual o problema de votar em heloisa helena? se tu fores votar nela dverias ficar satisfeito, se não paciencia amigo é democracia"</i> . <b>Você tem o direito de votar em quem quiser, mas que é estranho é.</b>
R(61): <b>Engraçado. Tu é q quiseste ser o dono da verdade e ficaste espantado comigo primeiramente...cada um que adora criar caso e não respeita opinião dos outros...</b> Pois é,mas então vc defende cotas pra "pobres"...pq se for pra estudantes de escolas publicas vai ter injustiça como eu exemplifiquei...o q eu disse existe. <b>Vc é que dá uma de dono da verdade dizendo que é elitismo e tal...</b> eu não sou, mas se eu fosse pobre vc acharia elitismo da minha parte? <b>Cada um pode ter sua opinião cara...só acho injusto e inadequado [...]. Leia direito o q eu digitei antes de querer questionar a qq custo, ou então n precisa responder só por responder. Cada um com a sua opinião, eu dei a minha e se vc reler meus textos vai notar que vc exagera dizendo que eu me acho o dono da verdade... Fala sério, cada um...</b> Não tem nada estranho eu votar na heloisa helena, só pq sou contra cotas.

<sup>98</sup> Em uma discussão anterior no fórum, o participante R teria declarado que daria seu voto à candidata à presidência da república na época, senadora Heloísa Helena. Provavelmente, o participante M.U. retirou tal informação desse debate sobre os presidenciais e então fez uso da mesma para desqualificar a opinião e argumentação de R (pois a senadora Heloísa Helena é a favor do sistema de cotas).

Mais uma vez, a discussão se dá em torno das cotas, com dois pontos de vista diferentes. O participante **R**, na postagem 55, diz-se contra as cotas, classificando-as como algo “patético”, além de argumentar que, por esse sistema, muitas pessoas deixam de entrar nas universidades, ainda que sejam aprovados no vestibular. O participante **R** afirma também que “*ficar de fora injustamente não dá*”, referindo-se a essas pessoas possivelmente aprovadas, mas que perdem vagas nas universidades públicas por conta do sistema de cotas – argumento apresentado na intervenção 59, do mesmo participante.

Como resposta a **R**, o participante **M.U.**, na intervenção 56, afirma que o advérbio “*injustamente*” é “*por conta*” do colega. Isto é, **M.U.** discorda de **R** e também acusa indiretamente o colega de ser elitista – ação esta que deflagrará um conflito, observado na postagem 59.

Na postagem 59, o participante **R** defende seu ponto de vista e o faz com bastante veemência. As palavras grafadas em letra maiúscula, os pontos de interrogação, a expressão “*fala sério*”, as reticências e o comentário “*ai, já é demais*”, demonstram a indignação do participante **R** em relação à crítica do colega **M.U.**. O sentimento de indignação também é expresso pelo trecho exclamativo “*Pelo amor de Deus!*”, pela expressão “*Fala sério...ai já é demais*” e pelo modo como **R** enquadra o sistema de cotas: como uma grande injustiça.

Observamos que o participante **R** reconhece que o termo “gente elitista”, na intervenção 56, foi a ele endereçado (ainda que **M.U.** não lhe tenha feito uma crítica direta), pois, na mesma intervenção, **R** afirma “*E esse papo de "elitista" não cola...*”. A pergunta que segue essa afirmação: “*além do que qual o problema de votar em heloisa helena?*”, na realidade, não se configura como uma pergunta realmente, pois **R** está apenas justificando seu direito de votar em quem bem entender.

Na intervenção 60, **M.U.** não cede aos argumentos de **R** e se utiliza da postagem do colega para criticá-lo mais uma vez. Há um tom de sarcasmo impresso em seus comentários sobre **R**, sarcasmo este evidenciado pela expressão “*legal como você é portador da verdade absoluta*”. Ademais, **M.U.** demonstra intransigência ao reafirmar que **R** é elitista e que sua opinião contrária às cotas não condiz com seu voto na candidata defensora de tal sistema.

No fragmento 13, o conflito é instaurado e nenhum esforço é feito em transformar a discussão em algo consensual na intervenção 61. O participante **R** rebate ao comentário taxativo de **M.U.** da intervenção 60 e afirma que é este quem se mostra como “dono da verdade”. A crítica é ratificada nos trechos “*cada um que adora criar caso e não respeita*

*opinião dos outros...*” e *“Fala sério, cada um...”*. A discussão entre **R** e **M.U.** encerra-se na intervenção 61 e, pelo que observamos, classifica-se como conflituosa.

Em suma, sobre a relação horizontal, consideramos os seguintes marcadores de distância ou intimidade entre os participantes:

- Formas de tratamento (pronomes, vocativos, nomes próprios etc.)
- Temas abordados (tópicos das postagens, tópicos desenvolvidos à parte do debate do fórum etc.)
- Nível de língua (termos técnicos, chulos, gírias, expressões etc.)

Conforme já citamos neste trabalho, os marcadores verbais como “você” ou “tu”, em determinados contextos, pode indicar maior familiaridade do que o uso de formas como “senhor” ou “senhora”. Entretanto, circunstancialmente, é comum que alguns jovens se tratem por “senhor” ou “senhora”, sem, porém, nenhuma conotação de formalidade.

Observemos os vínculos de proximidade que se estabelecem na relação horizontal dos participantes das discussões “*UFPA X UNAMA*” e “*FIM DO PSS*”, respectivamente, nos fragmentos 14 e 15:

#### **Fragmento 14**

W(24): UFPA X UNAMA!!! **gente**, gostaria muito da ajuda de vcs!!! Queria saber dos **senhores**, qual a melhor faculdade de Belém??

No fragmento 14, o participante lança mão do vocativo “gente”, instaurando um tom de proximidade e informalidade, e endereça-se aos colegas com o pronome “senhores”, que no caso em específico, também indica proximidade. O mesmo ocorre no fragmento 15, acerca do uso do pronome “senhores”, denotando informalidade:

#### **Fragmento 15**

F.(91): **Senhores**, ratificando o que já disseram: a questão é puramente FINANCEIRA. Enxugaram o vestibular colocando mais múltipla escolha e diminuindo as fases simplesmente pq o modelo antigo, apesar de infinitamente mais justo (diminui o fator sorte, faz com que as escolas façam o aluno se expressar e avalia o aluno durante 3 anos) era muito caro.

É possível verificar o grau de distanciamento/proximidade instituído entre alguns dos participantes da comunidade, a partir das posições que assumem nos debates e dos assuntos selecionados pelos participantes, como é o caso do fragmento 16, extraído do fórum “[OFF] Prova de Redação da UFPa é criticada!”:

### Fragmento 16

<p>V.P.(99): [OFF] Prova de Redação da UFPa é criticada!UNIVERSIDADE DO LULA: BRASIL, AME-O OU DEIXE-O ...</p> <p>Já expus aqui mais de uma vez o filtro ideológico que passou a vigorar no processo de seleção para ingresso nas universidades públicas brasileiras. Exige-se do aluno que demonstre o seu, como é mesmo?, compromisso com as “questões sociais”. Dito assim, parece bacana. Ocorre que esse tal “compromisso” não é, como sabem, um valor absoluto. Exige-se a sua adequação a um corte ideológico — de esquerda — e a uma agenda: a do PT. Pois bem, estão atingindo o estado da arte na manipulação e na vigarice. A prova de redação do vestibular da Universidade Federal do Pará é um escândalo sob muitos pontos de vista. Supostamente inspirados num texto de Cecília Meireles — A Arte de ser feliz —, para o qual se formulam questões (energúmenas, diga-se) de interpretação, os examinadores elaboraram a seguinte prova de redação:</p> <p>A vida é marcada por acontecimentos que são fonte de satisfação, contentamento, prazer e por acontecimentos que são fonte de desânimo e angústia. O brasileiro, por exemplo, convive com a desigualdade social, com inúmeras formas de carência, com atos de violência, no entanto tem também motivos para felicidade. Escreva um texto em prosa em que você exponha um dos motivos pelos quais se sente feliz por ser brasileiro, apresentando argumentos consistentes que justifiquem seu sentimento de felicidade [...]. A formulação induz o candidato a falar sobre os motivos que “o brasileiro” tem para ser feliz. E a referência aos problemas sociais ali fornece uma pista. Quem, devidamente afinado com estes tempos, afirmar que se sente feliz porque, finalmente, há um governo ocupado das questões sociais já está com pelos dois pés na vaga... E, claro, haverá os incrédulos que saberão jogar as regras do jogo: “Querem elogio? Então tomem elogio; eu quero é passar”[...].</p> <p>Fonte: Blog do Reinaldo Azevedo</p> <p>[...]</p>
<p>J(101): <b>Sabia que esse tópico era do V.P....SABIA!</b></p> <p>[...]</p>
<p>V.P.(107): J., Parabéns, agora você já pode jogar na mega-sena sem medo, haha. [...]</p> <p>[...]</p>
<p>J(117): V...pra <b>advinhar que este tópico era teu foi só olhar o título do tópico, em vista do que rotineiramente costumava fazer aqui...Nem parece que és de direita, parece um daqueles que segue o lema: Si hay gobierno, soy contra.</b> Mais ação e menos falação pra você! Abraço!</p>

Na intervenção 101, do fragmento 16, **J** afirma que apenas ao olhar o título do tópico no quadro de discussões dos fóruns da comunidade, percebeu que se tratava de uma discussão suscitada por **V.P.** (intervenção 99).

De acordo com os dados, o reconhecimento de **J** se deu pelo fato de **V.P.** “rotineiramente” abrir tópicos de cunho político ou manifestar alguma posição contrária ao governo. Esse reconhecimento expressa relações próximas entre os participantes que, possivelmente, já têm uma história conversacional em comum. Para **J**, portanto, o tópico lhe pareceu “familiar” e sua autoria foi de reconhecimento imediato por conta do título, dado o conhecimento que **J** tem sobre a posição que **V.P.**, rotineiramente, assume no fórum.

Sobre os registros utilizados pelos participantes dos fóruns analisados, é pertinente afirmar que, pelo fato de o ambiente *orkuteano* ser um espaço distenso e informal, a simetria entre os interactantes, em termos gerais, reflete uma menor preocupação com as escolhas lexicais e gramaticais, conforme se observa na mesma discussão sobre a prova da redação da UFPA, no fragmento 17:

### Fragmento 17

C(108): <b>o mano ai ta indignado. Uhauhauhuhuaaha pow</b> , eu fiz uma redação de vestibular <b>que falava da porra do aviao presidencial em 1ª pessoa ainda! esse tema ta ate bacana veio</b> [...]
K (113): <b>Provinha babaca...</b> coitados dos alunos que ralaram o ano inteiro e se deparam com isso.... [...]
R(119): <b>Eueoueuoieuoioeioie</b> agora quem decide o tem da redação da federal é o lula... <b>ta cagado --'</b>

Expressões como “*o mano*”, “*pow*”, “*bacana*”, “*veio*”, “*babaca*” e as onomatopéias das intervenções 108 e 119 atestam a informalidade dos fóruns analisados.

É possível afirmar que o uso de uma linguagem formal ou informal nos fóruns, assim como nas interações face a face, depende das relações interpessoais, de maior ou menor grau de proximidade/distanciamento entre as partes.

Sobre a relação vertical, como vimos no capítulo dois, esta é chamada de “sistema de lugares” e diz respeito à organização hierárquica dos interactantes, os quais podem vir a ocupar lugares de dominante e dominado.

Em um fórum já citado neste capítulo (fragmento 9), em que um vestibulando comete um desvio concernente à gramática normativa e é ridicularizado por um colega de fórum, verificamos como a relação vertical é marcada por lugares “altos” e “baixos” na interação. Nesse caso, em particular, pelo lugar de autoridade do “professor” e pelo lugar de subordinado do “aluno”.

### Fragmento 18

E(9): [...] Caramba eu tava vendo as notas de corte no PROUNI de alguns estados e eu não entendo como reclamam tanto da educação e as notas de Belém tão bem elevadas, bem expressivas em relação a outros estados como por exemplo RJ e SP ![...]. <b>Égua se desse p/ mim ir</b> pra lá eu escolhia um curso bom e passava tranquilo, já aqui em Belém tá meio difícil !! Manaus tbm tá com notas muito baixas, acho que vou pra lá ou pra Porto Velho sei lá. haha'
J (10): <b>Égua!!!! parei no "Égua se desse p/ mim ir pra lá"....</b>
E (11): <b>J, eu não entendi o porque desse comentário !</b> Eu sou dependente e por isso eu falei, é como se eu tivesse falado "como iria viver lá" !! E mais, eu não tenho interesse em ir pro sudeste... depois ser enganado como muita gente é pensando que a vida é fácil ! Prefiro a minha cidade mesmo !!
J (12): <b>Ok... vamos ajudar o colega. O certo seria: ""Égua se desse p/ eu ir pra lá".... ok?</b>
R.W (13): <b>Manera com o cara...rsrsrs</b> As pessoa confundem muito o uso do pronome pessoal do caso reto com o do caso oblíquo quando usados na primeira pessoa.Observe o exemplo: "Égua se desse p/ mim ir pra lá". O uso está gramaticalmente indevido por conta da confusão criada entre os dois pronomes: EU e MIM. O MIM é utilizado após preposições, exercendo a função de objeto indireto, exemplo: Elas estão falando sobre MIM. Enquanto que EU exerce a função de sujeito, no caso da oração "Égua se desse p/ mim ir pra lá", o correto seria "Égua se desse p/ EU ir pra lá" por conta de o pronome exercer a função de sujeito, nesse caso do verbo IR, por isso não cabe o MIM na frase, mesmo sendo antecedido por uma preposição, o que causa o tumulto na cabeça do falante ou escrevente. <b>Olá, sou o Professor R., cuidado com a língua!!!!</b>

O trecho “*Olá, sou o Professor R., cuidado com a língua!!!!*” distingue o professor dos outros participantes e legitima-o como sujeito do saber, como aquele cujo conhecimento referenda seu fazer discursivo.

Ao analisarmos o fórum em questão, não houve, por parte do vestibulando, nenhuma manifestação contrária à explicação de **R.W.** nas postagens subsequentes, pois **R.W.** se projeta como um sujeito que domina a língua, que fala de um lugar “mais alto” em relação aos demais, e os outros participantes o reconhecem como tal.

Observamos, também, que o fato de o professor ter suprimido o plural do sintagma “pessoa” em “*As pessoa confundem*” não foi destacado na interação. “*As pessoa confundem*” não pareceu ter o mesmo peso de “*se desse pra mim ir lá*”, do vestibulando **E.** No imaginário social, o desvio do professor pode ter passado despercebido ou pode ter sido considerado como um mero erro de digitação. Tal atitude atesta a legitimação de **R.W.** enquanto sujeito

que domina a Língua Portuguesa e que se distingue dos demais, pela posição projetada, na intervenção 15, por meio do discurso pedagógico.

#### 6.4 SOBRE OS ENQUADRES INTERATIVOS E O *FOOTING* DOS PARTICIPANTES

Segundo Goffman (2002 [1974]), o enquadre sinaliza como devemos ser interpretados e como devemos interpretar o que é dito e feito. O enquadre está relacionado diretamente ao *footing* (alinhamento) projetado pelos participantes de uma interação.

Durante um evento comunicativo, os participantes tendem a mudar seus comportamentos, de modo que determinada projeção de si possa ser suspensa por alguns instantes e, então, novamente, assumida nas discussões face e face. Nas interações *online* ocorre o mesmo.

Essas mudanças de postura caracterizam-se como mudanças de *footing* (alinhamento), o que, por sua vez, também caracterizará uma mudança de enquadre.

Paiva e Rodrigues-Júnior (2004, 2007) afirmam que nos enunciados dos fóruns eletrônicos, os *footings* dos participantes podem ser sinalizados a partir de algumas categorias, quais sejam: **elogio; citação; falsas perguntas; críticas** etc. Em nossa análise, optamos por classificar alguns fragmentos a partir das categorias de alinhamento elencadas por Paiva e Rodrigues-Júnior (2004,2007).

Os fragmentos a seguir são, portanto, exemplos das categorias supramencionadas, retirados dos fóruns da comunidade “*Belém*”:

##### **Fragmento 19: Elogio**

C.(92): Bem, eu, como estudante do ensino médio, acho que foi uma decisão infeliz da universidade. É bem verdade que o PSS precisava de vários ajustes, assim como o PRISE, mas acho que simplesmente acabar é complicado. Há dois lados: os processos seletivos seriados são (ou deveriam ser) muito bons para os alunos que são interessados durante todo o ensino médio, porque as disciplinas ficam mais bem divididas, não deixando tudo para o último ano. Entretanto, sabe-se que esse não é o caso da gigantesca maioria dos estudantes, o que faz com que a maior parte deles não obtenha bons resultados, e, especificamente no caso do PSS, deixando a prova para ser refeita nos anos seguintes. Acho que, assim como o PRISE, o PSS deveria fazer apenas uma prova por ano, sem alternativa da prova ser refeita caso o resultado não seja satisfatório, isso já ajudaria bastante [...].

[...]

F.M.(97): C.,

**Acho que você, independente do sistema, tem potencial e desejo que tenha sorte**

### **Fragmento 20: Elogio**

R.W (13): Manera com o cara...rsrsrs As pessoa confundem muito o uso do pronome pessoal do caso reto com o do caso oblíquo quando usados na primeira pessoa. Observe o exemplo: "Égua se desse p/ mim ir pra lá" O uso está gramaticalmente indevido por conta da confusão criada entre os dois pronomes: EU e MIM. O MIM é utilizado após preposições, exercendo a função de objeto indireto, exemplo: Elas estão falando sobre MIM. Enquanto que EU exerce a função de sujeito, no caso da oração "Égua se desse p/ mim ir pra lá", o correto seria "Égua se desse p/ EU ir pra lá" por conta de o pronome exercer a função de sujeito, nesse caso do verbo IR, por isso não cabe o MIM na frase, mesmo sendo antecedido por uma preposição, o que causa o tumulto na cabeça do falante ou escrevente. Olá, sou o Professor R., cuidado com a língua!!!!

J (14): **É isso aí, comunidade Belém também é cultura.**

O fragmento 19 foi extraído do fórum “*FIM DO PSS!*”. Na intervenção 95, o participante **F.M.** se endereça ao participante **C**, o qual discorre sobre o fim do PSS com bastante desenvoltura em sua postagem. **F.M.** sinaliza um alinhamento de elogio e de incentivo ao estudante do primeiro ano do ensino médio, que “*tem potencial independente do sistema*” de educação do qual faz parte.

Já no fragmento 20, o participante **J** sinaliza um *footing* de elogio ao professor de Língua Portuguesa que forneceu uma explicação técnica sobre o desvio gramatical de um dos colegas do fórum.

### **Fragmento 21: Citação**

V.P. (142): "**O patriotismo é o refúgio dos canalhas**" (Dr. Johnson).

No fórum “*PROVA DE REDAÇÃO DA UFPA É CRITICADA*”, o participante **V.P.**, na intervenção 142, responde a um dos colegas se utilizando de uma citação. O participante convoca outro discurso e o insere na sua postagem, para fundamentar seu argumento no debate.

O *footing* sinalizado é o de “porta-voz”. A citação exime o locutor de qualquer responsabilidade pelo que está sendo dito, além do que, funciona como um argumento de autoridade em prol da posição de quem faz a citação. Ao se utilizar da fala de alguém renomado, **V.P.** trabalha para neutralizar prováveis contra-argumentações.

### **Fragmento 22: Falsas Perguntas (perguntas retóricas)**

**J (129):** Pensando bem, quem elaborou essa prova foi um tanto quanto esperto, **sabe porque?** Em redação todos estão acostumados a falar mal e criticar. Agora falar bem, é outra coisa. Na minha redação, eu falei sobre o que eu mais sabia pra ter argumentos fortes, falei da biodiversidade.

A pergunta retórica da intervenção de **J**, no fragmento 31, não expressa um desejo verdadeiro do participante de interrogar seus colegas acerca da elaboração da prova da UFPA. “*Sabe porque?*” sinaliza um *footing* de pergunta retórica e gera um efeito de sentido semelhante à de uma pergunta retórica em interações face a face – para criar expectativas no interlocutor sobre o que está sendo dito ou fundamentar melhor sua argumentação. A pergunta de **J** está a serviço da argumentação, porquanto faz o outro pensar na resposta que é provida, contudo, por aquele que faz a pergunta.

### **Fragmento 23: Crítica**

M(146): Desde o ano passado, **a redação da Federal está ligeiramente tendenciosa, sim.** Não que não tenhamos motivos para orgulho em ser brasileiros ou que o preconceito não seja algo a ser debatido à exaustão (e aqui não exponho minha opinião sobre os temas). Contudo, **as provas da Federal, sim, beiram a mediocridade desde a prova passada com seus temas tendenciosos.**

O participante M, na intervenção 146, assume um *footing* de crítica à UFPA, no que diz respeito à elaboração das provas de redação daquela instituição. Críticas contundentes como as do fragmento 32 aparecem comumente nos fóruns e geram efeitos de sentido de impolidez – tema de nosso próximo capítulo.

Observamos que, nos fóruns analisados, os temas são polêmicos e os participantes têm diferentes pontos de vista. Assim, esses participantes projetam um *footing* de discussão e acionam o enquadre de debate nos fóruns por diversas vezes.

Além dos fragmentos já citados neste capítulo, os fragmentos 24 e 25 também são exemplos expressivos do enquadre de debate, retirados dos fóruns “Cotas para ÍNDIOS na UFPA” e “FIM DO PSS!”, respectivamente:

#### Fragmento 24

E(42): Encheram a UFPA de rampas mas esqueceram de pôr estantes mais baixas pra que os alunos que usam cadeiras de rodas possam alcançar as prateleiras.

H(43): De que adianta dar cota pra índios Se muitos deles nao tem nem dignidade? NA verdade esse negocio de cotas e tudo jogo de interesses, nao resolve nada. So serve pra ganhar votos como disse a L., seja la qual forem os beneficiados

E(44): Defina "índio" e defina "negro". Ou pra ser negro tem que se vestir como zulu?

L.N(45):Há algum critério razoável para definir negro ou preto? Acho que não mestiços são raros em nosso meio, então negro puro e branco puro são exceções. Vi na revista história desse mês, que desconfiam que talvez o Zulu fosse mestiço de negro e índio, por exemplo.Sou a favor de políticas afirmativas, mas no caso das cotas, eu preferia uma cota para pobres, a qual me parece mais objetiva e parece abranger os grupos a que se pretende incluir. E creio que políticas de inclusão na universidade são insuficientes, já que eles virão com uma bagagem muito limitada se tiverem vindo de escola pública (em sua maioria de péssima qualidade). Uma política de cotas em escolas particulares para pessoas de baixa renda poderia ser algo interessante, pelo menos até que o ensino público volte a ter um mínimo de qualidade.

#### Fragmento 25

M.(86): O problema não está na formula das provas, e sim na idade dos estudantes quando eles começam a fazer-las. Fiz as minhas primeiras provas do Prise e PSS com 15 anos de idade, e a maioria também. Naquela idade, eu não imaginava a importância que essa avaliação teria em minha vida dentro de apenas 2 anos. Cheguei no convênio com uma nota boa no Prise e uma razoável no PSS. Resultado: Passei na UEPA e nem fui fazer prova do PSS, mas hoje eu olho e vejo que se eu tivesse pensado um pouco mais no 1º e 2º ano poderia ter chegado em uma situação muito mais tranquila nas duas. Na minha humilde opinião, a prova deveria ser sim dividida por anos, senão os alunos são sobre carregados no 3º, mas ao mesmo tempo e idade é muito reduzida no 1º ano, fazendo com que muitos alunos só percebam a importância daquilo no convênio (aí vão, estudam tuuudoo de novo, e fazem as provas tuuuuudo de novo). Talvez uma máquina do tempo pudesse resolver....

B.P.(87):M, Cara, isso vai muito de uma boa orientação da escola e dos pais. Ainda assim, pesa o fato de

que qualquer pessoa nessa idade não faz a menor idéia do que vai fazer. Eu tiro por mim, que com 17 pra 18 anos fiz engenharia da computação e direito nos meus vestibulares. Nos EUA, onde a grandessíssima maioria das universidades é paga, o critério é o SAT, uma espécie de PSS geral (tipo aquele provão que tem pro ensino médio). Bons conceitos te levam a praticamente qualquer universidade por lá, porque o SAT não é uma prova de acesso que faz parte de um processo seletivo, é um teste de avaliação. Ele é feito durante os três últimos anos do ensino médio, com a diferença que a high school tem um ano a mais que ele. A vantagem é que o aluno não fica vinculado a uma escolha desde os 15 ou 16 anos. Ele pode escolher o curso simplesmente na hora de se candidatar a uma universidade. Isso dá tempo pra pessoa pensar. Acho que isso poderia ser usado em qualquer processo seletivo seriado aplicado por essas bandas. Mas os burocratas brasileiros são simplesmente tapados demais pra entender um conceito simples como esse.

M.S.(88): o que está por trás da decisão de mudar para provas objetivas é o corte de gastos da Federal Isso é ridículo! Faço Terceiro ano do Ensino Médio e sei que provas analítico-discursivas cobram muito mais conhecimento do aluno. Espero passar logo no vestibular esse ano pra ã fazer esse vestibular de merda

Porém, há a possibilidade de se considerar também outros enquadres nos fóruns de discussão da comunidade “Belém”.

No fragmento 26, o tópico “UFPA adia divulgação do listão da segunda etapa”, é apresentado pelo participante W, no enunciado 1, de forma assertiva, em um enquadre de notícia:

### **Fragmento 26**

W (1): UFPA adia divulgação do listão da segunda etapa.

O coordenador pedagógico do Centro de Processos Seletivos da Universidade Federal do Pará (UFPA), professor Joaquim Maia, informou ontem, por meio de nota, que, em virtude do atraso de entrega dos documentos dos candidatos do interior do Estado e do maior rigor na análise dos documentos dos cotistas, o anúncio do resultado da prova da segunda etapa do Processo Seletivo Seriado (PSS) da UFPA foi adiado. O resultado estava previsto para ser divulgado ontem. A instituição ainda não definiu uma nova data para a divulgação dos aprovados para a terceira etapa.

Fonte: <http://www.diariodopara.com.br/noticiafullv2.php?idnot=77797>

Observamos também outro tipo de enquadre no fragmento 27, quando os participantes E, L e A enunciam acerca de seus nomes no listão de aprovados no vestibular da UFPA:

### Fragmento 27

<p>W (1): UFPA adia divulgação do listão da segunda etapa.          [...] Fonte: <a href="http://www.diariodopara.com.br/noticiafullv2.php?idnot=77797">http://www.diariodopara.com.br/noticiafullv2.php?idnot=77797</a></p>
<p><b>L (2): Eles estão procurando a minha prova pra me eliminar! Eles não me querem lá!</b></p>
<p>F (3): Pessoal ja deram alguma previsão pra anunciarem?</p>
<p><b>E (4): <i>Eles estão procurando a minha prova pra me eliminar! Eles não me querem lá!</i> [2],nao q precisem adiar pra q isto ocorra comigo,mas,tah valendo</b></p>
<p>W (5): O listão já está disponível no site do CEPS - UFPA: <a href="http://www.ceps.ufpa.br">www.ceps.ufpa.br</a></p>
<p><b>L (6): Ufa, passei... Agora a concorrência do meu curso caiu para 2 para 1. <b>Ou seja, é só tirar um par ou ímpar, ou então uma disputa de Mortal Combat, pra ver quem passa.</b></b></p>
<p>F (7): L,          cara onde voce viu a demanda por curso pra 3° fase??</p>
<p><b>A (8): Relaxem, parece que dessa vez a coisa anda. <b>Ouçam meu nome em Jornalismo</b> [...] =)</b></p>

Verificamos o enquadre da brincadeira na intervenção 2 do participante **L** e na intervenção 4, do participante **E**, ao afirmarem “*eles estão procurando a minha prova pra me eliminar! Eles não me querem lá!*”. O mesmo enquadre da brincadeira é verificado quando **L**, na postagem 6, cita a disputa de “*par ou ímpar*” e de “*Mortal Kombat*” ao referir sobre a concorrência de seu curso e quando o participante **A**, na postagem 8, pede para os participantes ouvirem seu nome na lista de aprovação da UFPA. O emoticon =), no fim da intervenção 8, confirma o tom jocoso do enquadre.

No fragmento 28, observamos o enquadre da correção. Quando o participante **E**, na intervenção 9, comenta sobre a diferença de notas no PROUNI entre Belém e outras capitais como Rio de Janeiro, São Paulo e Manaus, este comete um desvio gramatical, atestado no

enunciado “*Égua se desse p/ mim ir pra lá*”, o que promove um gracejo irônico por parte do participante **J**.

### Fragmento 28

E (9): Sei que não tem nada a ver com o tema, mas... Caramba eu tava vendo as notas de corte no PROUNI de alguns estados e eu não entendo como reclamam tanto da educação e as notas de Belém tão bem elevadas, bem expressivas em relação a outros estados como por exemplo RJ e SP ! Já olhei umas três vezes pra comprovar se eu não tô delirando. <b>Hauhauhau. Égua se desse p/ mim ir pra lá eu escolhia um curso bom e passava tranquilo, já aqui em Belém tá meio difícil !!</b> Manaus tbm tá com notas muito baixas, acho que vou pra lá ou pra Porto Velho sei lá. haha'
J (10): <b>Égua!!!! parei no "Égua se desse p/ mim ir pra lá"....</b>
E (11): <b>J, eu não entendi o porque desse comentário !</b> Eu sou dependente e por isso eu falei, é como se eu tivesse falado "como iria viver lá" !! E mais, eu não tenho interesse em ir pro sudeste... depois ser enganado como muita gente é pensando que a vida é fácil ! Prefiro a minha cidade mesmo !!
J (12): <b>Ok... vamos ajudar o colega. O certo seria: ""Égua se desse p/ eu ir pra lá".... ok?</b>

Com a interjeição “*Égua!!!!*”, **J**, na intervenção 10, denota pasmo, enfatizado pelos pontos de exclamação. Posteriormente, o participante faz a citação direta do desvio de **E**, para colocar em cena o motivo de seu espanto. **E**, por sua vez, não compreende a intervenção de **J** e continua desenvolvendo o tópico, como pode ser observado na intervenção 11.

A incompreensão por parte do estudante faz **J** explicitar a correção na intervenção 12. Tal comentário sinaliza, portanto, um enquadre de correção, ao qual o participante **J** confere um ar sarcástico. Na intervenção 12, podemos afirmar também que o participante **J** se projeta em um alinhamento professoral, já que corrige o desvio cometido pelo estudante: “*O certo seria: ""Égua se desse p/ eu ir pra lá".... ok?*”.

O fragmento 29 reúne as postagens **15**, **17** e **19** do participante **E**, em resposta à correção de **J**:

### Fragmento 29

<p><b>E (15):</b> <i>Égua além disso aprendi a ser engraçado ! hahaha' valeu.</i> Desde quando o orkut nos pede ou nos exige pra escrevermos na forma culta ? <b>ai ai</b></p>
<p><b>E (17):</b> [...] <i>Agora nem vou mais passar na UFPA ! hahahahaha xD</i> [...]</p>
<p><b>E (19):</b> <i>ôôôhhhh o grau de "inteligência" dos membros da comunidade de Belém me surpreende !! hauhauhauhau</i> É por isso que a nossa cidade não tem nenhum problema [...] enfim, todos falando certo, agindo certo... <b>kas kas kas kAs... Tô até me comovendo por isso !!!</b> E nem vou mais perder tempo aqui, tempo é uma questão a menos na UFPA ! <b>Até mais, cérebros hipertrofiados !!! hehehe</b></p>

Nas intervenções do fragmento 29, **E** aciona um enquadre jocoso - praticamente um chiste – comprovado por meio de enunciados como “*Égua além disso aprendi a ser engraçado ! hahaha' valeu*”, “*ôôôhhhh o grau de "inteligência" dos membros da comunidade de Belém me surpreende !*” ou “*tô até me comovendo por isso!!!*” e de risos (“*hauhauhauhau*”, “*kAs kAs kAs kAs*”, “*hehehe*”) que conferem um efeito de sentido irônico ao enunciado.

Observamos também que as expressões “*ai,ai*”, “*ôôôhhhh*”, as aspas de “*inteligência*”, os pontos de exclamação e o *emoticon* “*xD*” enfatizam o tom irônico do participante **E** e depreciam a correção do participante **J**. Os enunciados do fragmento 29, portanto, configuram-se como enquadres de ironia.

Um terceiro participante (**R.W.**, intervenção 13) surge na interação após a correção do participante **J** e posta, do lugar de professor de Língua Portuguesa, outra correção ao desvio do participante **E**. O professor aciona, então, o enquadre aula, ao dar uma explicação técnica sobre o uso dos pronomes “eu” e “mim”.

### Fragmento 30

<p><b>J (12):</b> <i>Ok... vamos ajudar o colega. O certo seria: ""Égua se desse p/ eu ir pra lá".... ok?</i></p>
<p><b>R.W.(13):</b> <b>Manera com o cara...rsrsrs</b></p> <p><b>As pessoa confundem</b> muito o uso do pronome pessoal do caso reto com o do caso oblíquo quando usados na primeira pessoa. Observe o exemplo: “<i>Égua se desse p/ mim ir pra lá</i>”. O uso está gramaticalmente indevido por conta da confusão criada entre os dois pronomes: EU e MIM. O MIM é utilizado após preposições, exercendo a função de objeto indireto, exemplo: <i>Elas estão falando sobre MIM</i>. Enquanto que EU exerce a função de sujeito, no caso da oração “<i>Égua se desse p/ mim ir pra lá</i>”, o correto seria “<i>Égua se desse p/ EU ir pra lá</i>” por</p>

conta de o pronome exercer a função de sujeito, nesse caso do verbo IR, por isso não cabe o MIM na frase, mesmo sendo antecedido por uma preposição, o que causa o tumulto na cabeça do falante ou escrevente.

**Olá, sou o Professor R., cuidado com a língua!!!!**

Sobre o alinhamento professoral de **R.W.**, na intervenção 13, do fragmento 30, podemos considerar que **R.W.**, ao comentar “*manera com o cara...rsrsrs*” assume também um alinhamento de mediador entre **E** e **J**, por meio do enquadre aula de Português. Os risos configuram-se como pistas paralinguísticas que visam apaziguar os ânimos entre o vestibulando e o participante que o corrigiu, servindo também para atenuar a própria intervenção do professor à **J**.

Observamos nos fóruns “*Cotas para índios na UFPA*” e “*Solução para cotas – UFPA*”, outros tipos de alinhamento entre diferente participantes, conforme atestam as postagens 37 e 39 do fragmento 31:

### Fragmento 31

L(39): Já que Belém é a metropole da Amazônia, **porque não colocar cotas para os índios, visto que nossos índios estão quase que extintos, graças a imbecilidade do homem branco?**  
**Resposta: Cota pra Índio não dá voto pra ninguém nas eleições!**  
**o que vcs acham?**

[...]

Z.F. (41): **Concordo com a L!! é isso aí...** e pergunto pq não tem vagas pra negros e indios e concursos públicos empregatícios?? e pq não tem vaga pra deficientes na UFPA??

O trecho “*o que vcs acham?*”, da intervenção 39, é uma forma de o participante **L** pedir colaboração aos outros participantes do fórum, demonstrando que a disposição dos mesmos em cooperar é notoriamente relevante para o debate, o que sinaliza um alinhamento de incentivadora da discussão, alinhamento este que confere “cordialidade e moderação [...]” (PAIVA; RODRIGUES-JÚNIOR, 2004, p. 15) à interação.

Na intervenção 41, o participante **Z.F.** alinha-se como solidário a **L**. Além disso, ao perguntar “*pq não tem vagas pra negros e indios e concursos públicos empregatícios??*”, **Z.F.** assume também um alinhamento de colaboração, no sentido de que ajuda a promover o debate sobre o assunto.

No fragmento 32, o participante **Z.F.** assume um alinhamento não só de concordância, mas de proximidade/intimidade em relação à participante **L.**, já que o enunciado “*é isso aí*

*L!! Não é a toa que sou casado contigo!!*”, da intervenção 78, sinaliza que os dois mantêm vínculos estreitos no mundo *offline*. Vejamos:

### **Fragmento 32**

**L(77): Concordo com o Z.F!!** [...] pq não tem cotas pros INDIOS? eles sim foram massacrados, estão quase extintos... porém como política em pró de índio não representa voto nas eleições, é melhor fzr com os negros. Ainda mais em Belém do Pará, que é uma metrópolde da Amazônia, deveria ter cotas pra Índios... [...] EU DIGO NÃO PARA AS COTAS.

**Z.F. (78): é isso aí L!! Não é a toa que sou casado contigo!!**

Concluimos, portanto, que as mudanças de enquadre e de alinhamento dos participantes dos fóruns cooperam para o efeito de sentido de seus enunciados.

No próximo capítulo, trataremos dos dados à luz da (im)polidez linguística, sob a ótica de Kerbrat-Orecchionni (1997, 2006).

## A (IM)POLIDEZ NOS FÓRUNS DA COMUNIDADE “BELÉM”

*A polidez ou impolidez de um ato depende [...] da interpretação dos interlocutores, e, tanto os atenuantes como os intensificadores são estratégias dirigidas para “ganhar o jogo” conversacional<sup>99</sup>.*

*Alexandra Álvarez Muro*

Em nossa análise dos fóruns, seguiremos o modelo proposto por Kerbrat-Orecchioni (1997), buscando investigar quais efeitos de sentido são gerados nas interações entre os membros da comunidade “*Belém*”, no que diz respeito às estratégias discursivas que cuidam das relações sociais entre os sujeitos.

### 7.1. POLIDEZ POSITIVA

Nas discussões dos fóruns da comunidade “*Belém*”, encontramos poucas manifestações de polidez positiva. Expressões de acordo, fórmulas votivas ou de boas-vindas, ou ainda, elogios e agradecimentos, ocorrem nos debates com uma menor frequência do que as expressões de desacordo, de ironia, sarcasmo e de depreciação.

A primeira manifestação de polidez positiva observada em nossos dados, está no fórum “*UFPA adia divulgação do listão da segunda etapa*”, no qual há um debate em torno de um desvio gramatical cometido por um vestibulando. Esse fragmento já foi mencionado no capítulo anterior (fragmento 9), mas achamos conveniente repetir o trecho em que a discussão se inicia, para uma melhor compreensão do contexto:

---

<sup>99</sup> “La cortesía o descortesía de un acto depende [...] de la interpretación que de éste hacen los interlocutores y, tanto los atenuantes como los intensificadores son estrategias dirigidas a “ganar El juego conversacional” (MURO, 2005, p. 172).

### Fragmento 33

E (9): [...] Caramba eu tava vendo as notas de corte no PROUNI de alguns estados e eu não entendo como reclamam tanto da educação e as notas de Belém tão bem elevadas, bem expressivas em relação a outros estados como por exemplo RJ e SP ! Já olhei umas três vezes pra comprovar se eu não tô delirando. Hauhauhau. Égua se desse p/ mim ir pra lá eu escolhia um curso bom e passava tranquilo [...];
J (10): Égua!!!! parei no "Égua se desse p/ mim ir pra lá"....
E (11): J, eu não entendi o porque desse comentário ! [...]
J (12): Ok... vamos ajudar o colega. O certo seria: ""Égua se desse p/ eu ir pra lá".... ok?
R.W (13): Manera com o cara...rsrsrs As pessoa confundem muito o uso do pronome pessoal do caso reto com o do caso oblíquo quando usados na primeira pessoa.Observe o exemplo:"Égua se desse p/ mim ir pra lá" O uso está gramaticalmente indevido por conta da confusão criada entre os dois pronomes: EU e MIM. O MIM é utilizado após preposições, exercendo a função de objeto indireto, exemplo: Elas estão falando sobre MIM. Enquanto que EU exerce a função de sujeito, no caso da oração "Égua se desse p/ mim ir pra lá", o correto seria "Égua se desse p/ EU ir pra lá" por conta de o pronome exercer a função de sujeito, nesse caso do verbo IR, por isso não cabe o MIM na frase, mesmo sendo antecedido por uma preposição, o que causa o tumulto na cabeça do falante ou escrevente.Olá, sou o Professor R., cuidado com a língua!!!!
J (14): <b>É isso aí, comunidade Belém também é cultura.</b>

O que destacamos no fragmento 33 é a maneira como o participante **J**, na intervenção 14, se refere ao comentário do professor de Língua Portuguesa, **R.W.** . A expressão “*é isso aí, comunidade Belém também é cultura*” não surge aleatoriamente na discussão, e sim como manifestação de lisonja à explicação técnica do professor. O elogio é proferido de maneira indireta, uma vez que **J** não declara que o professor **R.W.** é culto, e sim que a “*comunidade Belém também é cultura*”.

O elogio, no referido contexto, enaltece a imagem pública do professor de Língua Portuguesa perante os demais colegas, pois o qualifica como um sujeito que domina o saber gramatical/linguístico. **J** reforça seu ato valorizante de face com a expressão de incentivo “*é isso aí*”.

Poderíamos também afirmar que a correção de **J**, na intervenção 12, é endossada pela explicação de **R.W.**, e que, portanto, **J** realiza um ato enaltecido a si mesmo, respaldado por

aquele sujeito que domina a gramática normativa – no caso, o professor **R.W.**. Elogios e manifestações de acordo também inserem o fragmento 34, do fórum “*FIM DO PSS!*” na classificação de polidez positiva. O estudante do primeiro ano de ensino médio, **C**, na intervenção 62, ao opinar sobre o fim do processo seletivo da UFPA, apresenta desenvoltura na escrita de seus argumentos sobre a decisão da UFPA em acabar com o Processo Seletivo Seriado – o que surpreende seus colegas, como podemos observar a seguir:

### **Fragmento 34**

C.(92): Bem, eu, como estudante do ensino médio, acho que foi uma decisão infeliz da universidade. É bem verdade que o PSS precisava de vários ajustes, assim como o PRISE, mas acho que simplesmente acabar é complicado. Há dois lados: os processos seletivos seriados são (ou deveriam ser) muito bons para os alunos que são interessados durante todo o ensino médio, porque as disciplinas ficam mais bem divididas, não deixando tudo para o último ano. Entretanto, sabe-se que esse não é o caso da gigantesca maioria dos estudantes, o que faz com que a maior parte deles não obtenha bons resultados, e, especificamente no caso do PSS, deixando a prova para ser refeita nos anos seguintes. Acho que, assim como o PRISE, o PSS deveria fazer apenas uma prova por ano, sem alternativa da prova ser refeita caso o resultado não seja satisfatório, isso já ajudaria bastante. Outra questão é a da disparidade entre conteúdos exigidos por ambas as instituições. Deveria haver uma unificação entre as disciplinas e assuntos cobrados pelas duas, já que há uma confusão generalizada nos colégios e na cabeça dos próprios alunos na hora de estudar. Um assunto cai nessa, mas não naquela, mas esse cai nas duas, e por aí vai.. Eu, que hoje estou no 1º ano do E. Médio, vou ser provavelmente da última leva de alunos que farão o PSS, que será mantido até a terceira etapa para nós. Espero que até lá haja essa unificação e até mesmo redução das especificidades dos assuntos, se formos parar para pensar, não são de suma importância para quem vai seguir determinadas áreas. Com certeza, **a volta da escolha das áreas seria muito bem vinda**, ou pelo menos isso que eu já citei antes. Acho que é só. De fato, uma pena o PSS ter acabado, espero que a universidade reconsidere essa decisão e apenas faça o processo ser mais eficiente e reconhecido.

R.(93): ainda bem que peguei o último ano da forma menos horrível de vestibular: 2 fases, a primeira com port, mat e redação (conhecimentos mínimos que todos devem ter) e depois a 2a fase com o resto das matérias. acho ridículo a prova de redação ser na 2a fase. redação tem que ser obrigatoriamente na 1a fase. pra obrigar esse nosso monte de analfabeto funcional que lota, por incrível que pareça, o ensino médio a aprender a escrever. é inadmissível ver aquelas 'pérolas' das redações. fora que aquilo é uma parcela ínfima dos erros grotescos que aparecem. por isso que a prova de múltipla escolha é pior, porque passa o sortudo mesmo [...].

M.Y.(94): **C, vc tem certeza que tá no primeiro ano do ensino médio?**

C.(95): **R.: Concordo contigo.**

**M.Y.: Absoluta.**

M.Y.(96): **Oo**

**Todo mundo da sua sala sabe se expressar assim, ou vc é exceção?** Sobre o tema do tópico: **Também concordo com a volta das avaliações específicas.** É triste ver pencas e pencas de alunos com ótimo potencial em ciências humanas deixarem de entrar na universidade pela pouca habilidade em Geometria Analítica. Ou então, alunos com ótima inclinação para ciências exatas deixarem de entrar pela pouca habilidade em literatura, por exemplo.

F.M.(97): **C,**

**Acho que você, independente do sistema, tem potencial e desejo que tenha sorte.**

A pergunta do participante **M.Y.**, na postagem 94, gera um efeito de sentido de polidez, já que a maioria dos estudantes de ensino médio não possui a habilidade de escrita que **C** demonstra ter em sua postagem. Assim, quando **M.Y.** questiona se **C** “*tem certeza*” que está no ensino médio, não necessariamente espera uma resposta afirmativa ou negativa, mas elogia, ainda que indiretamente, sua forma de escrever e de fundamentar seu ponto de vista (mesmo que em um ambiente informal, como é o *Orkut*). A pergunta de **M.Y** é retórica e tem caráter lisonjeiro.

A concordância do participante **C**, na intervenção 95, em relação os argumentos do também estudante **R**. configura-se como um ato enaltecendo de face. A concordância é uma via de mão dupla, pois ao concordar, **C** valida os argumentos de **R** e respalda-se em seu próprio posicionamento. O mesmo ocorre quando **M.Y.**, na postagem 96, afirma “*Também concordo com a volta das avaliações específicas*”. Sua expressão de concordância novamente enaltece a face positiva de **C**, já que foi o estudante quem postou “*a volta da escolha das áreas seria muito bem vinda*”.

**M.Y.** reitera seu elogio a **C** quando enuncia, na postagem 96: “*Todo mundo da sua sala sabe se expressar assim, ou vc é exceção?*”. A sequência de caracteres tipográficos “**Oo**” sinaliza o espanto e ratifica a surpresa do participante **M.Y.**, ao ler a postagem do estudante, já que o texto bem escrito de **C** não é tão comum entre os jovens do ensino médio, principalmente em se tratando de ambientes eletrônicos como os fóruns *orkuteanos*.

Ainda no fragmento 34, na postagem 97, do participante **F.M.**, encontramos outro efeito de sentido de polidez, quando **F.M.** declara que, independentemente do sistema, o estudante **C** tem potencial.

Outro exemplo de manifestação de polidez positiva é retirado do fórum “*SOLUÇÃO PARA COTAS – UFPA*”, quando a participante **L** opina contra o sistema de cotas:

### Fragmento 35

L(77): [...] pq não tem cotas pros INDIOS? eles sim foram massacrados, estão quase extintos... porém como política em pró de índio não representa voto nas eleições, é melhor fzr com os negros. Ainda mais em Belém do Pará, que é uma metrópolde da Amazônia, deveria ter cotas pra Índios... estou terminando meu curso de medicina na UEPA e tenho amigos que estudaram em escolas públicas e que passaram no vestibular sem empurrão de ninguém... Todos nós temos condições, até os índios, é só sentar o rabo pra estudar... EU DIGO NÃO PARA AS COTAS.

Z.F.(78): **é isso aí L!! Não é a toa que sou casado contigo!!**

**Z.F.**, na intervenção 78, promove um ato valorizante à face positiva de **L** por meio da expressão de acordo “*é isso aí*”. O enunciado “*Não é a toa que sou casado contigo!!*” também enaltece a face positiva do próprio participante, uma vez que para **Z.F.**, ser casado com alguém que demonstra destreza nos argumentos, também o projeta como um homem que não escolheria qualquer mulher para ser sua esposa.

O fórum “*UFPA X UNAMA*”, que também contém exemplos de polidez positiva, inicia-se com uma postagem do participante **W** (intervenção 24, fragmento 36), em que ele solicita a opinião dos colegas sobre qual seria a melhor faculdade da cidade de Belém. O que observamos, em termos gerais, são agradecimentos, elogios e manifestações de cordialidade e de acordo, presentes notoriamente nas intervenções 24, 31 e 32:

### Fragmento 36

W(24): UFPA X UNAMA!!! gente, gostaria muito da ajuda de vcs!!! Queria saber dos senhores, qual a melhor faculdade de Belém?? [...]. **Desde já agradeço as opiniões!!! abraços.**

[...]

A (26):W, Estudei um tempo na UFPA, mas acabei indo pro CESUPA e me formando lá. O que pude perceber, em ambas, é que se você aprende alguma coisa até o final do curso, o mérito é principalmente seu. Professores e instituição podem contribuir positivamente e negativamente, mas o fator principal é a sua vontade de aprender [...].

P (29): [...] Acho que isso depende do curso, da coordenação, organização... tem cursos na federal que sao totalmente jogados ao vento. Outros nao, nao paralizam nem com as greves. Me formei pela UNAMA. Enquanto que o laboratorio tinha ilha de edição, laboratorio de fotografia, de audio, de computação grafica... Na federal, era exposto uma reliquia da comunicação: uma maquina de escrever (e nao era eletrica). Acreditem, eu vi! Apesar do abandono, a federal ainda matém o status de... FEDERAL.

[...]

A (31): [...] Os professores do meu curso do CESUPA faltavam pra caramba tb (assim como os do meu curso na UFPA, q larguei). Mas sei de cursos na UFPA nos quais os professores são mais responsáveis e exigentes. Com relação à qualidade de laboratórios, isso realmente não dá pra discutir, pelo menos não para a maioria dos cursos. **Pelo visto a P. fez ou faz publicidade na UNAMA, e ela tem toda a razão na argumentação dela.** Esse é um dos cursos nos quais a diferença de qualidade entre particular e pública é mais gritante (a favor da particular, é claro). Acho que o resumo seria:

Se você é estudioso e esforçado e está com vontade de se tornar um bom profissional, procure se informar sobre as opções e leve em consideração a qualidade do seu curso em cada faculdade. Se eu quisesse fazer publicidade, por exemplo, e tivesse dinheiro para pagar, escolheria a UNAMA.

W (32): Bem gente,

**Queria agradecer as opiniões, mas confesso que as afirmações do A foram as melhores na minha opinião,** acho realmente que no geral a UFPA é bem melhor analisando ponto por ponto, mas no que concerne ao curso que pretendo que é PUBLICIDADE E PROPAGANDA a unama é bem melhor principalmente no aspecto de tecnologia!!! **Obrigado a todos...**

O participante **W**, na intervenção 24, do fragmento 36, demonstra deferência pelas opiniões dos outros participantes da comunidade, pois stas servirão de ajuda para sua decisão em optar por alguma faculdade da cidade. O trecho *“Desde já agradeço as opiniões!!! abraços”*, ratifica os efeitos de sentido de polidez presentes na postagem de **W**.

Outro exemplo de polidez positiva é o trecho *“Pelo visto a P. fez ou faz publicidade na UNAMA, e ela tem toda a razão na argumentação dela”*, na intervenção de 31, do participante **A**, na qual este se reporta à intervenção da participante **P**, validando a argumentação da colega e, portanto, enaltecendo sua face positiva.

A intervenção 32, do participante **W**, traz expressões de agradecimento que colaboram para o efeito de sentido de polidez. Porém, há uma diferença entre o enunciado *“Obrigado a todos...”* e o enunciado *“Queria agradecer as opiniões, mas...”*. Veremos essas diferenças quando tratarmos de polidez negativa<sup>100</sup>.

Como afirmamos no início desta seção, encontramos poucas manifestações de polidez positiva nos fóruns da comunidade analisada. A próxima seção trata de polidez negativa.

<sup>100</sup> Por observarmos a simultaneidade de manifestações de (im)polidez positiva e de (im)polidez negativa em um único fragmento, alguns desses fragmentos serão analisados mais de uma vez, de acordo com a categoria a ser analisada.

## 7.2 POLIDEZ NEGATIVA

Iniciaremos este subitem com o mesmo fórum (“*UFPA X UNAMA*”), apresentando apenas os principais trechos, para analisarmos os procedimentos substitutivos de polidez negativa encontrados no fragmento 37.

### Fragmento 37

W(24): UFPA X UNAMA!!! <b>gente, gostaria muito da ajuda de vcs!!! Queria saber dos senhores</b> , qual a melhor faculdade de Belém?? [...]. Desde já agradeço as opiniões!!! abraços.
[...]
W (32): Bem gente, <b>Queria agradecer as opiniões, mas confesso que as afirmações do A foram as melhores na minha opinião</b> , acho realmente que no geral a UFPA é bem melhor analisando ponto por ponto, mas no que concerne ao curso que pretendo que é PUBLICIDADE E PROPAGANDA a unama é bem melhor principalmente no aspecto de tecnologia!!! Obrigado a todos...

De acordo com o quadro teórico apresentado por Kerbrat-Orecchioni (2006), a formulação indireta do ato de fala reflete uma preocupação com a polidez. Para a autora, “é pelo viés da formulação indireta que se exerce [...] a polidez negativa” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 85).

Assim, na intervenção 24, do fragmento 37, o participante **W** lança mão de uma estratégia de polidez negativa, por meio dos modalizadores “*gostaria*” e “*queria*”, gerando um efeito de sentido de polidez, uma vez que age como se não quisesse exigir uma resposta dos outros participantes do fórum.

O termo “*senhores*”, concomitante ao vocativo “*gente*”, demonstra um tratamento de respeito entre pares, podendo refletir proximidade entre os participantes (proximidade em termos de faixa etária - por serem quase da mesma idade; proximidade em termos de grupo social - pré-universitários ou universitários). Nesse sentido, Kerbrat-Orecchioni (2006) afirma que a variante oral do pronome “*nós*” (“*gente*”) tem valor de solidariedade. Ao mesmo tempo, **W** demonstra deferência aos colegas de fórum utilizando-se do pronome “*senhores*”, não os abordando de maneira impositiva. O modalizador “*queria*” no trecho “*queria saber dos*

*senhores qual a melhor faculdade de Belém*” também colabora para que a pergunta indireta tenha efeito de sentido de polidez.

O mesmo ocorre na intervenção 32, quando **W**, para agradecer a opinião dos colegas sobre a melhor faculdade de Belém e, ao mesmo tempo, dizer qual opinião mais lhe satisfaz, prefacia o ato ameaçador de face com o agradecimento. O enunciado “*Queria agradecer as opiniões, mas confesso que as afirmações do A foram as melhores na minha opinião*”, é uma estratégia de polidez negativa, formalmente prefaciada por um ato enaltecendor de face – um agradecimento - e por um desarmador – “*mas*” .

O ato ameaçador à face negativa dos colegas que opinaram, é mitigado pelo agradecimento e gera efeitos de sentido de polidez, já que, embora apenas uma das opiniões seja considerada a melhor para **W**, este não deseja desconsiderar os esforços dos colegas que se interessaram em responder sua pergunta no fórum. O trecho “*na minha opinião*” ratifica que aquela escolha (da melhor resposta), diz respeito somente ao que ele próprio avaliou, e não é uma opinião generalizada dos participantes - o que também torna **W** polido para com aqueles que opinaram, mas cuja opinião não foi “*escolhida*”.

O fragmento 38 foi retirado do fórum “*PROVA DE REDAÇÃO DA UFPA É CRITICADA*”. O tópico é aberto pelo participante **V.P.**, que posta na intervenção 69, uma crítica feita pelo *blogueiro* Reinaldo Azevedo à prova de redação da UFPA. No *blog*, Reinaldo Azevedo afirma que o tema da redação da UFPA (“A arte de ser feliz”) esconde a ideologia do Partido dos Trabalhadores (PT) no processo seletivo da instituição e que isto influenciaria na aprovação/reprovação dos vestibulandos:

### **Fragmento 38**

V.P.(99): [OFF] Prova de Redação da UFPA é criticada!UNIVERSIDADE DO LULA: BRASIL, AME-O OU DEIXE-O.

*Já expus aqui mais de uma vez o filtro ideológico que passou a vigorar no processo de seleção para ingresso nas universidades públicas brasileiras. Exige-se do aluno que demonstre o seu, como é mesmo?, compromisso com as “questões sociais”. Dito assim, parece bacana. Ocorre que esse tal “compromisso” não é, como sabem, um valor absoluto. Exige-se a sua adequação a um corte ideológico — de esquerda — e a uma agenda: a do PT. Pois bem, estão atingindo o estado da arte na manipulação e na vigarice. A prova de redação do vestibular da Universidade Federal do Pará é um escândalo sob muitos pontos de vista. Supostamente inspirados num texto de Cecília Meireles — A Arte de ser feliz —, para o qual se formulam questões (energúmenas, diga-se) de interpretação, os examinadores elaboraram a seguinte prova de redação: A vida é marcada por acontecimentos que são fonte de satisfação, contentamento, prazer e por acontecimentos que são fonte de desânimo e angústia. O brasileiro, por exemplo, convive com a desigualdade social, com inúmeras*

*formas de carência, com atos de violência, no entanto tem também motivos para felicidade. Escreva um texto em prosa em que você exponha um dos motivos pelos quais se sente feliz por ser brasileiro, apresentando argumentos consistentes que justifiquem seu sentimento de felicidade [...].A formulação induz o candidato a falar sobre os motivos que “o brasileiro” tem para ser feliz. E a referência aos problemas sociais ali fornece uma pista. Quem, devidamente afinado com estes tempos, afirmar que se sente feliz porque, finalmente, há um governo ocupado das questões sociais já está com pelos dois pés na vaga... E, claro, haverá os incrédulos que saberão jogar as regras do jogo: “Querem elogio? Então tomem elogio; eu quero é passar”[...].*

Fonte: Blog do Reinaldo Azevedo.

[...]

L.N.(109): Uai, qual o problema da redação? Dói tanto fazer um esforço para tentar ver os aspectos positivos de morar no Brasil? Se esse tema fosse proposto durante o governo FHC o autor do tópico criticaria o tema?

[...]

A.R.(111): [...] Só queria deixar o registro que eu tenho milhões de motivos pra me orgulhar de ser brasileiro [...].

[...]

E.S.(120): A.R., Q bom q vc tem milhões de motivos, mas eu não tenho tantos assim!!! Se fosse pra falar de infelicidade por ser brasileiro ai sim eu teria milhões de motivos...!! Pra sermos felizes mesmo, temos q imaginar(manipular) como foi o texto da prova de português!!!

A.R.(121): [...] **Mas então o que fazes nessa terrinha amigão, porque não procuras outras? Curiosidade apenas...** Não quero acreditar que és feliz curtindo a infelicidade =] **Abraços, e NÃO me leve a mal.**

[...]

E.S.(123): Tanto a infelicidade e a felicidade são passageiras. Hoje eu sinto infelicidade, mas pode ser q amanhã eu tenha felicidade!!! É apenas questão de momento, eu não quero dizer e nem quiz dizer q o Brasil só tem tristeza , o momento em q estamos passando como a violência, desigualdade social,... é quem está falando por mim. Nesse momento como eu disse a felicidade é pessoal, somos felizes pelas nossas famílias e não por ser brasileiro. E a infelicidade q eu sinto aqui não pode ser tipicamente brasileira, pode e é mundial, pra onde eu vá infelizmente não muda quase nada!!! XXXXXXXXXXXXXXXX

**MINHA OPINIÃO!!!**

No fragmento 38, as intervenções 111 e 120, respectivamente dos participantes **A.R.** e **E.S.**, mostram uma discórdia entre eles, discórdia esta concernente aos motivos de orgulho de ser brasileiro. O ato de discordar representa uma ameaça às faces negativas dos interactantes; contudo, tal ato é mitigado por estratégias observadas nas intervenções 121 e 123, nas quais

os participantes **E.S.** e **A.R.** lançam mão de procedimentos substitutivos de polidez negativa, gerando efeitos de sentido de polidez.

Quando **A.R.**, na intervenção 121, pergunta diretamente ao participante **E.S.** o que ele faz no país e por que não procura outro lugar (já que não tem razões para se orgulhar do Brasil), **A.R.** atenua a ameaça de seu ato com um minimizador (“*terrinha*”) e com o moderador “*amigão*”, que imprimem cordialidade, informalidade e cortesia à sua abordagem diretiva. O enunciado “*curiosidade apenas...*” também suaviza seu questionamento, já que não impõe a **E.S.** uma obrigação de responder à pergunta “*Mas então o que fazes nessa terrinha amigão, porque não procuras outras?*”.

**A.R.** mitiga a ameaça do enunciado com o emoticon [=], o qual representa um sorriso e expressa simpatia e cordialidade. Os enunciados “*Abraços*” e “*NÃO me leve a mal*” também constituem “suavizantes” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006), que pretendem neutralizar quaisquer efeitos de sentido de descortesia gerados por sua intervenção. As letras maiúsculas no sintagma “*NÃO*”, enfatizam o desejo de **A.R.** em minimizar o tom agressivo da pergunta endereçada ao participante **E.S.**.

Em resposta ao colega, na intervenção 123, **E.S.** fundamenta sua opinião acerca das razões pelas quais não se orgulha de ser brasileiro, alegando que a felicidade é algo passageiro, pessoal e independe da nacionalidade de um indivíduo. No fim de seu comentário, **E.S.** enuncia “*MINHA OPINIÃO!!!*”. As letras maiúsculas e os pontos de exclamação da expressão destacadas na postagem de **E.S.** mostram seu desejo de desfazer ou neutralizar a imagem negativa de si que pode ter projetado na intervenção 120.

O fragmento 39 (“*Prova da UFPA volta a ser contestada*”) também apresenta manifestações de polidez negativa:

### Fragmento 39

E (165): [OFF] **Prova da UFPA volta a ser contestada**

O clima predominante no Brasil é temperado e não tropical, conforme aprendemos na escola? E São Paulo já era metrópole desde o século XVIII, época da Revolução Industrial, antes mesmo da Inglaterra? Pois é, na prova de geografia da primeira etapa do Processo Seletivo Seriado da Universidade Federal do Pará (UFPA), aplicada anteontem, consta que sim, o que está sendo contestada por professores. Devido isso, mais uma vez, questões da prova de geografia correm o risco de serem anuladas. Para o professor de geografia do Sistema de Ensino Universo, Jurueno Sampaio, pelo menos três das cinco questões da disciplina apresentam erro de conteúdo ou teórico [...].

FONTE: <http://www.diariodopara.com.br/noticiafullv2.php?idnot=74782>

[...]
L.H. (174): Tem que chamar o Bouth.
[...]
N (184): [arroz de cursinho detected rsrsrs]
L.H. (185): <b>Desculpe, mas</b> enquanto vc se mata aí pra passar, eu já estou dentro, viu? Aliás, começa a se preocupar em passar logo, pq eu posso acabar sendo o seu professor, <b>rsrsrsrs!</b>

O tópico se inicia com a postagem sobre erros na prova de geografia do vestibular 2010 da UFPA. O participante **L.H.**, na intervenção 174, sugere, em tom jocoso, que chamem Nonato Bouth, famoso professor de Geografia de cursos preparatórios de Belém, para solucionar a questão.

O participante **N**, na intervenção 184, ironicamente, enuncia: “[arroz de cursinho detected rsrsrs]”, referindo-se ao participante **L.H.**, provavelmente sugerindo que este seja estudante de cursinho, já que **L.H.** menciona o nome de um professor de curso preparatório na postagem 174.

A expressão pejorativa “arroz de cursinho”, pelo que observamos no contexto, refere-se a calouros oriundos de cursos preparatórios para o vestibular que, geralmente, entusiasmados por sua aprovação, conferem aos professores desses cursos todas as honras e méritos possíveis. A expressão de **N**, deste modo, configura-se como uma crítica direta que ameaça a face positiva de **L.H.**. A crítica é amenizada pelos risos no fim do enunciado “[arroz de cursinho detected rsrsrs]”, que constituem, portanto, uma estratégia de polidez negativa.

Ainda sobre o fragmento 39, a crítica de **N**, na intervenção 184, faz com que **L.H.** critique o colega diretamente também, como observado na intervenção 185. **L.H.** é mais sarcástico ainda quando afirma que é melhor que o colega comece a estudar logo, pois pode vir a ser seu professor. Os risos finais da intervenção 185, por seu turno, podem ser considerados como estratégia de polidez negativa, uma vez que imprimem ao enunciado descortês um tom de brincadeira.

A polidez negativa, de acordo com nossos dados, ocorre com uma frequência considerável nos fóruns analisados, se comparada à polidez positiva. Os atos ameaçadores de face, por vezes, são amenizados por estratégias de polidez negativa nos fóruns.

### 7.3 IMPOLIDEZ POSITIVA

O fragmento 40, por sua vez, apresentado anteriormente neste trabalho, diz respeito à discussão sobre um desvio gramatical de um vestibulando da UFPA e faz parte do fórum “*UFPA adia divulgação do listão da segunda etapa*”.

Quando ridicularizado por ter cometido o desvio gramatical, o participante **E**, na intervenção 19, critica os participantes do fórum que destacaram seu desvio. A crítica é feita por meio de risos, onomatopéias e com um tom de brincadeira. Vejamos:

#### **Fragmento 40**

E (19): ôôôhhhh o grau de "inteligência" dos membros da comunidade de Belém me surpreende !!  
**hauhauhau** É por isso que a nossa cidade não tem nenhum problema [...] enfim, todos falando certo, agindo certo... **kas kas kas kAs...** Tô até me comovendo por isso !!! E nem vou mais perder tempo aqui, tempo é uma questão a menos na UFPA ! **Até mais, cérebros hipertrofiados !!! hehehe.**

O participante **E** se utiliza de gracejos, numa tentativa de desviar o foco de atenção de seu “erro” gramatical para outras questões. O vestibulando demonstra ser estrategicamente impolido. Sua “defesa” poderia ser marcada por agravantes (com expressões de baixo-calão, por exemplo), mas o enquadre da brincadeira é “ativado” para que o estudante comente as críticas recebidas pelos colegas de fórum.

Enunciados como “ôôôhhhh o grau de “inteligência” dos membros da comunidade de Belém me surpreende!” ou “tô até me comovendo por isso!!!”, os risos irônicos, as expressões “ai,ai”, “ôôôhhhh”, as aspas de “inteligência”, os pontos de exclamação e o emoticon “xD” enfatizam o sarcasmo do participante **E**, depreciando a correção do participante que o ridicularizou e reforçando a ameaça da crítica aos membros da comunidade “Belém”, classificados pelo vestibulando de “cérebros hipertrofiados !!!”. Tal expressão é mitigada pelos risos finais “hehehe”.

Novamente, as postagens do fórum “[OFF] Prova da UFPA volta a ser criticada”, também promovem efeitos de sentido de impolidez. Muitos atos ameaçadores de face positiva são observados na interação daquele fórum. Observemos, novamente, o fragmento 41 e as intervenções 155 e 156:

### Fragmento 41

N (184): [arroz de cursinho detected rrsrs]
---

L.H. (185): <b>Desculpe, mas enquanto vc se mata aí pra passar, eu já estou dentro, viu? [...]</b>
--

Verificamos que o participante **L.H.** inicia a intervenção 156 com “*Desculpe*”, mas, de fato, não é um pedido de desculpas verdadeiro. Esse pedido de desculpas irônico e o desarmador (“*mas...*”) poderiam ser considerados marcadores de polidez; entretanto, neste caso, pelo contexto em questão, o enunciado torna-se sarcástico e gera efeitos de sentido de impolidez, já que **L.H.** faz pouco caso do colega que ainda está pleiteando uma vaga na universidade e vangloria-se de ter sido aprovado no vestibular antes dele (“*enquanto você se mata aí pra passar, eu já estou dentro, viu?*”).

O fragmento 42 é a continuação do fórum “[OFF] Prova da UFPA volta a ser criticada”, marcado por manifestações de atos ameaçadores sem mitigação, muitas vezes reforçados por agravantes.

### Fragmento 42

L.H. (185): Desculpe, mas enquanto vc se mata aí pra passar, eu já estou dentro, viu? Aliás, começa a se preocupar em passar logo, pq eu posso acabar sendo o seu professor, rrsrsrs!
---

X (186): <b>a humildade mandou lembranças ..</b>
--

[...]
-------

Y(188): <b>Nem liga N., esse L.H. eh tão estúpido, imaturo e ultrapassado que acha que passar na universidade do guamá é motivo de orgulho AHAHAH</b>
---

[...]
-------

L.H. (192): <b>Não sou estúpido, só respondi pq me chamaram de "arroz de cursinho". Mas quem quiser continuar com a mesma opinião, faça o favor de se dirigir ao inferno, pq eu não tô nem aí. Não provoqui ninguém aqui. Aliás, não só passar na universidade do Guamá é motivo de orgulho, como passar em qualquer universidade pública. Nada contra as particulares, mas todo mundo sabe a diferença do nível de</b>
---

dificuldade entre uma e outra, e o nível de importância entre uma e outra.
[...]
N (197): <b>Orgulho? ah ta..a festa o)</b>
L.H. (198): [...] Não. Quem já passou sabe o que é. Quem nunca passou vai querer adivinhar.
[...]
Y (207): <b>Vou me abster de qualquer comentário excedente =D</b> <b>Feliz é aquele que sabe que a universidade, tanto pública quanto particular não é absolutamente NADA nos DIAS DE HOJE se não houver TALENTO, COMPETENCIA, INTERESSE, E ATITUDE.</b> Essa discussão não ocorreu a primeira vez aqui, <b>claro que todos aqueles que suaram feito condenados pra passar na universidade do guama querem defender seu "orgulho" e seu peixe criticando as particulares (por pura falta do conhecimento das competências as quais citei logo acima).</b> Agora, eu já tinha dito isso e repito: <b>grande parte dos alunos da UFPA trabalham para os outros, enquanto os das particulares são empreendedores. Eis a diferença do foco entre as duas "categorias". =)</b> [...] <b>E digo mais: Infelizmente o déficit desses setores [educação] vai continuar assim enquanto houverem noobs cegos idiotas que acham que porque fazem UFPA são (ou com certeza serão) alguma coisa na vida.</b>
[...]
P.S.(212): <b>A UFPA é sim uma boa universidade, bem melhor que todas as particulares da AMAZÔNIA,</b> a única com excelência em alguns cursos e a que mais produz cabeças pensantes, doutores, formadores de opinião, mestres, e profissionais de gabarito EM TODA A AMAZÔNIA!! Orgulhem-se disso! Formados ou não nela!!! Além do mais, ela gera inveja em outros estados da Amazônia, podem acreditar
[...]
F.F. (221): Todo lascado que eu conheço que faz faculdade não pensa duas vezes antes de fazer vestibular pra uma particular , <b>até porque pra passar em um particular é só saber marcar um X</b>

Os efeitos de sentido de impolidez neste fórum, decorrem dos comportamentos agressivos, percebidos e comentados durante a interação (FRASEN; NOLEN, 1981, apud WATTS, 2003).

**X**, ao comentar, na intervenção 186: “*a humildade mandou lembranças..*” ameaça a face positiva de **L.H.**. **Y**, por sua vez, na intervenção 188, também critica **L.H.**, mas com mais contundência. O trecho “*esse L.H. eh tão estúpido, imaturo e ultrapassado que acha que passar na universidade do guamá é motivo de orgulho AHAHAH*”, é, indubitavelmente, um

exemplo de agravantes de impolidez; os adjetivos agressivos são reforçados pelo riso sarcástico, enfatizado por letras maiúsculas no fim do enunciado.

Além disso, **Y**, na intervenção 207, ameaça as faces positivas de todos os estudantes da Universidade Federal que estão debatendo no referido fórum e também daqueles universitários da UFPA que, por ventura, acompanham a discussão sem se manifestar.

Na intervenção 188, **Y** não recorre, portanto, a estratégia alguma para minimizar a ameaça do ato. A resposta de **L.H.**, na intervenção 192, é uma reação aos efeitos de sentido de impolidez: *“Não sou estúpido, só respondi pq me chamaram de "arroz de cursinho". Mas quem quiser continuar com a mesma opinião, faça o favor de se dirigir ao inferno, pq eu não tô nem aí”*.

Interessante notar que, apesar da crítica ferrenha e direta de **Y**, o participante **L.H.** não se dirige ao colega de fórum da mesma forma, e utiliza-se do tropo comunicacional *“mas quem quiser continuar com a mesma opinião...”*, valendo-se, pois, de uma estratégia de polidez negativa em um encontro marcado por comportamentos descorteses.

O participante **N** reaparece na discussão, na intervenção 197, com mais uma manifestação de impolidez: *“Orgulho? ah ta..a festa o)”*. A pergunta retórica “orgulho?” tem conotação irônica e tal ironia é reforçada na expressão seguinte *“ah ta..a festa o)”*, o que sugere que, na opinião de **N**, ser aprovado no vestibular da UFPA não tem valor algum, a não ser pelas comemorações. O emoticon **o)**, o qual simboliza um riso, reforça a ironia do comentário. A crítica de **N** poderia ter sido manifestada por meio de agravantes (como **Y** o fez, utilizando-se de adjetivos agressivos, por exemplo), se assim este o desejasse.

A intervenção 207, de **Y**, é uma das manifestações de impolidez mais representativas entre os dados analisados. O participante **Y** foi o único, de todos os fóruns observados, que não se empenhou em ser estrategicamente polido ou em reparar os efeitos de sentido de impolidez gerados por seus enunciados.

Com a afirmação *“Vou me abster de qualquer comentario excedente =D”*, o participante **Y**, na realidade, não se abstém do que pretende comentar; pelo contrário, é justamente uma forma de anunciar que seus argumentos serão suficientes para fazer valer seu ponto de vista.

A expressão *“feliz é aquele que sabe...”* opera como uma verdade absoluta e reitera a “suficiência” de suas fundamentações. A postagem é repleta de sintagmas escritos em letras maiúsculas, propositalmente destacados, para enfatizar sua opinião e chamar a atenção do leitor. As aspas de *“orgulho”* ratificam que, em sua opinião, não há orgulho algum em ser aprovado no vestibular da Universidade Federal do Pará.

O participante **Y** afirma, ainda, que os estudantes da UFPA criticam as universidades particulares por não conhecerem as competências grafadas em letras garrafais previamente em sua postagem: “*TALENTO, COMPETENCIA, INTERESSE, E ATITUDE*”, o que se configura como a mais expressiva ameaça à face positiva dos estudantes da UFPA, reforçada pela idéia sugerida por **Y**, de que os universitários da UFPA somente “*trabalham pros outros*” e que os alunos das universidades particulares são “*empreendedores*”. O emoticon =), ainda que tenha valor de simpatia e cordialidade, não funciona dessa forma no contexto; pelo contrário, apenas reitera, de maneira sarcástica, os efeitos de sentido de impolidez da postagem.

Para reforçar a ameaça de suas críticas, o participante **Y** ainda lança mão de agravantes como “*noobs cegos idiotas*” em referência aos estudantes da UFPA.

Apesar de todos os agravantes utilizados por **Y**, do efeito de sentido de impolidez de seus enunciados, de nenhuma preocupação em suavizar a ameaça de sua crítica direta à face positiva dos alunos da UFPA, não verificamos muitas “defesas” da instituição por parte dos colegas do fórum em questão. As manifestações de **P.S.** e **F.F.**, nas intervenções 212 e 221, respectivamente, foram as únicas que contemplaram essa “defesa” da instituição.

**P.S.** não rebate as críticas de **Y** de forma agressiva, ainda que seus brios tenham sido atingidos. Na realidade, sua intervenção resume-se a um comentário sobre a Universidade Federal do Pará, no qual destaca que esta é “*bem melhor que todas as particulares da AMAZÔNIA*”. Sua assertiva pode ameaçar a face positiva dos estudantes das faculdades particulares de nossa região, mas não se configura como uma crítica direta ao participante **Y** (apesar de compreendermos que a postagem se refere à intervenção de **Y**), o que se configura como tropo comunicacional.

**F.F.**, por sua vez, na intervenção 221, age da mesma forma que **Y** quando afirma “*pra passar em uma particular é só saber marcar um X*”. Isto é, ele ameaça a face positiva dos estudantes das universidades particulares, desdenhando da competência destes, de maneira direta, sem uso de atenuadores, como forma de “revidar” as críticas de **Y** à UFPA. Os efeitos de sentido gerados também são de impolidez, pois não houve preocupação em minimizar a ameaça da crítica.

Exemplos de atos ameaçadores sem mitigação são observados no fórum “*SOLUÇÃO PARA COTAS – UFPA*”, citado no capítulo anterior deste trabalho. No fragmento 43, correspondente ao fórum, observa-se a presença de agravantes (ex.: *vagabundos!!*, *Quem é adulto e é burro! vai morrer burro!*) que geram o efeito de sentido de impolidez na postagem. Observemos:

### Fragmento 43

P.S.(69): Nada de cotas!!! **Vão estudar seus vagabundos!!** pode ser branco, negro, índio e até azul! Tem que ser igual pra todos! e disputado! Foi assim comigo, e não gostaria que fosse diferente com os meus filhos! [...]

[...]

P.S.(71): Estudar, e muito! É a solução! fora isso, **esperem papai Noel chegar...Ah! sim!** Também tem que falar outra língua viu? o mercado exige!! **"Tudo pelo social" isso não existe!! Seja "social" e passe fome pra ver se é bom!** Outra solução, porém mais radical: **Quem é adulto e é burro! vai morrer burro!** O investimento tem de ser nas gerações futuras, com prazo mínimo para começar a dar resultado de 25 anos. Funciona! Funcionou na Coréia, e com certeza funcionaria aqui![...].

O participante **P.S.**, na intervenção 69, refere-se aos cotistas como “vagabundos”, desqualificando-os. Esse agravante ocorre em um enunciado cuja força ilocucionária é de ordem, expressa pelo modo imperativo e enfatizada pelos pontos de exclamação, gerando, assim, um efeito de sentido de impolidez na interação.

As expressões como “*esperem papai Noel chegar*”, “*Seja ‘social’ e passe fome pra ver se é bom*” e “*Quem é adulto e é burro! vai morrer burro!*” mostram o tom agressivo e taxativo de **P.S.**, e geram também efeitos de sentido de impolidez.

A impolidez positiva, a exemplo da polidez negativa, também aparece com frequência nas interações dos fóruns analisados da comunidade “*Belém*”, uma vez que os participantes produzem atos ameaçadores sem mitigação a todo instante, comportando-se de tal forma, em prol de suas próprias opiniões e na defesa de posicionamentos sobre os temas abordados nos fóruns.

#### 7.4 IMPOLIDEZ NEGATIVA

Como já mencionado neste trabalho, a impolidez negativa consiste em não produzir um ato enaltecedor de face esperado pelo contexto, tais quais cumprimentos, desculpas ou agradecimentos.

No fórum “*FIM DO PSS!*”, observamos o fragmento em que um estudante de ensino médio é elogiado por dois de seus interlocutores, em função de sua escrita coesa e coerente. Vejamos:

#### Fragmento 44

C.(92): Bem, eu, como estudante do ensino médio, acho que foi uma decisão infeliz da universidade. É bem verdade que o PSS precisava de vários ajustes, assim como o PRISE, mas acho que simplesmente acabar é complicado. Há dois lados: os processos seletivos seriados são (ou deveriam ser) muito bons para os alunos que são interessados durante todo o ensino médio, porque as disciplinas ficam mais bem divididas, não deixando tudo para o último ano. Entretanto, sabe-se que esse não é o caso da gigantesca maioria dos estudantes, o que faz com que a maior parte deles não obtenha bons resultados, e, especificamente no caso do PSS, deixando a prova para ser refeita nos anos seguintes. Acho que, assim como o PRISE, o PSS deveria fazer apenas uma prova por ano, sem alternativa da prova ser refeita caso o resultado não seja satisfatório, isso já ajudaria bastante. Outra questão é a da disparidade entre conteúdos exigidos por ambas as instituições. Deveria haver uma unificação entre as disciplinas e assuntos cobrados pelas duas, já que há uma confusão generalizada nos colégios e na cabeça dos próprios alunos na hora de estudar. Um assunto cai nessa, mas não naquela, mas esse cai nas duas, e por aí vai.. Eu, que hoje estou no 1º ano do E. Médio, vou ser provavelmente da última leva de alunos que farão o PSS, que será mantido até a terceira etapa para nós. Espero que até lá haja essa unificação e até mesmo redução das especificidades dos assuntos, se formos parar para pensar, não são de suma importância para quem vai seguir determinadas áreas. Com certeza, a volta da escolha das áreas seria muito bem vinda, ou pelo menos isso que eu já citei antes. Acho que é só. De fato, uma pena o PSS ter acabado, espero que a universidade reconsidere essa decisão e apenas faça o processo ser mais eficiente e reconhecido.

[...]

M.Y.(94): **C, vc tem certeza que tá no primeiro ano do ensino médio?**

C.(95): [...]

M.Y.: Absoluta.

M.Y.(96): **Oo**

**Todo mundo da sua sala sabe se expressar assim, ou vc é exceção? [...]**

F.M.(97): **C,**

**Acho que você, independente do sistema, tem potencial e desejo que tenha sorte.**

Os participantes **M.Y** e **F.M**, respectivamente nas intervenções 94/96 e 97, elogiam a redação do estudante **C** (ver análise completa referente ao fragmento 34, na página 132). No entanto, o estudante **C** não expressa nenhum agradecimento aos seus colegas de fórum, agindo, portanto, de forma negativamente impolida.

O fragmento 45 também apresenta efeitos de sentido de impolidez negativa:

### Fragmento 45

E.S. (102): Eu fiz a prova e achei estranho o tema. Não tem tantos motivos de felicidade por ser brasileiro, achei muito tendencioso esse tema [...] Bom, se era tendencioso eu não vou tirar uma boa nota, pq a minha redação foi a respeito da superação dos brasileiros em várias causas.

D.S. (103): **Ainda bem que eu já passei!**

[...]

C.L. (106): **Ainda bem que eu já passei! (2)**

No fragmento 45, a indiferença de **D.S.** e **C.L.** configura-se como uma manifestação de impolidez negativa, já que, pelo contexto, o mais esperado seria que **D.S.** e **C.L.** se solidarizassem com o colega **E.S.**, que talvez não tire uma boa nota na prova da redação da UFPA.

A ausência de um enunciado que demonstre solidariedade por parte de **D.S.** e **C.L.** às aflições de **E.S.** gera efeito de sentido de impolidez. Assim, o enunciado “*ainda bem que eu já passei!*” não se configura como um enunciado impolido propriamente dito, uma vez que a impolidez é um fenômeno marcado, saliente e comentado durante a interação (Fraser e Nolen, 1981, apud WATTS, 2003) e não foi verificada nenhuma reação de **E.S.** em relação à indiferença de seus interlocutores.

Por outro lado, em uma situação também já mencionada neste trabalho, no fórum sobre cotas na UFPA, o participante **I.D.**, na intervenção 64, afirma que o tema das cotas é bastante polêmico, especialmente quando se tratam de cotas para negros. O participante **A**, na intervenção 65, comenta a observação do colega **I.D.**, e este, ao responder, demonstra total falta de interesse pelo debate que ele mesmo promoveu no fórum.

### Fragmento 46

I.D.(64): Há meses, abri um tópico, aqui, sobre a opinião dos amigos , em relação às cotas. 90% foi contra. Eu sou a favor. É um assunto polêmico até demais mas que é sempre bom ser discutido [...]. **Examinando as respostas dos colegas e percebendo a reação das pessoas, com quem convivo, no dia a dia :criaturas centradas, calmas, perdem a compostura, quando o assunto é cotas para descendentes africanos. Há uma revolta como se fosse proposto uma coisa imoral, tirar balas das mãos de um menino de 03 anos, algo assim. Uma revolta inexplicável , estranha. Queria entender...**

A(65): I.D., não é preconceito, é preocupação com os próprios alunos formados por cotas. Será que não criam clichês do tipo: "Médico negro? Será que é confiável?" Não é a capacidade do negro que está em cheque e nem o sua integração legítima em todos os níveis da sociedade. Muitos de nós, estão preocupados com a qualidade do ensino mesmo. Porque não melhorar a base, a escola pública etc... Sou contra cotas...mas não sou contra políticas que favoreçam o valoroso povo negro. Minha solução: As melhores notas no ensino público dariam direito aos alunos de fazer o segundo grau em turmas especiais criadas pela Universidade. Depois de 3 anos, eles disputariam o vestibular de igual para igual com qualquer um.

I.D.(66): **ai, meus sais....**

**...descobri porque o caldo verde fica ralo: primeiro, devemos colocar a batata amassada, e, em seguida, a couve...**

**...está chovendo mais do que o normal, neste novembro/2006...**

**...alguém já tomou este iogurte Activia?**

**...qual a pimenta que arde mais: a amarela ou a vermelha?.**

**...alguém conhece os igarapés de Santo Antonio do Tauá?**

**...suco de acerola é rico em vitamina C.**

**Vou dormir a sesta.**

**Senhor, dai-me paciência....**

O desdém verificado na postagem 66, do fragmento 46, do participante **I.D.**, em relação ao comentário do participante **A**, não é sinalizado por nenhum marcador de impolidez; porém, pelo referido contexto e por se pressupor que **I.D** gostaria de retomar a discussão sobre cotas (já que mencionou que gostaria de entender o porquê da revolta das pessoas quando o assunto eram cotas para descendentes africanos), gera um efeito de sentido de impolidez na interação com **A**. Esse efeito de sentido de impolidez é atestado pelo tom sarcástico da postagem de **I.D.**, com expressões como “*ai, meus sais...*” e “*Senhor, daí-me paciência*”, que demonstram aborrecimento, e com comentários que não mantêm relação alguma com o tema proposto (o das cotas), que imprime, propositalmente, ironia à postagem, como por exemplo, “*alguém conhece os igarapés de Santo Antônio do Tauá?*”.

A impolidez negativa, a exemplo da polidez positiva, também ocorre com pouca frequência nos fóruns da comunidade “*Belém*”.

O que percebemos, em suma, é que os interactantes dos fóruns da comunidade em análise, preferem, em determinadas situações, evitar cometer um ato ameaçador de face (ou amenizar a formulação desses atos) ou, ainda, em outras situações, preferem produzir atos ameaçadores sem mitigação ou reparo. A maioria dos participantes das discussões, a nosso ver, não tem preferência, pois, pela realização de atos enaltecidos de face em suas argumentações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Notoriamente, o *Orkut* é uma das redes sociais mais populares do Brasil, haja vista o grande número de internautas que desde 2004 têm se filiado ao site. Ainda que o *Facebook* tenha atingido um número relevante de usuários, o *Orkut*, logo quando iniciamos nossa pesquisa (entre março e julho de 2010), prevalecia como a rede social mais acessada no Brasil. Essa foi uma das razões que nos conduziu a escolher os fóruns de discussão do *Orkut*, já que esses fóruns configuram-se como fóruns bastante expressivos, se comparados a outros fóruns *Web*.

No site *Orkut*, nossa análise se deu no contexto dos fóruns da comunidade “*Belém*”, em que assuntos relacionados à Universidade Federal do Pará eram debatidos por membros daquela comunidade.

A filiação dos membros às comunidades *orkuteanas*, de acordo com o que verificamos, dá-se de maneira contratual, em que regras “de bom convívio”, estabelecidas pelos moderadores e donos das comunidades, devem ser rigidamente obedecidas.

Atestamos que os usuários de tais fóruns lançam mão tanto de pistas de contextualização linguísticas (seleção léxico-gramatical) quanto de pistas paralinguísticas (*emoticons*, onomatopéias, pontos de exclamação, aspas), para realizar seu projeto de dizer. Tais pistas revelam, muitas vezes, o humor, o “tom” e o alinhamento do participante na interação.

Verificamos que, no quadro participativo da comunidade “*Belém*”, assim como no quadro participativo de uma conversação face a face, há participantes oficiais e não-oficiais. Os membros da comunidade que participam das discussões inscrevem-se na categoria de participantes ratificados ao evento comunicativo (no caso, ao fórum); indivíduos que não fazem parte da comunidade e que apenas lêem as discussões dos fóruns são classificados de não-oficiais.

O endereçamento nos fóruns se dá por meio de índices de alocação tais como: endereçamento individual, coletivo, por meio de tropo comunicacional, ou ainda, pela citação literal de mensagens postadas previamente por outros participantes.

Sobre os enquadres interativos nos fóruns, é possível observar principalmente a ocorrência do enquadre da correção, da aula, da brincadeira e da notícia.

Os *footings* dos participantes, assim como em interações face a face, tendem a variar a todo instante, revelando em muitas ocasiões as relações interpessoais construídas entre os interactantes.

Acerca do fenômeno da polidez, verificamos que os efeitos de sentido de polidez e de impolidez são os que predominam nos fóruns analisados.

Nas discussões em que ocorre polidez negativa - isto é, em que os interactantes validam seus posicionamentos com mitigação - percebemos que assim procedem no intuito de não gerar embates muito agressivos.

Já nas discussões em que ocorre impolidez positiva – isto é, em que os interactantes validam suas opiniões sem mitigação – percebemos que os usuários dos fóruns são mais diretos e menos sutis em seus dizeres, na urgência, talvez, de defender seus pontos de vista com exatidão.

Quanto à polidez positiva e à impolidez negativa, essas não se sobressaíram em nossos dados se comparadas às manifestações de impolidez positiva e polidez negativa. Cremos que isto se procede de tal forma porque elogios, cumprimentos, desculpas e agradecimentos ocorrem raramente nos debates forenses do *Orkut* da comunidade em questão.

Ressaltamos, contudo, que nossa conclusão é baseada tão somente na análise dos fóruns selecionados para a pesquisa. Talvez, em outras comunidades e em outros debates forenses *Orkuteanos*, seja possível observar a ocorrência maior de manifestações de polidez positiva ou impolidez negativa.

Acreditamos que pesquisas no meio virtual sobre o fenômeno da (im)polidez são, sem dúvida, bastante úteis para os estudos na área da Pragmática. Como o *Orkut* tem sido gradativamente “substituído” pelo *Facebook* no Brasil, cremos que esta última rede social torna-se, portanto, um campo fecundo de investigações desse cunho, assim como o *Twitter*, por exemplo. É de nosso interesse dar continuidade a este trabalho nesse sentido.

Quanto às dificuldades e limitações de nosso trabalho, é certo afirmar que, no início, diante dos modelos seminais de Brown e Levinson e de pesquisas que sempre se referiam a esses autores, tivemos dúvidas sobre quais caminhos teóricos percorrer. Porém, de acordo com as leituras que fazíamos, decidimos que muitos trabalhos, de diversos autores, apresentavam elementos substanciais para nossa investigação. De fato, percebemos que não nos deter somente a um modelo enriqueceria nosso estudo.

Também tivemos algumas limitações na coleta de dados, pois sabíamos que era necessário nos concentrar somente em algumas discussões, dada a delimitação da pesquisa; porém, isso também poderia nos fazer correr o risco de deixar de lado pontos relevantes de

outros debates. Tentamos, portanto, seguir ao máximo a linha teórica que escolhemos – desde os estudos de Goffman até os de Kerbrat-Orecchioni.

Esperamos que nosso estudo possa vir a contribuir para a crescente área de pesquisa no campo da Pragmática e no âmbito digital - no qual muitos trabalhos sobre gêneros eletrônicos, hipertexto, redes sociais, EaD etc. têm se destacado.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J.P. Novas Tecnologias na Educação Especial: algumas considerações técnicas e pedagógicas. Revista Conect@. Vol. 4. 2002. Disponível em: <[http://www.revistaconecta.com/conectados/jpaulo\\_novas\\_tec.htm](http://www.revistaconecta.com/conectados/jpaulo_novas_tec.htm)>. Acesso em 23 nov. 2010.

BARROS, K.S.M. Estratégias de (im)polidez em interações acadêmicas virtuais. Belo Horizonte, 2008. Disponível em:<<http://www.portaled.com/es/estrat%C3%A9gias-de-impolidez-emintera%C3%A7%C3%B5es-acad%C3%A4micas-virtuais>>. Acesso em: 23 mar. 2010.

BARROS; K.S.M.; CRESCITELLI, M.F.C. Prática Docente Virtual e Polidez na Interação. 73-92. In: MARQUESI, S.C.; ELIAS, V.M.S.; CABRAL, A.L.T. (org). *Interações Virtuais: Perspectivas para o Ensino de Língua Portuguesa a distância*. São Paulo: Claraluz, 2008.

BATESON, G. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P.M.. (orgs.). *Sociolinguística Interacional*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2002.

BRAIT, B. O processo interacional. In: PRETI, D. (org.) *Análise de textos orais*. Vol. 1. São Paulo: FFLCH/USP, 1993.

BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness - some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CHAVES, G.M.M. *Interação Online: Análise de Interações em Salas de Chat*. In: PAIVA, V.L.M.O (org.). *Interação e Aprendizagem em Ambiente Virtual*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

COUTO, E.S.; FONSECA, D.C.L. Comunidades Virtuais: Os Relacionamentos no Orkut. In: *Revista da FAGED*. Vol. 8. Universidade Federal da Bahia, 2007.

DURANTI, A.; GOODWIN, C. (eds.). *Rethinking Context – Language as an Interactive Phenomenon*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

excerpt.pdf.>. Acesso em: 02 jun. 2010.

FAVERO et al. Interação em Diferentes Contextos. In: BENTES, A.C.; LEITE, M.Q. (Orgs.). *Linguística de Texto e Análise da Conversação – Panorama das Pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2010.

FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z.G.O. Discurso e interação: a polidez nas entrevistas. Colóquio Internacional A Investigação do Português na África, América, Ásia e Europa: balanço crítico e discussão do ponto actual das investigações. Berlim, 1998. Disponível em: < [www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/maluv007.pdf](http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/maluv007.pdf) >. Acesso em: 17 set. 2010.

GOFFMAN, E. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Trad. M. C. S. Raposo. 17ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

GOFFMAN, E. A Situação Negligenciada. In: RIBEIRO, B. T., GARCEZ, P. M. (orgs.). *Sociolinguística Interacional*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2002.

GOFFMAN, E. Footing. In: RIBEIRO, B. T., GARCEZ, P. M. (orgs.). *Sociolinguística Interacional*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2002.

GOFFMAN, E. *Interaction Ritual*. New York: Anchor Books, 1967.

GRICE, H.P. Lógica e Conversação. In: DASCAL, M. (org.). *Fundamentos Metodológicos da Linguística*. Volume IV. Campinas, 1982.

GU, Y. Politeness Phenomena in Modern Chinese. In: *Journal of Pragmatics*. Vol 14. Elsevier, 1995.

GUMPERZ, J.J. Convenções de Contextualização. In: RIBEIRO, B. T., GARCEZ, P. M. (orgs.). *Sociolinguística Interacional*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2002.

HILGERT, José G. Esboço de uma fundamentação teórica para o estudo das atividades de formulação textual. In: CASTILHO, Ataliba T. (Org.). *Gramática do português falado III: as abordagens*. São Paulo/Campinas: FAPESP e Editora da UNICAMP, 1993.

HOUSE, J.; KASPER, G.. Politeness markers in English and German. In: COULMAS, F. (Ed.). *Conversational routine :Explorations in standardized communication situations and prepatterned speech*. The Hague, The Netherlands: Mouton de Gruyter, 1981.

HYMES, D. *Foundations in Sociolinguistics: An Ethnographic Approach*. London: Tavistock Publications, 1974.

HYMES, D. Models of the Interaction of Language and Social Life. 35-71. In: GUMPERZ, J. J.; HYMES, D. (eds.). *Directions in Sociolinguistics: The Ethnography of Communication*. New York: Holt, Rhinehart & Winston, 1986.

INGLEZ, K.G. O fórum eletrônico no Orkut: uma análise discursiva do hipertexto. In: CARDOSO, B.D.; GIL, E. A.; GONDÉ, V. G. Modelos de análise linguística. São Paulo: Contexto, 2009.

JARY, M. Relevance theory and the communication of politeness. In: *Journal of Pragmatics*. Vol 30. Elsevier, 1998.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. A Multilevel Approach in the Study of Talk-in-Interaction.1-20. In: *Pragmatics – Quarterly Publication of the International Pragmatics Association*. Vol. 7. Nº 1. 1997.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Análise da conversação: princípios e métodos*. Trad. C. P. Filho. São Paulo: Parábola, 2006.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Les Interactions Verbales*. Tome II. Paris: Armand Colin, 1992.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Les Interactions Verbales: Approche interactionnelle et structure des conversations*. Tome I. Paris: Armand Colin, 1990.

KOCH, I.V. *A Inter-Ação pela Linguagem*. 10ª Ed. São Paulo: Contexto, 2008.

LEECH, G. Politeness: Is there an East-West Divide? In: *Journal of Foreign Languages*. Vol 6. Lancaster University, 2005.

LEECH, G. *Principles of Pragmatics*. New York: Longman, 1983.

LEVY, P. *Cibercultura - la Cultura de la Sociedad Digital*. Mexico, 2007. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/19977800/Levy-Pierre-Cibercultura>> . Acesso em 15 dez. 2010.

LEVY, P. *O que é o virtual?*. São Paulo: Ed.34, 1996. Disponível em: <[www.scribd.com/doc/43818361/oque-e-virtual-pierre-levy](http://www.scribd.com/doc/43818361/oque-e-virtual-pierre-levy)>. Acesso em 15 dez. 2010.

MACEDO, C.M.M. *A Reclamação e o Pedido de Desculpas em uma Análise Semântico-Pragmática de Cartas no Contexto Empresarial*. São Paulo: PUC, 1999.

MAGALHÃES, I (org.). *As Múltiplas Facetas da Linguagem*. Brasília: Editora UNB, 1996.

MAO, L.R. Beyond Politeness Theory: 'Face' revisited and renewed. In: *Journal of Pragmatics*. Vol 21. Elsevier, 1995.

MARCUSCHI, L. A. Atividades de compreensão na interação verbal. In: PRETI, D. (Org.). *Estudos de Língua Falada - Variações e Confrontos*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1998.

MATSUMOTO, Y. Reexamination of the Universality of Face: Politeness Phenomena in Japanese. In: *Journal of Pragmatics*. Vol 12. 1988.

MEIER, A.J. Passages of Politeness. In: : *Journal of Pragmatics*. Vol 24. Elsevier, 1995.

MELO, L.A.; COSTA, M.A.M. *Polidez e Impolidez: Um levantamento histórico do seu estudo*. UFPE, 2009 Disponível em: <[www.uefs.br/ere12009/anais/luanamelo\\_marcelocosta.doc](http://www.uefs.br/ere12009/anais/luanamelo_marcelocosta.doc)>. Acesso em: 21 mar. 2010.

MURO, A. A. *Cortesía y descortesía: teoría y praxis de un sistema de significación*. Mérida, Venezuela: Universidad de Los Andes, Consejo de Desarrollo Científico, Humanístico y Tecnológico, 2005.

OLIVEIRA, T.P. Polidez e Linguagem: Perspectivas. In: *A manifestação da polidez nas orações condicionais do português do Brasil*. Araraquara: IBILCE/Unesp, 2004. Disponível em: <[www.revistas.ufg.br/index.php/sig/article/download/3746/3508](http://www.revistas.ufg.br/index.php/sig/article/download/3746/3508)>. Acesso em: 12 dez. 2010.

PAIVA, G.M.F. *A Polidez Linguística em sala de bate-papo da Internet*. Fortaleza: UFC, 2008.

PAIVA, V. L. M. O; RODRIGUES JÚNIOR, A. S. O footing do moderador em fóruns educacionais. In: ARAÚJO, J. L. (Org.). *Internet & Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

PAIVA, V. L.M.O. ; RODRIGUES JUNIOR, A. S. Fóruns on-line: intertextualidade e footing na construção do conhecimento. 171-189. In: MACHADO, I.L. e MELLO, R. (Orgs). In: *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2004.

PRETI, D. Alguns Problemas Interacionais da Conversação. 45-66. In: *Interação na Fala e na Escrita*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.

RECUERO, R. Comunidades Virtuais em Redes Sociais na Internet: Uma proposta de estudo. Ecompos, Internet, 2005. Disponível em: <[http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/com\\_virtuais.pdf](http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/com_virtuais.pdf)> Acesso em 12 dez. 2010.

RECUERO, R. Orkut x Facebook no Brasil. Ponto Mídia, 2010. Disponível em <[http://www.pontomidia.com.br/raquel/arquivos/orkut\\_x\\_facebook\\_divisao\\_de\\_classe\\_no\\_brasil.htm](http://www.pontomidia.com.br/raquel/arquivos/orkut_x_facebook_divisao_de_classe_no_brasil.htm)>. Acesso em 10 dez. 2010.

RHEINGOLD, H. *The Virtual Community*. 1993. Disponível em <<http://www.rheingold.com/>>. Acesso em 7 nov. 2010.

SANTANA, C. L. S. *Redes Sociais na Internet: Potencializando Interações Sociais*. UNEB, 2007. Disponível em: <<http://www.hipertextus.net/volume1/ensaio-05-camila.pdf>>. Acesso em 15 dez. 2010.

SCHIFFRIN, D. *Discourse Markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SEARLE, J. R. Indirect speech acts. In: COLE, P.; MORGAN, J. (Eds). *Syntax and Semantics*, Vol. 3. New York, 1975.

SOUZA, R.R. Aprendizagem Colaborativa em Comunidades Virtuais: o caso da lista de discussão. In: COSCARELLI, C.V.(Org.). *Novas Tecnologias, Novos Textos, Novas Formas de Pensar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

TANNEN, D.; WALLAT, C. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame/consulta médica. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P.M.. (orgs.). *Sociolinguística Interacional*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2002.

TOSCANO, M.E.S. Depoimentos no Orkut: configuração interlocutiva e polidez. In: HORA, D. (Org.). CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN. João Pessoa: Ideia, 2009. Disponível em: <[http://www.abralin.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=136:anais2009&catid=39:outras&Itemid=93](http://www.abralin.org/index.php?option=com_content&view=article&id=136:anais2009&catid=39:outras&Itemid=93)>. Acesso em: 15 mar. 2010.

VION, R. *La Communication Verbale – Analyse des Interactions*. Paris: Hachette, 1992.

WATTS, R.J. Introducing Linguistic Politeness. In: *Politeness*. Cambridge, 2003. Disponível em: <[http://assets.cambridge.org/97805217/90857/excerpt/9780521790857\\_](http://assets.cambridge.org/97805217/90857/excerpt/9780521790857_)> Acesso em 24 nov. 2010.

WILSON, V. Motivações Pragmáticas. 87-109. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

XAVIER, A.C.; SANTOS, C. F. *E-Forum na Internet: Um Gênero Digital*. In: ARAÚJO, J.C.; BIASI-RODRIGUES, B. *Interação na Internet – Novas Formas de Usar a Linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

YAHYA-OTHMAN, S. Covering one's special back: Politeness among the Swahili. In: *TEXT*. Vol. 14, 1994.

# **ANEXOS**

**FÓRUM 1: “UFPA adia divulgação do listão da segunda etapa”**

<p>W (1): UFPA adia divulgação do listão da segunda etapa.O coordenador pedagógico do Centro de Processos Seletivos da Universidade Federal do Pará (UFPA), professor Joaquim Maia, informou ontem, por meio de nota, que, em virtude do atraso de entrega dos documentos dos candidatos do interior do Estado e do maior rigor na análise dos documentos dos cotistas, o anúncio do resultado da prova da segunda etapa do Processo Seletivo Seriado (PSS) da UFPA foi adiado.</p> <p>O resultado estava previsto para ser divulgado ontem. A instituição ainda não definiu uma nova data para a divulgação dos aprovados para a terceira etapa.</p> <p>Fonte: <a href="http://www.diariodopara.com.br/noticiafullv2.php?idnot=77797">http://www.diariodopara.com.br/noticiafullv2.php?idnot=77797</a></p>
<p>L (2): Eles estão procurando a minha prova pra me eliminar! Eles não me querem lá!</p>
<p>F (3): Pessoal ja deram alguma previsão pra anunciarem?</p>
<p>E (4): Eles estão procurando a minha prova pra me eliminar! Eles não me querem lá! [2],nao q precisem adiar pra q isto ocorra comigo,mas,tah valendo</p>
<p>W (5): O listão já está disponível no site do CEPS - UFPA: <a href="http://www.ceps.ufpa.br">www.ceps.ufpa.br</a></p>
<p>L (6): Ufa, passei... Agora a concorrência do meu curso caiu para 2 para 1. Ou seja, é só tirar um par ou ímpar, ou então uma disputa de Mortal Combat, pra ver quem passa.</p>
<p>F (7): L,cara onde voce viu a demanda por curso pra 3° fase??</p>
<p>A (8): Relaxem, parece que dessa vez a coisa anda. Ouçam meu nome em Jornalismo[...] =)</p>
<p>E (9): Sei que não tem nada a ver com o temas, mas... Caramba eu tava vendo as notas de corte no PROUNI de alguns estados e eu não entendo como reclamam tanto da educação e as notas de Belém tão bem elevadas, bem expressivas em relação a outros estados como por exemplo RJ e SP ! Já olhei umas três vezes pra comprovar se eu não tô delirando. Hauhauhau. Égua se desse p/ mim ir pra lá eu escolhia um curso bom e passava tranquilo, já aqui em Belém tá meio difícil !! Manaus tbm tá com notas muito baixas, acho que vou pra lá ou pra Porto Velho sei lá. haha'</p>
<p>J (10): Égua!!!! parei no "Égua se desse p/ mim ir pra lá" ....</p>
<p>E (11): J, eu não entendi o porque desse comentário ! Eu sou dependente e por isso eu falei, é como se eu tivesse falado "como iria viver lá" !! E mais, eu não tenho interesse em ir pro sudeste... depois ser enganado como</p>

<p> muita gente é pensando que a vida é fácil ! Prefiro a minha cidade mesmo !!!</p>
<p>J (12): Ok... vamos ajudar o colega. O certo seria: ""Égua se desse p/ eu ir pra lá" .... ok?</p>
<p>R.W (13): Manera com o cara...rsrsrs As pessoa confundem muito o uso do pronome pessoal do caso reto com o do caso oblíquo quando usados na primeira pessoa.Observe o exemplo:  "Égua se desse p/ mim ir pra lá"  O uso está gramaticalmente indevido por conta da confusão criada entre os dois pronomes: EU e MIM. O MIM é utilizado após preposições, exercendo a função de objeto indireto, exemplo: Elas estão falando sobre MIM. Enquanto que EU exerce a função de sujeito, no caso da oração "Égua se desse p/ mim ir pra lá", o correto seria "Égua se desse p/ EU ir pra lá" por conta de o pronome exercer a função de sujeito, nesse caso do verbo IR, por isso não cabe o MIM na frase, mesmo sendo antecedido por uma preposição, o que causa o tumulto na cabeça do falante ou escrevente.  Olá, sou o Professor R., cuidado com a língua!!!!</p>
<p>J (14):É isso aí, comunidade Belém também é cultura.</p>
<p>E (15): Égua além disso aprendi a ser engraçado ! hahaha' valeu. Desde quando o orkut nos pede ou nos exige pra escrevermos na forma culta ? ai ai</p>
<p>M (16): ‘Desde quando o orkut nos pede ou nos exige pra escrevermos na forma culta ? ai ai’  Meu chapa, como se escreve aqui demonstra muita coisa. Atualmente, bastantes empresas contratam ou selecionam candidatos bisbilhotando o perfil do mesmo nas redes sociais virtuais.Além do mais, tem o vício. Se escreve errado aqui, numa redação de vestibular vai errar.  Cuidado!</p>
<p>E (17): M,  É, pode ser verdade mas eu sei distinguir uma escrita para orkut e outra para uma prova de redação que com certeza eu pensaria duas vezes antes de escrever ! Infelizmente é isso, nós temos que nos adaptar ao nosso meio, o orkut ! Mas fica só aqui mesmo... Daí vem outro tão "humilde" pensando que tá numa página de uma prova virtual ! haha'. Talvez porque já tenha passado por isso... Agora nem vou mais passar na UFPA ! hahahahaha xD  H-U-M-I-L-D-A-D-E</p>
<p>R.D (18): "Internetês" virou argumento modinha para se escrever "errado"...Tsc.maudita incrusaum dijitau</p>
<p>E (19): Argumentando ? Tem certeza ? Não devo satisfação a ninguém, apenas me deu vontade de responder e pronto ! O "pobrema" é meu ! E a internet não é motivo de desculpa para se escrever errado, aprende a interpretar direito senhor "sabidão", eu disse que o orkut não exige que eu escreva certo ou</p>

qualquer outra pessoa e sim que a forma que nós escrevemos não vai fazer a menor diferença aqui ! Tô nem ai pra isso, o importante é não errar na hora que precisar !

ôôôhhhh o grau de "inteligência" dos membros da comunidade de Belém me surpreende !! hauhauhau  
 É por isso que a nossa cidade não tem nenhum problema, a vida nas ruas reflete no que tão falando aqui !  
 rs' td mundo culto, sem gírias, sem linguagem coloquial... enfim, todos falando certo, agindo certo... kas  
 kas kas kAs... Tô até me comovendo por isso !!! E nem vou mais perder tempo aqui, tempo é uma questão  
 a menos na UFPA ! Até mais, cérebros hipertrofiados !!! hehehe

L (21): 'e sim que a forma que nós escrevemos não vai fazer a menor diferença aqui !'

Pode ser que não, mas uma pessoa que escreve errado na internet tem uma grande tendência a escrever errado onde quer que seja.

Na boa, uso o Orkut desde 2004. Já conversei com periguetes que não sabem nem escrever o nome certo. E mesmo depois de todos esses anos, nunca me deu vontade de escrever "miguxês" na internet. Talvez seja exatamente por isso que, modéstia à parte, eu tenha uma ótima redação, além do fato de que eu não me preno a ler somente porcarias que escrevem no Orkut, e penso que muita gente aqui faz o mesmo.

E (22): Pois é, eu também evito de escrever igual aos "orkuteiros" ! Mas mesmo assim eu não tenho rigor pra escrever certo aqui ! Eu errei ali naquela frase sim, mas parece que foi um erro grotesco pra alguns membros ai ! É como se nessa comunidade só tivessem membros cultos hauhauhau Eu pensava até que iam me bloquear da comunidade sei lá... A propósito, hoje teve problema na prova da terceira fase ! Algumas provas não tinham o texto de língua portuguesa. Então a prova foi até às 15 horas !  
**CONCLUSÃO: A UFPA vai querer esquecer o vestibular 2010 !!!!**

R.W (23): Relaxa, brother. Ninguém quer te zoar, mas o que foi dito é uma realidade. Sou professor de Língua Portuguesa, certo?! Agora imagina a quantidade de "vc", "bjo", "estaum", "naum", e até emoticons, hauha, que leio em algumas redações, rs, e olha que trabalho vários gêneros com a molecada, mas tudo pra eles é orkut e msn, phoda! A rapaziada tá certa, o internetês dinamiza a linguagem virtual, mas atrapalha bastante na hora de escrever a modalidade culta.

Voltando ao caso UFPA, desejo sorte a todos os vestibulandos, pois vão precisar. O que ocorreu hoje foi o fim da picada!

*FÓRUM 2: “UFPA X UNAMA”*

W(24): UFPA X UNAMA!!! gente, gostaria muito da ajuda de vcs!!! Queria saber dos senhores, qual a melhor faculdade de Belém?? queria levar em consideração todos os aspectos, tanto infra-estrutura quanto o ensino ministrado!! Posso pagar uma particular como a UNAMA, mas gostaria de ir para a melhor, onde no final do curso eu não saia sem aprender nada, e tenha nesse diploma uma boa referência pra conseguir um bom emprego!! Desde já agradeço as opiniões!!! abraços..

C(25):A melhor faculdade é a sua vida mesmo !Diploma é importante mas a não ser que seja Harvard (como já disseram hehe) ou alguma dessas, não vai fazer mágica. Aposte sim em pós, mestrado, doutorado. Escolha a faculdade que vc acha que tem os melhores professores da sua área.

A(26):W, Estudei um tempo na UFPA, mas acabei indo pro CESUPA e me formando lá. O que pude perceber, em ambas, é que se você aprende alguma coisa até o final do curso, o mérito é principalmente seu. Professores e instituição podem contribuir positivamente e negativamente, mas o fator principal é a sua vontade de aprender. Com relação à importância do diploma, concordo com os colegas ai em cima que dizem que não há mais tanta diferença, a menos que você pretenda entrar em uma universidade realmente extraordinária. No entanto, vou tentar colocar alguns pontos positivos e negativos tanto das particulares como da UFPA:

- 1) Se você não quiser estudar, pode assim mesmo conseguir seu diploma, mas vai ser um pouco mais difícil fazer isso na UFPA (+ pra UFPA);
- 2) Você vai encontrar um número significativamente maior de alunos que só querem empurrar o curso com a barriga e conseguir o diploma sem esforço nas particulares (+ pra UFPA);
- 3) Você vai encontrar mais pessoas sem nada na cabeça nas particulares (+ pra UFPA);
- 4) Você vai ter mais problemas com professores sacanas na UFPA (- pra UFPA);
- 5) Você vai enfrentar mais professores carrascos na UFPA (+ pra UFPA);
- 6) Você vai passar por pelo menos duas greves na UFPA (- pra UFPA);
- 7) Você vai ter oportunidade de se engajar em projetos de pesquisa e desenvolvimento na UFPA (+ pra UFPA);

Você não vai ter que pagar uma salgada mensalidade na UFPA (+ pra UFPA);

E tem ainda muitas outras considerações, mas fico por aqui. Não sei se todos concordam, mas a UFPA acaba sendo a melhor opção mesmo.

Abraços e boa escolha.

C(27):Olha...Se você quiser reconhecimento fora do estado, faz UFPA porque nos outros estados ninguém sabe ou quer saber o que é UNAMA... E Federal de todos os estados tem o mesmo peso...

C (28):E outra coisa... Não é mérito passar na UNAMA... Qualquer um passa lá...

P(29): O nome do Duciomar ainda tá numa daquelas placas penduradas nas paredes da UNAMA. "Direito". Acho que isso depende do curso, da coordenação, organização... tem cursos na federal que são totalmente jogados ao vento. Outros não, não paralizam nem com as greves. Me formei pela UNAMA. Enquanto que o laboratório tinha ilha de edição, laboratório de fotografia, de áudio, de computação gráfica... Na federal, era exposta uma relíquia da comunicação: uma máquina de escrever (e não era elétrica). Acreditem, eu vi! Apesar do abandono, a federal ainda mantém o status de... FEDERAL.

L.A(30): vi esse tópico quando ninguém ainda tinha postado...e decidi esperar pra ver as mesmas caras - com algumas variações - postarem como sempre, e ver as opiniões já esperadas...vcs estudaram lá - "é certo -...talvez há muito tempo...eu faço as duas atualmente e posso dizer pelo menos q em relação ao meu curso (oq naum deve ser muito diferente nos outros) é q naum existe essa de vantagem da federal...na federal os professores faltam pra caramba...oq já devia acontecer antigamente....(tem professor q ainda nem deu a nota de matérias estudadas há 3 semestres atrás)...alguns cursos naum tem infra-estrutura, livros velhos...e essa de q: "a vantagem é q naum paga", naum existe (sabia q nós pagamos impostos?)...quanto à unama...muitos professores ainda naum tem doutorado (a diferença é q agora eles taum tirando...oq naum é bom...pq eles tem q dividir a atenção do doutorado com as aulas (e adivinha pra quem eles dão mais atenção?)...as mensalidades saum reajustadas a cada ano...agora! tem livros, vc pode até dá dicas de títulos de livros pra comprarem pro acervo da biblioteca...só q cara! naum fica de PEC (dependência) pq tu vai ter q pagar mais ainda...tem bons laboratórios...mas naum tem muita pesquisa...oq é ruim.... o fato é o seguinte ...se tu fores "esperto" e tiver grana pra pagar....tu se dá bem numa facul como a unama...tem livros, laboratórios, material...enfim...se naum tem pesquisa o teu curso, tu podes iniciar....e eles te dão o maior apoio...na federal eu naum sei muito bem como funciona a parte de pesquisa.... mas a federal tb tem suas vantagens...  
ultimas palavras... na unama, se tu fores o melhor no teu curso até se formar....tu recebe todo o teu dinheiro de volta! heheh...já é uma motivação...vai q tu seja nerd...e consegue... se tu queres a federal...faz uma visita ao possível curso q tu queiras ...ver lá como é...assisti uma aula....conversa com os alunos...enfim....

A(31):L.,

É claro que as universidades públicas não são de graça, pq pagamos impostos. Mas quando dizemos que a UFPA "é de graça", estamos nos referindo ao fato de que quem estuda numa particular, como foi o meu caso, paga duas vezes, pq além de pagar o imposto, ainda paga a mensalidade da faculdade. Mas isso é meio óbvio né, não sei pq citaste essa do imposto.

Quanto à professores faltosos, isso realmente depende muito do curso. Os professores do meu curso do CESUPA faltavam pra caramba tb (assim como os do meu curso na UFPA, q larguei). Mas sei de cursos na UFPA nos quais os professores são mais responsáveis e exigentes.

Com relação à qualidade de laboratórios, isso realmente não dá pra discutir, pelo menos não para a maioria dos cursos. Pelo visto a P. fez ou faz publicidade na UNAMA, e ela tem toda a razão na argumentação dela. Esse é um dos cursos nos quais a diferença de qualidade entre particular e pública é mais gritante (a favor da particular, é claro). Acho que o resumo seria:

Se você é estudioso e esforçado e está com vontade de se tornar um bom profissional, procure se informar sobre as opções e leve em consideração a qualidade do seu curso em cada faculdade. Se eu quisesse fazer publicidade, por exemplo, e tivesse dinheiro para pagar, escolheria a UNAMA.

Se você só quer tirar seu diploma da maneira mais fácil possível e não tem nenhum interesse em estudar, vá para uma particular. :) Abraços.

W(32): Bem gente,

Queria agradecer as opiniões, mas confesso que as afirmações do A foram as melhores na minha opinião, acho realmente que no geral a UFPA é bem melhor analisando ponto por ponto, mas no que concerne ao curso que pretendo que é PUBLICIDADE E PROPAGANDA a unama é bem melhor principalmente no aspecto de tecnologia!!! Obrigado a todos...

Só queria citar também que essa história de comparar políticos corruptos com faculdades particulares é balela, se for assim, o que dizer do Jader Barbalho que estudou no colégio PAES DE CARVALHO??!!

T(33): Sou da teoria de q existem alunos bons e ruins, e se vc for ruim vai ser ruim em publica ou particular, ou se for bom vai ser bom na publica ou particular.

O detalhe é que na UFPA, vc nao aprende só o que é ensinado na sala, mas vc aprende a conseguir as coisas com suas próprias mãos. Já escutou a famosa frase "A UFPA é uma lição de vida"? Pois é a pura verdade. E não é a infra-estrutura que vai inferiorizar o ensino.

Agora que eu queria muito que a UFPA tivesse a infra-estrutura da unama, ah como eu queria!!!!

R (34):w., é impossível utilizar comparação do paes de carvalho dos tempos do jader para falar das diferenças entre publico e privado...

W (35): Certo R.,

também acho que esse tipo de relação não tem nada a ver, nem agora, nem nos tempos do jader. só quis comentar algo que alguém falou nesse fórum, foi algo do tipo que a UNAMA não prestaria pq o DUCIOMAR e um outro político aí estudaram na UNAMA. Realmente nem minha comparação merece ser levada em consideração, vc tem razão!!!!

R (36): by the way

de qualquer forma w., escolha aquilo que é possível pra vc tanto financeira, ideologica e cientificamente e outros 'mente' que também estão incluídos nesta dúvida sua.

Boa sorte e sucesso na profissão, porque mercado de trabalho é uma outra discussão!  
um grande abraço

F (37): Só lamento. Em se tratando de universidade particular ou pública na região norte e nordeste é uma coisa, te forma e vai tentar uma pós-graduação em uma USP da vida, os caras não querem nem saber se vc fez Unama ou Ufpa , simplesmente te desqualificam e te mandam de volta para a sala de aula para preencher a grade do teu curso com matérias que vc nem sonha que existem e ai meu amigo, são mais dois anos até vc chegar na sua pós-graduação. Sei disso porque tive amigos que se formaram pela Ufpa e

tiveram que passar por isso, é uma pena dizer mas se vc não estudar com bastante afinco tanto pela Ufpa como pela Unama vais ficar para trás. Faço uma faculdade particular aqui em Manaus, meu curso ainda não existe em nenhuma faculdade federal ou estadual, mas onde estudo o bicho pega. Lembro da primeira aula que tive na faculdade, meu professor entrou na sala para lecionar anatomia I e disse uma coisa que eu nunca esqueci: Vocês a partir de agora deixam de ser alunos para serem pesquisadores, não escrevo nada no quadro, não deixo apostilas na reprografia, a única coisa que posso fazer por vcs é indicar algum livro para que vcs possam estudar, e tem outra coisa para que eu não haja como um carrasco sempre vou deixar o tema do assunto para a próxima aula. Resultado: em um turma de 50 alunos, somente 7 passaram em anatomia, e eu fui no meio dos 7 é lógico.

I(38): Tenho muito orgulho de ter estudado na Federal. Por diversos motivos. Em relação a onde se aprende mais, estou convencida que isto depende, unicamente, da pessoa. Vejo textos feitos por pessoas consideradas cult que me dão vontade de chorar, tal a primariedade dos erros ortográficos. O mundo é voce. O teu valor pessoal é que, sempre, fará diferença.

*FÓRUM 3: "Cotas pra ÍNDIOS na UFPA"*

<p>L(39): Já que Belém é a metropole da Amazônia, porque não colocar cotas para os índios, visto que nossos índios estão quase que extintos, graças a imbecilidade do homem branco?          Resposta: Cota pra Índio não dá voto pra ninguém nas eleições! o que vcs acham?</p>
<p>E(40): Se tivesse que dar cotas pra índios deveria reservar 70% das vagas pra eles pois geralmente 30% das vagas são obtidas por gente que vem de outros estados.</p>
<p>Z.F.(41): Concordo com a L!! é isso aí... e pergunto pq não tem vagas pra negros e índios e concursos públicos empregatícios?? e pq não tem vaga pra deficientes na UFPA??</p>
<p>E(42): Encheram a UFPA de rampas mas esqueceram de pôr estantes mais baixas pra que os alunos que usam cadeiras de rodas possam alcançar as prateleiras.</p>
<p>H(43): De que adianta dar cota pra índios Se muitos deles nao tem nem dignidade? NA verdade esse negocio de cotas e tudo jogo de interesses, nao resolve nada. So serve pra ganhar votos como disse a L., seja la qual forem os beneficiados</p>
<p>E(44):Defina "índio" e defina "negro". Ou pra ser negro tem que se vestir como zulu?</p>
<p>L.N(45):Há algum critério razoável para definir negro ou preto? Acho que não mestiços são raros em nosso meio, então negro puro e branco puro são exceções. Vi na revista história desse mês, que desconfiam que talvez o Zulu fosse mestiço de negro e índio, por exemplo. Sou a favor de políticas afirmativas, mas no caso das cotas, eu preferia uma cota para pobres, a qual me parece mais objetiva e parece abranger os grupos a que se pretende incluir. E creio que políticas de inclusão na universidade são insuficientes, já que eles virão com uma bagagem muito limitada se tiverem vindo de escola pública (em sua maioria de péssima qualidade). Uma política de cotas em escolas particulares para pessoas de baixa renda poderia ser algo interessante, pelo menos até que o ensino público volte a ter um mínimo de qualidade.</p>
<p>E(46):Que se criem as cotas para negros, desde que a parte do idioma seja em suahili e não em inglês, espanhol, francês ou alemão, se ainda tiver todas as opções.</p>
<p>L.N. (47):[...] Há algumas décadas, as escolas pública possuíam qualidade. Não haviam diferenças entre</p>

escolas públicas e particulares. Na verdade, em muitos casos as escolas públicas chegavam a ser melhores do que as particulares. Pergunte aos seus pais como era a educação antigamente.

Mas a falta de qualidade no ensino público não é apenas uma questão tecnológica, é algo mais profundo, mais a ver com a qualificação dos professores e o fornecimento de uma infra-estrutura mínima (que pode variar dependendo da escola). Com o salário mínimo que atualmente é pago aos professores, é impossível (ou ao menos, extremamente difícil) um professor se manter atualizado e motivado. Um salário digno aos professores é o primeiro passo para um ensino de qualidade.

Z(48): hummm. Assim, teremos um dia cota pra gagos, cota pra alérgicos, cotas pra surdos... pq de uma forma ou de outra todos nós temos algum diferencial negativo em relação a uma outra pessoa... continuo: cota pra idosos...

O que tem que acontecer é uma reforma na educação, e fzer um investimento nas escolas públicas... Escola pública tem que ser no mínimo melhor do que escola particular!! Educação é o início de tudo, é só pegar o exemplo da Espanha!!!

H(49): Tambem concordo. Tenho o dedinho do pe torto, quero tambem vaga na universidade.

Isso e so pra criar mais confusao, essas teorias de que isso da certo e tudo utopia, nao resolve nada e ainda cria um problemao. Niguem sabe definir o que e negro, e tudo muito relativo. Ainda mais sendo o Brasil "serio" do jeito que é.

A.N.(50): COTA PARA NEGROS E INDIOS...eu sou totalemtno contra esse programa de cotas, pq pra mim isso é querer tapar o sol com a peneira e criar outro problema ainda maior...tipo, pq o estado não investe mais em educação ??? Ao meu ver falta uma política q incentivo de fato a educação, esse papo furado de q as cotas é uma ação emergencial pra tentar "solucionar" o problema dos "excluidos" socialmente nada me agrada...a análise q faço é a de q investimentos em educação obtem respostas a longo prazo, e isso não é benéfico politicamente falando para "nossos" politicos, pois resultados imediatistas q alcancem a maioria da população e assim rendam votos é bem mais interessante pra eles (os politicos)....

C.R.(51): L, não era o o Zulu que poderia ser um mestiço e sim Zumbi dos Palmares.

Com relação a cotas para os indígenas. seria justo se os mesmos viessem da escola pública. Não é o negro, ou o índio que não entra, é o camarada da escola pública. Em Minas temos vários amigos negros que são formados em federais e esses passaram pq tiveram boa base. No sul do Pará, no Oiapoque eu vejo vários índios de caminhonte importada, fruto de algum tipo de benefício que suas terras geram, como a passagem da ferrovia da vale, do linhão da eletronorte, etc. Se for

do interesse de algumas dessas tribos os seus filhos poderiam ter educação de primeira (antes que me interpretem mal, não são todos os índios) , mas uma coisa que eu me pergunto. Já viram algum representante dos índios brigar por essas cotas? Eu ja vi eles lutarem por terras, saúde, direito de dirigir um carro de pilotar barcos, de ter comida, etc. Mas nunca vi seus representantes brigarem por educação. Até porque desde que cheguei aqui no Pará a dois anos e posso dizer que já conheço várias cidades da Amazonia, tenho visto muitas tribos com o apoio de várais ong's(o que me assusta um pouco. principalmente as estrangeiras) tentar proteger o índio e mantê-lo aculturado. Desta forma o mesmo não responde seus atos perante a lei como nós. Ex Reserva Raposa Serra do Sol RO e Paulinho Paiakan que foi condenado por estupro e se refugiou em uma aldeia onde a policia não vai para evitar o choque com os indigenas. O que eu quero dizer é que se for para trazer o índio para o convívio mais próximo com da sociedade em geral, terão que ser revistos uma série de fatores para que essa convivência seja o mais normal possível. Todos com os mesmos direitos e deveres.

**FÓRUM 4: “SOLUÇÃO PARA COTAS – UFPA”**

<p>Z.F. (52): SOLUÇÃO para COTAS – UFPA. Galera, muito já foi dito sobre as cotas... uns são contra outros a favor. Eu sou contra as cotas, mas realmnte acho que deveria ter uma SOLUÇÃO... a Melhor solução, é melhorar a educação pública, isso é indiscutível, porém, com os nossos queridos políticos, fica meio complicado...A minha solução portanto seria: GRATUIDADE na INSCRIÇÃO do VESTIBULAR para 50% dos estudantes de escolas públicas, sendo 40% entre pretos e índios! Qual a sua solução?</p>
<p>M(53):Cotas - Entendo que essas "soluções" sejam paliativas e tentativa de transferir responsabilidades. Parece a história de querer remediar doenças sem tratar a causa da doença. É a velha politicalha brasileira.A questão é fortalecer a educação de base e depois a concorrência livre define a sequencia da história.</p>
<p>C(54): Uma parcela para a escola pública. Onde tem preto, branco, índio...Não só na UFPA, mas em todas as universidades públicas.</p>
<p>Z.F.(55):M., Perfeito seu comentário...</p>
<p>R(56): Esse negócio de cota é patético. O mérito tem que ser respeitado.Já é difícil o vestibular, mas ficar de fora injustamente não dá.</p>
<p>M.U.(57): R., "Injustamente" é por sua conta. Fico impressionado com o tanto de gente elitista que vota em Heloísa Helena.</p>
<p>I(58):a melhor solução eh nao ter cotas e pronto. e em vez da demencia do prouni q compra vagas em universidades particulares e dá bolsas, proporcionar uma ampliação e melhoria das univerisidades federais. muita gente aqui estuda ou estudou na ufpa, eu tb sou aluno de la, e sei a merda q eh. digo q estah uma merda estruturalmente e pelos salarios dos profs. em outros casos nao haveria tantas greves.</p>
<p>R.D.(59): Racismo é crime! e o governo federal assina uma medida racista! O Brasil está de parabens pela ignorância!</p>
<p>R(60): INJUSTAMENTE POR MINHA CONTA??? Fala sério...ai já é demais, cada um tem sua opinião...mas existem coisas que são claras demais. No sistema de cotas pessoas deixam de entrar na faculdade injustamente!Até quem defende as cotas deve concordar...tipo "é uma injustiça menor do que foi feito ao longo dos anos com os excluidos que agora estarão sendo contemplados coma as cotas"(n que eu concorde con isso)...mas que é injustiça é!!!Pelo amor de Deus! muitas pessoas que ficam de fora não tem a menor responsabilidade pela desigualdade social do país nem pela condição dos negros etc. Ora isso</p>

é patético! Alguém de família humilde poder ser branco e ter estudado colégio particular que não seja muito caro devia a grande esforço dos pais e da família por exemplo...pq essa pessoa teria que ser prejudicada por um sistema de cotas! Patético! E esse papo de "elitista" não cola... além do que qual o problema de votar em heloisa helena? se tu fores votar nela dverias ficar satisfeito, se não paciencia amigo é democracia.

M.U.(61): "A melhor solução eh nao ter cotas e pronto". Fico impressionado com a riqueza dos argumentos dessa discussão. Valeu, foi muito esclarecedor. "E em vez da demencia do prouni q compra vagas em universidades particulares e dá bolsas, proporcionar uma ampliação e melhoria das univerisdades federais". Ou seja, acabar com as vagas para a classe pobre e aumentar as vagas para a classe média. Interessante. "O Brasil está de parabens pela ignorância! Acho que os Estados Unidos também estão de parabéns pela sua ignorância, ao promover ações afirmativas que geraram uma classe média negra e diminuíram o fosso social entre os grupos étnicos. Como dá certo ser ignorante! "Cada um tem sua opinião... mas existem coisas que são claras demais". Legal como você é portador da verdade absoluta e fica espantado quando alguém a questiona. "No sistema de cotas pessoas deixam de entrar na faculdade injustamente! Até quem defende as cotas deve concordar". Não acho injusto tratar desigualmente os desiguais. "Muitas pessoas que ficam de fora não tem a menor responsabilidade pela desigualdade social do país nem pela condição dos negros etc". As cotas não são uma vingança contra ninguém, apenas uma forma de promover melhores oportunidades a quem não as tem. "Alguém de família humilde poder ser branco e ter estudado colégio particular que não seja muito caro devia a grande esforço dos pais e da família por exemplo". Gente realmente pobre não paga colégio. A não ser na faculdade, pois simplesmente não consegue entrar na universidade pública! "Colégios não muito caros" são coisas estilo Nóbrega, Rui Barbosa e Opção, fábricas de certificados, cujo ensino não é melhor que os de escolas públicas. "E esse papo de 'elitista' não cola". É elitismo sim. "qual o problema de votar em heloisa helena? se tu fores votar nela dverias ficar satisfeito, se não paciencia amigo é democracia". Você tem o direito de votar em quem quiser, mas que é estranho é.

R(62): Engraçado. Tu é q quiseste ser o dono da verdade e ficaste espantado comigo primeiramente...cada um que adora criar caso e não respeita opinião dos outros... Pois é,mas então vc defende cotas pra "pobres"...pq se for pra estudantes de escolas publicas vai ter injustiça como eu exemplifiquei...o q eu disse existe. Vc é que dá uma de dono da verdade dizendo que é elitismo e tal...eu não sou, mas se eu fosse pobre vc acharia elitismo da minha parte? Cada um pode ter sua opinião cara...só acho injusto e inadequado. Pois é, então pelo que vc disse, também defende cotas pra alunos de escolas particulares "inferiores"...? Afinal de contas se vc acha que existe gente humilde nessas escola vc há de concordadr cmg que seria uma injustiça não inclui-las nas cotas? Leia direito o q eu digitei antes de querer questionar a qq custo, ou então n precisa responder só por responder. Cada um com a sua opinião, eu dei a minha e se vc reler meus textos vai notar que vc exagera dizendo que eu me acho o dono da verdade... Fala sério, cada um... Eu sou contra porque é injusto com as pessoas que não tem culpa da sociedade ser da forma que é, corrigir um erro histórico cometendo outro pra mim é errado. Quem for prejudicado com as cotas pode ter um futuro pior do que aqueles que passaram na sua frente via cotas, não consigo achar isso justo. O governo tem é que melhorar as escolas públicas.

Pra mim até o programa de ingresso seriado pode causar injustiças pontuais, qto mais as cotas...não interessa a capacidade do aluno, não interessa o seu conhecimento o importante é colocá-lo no ensino superior na marra pq o estado é muito incompetente e não prepara bem as pessoas...não concordo com isso. se for cota racial então piora pq no brasil isso não existe... Não tem nada estranho eu votar na heloisa helena... só pq sou contra cotas.Pelo amor de Deus... Ela pode ir na TV e dizer que vai lutar pelas cotas...não interessa, eu posso ser contra mas concordar com todos os seus outros pontos de vista por exemplo... Nunca vou achar um candidato que seja a minha imagem e semelhança!

M.U.(63): "Tu é q quiseste ser o dono da verdade e ficaste espantado comigo primeiramente...cada um que adora criar caso e não respeita opinião dos outros". Se você acha que divergir é não respeitar a opinião alheia, sinto muito. Eu não vou deixar de divergir porque você não gosta que divirjam de você. "Pois é,mas então vc defende cotas pra 'pobres'... pq se for pra estudantes de escolas publicas vai ter injustiça como eu exemplifiquei...o q eu disse existe". Pobre não tem 150 reais por mês sobrando para pagar escola para o filho, ainda mais que existem vagas em escolas públicas para todos. "Pois é, então pelo que vc disse, também defende cotas pra alunos de escolas particulares 'inferiores'...? Afinal de contas se vc acha que existe gente humilde nessas escola vc há de concordadr cmg que seria uma injustiça não inclui-las nas cotas?". Eu não disse que tem gente humilde lá, eu disse que são fábricas de certificados, "prontos socorros", como se dizia antigamente, "pagou passou". Eu não disse que tem gente humilde lá, eu disse que são fábricas de certificados, "prontos socorros", como se dizia antigamente, "pagou passou". Quem tem mais dinheiro e mais contatos sociais sempre terá mais oportunidade do que quem não tem. Quem tem dinheiro sempre poderá pagar mensalidades em faculdades particulares. "se for cota racial então piora pq no brasil isso não existe..." Racismo não existe? Conta outra.

I.D.(64): Há meses, abri um tópico, aqui, sobre a opinião dos amigos , em relação às cotas. 90% foi contra. Eu sou a favor. É um assunto polêmico até demais mas que é sempre bom ser discutido. A respeito da gratuidade, da taxa de inscrição, ao vestibular, não creio que seja solução. Este é um dos problemas mais graves, gigantescos, que o nosso país tem de ter a coragem de resolver...outra coisa que observei, criando o tópico , examinando as respostas dos colegas e percebendo a reação das pessoas, com quem convivo, no dia a dia :criaturas centradas, calmas, perdem a compostura, quando o assunto é cotas para descendentes africanos. Há uma revolta como se fosse proposto uma coisa imoral, tirar balas das mãos de um menino de 03 anos, algo assim. Uma revolta inexplicável , estranha. Queria entender...

A(65): I.D., não é preconceito, é preocupação com os próprios alunos formados por cotas. Será que não criarão clichês do tipo: "Médico negro? Será que é confiável?" Não é a capacidade do negro que está em cheque e nem o sua integração legítima em todos os níveis da sociedade. Muitos de nós, estão preocupados com a qualidade do ensino mesmo. Porque não melhorar a base, a escola pública etc... Sou contra cotas...mas não sou contra políticas que favoreçam o valoroso povo negro. Minha solução: As melhores notas no ensino público dariam direito aos alunos de fazer o segundo grau em turmas especiais criadas pela Universidade. Depois de 3 anos, eles disputariam o vestibular de igual para igual com qualquer um.

<p>I.D.(66): <b>ai, meus sais....</b></p> <p><b>...descobri porque o caldo verde fica ralo: primeiro, devemos colocar a batata amassada, e, em seguida, a couve...</b></p> <p><b>...está chovendo mais do que o normal, neste novembro/2006...</b></p> <p><b>...alguém já tomou este iogurte Activia?</b></p> <p><b>...qual a pimenta que arde mais: a amarela ou a vermelha?.</b></p> <p><b>...alguém conhece os igarapés de Santo Antonio do Tauá?</b></p> <p><b>...suco de acerola é rico em vitamina C.</b></p> <p><b>Vou dormir a sesta.</b></p> <p><b>Senhor, dai-me paciência....</b></p>
<p>Z.F.(67): <b>Sou Contra as cotas. Quem daqui iria consultar-se com um médico formado pela UFPA, sendo que este só teve capacidade de entrar na Federal, pq é negro e estudou em colégio público? Eu voto de quatro em quatro anos, achando que um dia alguém vai dar uma olhadinha pra nossa educação (saúde, moradia, bem estar...) porém, percebo que nossos políticos preocupam-se somente com seus próprios bolsos (malas e cuecas) e preferem mascarar nossa educação falida, presenteando os menos favorecidos...</b></p>
<p>GI (68): <b>Cotas um ABSURDO A total falta de administração desse governo espanta. Não é com criação de cotas que vamos ter mais INCLUSÃO SOCIAL, com isso só vamos conseguir é mais confusão, mais discriminação. O que o governo tem que fazer é melhor o ensino fundamental e o médio, tanto nas instituições públicas que sua responsabilidade. Se o ensino público tivesse professores mais qualificados e melhor remunerados certamente esse assunto dde cotas não seia nem discutido. Como eles não querem melhorar a educação ficam inventando essas medidas paliativas para tentar solucionar o problema da educação. Com isso só vão ampliar o problema, porque cada vez mais chegam pessoas com menos clificação nas universidades, sem base de estudo. Pessoas que não sabem ler e nem interpetrar um texto, que não sabem fazer as quatro operações básicas da aritimética. Como uma pessoa dessa que ser um profissional. O MEC tem que acabar com essa medida de COTAS com urgência, para o bem do país. O que tem que se fazer mesmo é melhor o ensino público e pagar melhor os professores.</b></p>
<p>C.T.(69): <b>Todos nós estamos carecas de saber que o projeto de cotas não é a coisa ideal, mas é válida pq é uma quetão de inclusão. Pq qualquer um sabe que a reforma nos sistema de educaçao é um trb de longo prazo e gerações que estão em idade universitária não poderiam esperar esta reforma (se é que ela vai acontecer)... Outra coisa tudo que é público e ruim é para a população carente, tipo SUS, escolas pública, etc... pq a universidade pública não? Porque é boa. Aí o playboy do Colégio particular que faz cursinho cuja a mensalidade custa mais de 300 pratas quer estudar na faculdade pública... E assim tudo que há de bom fica a disposição das elites e a população cartente com as migalhas...Outra coisa depois que chegar lá us caras terão que dar conta do recado. Estudar, se empenhar pq senão estarão ferradas... Quanto as pessoas poderiam vir a fazer chacotas. Poderiam pelo menos aguardar o final do curso para falar se quem entrou através das cotas não tem condições de se formar. Pq o pessoal acha que a partir da hora que são aprovados no vestibular, tudo está resolvido. E é o contrário... tudo está começando... Inclusão social já... Quanto ao longo processo da reforma do sistema de educação... espero que seja abreviado quando pessoas</b></p>

das comunidades, das escolas públicas favorecidas pelas cotas assumirem postos que tenham o poder decidir o nosso futuro

P.S.(70): Nada de cotas!!! Vão estudar seus vagabundos!! pode ser branco, negro, índio e até azul! Tem que ser igual pra todos! e disputado! Foi assim comigo, e não gostaria que fosse diferente com os meus filhos! O mercado de trabalho é muito cruel! só quer os melhores! Nossos filhos tem que aprender que a vida é uma eterna disputa!! tem que se acostumar logo, senão vai sofrer! hoje em dia não tem mais moleza! Ou vc's acham que no futuro os empregadores não vão perguntar pros candidatos e trainees a uma vaga de trabalho se eles foram aprovados por cotas?? Eu perguntaria!... se fosse pra minha empresa!

C.T.(71): Discordo P.S., As cotas são para entrar na facul e não para sair delas. A reforma do sistema educacional é longa. É sacanagem, as pessoas que sofrem por conta do descaso das nossas autoridades não terem oportunidades agora. Se vc disser que as cotas são um anestésico eu vou concordar, e como qualquer anestésico não podem ser aplicados a vida toda. Mas no momento é válido sim. Até mesmo para ver se agente muda um pouco o perfil dos futuros cérebros pensantes desse país que investe na pesado na miséria e na falta de educação do povo para não terem problemas. Porque como todo mundo sabe o povo alienado é favorável a manutenção das elites no poder... Só com a melhor formação das pessoas é que isso pode melhorar... Outra coisa; não me preocupo com quem tem dinheiro pra estudar a vida toda na escola particular. Esses podem pagar sua graduação na PUC, Mackenzie, FEI, Unama, Iesam, etc. Estou preocupado com os que não podem pagar. Quanto a aceitação no mercado eu também discordo. Isso vai depender de como o camarada vai se sair na entrevista. Tem muita gente boa nas escolas públicas que tem condições de serem ótimos médicos engenheiros, arquitetos, etc. e só não entram porquê o vestibular virou uma corrida do ouro muito desleal! pra finalizar. Pra mim as pessoas que não concordam estão preocupados consigo mesmo. Não estão pensando de forma coletiva para uma melhoria da sociedade com o bem comum das pessoas. Todos sabemos que com o melhor nível de formação das pessoas muita coisa pode ser evitada...

P.S.(72): É verdade! Estou preocupado comigo mesmo! A vida é assim ! Como disse, o mundo não quer saber de suas origens. Quer saber se você é "empregável", e tem alguma coisa a contribuir nos meios produtivos! Quanto a "elite", isso é papo de "moleza"! Sou engenheiro, sou formado pela UFPA, estudei todo o meu segundo grau em escola pública, nunca tive moleza, e posso afirmar que o mercado é assim, muito competitivo! Não tem moleza não! No meu certificado de reservista está "cutis: Parda", não concordo! minha cor é " cutis: Brasileira!" Então galera, vamo estudar e parar de esperar pela decisão dos outros, sei que muitos vão dizer que não, mas sabemos que as pessoas tendem ao ostracismo, é da natureza humana, não tem como negar! Estudar, e muito! É a solução! fora isso, esperem papai Noel chegar...Ah! sim! Também tem que falar outra lingua viu? o mercado exige!! "Tudo pelo social" isso não existe!! Seja "social" e passe fome pra ver se é bom! Outra solução, porém mais radical: Quem é adulto e é burro! vai morrer burro! O investimento tem de ser nas gerações futuras, com prazo minimo para começar a dar resultado de 25 anos. Funciona! Funcionou na Coréia, e com certeza funcionaria aqui! Mas aí vem o problema novamente do "Tudo pelo social"... esse cara enche o saco e atrasa país! aí sobra pra quem??? pros nossos filhos! Logo, contrariando o que disse inicialmente graças ao seu comentário, não estou pensando só em mim e nos meus! Talvez esteja até pensando no bendito "social"! (fala sério)!

C.T.(73): Fala sério vc meu amigo. Eu tb sou estudante de engenharia, sou negro e tb estudei em escola pública. Citar a Coréia como exemplo seria bom se eles também tivessem sido colonizado pelos Portugueses com uma cultura elitista e grande mania de nobreza e superioridade. Não dá para fazer essa comparação. E não vai mudar nunca se cada um de nós continuar a pensar como vc. Que está preocupado apenas com vc e com sua prole. Hoje é assim, o Brasil é assim e olha o que estamos passando. Com toda merda que esse governo anda fazendo. Precisou de chegar um operario ao poder para explodir um monte de denúncias de coisas que todos nós sabemos que acontece à décadas. Seja lá por qual motivo foi; se pra sacanear o PT ou o Lula, se estavam insatisfeitos por que estavam de fora das testas da vaca Brasil. O que eu quero dizer é o seguinte: Se gente que não está nem aí para os outros, como a maioria dos nossos goveranantes e líderes das grandes cooporações continuarem a a liderar a coisa não vai andar, simplismente pq eles e suas proles estão bem. Quanto aos adultos que vc disse que são burros; será porque Algumas empresas como a Vale do Rio Doce, Guerdau e outras estão investindo na melhor formação de seus funcionários? Será que eles são burros e não podem oferecer nada pra empresa? Muitas pessoas que não tiveram oportunidades devem ser chamadas de "burras"? Caro Engenheiro P.S. É Louvável seu sacrificio e sua vitória. Como é Louvável também a sua instuição família, seu pai, sua mãe que orientaram bem vc, mas infelizmente por culpa de décadas de má admnistração várias instituições famílias estão falidas e nem todos tiveram a sorte que eu e vc tivemos, que mesmo diante das diversas difuldades a instuição familiar não quebrou. E a única forma de mudar iso é educando. Agora se os menos favorecidos são burros e preguiçosos como vc disse, fica tranquilo porquê eles não ameaçarão aos capases em uma disputa por uma vaga em uma empresa ou em um concurso. Saudações!

P.S.(74):Futuro colega C.T.,

Nenhuma vez disse que os menos favorecidos são burros e preguiçosos, apenas falei, ou tentei dizer, que não se deve ficar esperando as coisas cairem do céu! Vc falou de colonização elitista, tudo bem sua opinião é muito válida. Mas vc deve concordar comigo, que no Brasil muitas pessoas costumam sempre esperar alguma coisa de alguém, seja do governo, políticos ou instituições sociais. Não quero filosofar! Mas, pra melhorar as coisas, não tem jeito! tem que haver sacrificios, pode perceber que nenhum programa social realizado neste País providenciou alguma melhora, calma! ainda não terminei! rrsr! Digo, melhora expressiva que possa ser usada pelas gerações futuras! Seu pensamento não é errado, suas idéias são valorosas! Porém os meios que vc sugere de elas serem realizadas é que são um pouco distorcidas. Com certeza vc tem menos de 30 anos. Mas, quando vc ingressar no mercado, principalmente na nossa área, vc verá que não é tão simples assim! O que vou lhe falar não é um conselho, apenas o que realmente acontece na prática: "Melhoras constantes são necessárias"! Entretanto, as facilidades com que vc expressa suas idéias já indica que vc tem um grande potencial pra gestões e críticas, que com certeza, serão muito úteis pra você... Bom saber que teremos outro excelente profissional no mercado! A sociedade vai agradecer!

Z.F.(75): Anestésico?!?!?!

C.T., vc mesmo diz que essas cotas são anestésicos... cara eu só uso anestésico quando to doente, numa cirurgia, coisa do tipo... vc que é negro e universitário passou pq estudou!! eu sou formando da UFPA

(Nutrição) sempre estudei em colégio particular... mas batalhei pra isso, corri atras de bolsa e tudo mais... portanto galera vão estudar que é melhor... esquecer nossos políticos e fzr por onde... cota é apenas uma solução medíocre dos nossos governantes... ah! pretendo sair de Belém, depois de me formar.. pra uma cidade, onde tenha mais opção de concursos públicos, e que dê mais condições de educação pro meu filho que é branco!! mas se fosse preto queria que ele disputasse vaga com qq um, como eu fiz e passei em Nutrição e a mãe dele fez e passou em medicina!!

W(76): Anestésico sim!! falar em melhoria na educação, na melhor capacitação dos professores, no acesso fácil de qualquer cidadão às escolas, isso todo mundo mundo ja tá careca de saber. Eu sei, todos os deputados sabem, mas meus caros que são contra ao sistema de cotas, quando isso vai acontecer? Enquanto isso não ocorre, o cara que não tem a mínima condição de obter uma educação básica tem que continuar virando bandido por falta de oportunidade? Por que é justamente isso que acontece. O problema hj em dia tb é um egoísmo exagerado que está dominado as pessoas. Na minha opinião, o sistema de cotas não seria uma solução ideal, mas que é necessária isso é...Pelo menos pra quem não tem grana pra dar 300 reais por mês num cursinho...

L(77): Concordo com o Z.F!! vc diz que ele como outros vê as cotas por um outro lado... então vamos lá... pq não tem cotas pros INDIOS? eles sim foram massacrados, estão quase extintos... porém como política em pró de índio não representa voto nas eleições, é melhor fzr com os negros. Ainda mais em Belém do Pará, que é uma metrópolde da Amazônia, deveria ter cotas pra Índios... estou terminando meu curso de medicina na UEPA e tenho amigos que estudaram em escolas públicas e que passaram no vestibular sem empurrão de ninguém... Todos nós temos condições, até os índios, é só sentar o rabo pra estudar... EU DIGO NÃO PARA AS COTAS.

Z.F.(78): é isso aí L!! Não é a toa que sou casado contigo!!

C.T.(79): Caro amigo Z.F., primeiramente queria deixar bem claro que eu nao falei em cotas para negros. Falei em cotas para a escola pública... Até porque por uma questão histórica e geográfica, aqui no norte não existem tantos negros como no RJ, MG e Bahia. Sou contra as cotas para negros, mas a favor de uma parcela das vagas pra a esola pública sim. Principalmente as do interior, que todos nós sabemos é onde o "bicho pega" mais. Onde existe uma carencia maior de profissionais que estejam dispostos a morar em vários lugares (no caso da região norte principalmente). Também acho que a universiade além de formar um profissional, forma um cidadão com mais capacidade de criticar, correr atrás dos seus direitos, liderar e formar opiniões. Acho que na pior das hipóteses teríamos menos pessoas alienadas. Acho que quando vc fala que vc e sua esposa estudaram e passaram, vc analisa a situação em um horizonte muito curto e estreito. Os problemas estão muito além da nossa casa, do nosso bairro e da nossa sala de aula. Sua esposa cita exemplos de pessoas que estudaram em escola pública e passaram. Sinceramente eu dúvida que a maioria dessas pessoas não gastou um bocado de grana em cursinhos e teve tempo livre para se dedicar ao mesmo. Dúvido que a maioria delas tinha que andar a pé KM's para chegar a sala de aula ou trb o dia interio e estudar a noite. Garanto que as pessoas que passam por todos esses problemas são uma parcela bem pequena, posso afirmar que insignificante (levando em consideração o tamanho do nosso país) dos

**dicentes que se encontram sentados nas carteiras de nossas universidades públicas. Por essas pessoas eu defendo as cotas para a escola pública sim. Pode se dizer que é uma solução medíocre dos nossos governantes. Que seja. O que não pode é a coisa ficar do jeito que está. Ficar esperando uma reforma no sistema de educação que em um país sério demoraria décadas, que dirá no nosso. Quanto aos índios... Sou a favor de todo apoio ao povo índio para seu crescimento, profissional e intelectual para que os mesmos possam gozar da cidadania como qualquer outro cidadão comum. Agora cabe ressaltar que as políticas e as leis que eles respondem não são as mesmas que nós respondemos. Se igualar nesse aspecto seria de extrema importância para que o mesmo seja incluído definitivamente na sociedade e reconhecido como cidadão aos olhos de todos.**

**FÓRUM 5: "FIM DO PSS!"**

<b>X(80): FIM DO PSS!</b>
<b>C.(81): sério mesmo? bom saber...nunca gostei dele mesmo! Pena que não foi feito isso a dois anos atrás!! hehe</b>
<b>E.M(82): a fonte por favor?</b>
<b>C.(83): se foi aprovado "ontem" no consepe, é difícil ter uma fonte agora...mas se for o caso, se não tiver no jornal hoje, amanhã ou segunda estará nos jornais concerteza</b>
<b>B.P.(84): Engraçado, quando eu era estudante do ensino médio, absolutamente ninguém -- NINGUÉM -- gostava da prova única de começo de ano, com quantas fases fossem que elas tivessem. Na época, o PRISE da Uepa tinha acabado de ser implantado, e todo mundo era louco que ele fosse feito em todas as outras. Aí fizeram o PSS da Federal, e hoje em dia tão batendo palmas porque ele acabou? Acho que o que não querem mesmo é estudar, eu hein?</b>
<b>C(85): eu particularmente, nunca gostei desse tipo de avaliação, preferia mil vezes a prova punico, no 3º ano. Sem falar que preferia cem mil vezes que retornasse por área: CB, CE, CH... etc...</b>
<b>M.(86): O problema não está na formula das provas, e sim na idade dos estudantes quando eles começam a fazer-las. Fiz as minhas primeiras provas do Prise e PSS com 15 anos de idade, e a mioria também. Naquela idade, eu não imaginava a importância que essa avaliação teria em minha vida dentro de apenas 2 anos. Cheguei no convênio com uma nota boa no Prise e uma razoável no PSS. Resultado: Passei na UEPA e nem fui fazer prova do PSS, mas hoje eu olho e vejo que se eu tivesse pensado um pouco mais no 1º e 2º ano poderia ter chegado em uma situação muito mais tranquila nas duas. Na minha humilde opinião, a prova deveria ser sim dividida por anos, senão os alunos são sobre carregados no 3º, mas ao mesmo tempo e idade é muito reduzida no 1º ano, fazendo com que muitos alunos só percebam a importância daquilo no convênio (aí vão, estudam tuuudoo de novo, e fazem as provas tuuuuudo de novo). Talvez uma máquina do tempo pudesse resolver....</b>

**B.P.(87):M, Cara, isso vai muito de uma boa orientação da escola e dos pais. Ainda assim, pesa o fato de que qualquer pessoa nessa idade não faz a menor idéia do que vai fazer. Eu tiro por mim, que com 17 pra 18 anos fiz engenharia da computação e direito nos meus vestibulares. Nos EUA, onde a grandíssima maioria das universidades é paga, o critério é o SAT, uma espécie de PSS geral (tipo aquele provão que tem pro ensino médio). Bons conceitos te levam a praticamente qualquer universidade por lá, porque o SAT não é uma prova de acesso que faz parte de um processo seletivo, é um teste de avaliação. Ele é feito durante os três últimos anos do ensino médio, com a diferença que a high school tem um ano a mais que ele. A vantagem é que o aluno não fica vinculado a uma escolha desde os 15 ou 16 anos. Ele pode escolher o curso simplesmente na hora de se candidatar a uma universidade. Isso dá tempo pra pessoa pensar. Acho que isso poderia ser usado em qualquer processo seletivo seriado aplicado por essas bandas. Mas os burocratas brasileiros são simplesmente tapados demais pra entender um conceito simples como esse.**

**M.S.(88): o que está por trás da decisão de mudar para provas objetivas é o corte de gastos da Federal Isso é ridículo! Faço Terceiro ano do Ensino Médio e sei que provas analítico-discursivas cobram muito mais conhecimento do aluno.**

**Espero passar logo no vestibular esse ano pra ã fazer esse vestibular de merda**

**C. (89): fiz minha 1° fase do pss com 14 anos! Nem se eu tivesse a melhor educação e do mundo, não seria capa de perceber que aquilo era minha vida em jogo!!**

**D.(90): Eu quero que volte CB,CH e CE. Até onde eu sei,só mudaraum a 3ª fase que vai ser uma prova com todas as disciplinas ae vc escolhe uma de cada disciplina sendo que saum 3 questoes para cada Disciplina e pode escolher mais uma de cada materia e depois Redação =)**

**F.(91): Senhores, ratificando o que já disseram: a questão é puramente FINANCEIRA. Enxugaram o vestibular colocando mais múltipla escolha e diminuindo as fases simplesmente pq o modelo antigo, apesar de infinitamente mais justo (diminui o fator sorte, faz com que as escolas façam o aluno se expressar e avalia o aluno durante 3 anos) era muito caro. É mais barato uma prova que três; é mais barato colocar dois técnicos colocando cartões num escaner que pagar um monte de professores para corrigir provas subjetivas. Isso, aliás, é uma mudança que se vem planejando há, pelo menos, 3 anos.**

**C.(92): Bem, eu, como estudante do ensino médio, acho que foi uma decisão infeliz da universidade. É bem verdade que o PSS precisava de vários ajustes, assim como o PRISE, mas acho que simplesmente acabar é**



ciências exatas deixarem de entrar pela pouca habilidade em literatura, por exemplo.

**F.M.(97): C.,**

**Acho que você, independente do sistema, tem potencial e desejo que tenha sorte.**

**F.L.(98): como sempre merda né?! segundo fiquei sabendo, não vai haver programa... pode cair qualquer coisa.. galera já erra "O que é H2O?"...Alem de oferecerem poucas vagas que é um absurdo, ainda fazem uma asneira dessas. Alem de isso ainda vai dar merda, eu daria uma saca de alfafa para o autor da ideia, mais uma pra cada um do conselho que aprovou a asneira.**

**FÓRUM 6: “PROVA DE REDAÇÃO DA UFPA É CRITICADA”**

**V.P.(99): [OFF] Prova de Redação da UFPA é criticada! UNIVERSIDADE DO LULA: BRASIL, AME-O OU DEIXE-O**

Já expus aqui mais de uma vez o filtro ideológico que passou a vigorar no processo de seleção para ingresso nas universidades públicas brasileiras. Exige-se do aluno que demonstre o seu, como é mesmo?, compromisso com as “questões sociais”. Dito assim, parece bacana. Ocorre que esse tal “compromisso” não é, como sabem, um valor absoluto. Exige-se a sua adequação a um corte ideológico — de esquerda — e a uma agenda: a do PT. Pois bem, estão atingindo o estado da arte na manipulação e na vigarice. A prova de redação do vestibular da Universidade Federal do Pará é um escândalo sob muitos pontos de vista. Supostamente inspirados num texto de Cecília Meireles — A Arte de ser feliz —, para o qual se formulam questões (energúmenas, diga-se) de interpretação, os examinadores elaboraram a seguinte prova de redação:

A vida é marcada por acontecimentos que são fonte de satisfação, contentamento, prazer e por acontecimentos que são fonte de desânimo e angústia. O brasileiro, por exemplo, convive com a desigualdade social, com inúmeras formas de carência, com atos de violência, no entanto tem também motivos para felicidade. Escreva um texto em prosa em que você exponha um dos motivos pelos quais se sente feliz por ser brasileiro, apresentando argumentos consistentes que justifiquem seu sentimento de felicidade.

Vamos lá

Sugiro que a Universidade Federal do Pará adote Marcelo Coelho, colunista da Folha, como patrono. Dia desses, ele esculhambou a mim e a três outros colunistas, dois deles da própria Folha, acusando-nos de “pessimistas” e “sombrios”. Em posts do seu blog, acabou fazendo uma defesa oblíqua do petismo. Como vocês percebem, estamos diante de uma mentalidade, que caracteriza uma época.

**V.P.(100): Começamos pelo aspecto moral, individual e existencial da prova.**

**A – é possível ser feliz sem que isso tenha qualquer relação com o Brasil;**

**B – é possível ser feliz, APESAR de ser brasileiro;**

**C – é possível que alguém considere que a felicidade, dados os fatores apresentados na própria formulação, é inviável;**

**D – é possível que existam pessoas infelizes sem que isso tenha qualquer relação com o Brasil e suas dificuldades;**

**E - é possível haver quem nunca tenha pensado no assunto.**

Se é de felicidade pessoal que se está falando, como é que o examinador pode impor ao candidato um ponto de vista? E se ele considerar que ser brasileiro é mesmo uma porcaria? Não pode? Convenham: ser brasileiro não é como ser corintiano. Não é uma questão de gosto, de opção. ode ser uma fatalidade. Pois é. Então chegamos ao aspecto perverso da coisa e ao óbvio viés ideológico da prova.

A formulação induz o candidato a falar sobre os motivos que “o brasileiro” tem para ser feliz. E a referência aos problemas sociais ali fornece uma pista. Quem, devidamente afinado com estes tempos, afirmar que se sente feliz porque, finalmente, há um governo ocupado das questões sociais já está com pelos dois pés na vaga... E, claro, haverá os incrédulos que saberão jogar as regras do jogo: “Querem elogio? Então tomem elogio; eu quero é passar”.

E pobre de quem não encontrar motivos para felicidade e resolver ser sincero. Vai levar zero. A prova já fornece a tese: "Você tem motivos para ser feliz; queremos saber se são os motivos certos". Sim, isto mesmo: assim como Marcelo Coelho não quer “pessimistas sombrios” escrevendo em jornais, blogs e revistas, a Universidade Federal do Pará não quer saber de pessoas infelizes. Por lá, parece, todo mundo deve ter aquela exuberante alegria da família Carepa... Deus meu! Universidade Federal do Pará... A casa de Benedito Nunes, um patrimônio da inteligência nacional, amigo e melhor crítico de Mário Faustino [...]. Anotem aí: é uma questão de tempo Lula fazer um discurso convidando os “pessimistas sombrios” de Marcelo Coelho a deixar o país. É só a crise se agravar um pouquinho. Voltaremos ao “Ame-o ou deixe-o”. Como sabemos, a infelicidade é uma expressão da falta de patriotismo...

Fonte: Blog do Reinaldo Azevedo

J(101): Sabia que esse tópico era do V.P....SABIA!

E.S.(102): Eu fiz a prova e achei estranho o tema. Não tem tantos motivos de felicidade por ser brasileiro, achei muito tendencioso esse tema. A única felicidade é pessoal para as famílias brasileiras e não por ser brasileiro!! Bom, se era tendencioso eu não vou tirar uma boa nota, pq a minha redação foi a respeito da superação dos brasileiros em várias causas.

D.S.(103): Ainda bem que eu já passei!

J(104): Na minha redação, só faltou eu falar que eu era de esquerda, só pra agradar os corretores petistas... eu quero entrar oras!!!

M(105): Calma gente ! Ano que vem tem mais

C.L.(106): "Ainda bem que eu já passei! (2)

V.P.(107): J., Parabéns, agora você já pode jogar na mega-sena sem medo, haha.  
Ainda bem que eu já passei [3]

C(108): o mano ai ta indignado.

Uhauhauhahuhauha pow, eu fiz uma redação de vestibular que falava da porra do avião presidencial em 1ª pessoa ainda! esse tema ta ate bacana veio
L.N.(109): Uai, qual o problema da redação? Dói tanto fazer um esforço para tentar ver os aspectos positivos de morar no Brasil? Se esse tema fosse proposto durante o governo FHC o autor do tópico criticaria o tema?
R(110):que merda velho, eu fiz a prova e não tem nada demais, não tenho um pingão de orgulho em ser brasileiro e sim em ser paraense mas fazer oque foi esse o tema e é esse que eu tive que falar, ninguem escolhe tema tens que fazer oque pedem goste ou não :)
A.R.(111): "Eu fiz a prova e achei estranho o tema. Não tem tantos motivos de felicidade por ser brasileiro, achei muito tendencioso esse tema. " Só queria deixar o registro que eu tenho milhões de motivos pra me orgulhar de ser brasileiro. V., pela primeira vez te vi criando um tópico esquizofrênico!
R(112): eiueoiueueioeioeioe ta ta ta exagerei eu tenho orgulho sim de ser brasileiro mas orgulho maio e bote maior nisso de ser paraense :)
K(113): "Escreva um texto em prosa em que você exponha um dos motivos pelos quais se sente feliz por ser brasileiro, apresentando argumentos consistentes que justifiquem seu sentimento de felicidade" Provinha babaca...coitados dos alunos que ralaram o ano inteiro e se deparam com isso....são impelidos a omitir suas próprias idéias por temerem ser reprovados numa prova cretina dessas, mesmo porque nem todos aqueles que fizeram a prova são felizes, então o cara é obrigado a mentir, senão perde a vaga.
A.R.(114): Vejam pelo lado bom... Não entraram Emos na UFPA esse ano =D
V. P.(115): KKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKKK
A.O.(116): Ainda bem que eu já passei (6)
J.(117):V. Os números da Mega necessitam sorte, e pra advinhar que este tópico era teu foi só olhar o título do tópico, em vista do que rotineiramente costumamos fazer aqui... Nem parece que és de direita, parece um daqueles que segue o lema: Si hay gobierno, soy contra. Mais ação e menos falação pra você! Abraço!
V.P.(118): E quem disse que sou de direita? Mas essa questão do aparelhamento das universidades independe de governo. É geral. Só poste aqui pois se referia à nossa UFPA e em um blog de grande repercussão.
R(119): Eueouoioeioeioeioeioe agora quem decide o tem da redação da federal é o lula eioeioeioeioeioeioe ;x ta cagado --'

<p>E.S.(120) :A.R.,  Q bom q vc tem milhões de motivos, mas eu não tenho tantos assim!!! Se fosse pra falar de infelicidade por ser brasileiro ai sim eu teria milhões de motivos...!! Pra sermos felizes mesmo, temos q imaginar(manipular) como foi o texto da prova de português!!!</p>
<p>A.R.(121) "A.R.":<i>Q bom q vc tem milhões de motivos, mas eu não tenho tantos assim!!! Se fosse pra falar de infelicidade por ser brasileiro ai sim eu teria milhões de motivos...!! Pra sermos felizes mesmo, temos q imaginar(manipular) como foi o texto da prova de português!!!</i> Não vais começar a chorar igual ao R.? Promete? [Juro e aposto que ele vai aparecer nesse tópico dizendo q ue eu to perseguindo ele...] Mas então o que fazes nessa terrinha amigão, porque não procuras outras? Curiosidade apenas... Não quero acreditar que és feliz curtindo a infelicidade =] Abraços, e NÃO me leve a mal.</p>
<p>F(122): Quando passei, tirei 10 em redação, e detonei com o Governo Lula!</p>
<p>E.S.(123): Tanto a infelicidade e a felicidade são passageiras. Hoje eu sinto infelicidade, mas pode ser q amanhã eu tenha felicidade!!! É apenas questão de momento, eu não quero dizer e nem quiz dizer q o Brasil só tem tristeza , o momento em q estamos passando como a violência, desigualdade social,... é quem está falando por mim. Nesse momento como eu disse a felicidade é pessoal, somos felizes pelas nossas famílias e não por ser brasileiro. E a infelicidade q eu sinto aqui não pode ser tipicamente brasileira, pode e é mundial, pra onde eu vá infelizmente não muda quase nada!!! XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX MINHA OPINIÃO!!!</p>
<p>M.(124): Ainda bem que eu já passei (7).....</p>
<p>V.P.(125):F., eu pensei que no ano que você fez vestibular ainda estávamos no governo Itamar, haha.</p>
<p>M.B.(126): Vejam pelo lado bom...Não entraram Emos na UFPA esse ano =D Egoooooaaaaa...o q cs tem contra os emus, hem gentemm? [...]</p>
<p>Y(127): cara vocês reclamam demais..... se eu pego um tema desse na epoca q eu fiz a prova, eu ia agradecer pa caraio.....</p>
<p>T(128):quando eles põe questões um pouco mais elaboradas, vem um monte de professor de cursinho que nem se forma direito, reclamar reclamar e reclamar..... ae os alunos teleguiados, vão la e fazem a mesma coisa..... na maioria das vezes não sabem nem o que argumentar mais tão reclamando e falando merda..... só lembrando que a prova da UFPA não é elaborada por maquinas que estão livres de terem opiniões e sentimentos..... Não vi nada demais no tema.....</p>
<p>J(129):Pensando bem, quem elaborou essa prova foi um tanto quanto esperto, sabe porque? Em redação todos estão acostumados a falar mal e criticar. Agora falar bem, é outra coisa. Na minha redação, eu falei sobre o que eu mais sabia pra ter argumentos fortes, falei da biodiversidade.</p>

**Y(130):** Brasileiro é assim mesmo...a maioria dos povos latino-americanos sofrem com as mesmas mazelas de nossa sociedade, e os caras tem orgulho de sua nação, lutam por ela, e pelas riquezas da mesma. O patriotismo brasileiro so é exaltado e levantado na EPOCA da COPA DO MUNDO. E antes que alguém venha falar que não tem motivos para ser Feliz no Brasil, e demonstre seu antipatriotismo ridículo, se mate cara é melhor, você deve ter tudo que precisa, um mundo de oportunidades, inclusive até internet você tem, para vir aqui na comunidade defecar pelas teclas, mas se mesmo assim você continua infeliz pq é Brasileiro se mate, não tem outra saída!

**R.M.(131):** ...Temos q ter coincidência tantos das nossas mazelas como tb das nossa coisas boas. E o Brasil tem mta coisa boa pra ser lembrada, mostrada e aplaudida.....n caberiam nesse tpc.....agora corneteiros q só gostam de ver as coisas pelo lado negativo sempre existirão, os q tive o desprazer de conhecer são todos lascados, fufu mesmo, ou seja, realmente o Brasil deles n eh o mesmo q o meu, apesar de q mtos fufu desses q estou falando estudaram e cresceram comigo com as mesmas oportunidades e outros com mais oportunidades ainda por serem parentes de políticos, mas o q vale na vida é o trabalho de formiguinha diário "enquanto os cães ladram a caravana passa".....e a vida continua!!!...VIVA O BRASIL!!!

**R.M.(132):** ...q porra eh COINCIDÊNCIA?????.....kkkkkkkkkkkk!!! ah vcs entenderam..

**M.B. (133):** Se alguém não achar algum motivo para ser feliz no Brasil, eu volto a FRISAR SE MATE POR FAVOR! Postei hoje um tópico do Min. Saúde, na verdade um boletim do SUS falando sobre suicídio no Brasil. A cada hora, 1 brasileiro segue o seu conselho. Há mta gente infeliz. Isso nada tem av com patriotismo. Embora o patriotismo seja a fonte de mtos erros, ele também tem seu lado bom. O patriota, pra começar, não aceita tudo do governo. Segundo, ele percebe os erros e tenta corrigí-los. O patriota quer uma pátria melhor. E se esforça por isso o tempo todo. Ao invés de simplesmente fechar os olhos pro que está errado. Aliás, pra que ser patriota se a nação é o mundo ? Tornemo-lo melhor, então. Mtas guerras já houveram por causa de "patriotismos"...

**F(134):**A única felicidade do País tá nas festas do Vadião.... alguém já sabe a agenda??? V., tu tens razão sim. O tema é tendencioso. Uma leitura de Pierre Bordieu encaixa perfeito nesse acontecido. É importante lembrar que os ditos "direita" faziam o mesmo quando estavam no poder.

**P(135):** Se fosse facil a gente não chamava de vestibular.... lol

**A.(136):**Não é possível que alguém, n encontre algum motivo p ser feliz num país como o nosso. Sabemos de todas as dificuldades e os desníveis sócio-econômico que o país têm, mais isso n é de agora. Isso é fruto da formação histórica do país. E tenho vários motivos p dizer q sou feliz por ser brasileiro. Gostei do tema.

**M.B.(137):** Volto a repetir...uma pessoa se mata a cada hora no Brasil. Não é possível ? Será q dezenas de milhões pensam igual ?? Além dos q se matam ainda tem os q tentam e os que são tristes ou infelizes e não tentam, só aturam a vida q têm.

R(138): isso é pura massagem aos intelectos... por favor, tu viajou nessa parada de esquerda + PT = redação do vestibular.. sinceramente, não achas que é exagero isso? é apenas uma seleção de candidatos para uma universidade... bobagem! não tem a ver com opinião ou tendencialismo. trata-se apenas de o candidato ler um texto, e conseguir escrever outro sobre aquele tema.só. "que merda velho, eu fiz a prova e não tem nada demais, não tenho um pingo de orgulho em ser brasileiro e sim em ser paraense mas fazer oque foi esse o tema e é esse que eu tive que falar, ninguém escolhe tema tens que fazer oque pedem goste ou não :) " xará que opinou tem toda a razão, não é nada de mais, apenas um processo seletivo. Não se trata de um debate político como cre o autor do tópico.

F(139): Engano seu R., V. tem razão, afinal, quem elabora algo (até mesmo um tema de redação/seleção), não tem uma intenção política?

A(140):por favor, tu viajou nessa parada de esquerda + PT = redação do vestibular...[2] Concordo c R. Esse tópico n têm nada haver. E quem n gosta da política desigual do país, goste do Brasil pela característica do povo brasileiro, se n gosta do povo, goste pelas várias religiões, ou então pelas diversas culturas, ou melhor ainda pelas características naturais do país que são muitas, se preferes sol, calor e praias nós temos, ou então se preferes frio tb temos. Então esses são só alguns dos diversos fatores q poderiam ser colocados na prova. Eles n estão impondo nada há ninguém. Isso é só um processo seletivo [2]

E.S.(141): É verdade, o povo na maioria das vezes só sabem criticar. Essa redação foi uma pegadinha, se alguém deu alguma criticada no tema ai vai ficar complicado. AINDA BEM q eu nem me lembrei de criticar...

V.P.(142): 1- "O patriotismo é o refúgio dos canalhas" (Dr. Johnson). 2- Não gosto nem desgosto de ser brasileiro, sou e pronto. Agora, se eu pudesse escolher, teria nascido na Suécia, Finlândia, Suíça... alguns desses países onde você tem saúde, educação, segurança pública de primeira, sabe.

M.B.(143): É, a gente percebe q nem quem defende esse lixo ACHA q todo mundo tem q pensar igual. ^^ Nascimento é loteria. Se o cara já nasce aceitando tudo, mesmo qdo é de má qualidade ...pqp.

P(144): Patriotismo...Como se pode ter patriotismo em um pais que exclui a maior região dele.....jutamente ao qual nós vivemos..... Orgulho de SEe PARAENSE....n de ser de um Brasil que nos explora na sua politicagem e nos discriminam pelo fato de sermos !paraíbas!! por min o Norte ou o Pará virava é um País !!!!!!!!!!!

O(145):para aqueles que tem que conviver com a frustração de não ter passado na federal e se "assam" na particular:"Ainda bem que eu já passei! (4)!"

M(146): Os temas da Federal de alguns anos atrás eram muito bem elaborados e deixavam uma margem para o vestibulando usar de sua criatividade. Quando fiz o vestibular ano passado, fiquei espantado com o

tema medíocre e limitado que era a respeito do preconceito (batidíssimo). Nem preciso dizer que era o primeiro ano da aplicação das cotas. Desde o ano passado, a redação da Federal está ligeiramente tendenciosa, sim. Não que não tenhamos motivos para orgulho em ser brasileiros ou que o preconceito não seja algo a ser debatido à exaustão (e aqui não exponho minha opinião sobre os temas). Contudo, as provas da Federal, sim, beiram a mediocridade desde a prova passada com seus temas tendenciosos.

N(147):SER BRASILEIRO... -Brasileiro é um povo solidário. Mentira. -Brasileiro é babaca. Eleger para o cargo mais importante do Estado um sujeito que não tem escolaridade e preparo nem para ser gari, só porque tem uma história de vida sofrida; Pagar 40% de sua renda em tributos e ainda dar esmola para pobre na rua ao invés de cobrar do governo uma solução para pobreza; Aceitar que ONG's de direitos humanos fiquem dando pitaco na forma como tratamos nossa criminalidade... Não protestar cada vez que o governo compra colchões para presidiários que queimaram os deles de propósito, não é coisa de gente solidária. É coisa de gente otária. -Brasileiro é um povo alegre. Mentira. Brasileiro é bobalhão. -Fazer piadinha com as imundices que acompanhamos todo dia é o mesmo que tomar bofetada na cara e dar risada. Depois de um massacre que durou quatro dias em São Paulo, ouvir o José Simão fazer piadinha a respeito e achar graça, é o mesmo que contar piada no enterro do pai. Brasileiro tem um sério problema. Quando surge um escândalo, ao invés de protestar e tomar providências como cidadão, ri feito bobo. - Brasileiro é um povo trabalhador. Mentira. Brasileiro é vagabundo por excelência. - O brasileiro tenta se enganar, fingindo que os políticos que ocupam cargos públicos no país, surgiram de Marte e pousaram em seus cargos, quando na verdade, são oriundos do povo. O brasileiro, ao mesmo tempo em que fica indignado ao ver um deputado receber 20 mil por mês, para trabalhar 3 dias e coçar o saco o resto da semana, também sente inveja e sabe lá no fundo que se estivesse no lugar dele faria o mesmo.

**N(148):** Um povo que se conforma em receber uma esmola do governo de 90 reais mensais para não fazer nada e não aproveita isso para alavancar sua vida (realidade da brutal maioria dos beneficiários do bolsa família) não pode ser adjetivado de outra coisa que não de vagabundo.

Brasileiro é um povo honesto. Mentira. - Já foi; hoje é uma qualidade em baixa. - Se você oferecer 50 Euros a um policial europeu para ele não te autuar, provavelmente irá preso. Não por medo de ser pego, mas porque ele sabe ser errado aceitar propinas.

O brasileiro, ao mesmo tempo em que fica indignado com o mensalão, pensa intimamente o que faria se arrumasse uma boquinha dessas, quando na realidade isso sequer deveria passar por sua cabeça.

90% de quem vive na favela é gente honesta e trabalhadora. Mentira. - Já foi. Historicamente, as favelas se iniciaram nos morros cariocas quando os negros e mulatos retornando da Guerra do Paraguai ali se instalaram. Naquela época quem morava lá era gente honesta, que não tinha outra alternativa e não concordava com o crime.

Hoje a realidade é diferente. Muito pai de família sonha que o filho seja aceito como "aviãozinho" do tráfico para ganhar uma grana legal. Se a maioria da favela fosse honesta, já teriam existido condições de se tocar os bandidos de lá para fora, porque podem matar 2 ou 3 mas não milhares de pessoas. Além disso, cooperariam com a polícia na identificação de criminosos, inibindo-os de montar suas bases de operação nas favelas. O Brasil é um país democrático. Mentira. Num país democrático a vontade da maioria é Lei. A maioria do povo acha que bandido bom é bandido morto, mas sucumbe a uma minoria barulhenta que se apressa em dizer que um bandido que foi morto numa troca de tiros, foi executado friamente.

**N(149):**

...

Num país onde todos têm direitos mas ninguém tem obrigações, não existe democracia e sim, anarquia. Num país em que a maioria sucumbe bovinamente ante uma minoria barulhenta, não existe democracia, mas um simulacro hipócrita. Se tirarmos o pano do politicamente correto, veremos que vivemos numa sociedade feudal: um rei que detém o poder central (presidente e suas MPs), seguido de duques, condes, arquidukes e senhores feudais (ministros, senadores, deputados, prefeitos, vereadores). Todos sustentados pelo povo que paga tributos que têm como único fim, o pagamento dos privilégios do poder. E ainda somos obrigados a votar.

Democracia isso? Pense !

O famoso jeitinho brasileiro.

Na minha opinião um dos maiores responsáveis pelo caos que se tornou a política brasileira. Brasileiro se acha malandro, muito esperto. Faz um "gato" puxando a TV a cabo do vizinho e acha que está botando pra quebrar.

No outro dia o caixa da padaria erra no troco e devolve 6 reais a mais, caramba, silenciosamente ele sai de lá com a felicidade de ter ganhado na loto...malandrões, esquecem que pagam a maior taxa de juros do planeta e o retorno é zero. Zero saúde, zero emprego, zero educação, mas e daí? Afinal somos penta O Brasil é o país do futuro. Caramba , meu avô dizia isso em 1950. Muitas vezes cheguei a imaginar em como seria a indignação e revolta dos meus avôs se ainda estivessem vivos. Dessa vergonha eles se safaram...

**Brasil, o país do futuro!? Hoje o futuro chegou e tivemos uma das piores taxas de crescimento do mundo. Deus é brasileiro. Puxa, essa eu não vou nem comentar...**

**O que me deixa mais triste e inconformado é ver todos os dias nos jornais a manchete da vitória do governo mais sujo já visto em toda a história brasileira. campeões do mundo né? Grande coisa...**

**N(150):**

...

**Para finalizar tiro minha conclusão:**

**O brasileiro merece! Como diz o ditado popular, é igual mulher de malandro, gosta de apanhar. Se você não é como o exemplo de brasileiro citado nesse e-mail, meus sentimentos amigo, continue fazendo sua parte, e que um dia pessoas de bem assumam o controle do país novamente. Aí sim, teremos todas as chances de ser a maior potência do planeta. Afinal aqui não tem terremoto, tsunami nem furacão. Temos petróleo, álcool, bio-diesel, e sem dúvida nenhuma o mais importante: Água doce!**

**Só falta boa vontade, será que é tão difícil assim?**

**Arnaldo Jabor**

**B.B.(151):A criticidade tem que ser fundamental para um aluno que ingressa em uma Universidade pública. Quando não se forma um aluno crítico, corremos o risco de nos deparar com uma figura que nem o V.!**

**M.B.(152): B.B**

**A criticidade tem que ser fundamental para um aluno que ingressa em uma Universidade pública.**

**Errado, senhor. A capacidade crítica ("criticidade") é fundamental em cada momento da vida. Em universidades públicas ou privadas. Na vida, no trabalho, no templo, na cama, no clube.**

**Quando não se forma um aluno crítico, corremos o risco de nos deparar com uma figura que nem o V.!**

**Agora me poupe... Já vi o V. exagerar algumas vezes, mas ONDE está a falta de crítica no que ele postou ?**

**É extremamente injusto ou proibido criticar o "governo popular" ??? Se for esse o problema, por favor esclareça, pq o seu comentário descamba um pouco para o lado pessoal.**

**J(153):**

Não concordo com alguns que dizem sobre a proposta da UFPA de 2009 ser tendenciosa. O aluno bem preparado e que domina leitura, compreensão e interpretação de texto, faria uma excelente redação porque a UFPA não quer ESCRITORES (meus professores de redação sempre diziam isso), é verdade, ela quer apenas que o aluno mostre que sabe escrever acerca de seu ponto de vista, empregando corretamente os padrões da norma da língua dentro de seu raciocínio, e dessa vez ela buscou um tema ufanista... Infelizmente quem foi infeliz na sua produção textual se deu mal. O kara poderia até ser feliz em seu texto argumentando que é FELIZ numa terra de escritores como Cecília Meirelles e outros (podeira puxar algo elogiando os grandes escritores do Brasil ou os Paraenses escritores).

Tem sido as mesmas propostas, temas abstratos e ligados ao lado subjetivo. É tão fácil que ela ainda deixa o aluno a vontade, pedido de um modo geral um TEXTO EM PROSA, então, sub-entende-se que o aluno pode criar uma narrativa, uma dissertação, uma crônica construtiva... E ainda reforço dizendo que não é "TENDENCIOSA", porque há anos a UFPA traz propostas como essa. Em 2000 quem lembra, caiu o tema acerca da comida... "DIZE-ME O QUE COMES E TE DIREI QUEM TU ÉS". Foi a mesma forma de proposta, UM TEXTO EM PROSA. Feliz de quem sabe escrever. Quem RECLAMA E CRITICA é porque no mínimo não sabe escrever adequadamente ou tem preguiça. Aí só resta a chorar porque um "INFELIZ" é. Vão praticar mais hábitos de leituras e produções textuais. É fácil tirar 10 na UFPA.

Ainda bem que já passei. E sou muito FELIZ POR SER BRASILEIRO.

**J.**

A UFPA está de Parabéns por ser a grande e melhor instituição de ensino superior aqui do Norte.

**A(154): Concordo J!**

O kara poderia até ser feliz em seu texto argumentando que é FELIZ numa terra de escritores como Cecília Meirelles e outros (podeira puxar algo elogiando os grandes escritores do Brasil ou os Paraenses escritores).[2]

Concordo c q escrevestes, foi o q falei mais acima, existem vários motivos p o cara falar sobre sua felicidade em ser brasileiro a federal deixou o tema aberto, n precisa nem citar sobre política, e tinha até esquecido este ai q colocastes.

Agora se existe alguém q diz q n é feliz por ser brasileiro desconsiderando qualquer um desses argumentos colocados por algumas pessoas aqui, e até mesmo outros tantos argumentos q n citamos, então se mata, pq tu n vai ser feliz em lugar nem um.

**M.B.(155): O problema é como se coloca a questão.**

**Felicidade é algo subjetivo. Assim como podem haver vários motivos para ser feliz no Brasil, pode-se ser feliz mesmo não tendo NADA HAVER com o fato de ser brasileiro.**

**Associar país a sentimento é um romantismo típico do século XIX, ultrapassado e recurso fácil de ditaduras no poder.**

**Qq semelhança com Alemanha Nazista não é mera coincidência.**

**Exemplo: na Alemanha de Hitler pessoas que se diziam "pessoas de bem" falavam "eu sou um bom alemão" ou seja...para ser pessoa de bem tinha q ser alemão, sem isso era-se mau-caráter...**

**Nos EUA hoje, se alguma coisa não é a melhor, fala-se: "ah, isso não é 100% americano" .**

**Enfim, de pessoas que elaboram provas para testar o ingresso na Academia, espera-se tudo menos que elas fomentem ditaduras de pensamento.**

**A Ciência está morta. Nietzsche constatou a morte de Deus no século XIX, no XX se viu a morte das ideologias. No XXI, as ideologias moribundas conseguiram assassinar a Ciência num último suspiro.**

**L(156): M.B.,**

**Ok, mas diz aí. Tu não tem nenhum motivo para ser feliz no brasil? Tipo,nada? Com milhares e milhares de coisas nesse pais enorme, somando tudo?"Felicidade é algo subjetivo... eu não sou feliz por ser brasileiro, ou não me considero feliz e muito menos vou associar a minha felicidade comparando com o brasil". Certo, isso daí tudo bem,que garanto que nem eu associo minha felicidade no dia-a-dia de acordo com o rendimento de nosso pais.Mas isso não quer dizer que eu não vá lembrar pelo menos de uma migalha de nosso pais que tem de positivo e associar com a minha felicidade.Se eu for pensar sempre no negativo eu nunca vou tirar algo que esta positivo.Na vida existem coisas positivas e negativas,e atraves disso podemos fazer comparações do que é bom ou que é ruim (Ou que esta certo e que esta errado).Mas na hora de procurar algo de bom aonde tudo parece esta errado é algo muito dificil, mas tem e não é impossivel.Basta pensar. Se alguém vier aqui dizer que no brasil não tem algo de positivo no minimo eu vou achar loucura, paranoia...Tem coisas positivas sim.Derrepente na opnião de vocês,o brasil tem tem pelo menos 98% de coisas negativas contra 2% positivo! Tudo bem! Ainda vale! Agora tem gente que diz que nem pelo menos 2% de positivo o brasil tem? ou nem pelo menos 1%? Ah, fala sério. Seria muita paranoia e preguiça de pensar.**

**M.B.(157):**

Amigo, vc está transformando a subjetividade do tema numa questão pessoal.

Se for pessoalmente, te digo que felicidade não existe, existem apenas momentos felizes. Seria a 1a coisa q eu diria nessa redação. Fuga ao tema ? Minha concepção de vida. Acho até q pouco interessam os motivos para alguém ser feliz, pq é um sentimento, temporário e fugaz. Ainda assim os meus motivos, qdo assim me sinto, nada tem haver com o Brasil ou ter nascido aqui. São motivos q eu tenho e teria em qq lugar, como tive nos países por onde andei.

Há coisas positivas no Brasil ? sim, como em qq lugar. Mas essas coisas não são suficientes para fazer uma pessoa "feliz" pois que, repito, é um sentimento e vai de cada um.

Não se pode ser feliz por decreto do governo ou por pesquisa esdrúxula. Mesmo estas constatarem percentuais ALTOS de pessoas q se dizem "infelizes".

Só o número de suicidas - 1 por hora - divulgado nos boletins do SUS, do próprio governo, já deveria chamar a atenção para algum problema sobre esse conceito de "felicidade geral" impulsionada por se viver em um país.

**J(158):**A UFPA está de Parabéns por ser a grande e melhor instituição de ensino superior aqui do Norte [2].

**M.B.(159):** Legal, q na falta de apoio ele mesmo se repete =>E sim, é a maior e talvez a melhor IFES do norte. Mas isso nada tem haver com a infeliz escolha do tema, cujo proselitismo aliás contribui para ela cair um pouquinho no conceito geral.

**F(160):** ql o objetivo do topico???q bastando infiltrar chaves esquerdistas na redacao, tem garantia de uma boa nota na prova???

**A(161):** Eles estão avaliando com objetividade a capacidade que vc tem de expor argumentos convincentes sobre um determinado ponto de vista. Não há (ou não deveria haver) julgamentos de valor sobre as opiniões do candidato. Alguém que diz que se sente feliz pela biodiversidade "brasileira" tem a mesma chance de se dar bem quanto alguém que diz que é feliz pelo futebol, carnaval a política. Basta usar argumentos consistentes que justifiquem a esolha. Vc não precisa necessariamente concordar, o que os caras querem saber é se vc consegue defender um ponto. (simples até como esse da felicidade). Deixem as filosofias de vida, as concepções sobre a existencia, as duvidas metafísicas pro blog pessoal, prum livro de memórias, pros tópicos do orkut etc. É uma discussão muito interessante, mas não cabe numa prova de vestibular. O corretor não estará interessado nisso. Se não tem motivo pra ser feliz com o brasil? Paciencia, entre no jogo, invente um ponto de vista, o sustente com argumentos lógicos e consistentes, mesmo que não sejam os que vc usaria numa conversa de verdade. é o conselho que daria pra quem se viu perdido com esse tema. ;)

**M.B.(162):***Prova de Redação a gente tem que inventar, mentir. [2]*

*Eles estão avaliando com objetividade a capacidade que vc tem de expor argumentos convincentes sobre um*

*determinado ponto de vista. Não há (ou não deveria haver) julgamentos de valor sobre as opiniões do candidato. Concordo, é um problema qse sofisticado. O problema é qdo o próprio comando já tem juízos de valor....faça o q eu digo, não o q eu faço... Deixem as filosofias de vida, as concepções sobre a existencia, as duvidas metafísicas pro blog pessoal, prum livro de memórias, pros tópicos do orkut etc. Ei, onde vc acha q estamos ? =))))*

F(163): A felicidade não está no País, está em cada um de nós. Isso que eu quero dizer eu que o texto de Português da prova disse também. Agora assim o belo é algo que se modifica. Pra mim o país é o mais bonito do mundo. Afinal temos a Amazônia, Chapadas, Serras, Montanhas, Campos e etc. A cultura brasileira é uma das mais fortes como a cultura indígena no Norte, ou a cultura nordestina própria, ou a cultura imigrante no sul do país e etc. E o povo, nosso maior motivo de felicidade, pois o povo mesmo passando fome nos sa exemplos de felicidade. Mas realmente a pessoa materialista e que acredita que a felicidade está no dinheiro realmente, nunca vai achar o país feliz. A questão aqui não é o governo ou não. Pra mim o governo não faz a minima diferença sou feliz com ou sem o governo PTista ou dos Tucanos ou qualquer outro governo. A felicidade está nas coisas simples. E o brasileiro com essa baixa alto-estima foi o maior motivo desta redação, disse eu tenho certeza. Outra coisa tenho certeza que muitos não sairiam desse país se pudessem, e podem porque não falta dinheiro (então a questao não é felicidade de ser brasileiro, a pessoa sai do pressuposto que dinheiro não traz felicidade e pobreza muito menos). Isso não é uma questão política e sim questão de visão, no momento da prova em nenhum momento pensei em política porque pra mim tanto faz, eu sou feliz no Brasil pelo que o Brasil é naturalmente e cuturalmente e não porque o governo esta ou não melhorando esse país [...].

M.B.(164): Rs..."saiba q foi mal". Sim, sr. imperador...o tom é realmente esse. Vc não doma o poder, ele doma vc. Fico imaginando essa gente num governo.... ㄟㄟ

**FÓRUM 7: [OFF] Prova da UFPA volta a ser contestada**

**E(165): [OFF] Prova da UFPA volta a ser contestada**

*O clima predominante no Brasil é temperado e não tropical, conforme aprendemos na escola? E São Paulo já era metrópole desde o século XVIII, época da Revolução Industrial, antes mesmo da Inglaterra? Pois é, na prova de geografia da primeira etapa do Processo Seletivo Seriado da Universidade Federal do Pará (UFPA), aplicada anteontem, consta que sim, o que está sendo contestada por professores.*

*Devido isso, mais uma vez, questões da prova de geografia correm o risco de serem anuladas. Para o professor de geografia do Sistema de Ensino Universo, Jurueno Sampaio, pelo menos três das cinco questões da disciplina apresentam erro de conteúdo ou teórico. “Nós (instituição) e outros estabelecimentos de ensino vamos entrar ainda hoje (ontem) com recurso pedindo a anulação da questão 16 e mudança de gabarito das questões 17 e 19, baseado na bibliografia do próprio edital, pois entendemos que os alunos que se prepararam não podem ser prejudicados com um erro da banca”.*

*Segundo Sampaio, a questão 16, que trata da reestruturação do espaço mundial sob influência dos regimes socialistas do século XX, sobretudo nos países do Leste Europeu e União Soviética, trata-se de uma desobediência ao conteúdo exigido pela primeira fase - que considera apenas os regimes socialistas contemporâneos, isto é, China e Coreia do Norte, na Ásia, e Cuba, na América Latina.*

*A questão 17, por sua vez, diz respeito à formação do espaço urbano-industrial, onde aponta a cidade de São Paulo como uma metrópole em ascensão em plena época da Revolução Industrial, no século XVIII. Segundo Sampaio, a cidade não passava de um vilarejo nesse período, vindo a se tornar uma metrópole a partir da década de 1930, fruto do investimento adquirido pela exportação de café.*

*Contudo, dentre as três questões, o professor destaca a 19 como a mais absurda. “A alternativa considerada correta diz claramente que o Brasil é um país de clima predominantemente temperado, o que não é verdade, pois cerca de 92% do território correspondem ao clima tropical”.*

**FONTE:** <http://www.diariodopara.com.br/noticiafullv2.php?idnot=74782>

**E(166):** 17 e 19 a ufpa jah colocou o gabarito certo no site,poxa,só pq eu tinha acertado a 17,mas,nao mexendo com Física,menos mal...

**F.L.(167):** Again!!

Só lamentos pelos estudantes..

E pela minha namorada

**M.M(168):** isso já é terrorismo....as questões tiverem discordâncias só isso..o máximo que podem fazer é só anularem...já que não tem acusação de furo ou plágio....se houve outra dessa a federal vai a falência rs

**E(169):** ^^ pensei a mesma coisa hj

<p><b>M.N.(170):</b> Processo seletivo falho, profissionais incopententes... falta de respeito com os alunos... enfim, perdoem a expressão... ma sé só cagada. E não adianta jogar água na fervura... Se as criaturas passaram 1 ano para fazer as questões do precesso seletivo e copiaram de um outro vestibular..imagina feita às três porradas!!!! Só lamento...</p>
<p><b>S(171):</b> é só anularem as questões e pronto, fim de papo.</p>
<p><b>L.H.(172):</b> O que houve foi apenas um erro de digitação, só isso. O correto é 17 C e 19 B.</p>
<p><b>F.F.(173):</b> é só contratar o pessoal do universo pra elaborar a prova problema resolvido</p>
<p><b>L.H.(174):</b> Tem que chamar o Bouth.</p>
<p><b>R.W.(175):</b> Já tão criando muito alarde</p> <p>Aff</p>
<p><b>E(176):</b> Pois é, não teve nada de mais ! Apenas eles colocaram uma alternativa errada nas duas questões de geografia ! Inclusive uma delas eu tinha acertado e agora perdi um ponto com essa mudança aff Se eles não têm certeza pq colocam o gabarito duas horas após a prova ? Ou pra que pressa, pq eles não colocam um gabarito já todo analisado pra não dar tanto problema um dia depois ? A UFPA tá perdendo a referência que tinha...</p>
<p><b>C.R.(177):</b> são paulo já era metrópole desde o império Inca!</p> <p>rsrsrsrsrsrsr</p>
<p><b>M.A.T (178):</b> Incrível!</p>
<p><b>M(179):</b> Tem que chamar o Bouth.</p> <p>_____</p>
<p><b>X (180):</b> Bouth , o filho do demônio</p> <p>eaioeoaueiauoaeauioa</p> <p>lembro dele em uma aula no convenio em que um casal de alunos nao estavam prestando atenção na aula.. na verdade a menina q tava tirando a atenção do namorado, ai ele parou e começou a falar mais ou menos assim aos dois: "- homem nao gosta de mulher burra nao, vespera do vestibular e vcs ficam nessa frescura dentro de sala de aula. olha menina, cuidado que ele só quer te comer viu! é só pra isso que serve mulher burra mesmo. Mas sim, voltando ao assunto... "</p>

<b>C.R.(181):</b> Bouth sempre foi assim, teve uma vez que ele falou pra um menino que se "tu não calar o orifício que a mãe dele chamava de boca, ele ia jogá-lo pra fora sala pela Janela de vidro..."
<b>L.H.(182):</b> Na verdade, tem que ser mesmo uma verdadeira anta pra não prestar atenção na aula do Bouth.
<b>R.D.(183):</b> Na verdade, tem que ser mesmo uma verdadeira anta pra não prestar atenção na aula do Bouth. [2]
<b>N (184):</b> arroz de cursinho detected,rsrsrs
<b>L.H.(185):</b> N., [ <i>arroz de cursinho detected rsrsrs</i> ] Desculpe, mas enquanto vc se mata aí pra passar, eu já estou dentro, viu? Aliás, começa a se preocupar em passar logo, pq eu posso acabar sendo o seu professor, rsrsrsrs!
<b>X(186):</b> a humildade mandou lembranças ..
<b>L.H.(187):</b> Sou humilde, só falo quando me provocam.
<b>Y(188):</b> Nem liga N., esse L.H eh tão estúpido, imaturo e ultrapassado que acha que passar na universidade do guamá é motivo de orgulho AHAHAH
<b>C.C.(189):</b> Sim, passar na Universidade do Guamá, é motivo de orgulho.  Se o cara não tem humildade é problema com ele, não com a Instituição.
<b>C.R.(190):</b> ...no coments...
<b>P.S.(191):</b> tenho orgulho de ter passado no vestibular da UFPA no Campus do Guamá sim! 1989, faz tem né? Que diz que não tem orgulho, é porque nunca passou!
<b>L.H.(192):</b> Não sou estúpido, só respondi pq me chamaram de "arroz de cursinho". Mas quem quiser continuar com a mesma opinião, faça o favor de se dirigir ao inferno, pq eu não tô nem aí. Não provoqueei ninguém aqui.  Aliás, não só passar na universidade do Guamá é motivo de orgulho, como passar em qualquer universidade pública. Nada contra as particulares, mas todo mundo sabe a diferença do nível de dificuldade entre uma e outra, e o nível de importância entre uma e outra.
<b>C.R.(193):</b> hoje em dia tá tudo muito nivelado por baixo...

<p><b>Público e particular, hoje, no século XXI, é muito complicado saber quem vai ser empregado primeiro...passou essa história de que o "Curriculum pesa"</b></p> <p><b>o que pesa hj é a competência...</b></p>
<p><b>L.H.(194):</b>Ainda pesa sim, embora o que vc está dizendo não seja uma inverdade.</p>
<p><b>X (195):</b> Sim, passar na Universidade do Guamá, é motivo de orgulho. [2] concordo, publica ou particular tanto faz . mas querer desmerecer os alunos da ufpa ja é sacanagem .</p>
<p><b>L.H.(196):</b> Cada vez mais tanto faz, mas ninguém pode negar que é muito mais motivo de orgulho passar numa universidade pública do que numa particular. Nas públicas aparecem os verdadeiros vencedores.</p>
<p><b>N(197):</b> Orgulho? ah ta..a festa o)</p>
<p><b>L.H.(198):</b> <i>Orgulho? ah ta..a festa o)</i></p> <p>Não. Quem já passou sabe o que é. Quem nunca passou vai querer adivinhar.</p>
<p><b>F.O.(199):</b> "que acha que passar na universidade do guamá é motivo de orgulho AHAHAH " infeliz comentario</p>
<p><b>H(200):</b> Minha filha passou na UFPA em 2004, com 17 anos. Em 2009 já estava formada e já faz mestrado ganhando bolsa do CNPQ. Para mim, a UFPA tem que ser motivo de orgulho para o povo paraense. De um modo geral, é preciso dar mais valor a coisa pública.</p>
<p><b>C(201):</b> tanto a publica como a particular são boas (tbm depende da particular né!!!) alguns cursos da unama são bem melhores do que a da federal.</p>
<p><b>L.H.(202):</b> Realmente, alguns cursos da UNAMA podem ser bem melhores que os da UFPA. A diferença está em quem está cursando.</p>
<p><b>C(203):</b>"Nas públicas aparecem os verdadeiros vencedores. " infelizmente, não vou concordar muito com isso não. se a Unama conseguisse um intercambio com a Havard (claro, isso so no sonho), duvido que alguém (com \$.\$, é claro) ainda fosse querer fazer na Federal. ai eu diria, "na Unama aparecem os verdadeiros vencedores" (sem generalizar )</p>

<p><b>M.MKL(204): bom sendo um pouco curto e grosso..isso de orgulho e publica somente é boa é tudo papo furado..</b></p> <p>o orgulho vai da pessoa que faz o curso que queria tanto se mata e passa, se tem condições de fazer este curso em uma particular, ótimo, vai ter bastante estrutura se não e passou na pública ótimo, vai aproveitar os 4 anos que vem pela frente.</p> <p>isso de só sabe quem já passou é papo furado, passei nas duas uepa e ufpa, só fiz festa para uepa, na federal nada (tanto que pensaram que não tinha passado rs)</p> <p>esse papo de orgulho é por causa da tradição em torno do processo, como outro amigo falou, tem particular que dá de 100 a - 10 em estrutura e acervo bibliografico em uma pública. agora não adianta o cabra ter dinheiro pra entrar em uma particular e não saber usar tudo isso, ou um entrar em uma pública e fazer o curso com a barriga. que ta Frodo..</p> <p>seu eu tivesse condições de sustentar um curso que queria que oferecesse em uma particular, não pensaria 2 vezes em fazê-lo...pois assim como tem ótimos profissionais vindo de uma particular, tem péssimos saindo da pública.</p>
<p><b>L.H.(205): [...]</b> Se um dia o vestibular for bem concorrido com uma avaliação bem rigorosa, sem se importar com dinheiro, eu tb digo o mesmo.</p>
<p><b>E(206):</b> vc tem que ver que o publico alvo da das universidades publicas é diferentes, os alunos são mais independentes, buscam o conhecimento para si e não esperam mto do professor, aprendem a se virar... já na particular diga-se de passagem que a coordenação ajuda bastante, até pq vc tá pagando...então é direito seu reclamar do q quiser.simples. e outra...</p> <p>a as universidades públicas são digamos direcionadas para criar pesquisadores, e nas particulares eu vejo que oq mais é produzido é mão de obra para o mercado de trabalho</p>
<p><b>Y(207):</b> Vou me abster de qualquer comentario excedente =D</p> <p>Feliz é aquele que sabe que a universidade, tanto publica quanto particular não é absolutamente NADA nos DIAS DE HOJE se não houver TALENTO, COMPETENCIA, INTERESSE, E ATITUDE. Essa discussão não ocorreu a primeira vez aqui, claro que todos aqueles que suaram feito condenados pra passar na universidade do guama querem defender seu "orgulho" e seu peixe criticando as particulares (por pura falta do conhecimendo das competencias as quais citei logo acima).</p> <p>.</p> <p>Agora, eu ja tinha dito isso e repito: grande parte dos alunos da ufpa trabalham para os outros, equanto os das particulares são empreendedores. Eis a diferença do foco entre as duas "categorias". =)</p> <p>.</p>
<p><b>F.L. (208):</b>"<i>De um modo geral, é preciso dar mais valor a coisa pública. "</i></p> <p>Ok... vamo valorizar as escolas, os hospitais, as vias, a iluminação, e tudo mais que seja feito pelo governo. Ta de brincadeira né?</p>

<p><b>Y(209):</b> <i>Ok... vamo valorizar as escolas, os hospitais, as vias, a iluminação, e tudo mais que seja feito pelo governo.</i></p> <p><i>Ta de brincadeira né? [2]</i></p> <p>Concordo plenamente, isso é pros conformistas que vivem num mundo utópico e ainda afirmam q a melhor coisa e a saude, a educação e a segurança pública. Eles não sabem o que dizem.</p> <p>.</p> <p>E é isso que atrasa nosso país tsc tsc</p>
<p><b>L.H.(210):</b> <i>Concordo plenamente, isso é pros conformistas que vivem num mundo utópico e ainda afirmam q a melhor coisa e a saude, a educação e a segurança pública. Eles não sabem o que dizem.</i></p> <p>Eu acho que conformista é quem acha que a situação desses setores sempre ficará assim. Pois é, por isso que nossa cidade é um caos. Não há idéias inovadoras e as boas idéias sempre parecem muito longe da nossa realidade.</p>
<p><b>Y(211):</b>O fato nao vem a ser o pensamento a longo prazo, e sim a situação atual da educação pública (leia UFPa).</p> <p>.</p> <p>E digo mais: Infelizmente o déficit desses setores vai continuar assim enquanto houverem noobs cegos idiotas que acham que porque fazem UFPa sao (ou com certeza serão) alguma coisa na vida.</p> <p>.</p> <p>Vamos amadurecer, aprender a aceitar a verdade e decidir melhor em quem votar - que tal começar nas proximas eleições?</p>
<p><b>P.S.(212):</b> [...] A UFPa é sim uma boa universidade, bem melhor que todas as particulares da AMAZÔNIA, a única com excelência em alguns cursos e a que mais produz cabeças pensantes, doutores, formadores de opinião, mestres, e profissionais de gabarito EM TODA A AMAZÔNIA!!</p> <p>Orgulhem-se disso! Formados ou não nela!!!</p> <p>Além do mais, ela gera inveja em outros estados da Amazônia, podem acreditar!</p>
<p><b>M.A.(213):</b>"Ok... vamo valorizar as escolas, os hospitais, as vias, a iluminação, e tudo mais que seja feito pelo governo.Ta de brincadeira né?" Se tu não valorizas o que é feito com o teu dinheiro, imagina com o dos outros.</p>
<p><b>R.D.(214):</b> Se tu não valorizas o que é feito com o teu dinheiro, imagina com o dos outros.</p> <p>-----</p> <p>huiuhoahoeuoiheiohaeioiahoiehaihoiaoiheoiuaheoihaioehaeiuoahioeuhae</p>

Excelente comentário
<p>M.MKL(215): não querendo entrar nessa questão mas já entrando..</p> <p>eu valorizo algo com o meu dinheiro, quando eu vejo que este algo foi bem produzido e com ótimo funcionamento...sacanagem é eu achar ótimo o que tá uma porcaria, principalmente quando meus impostos estão nessa mesma porcaria. e em relação a resposta ao amigo ai de cima....conformista é justamente isso, aceitar e achar ótimo o que não chega nem a ser bom, e para mudar cada um tem que fazer sua parte, já que é a grana de cada um que tá nisso, sabendo em quem ou quem não votar, reclamar e deixar por isso mesmo é a mesma coisa que aceitar.</p>
<p>F.L.(216): <i>Se tu não valorizas o que é feito com o teu dinheiro, imagina com o dos outros.</i></p> <p>Se tu gosta de morar no lixo, sem saude, saneamento, educação, etc...etc..</p> <p>Só Lamento o que tu chamas de valorizar.</p>
<p>Y(217): @F.L., essa galera que nao paga imposto, tem plano de saude pago por alguem e vive so pra estudar normalmente nao vai entender isso tão cedo.</p> <p>.</p> <p>É mais facil ignorar um idiota do discutir com ele. Além de estar se rebaixando às idiotices, ele sempre ganhará na experiencia. lol</p>
<p>M.A.(218): "Se tu gosta de morar no lixo, sem saude, saneamento, educação, etc...etc..</p> <p>Só Lamento o que tu chamas de valorizar."</p> <p>Acho que estão confundindo valorizar com enaltecer.</p>
<p>E(219): E a história continua...</p>
<p>A(220):Y.</p> <p>(Agora, eu ja tinha dito isso e repito: grande parte dos alunos da ufpa trabalham para os outros, equanto os das particulares são empreendedores. Eis a diferença do foco entre as duas "categorias".)</p> <p>O cara falar que os alunos da ufpa sao mao de obra e os das particulares sao empreendedores.</p> <p>Ate parece q so estuda liso na ufpa!!</p> <p>pelo contrario meu amigo, 90% dos alunos da federal tem grana sao de familia no minimo de classe media, cursos como o de medicina, odonto, direito quase todos os alunos sao ricos vivem bem. Apesar da ufpa ser uma universidade publica, pessoas pobres e coisa dificil de se v lá. agora q ta mudando um pouco com esse papo de cotas para escolas publicas.</p> <p>Agora meu amigo a maioria das pessoas que eu conheço q faz faculdade particular, tem que trabalhar para pagar seu curso + uma ajudinha dos pais. Claro tirando alguns cursos de algumas universidades particulares, as pessoas tem grana realmente. Mas o resto pensa que tem.</p>

Entao esse papo de dizer que so estuda liso na ufpa e rico na particular. Nao e verdade!

**F.F. (221):** Todo lascado que eu conheço que fazer faculdade não pensa duas vezes antes de fazer vesitbular pra uma particular , até porque pra passar em um aparticular é só saber marcar um X

**Y (222):** Ora ora, meu caro A.

Quem está dizendo que lá só estuda liso já não sou eu =)

E sobre a questão da mão de obra e dos empreendedores eu apenas citei um fato, não simplesmente dei a minha opinião sobre o assunto.

.

**F.F.,** não vejo, e não há fundamento algum nessa tua afirmação. Eu por exemplo, já fiz tanto as provas da UFPA quanto as de faculdades particulares e considereei todas do mesmo nível. A diferença está na concorrência (A UFPA tem uma cabocada em peso perdendo tempo estudando muitas coisas que certamente nunca aplicarão na vida, antes de entrarem e passarem por descaso e humilhações de professores e coordenadores) enquanto nas faculdades particulares eles reforçam a idéia que realmente interessa: Fácil de entrar (sim, já mencionei que é por causa da concorrência), difícil pra sair dado o motivo que eles gostam muito do dinheiro dos alunos, então quanto mais estes tiverem dificuldade pra passar, melhor pra faculdade - questão de lógica.Os escândalos da UFPA não são novidades principalmente quanto aos impasses relacionados ao processo de elaboração das provas. Inclusive, caso ainda não tenhas percebido, é sobre o que trata o título deste tópico =(

